
DA AUTORA DE
UM AMOR INEXPLICÁVEL
ANA RIBEIRO
AO TEU LADO
Quando o que nos une é maior que aquilo que nos separa

Ao Teu
LADO

Volume II

A n a R i b e i r o

Ao Teu
Lado

Quando o que nos une é maior que aquilo que nos separa.

Titulo: Ao Teu Lado (Volume II)
Autor: Ana Ribeiro
Revisão de Texto: Ana Ribeiro
Imagem de Capa: Depositphotos
1ª Edição: Janeiro de 2019, Lisboa
ISBN: 9781794230613

“Um amigo que em ocasiões concretas
o demonstrou com assinalável sinceridade”.

José Luís Peixoto in “Abraço”

O regresso de Isabel

Depois da viagem de finalistas de Ana e de concluídas as tão incríveis e inesquecíveis férias de Páscoa, as aulas recomeçaram em força e a um ritmo alucinante: com muita matéria nova e trabalhos individuais e de grupo para fazer. Ana e Miguel quase não tinham espaço para respirar; pois não tinham quase tempo nenhum livre.

O tempo estava todo contado ao minuto e dividia-se entre as aulas e o estudo, havia mesmo dias em que eles só se viam ao final do dia quando chegavam a casa.

Chegaram ao final da semana a sentirem-se exaustos, Miguel não perdeu tempo a combinar com o seu grupo de amigos, uma verdadeira noite de farra: jantar nas Docas de Santo Amaro: Guilherme até se lembrou que podiam aproveitar a oportunidade para fazerem uma valente mariscada e todos concordaram, sem hesitar, com a ideia: *Bowling* e terminariam a noite numa discoteca a beber uns copos.

Miguel estava mesmo a precisar de descontrair um pouco; nos últimos dias tinha andado bastante ansioso e numa pilha de nervos com os testes e os trabalhos. Com a rápida aproximação dos exames nacionais, a exigência ia aumentando e isso andava a tirar-lhe, literalmente, o fôlego. Até Ana já se tinha apercebido disso, devido ao peculiar mau humor dele.

Antes de sair de casa, Miguel arriscou e convidou Ana para o acompanhar:

— Não queres vir connosco, Anocas? — Questionou-a ele de sorriso malandro.

— Hummm… Desconfio que não! — Brincou ela sorridente.

— Oh! Porquê? Faz-me lá companhia…

— Acho que esta noite vocês vão fazer asneira da grossa e eu não quero estar lá para ver!

Miguel coçou a cabeça muito corado e comprometido.

— Não vamos nada! Apenas nos vamos divertir e descontrair um pouco, entre amigos, vai ser porreiro; para além disso, fazia-te bem divertir. Vem lá comigo…

— Um grupo de rapazes extrovertidos e rebeldes, sozinhos e perdidos na

noite? Ui, eu acho que é mesmo para ter medo; nem quero pensar, por isso, prefiro não ir. — Disse-lhe ela pensativa

— Tu é que sabes! Mas não imaginas o que vais perder.

— Tenho a certeza que eu não hei-de perder grande coisa; no entanto, eu bem te disse, há pouco, que vocês vão fazer asneira da grossa, estás com uma expressão suspeita no rosto. Eu estou a ficar deveras preocupada com aquilo que se irá passar esta noite.

— Miguel deu uma gargalhada — Podes acreditar que não se vai passar nada de transcendente.

— Sempre quero ver isso!

— Palavra de *bestfriend*!

— Mesmo assim, vão vocês e divirtam-se!

❀

Miguel saiu de casa passavam poucos minutos das oito da noite, e quando chegou às Docas de Alcântara, os amigos já estavam à sua espera. Luís sugeriu um dos seus restaurantes preferidos que tinha um óptimo ambiente: simpático, acolhedor e descontraído para jantarem, facilitando assim a escolha do restaurante e todos quiseram seguir a sua dica. Sentaram-se à mesa e o empregado veio ao encontro do grupo para perguntar se já tinham escolhido. Eles pediram cerveja bem gelada, para todos, para beber e duas grandes travessas dos mais variados mariscos. O empregado não perdeu tempo a apontar os pedidos e dirigiu-se para o interior do restaurante, trazendo de seguida as bebidas e as entradas.

O jantar estava inaugurado e enquanto bebiam, comiam e iam esperando que o manjar dos Deuses chegasse, aproveitaram para pôr a conversa toda em dia.

— Então Miguel, a princesa não te quis vir fazer companhia, hoje? — Gozou o Tomé.

— Tu não descansavas, enquanto não me gozasses, pois não?

— Desculpa, foi mais forte que eu!

— Eu penso que a Ana pressentiu que esta iria ser uma noite de farra das fortes, ficou com medo e não quis vir.

Inúmeras gargalhadas invadiram a mesa.

— Essa foi boa, mano! Ela sabe bem que nós quando nos juntamos, somos uns desencaminhadores natos. — Concluiu Tomé.

— Podes crer! — Disse-lhe Miguel rindo-se, de ar divertido.

— Isto, hoje, é que vai ser, só noite de homens, sem ninguém para nos

controlar. — Disse Gui entusiasta.

Estavam todos muito animados e iam trocando galhardetes e sorrisos, até Miguel decidir brindar o grupo com uma das suas piadas secas e o ambiente começar a aquecer.

— Já cá faltavas tu, com as tuas piadas! — Disse Luís.

— Eu nunca falho!

E quando menos esperavam, o jantar chegou avantajado e de deixar água na boca, todo o grupo comeu desassossegado e com afinco, até Gui dar pela presença inesperada de alguém que não iria deixar Miguel nada satisfeito.

— Tu nem imaginas quem está a jantar aqui, e bem perto de nós! Quando vires nem vais acreditar! — Anuiu Gui espantado.

— Miguel ficou preocupado — Quem é? Não me digas que a Ana está aqui e fez questão de não me dizer nada. Eu juro que nunca mais lhe perdoo e que ajusto contas com ela mal chegue a casa! — Disse-lhe ele a sorrir, em baixo tom de voz.

— Antes fosse!

— Vá lá, desembucha lá!

— A Isabel…

— O quê? Estás a brincar comigo, não estás? Isso só pode ser uma piada de muito mau gosto. — Disse-lhe ele incrédulo, não querendo acreditar naquilo que o amigo acabava de lhe dizer.

— Achas que ia brincar com um assunto destes?

— Às vezes contigo nunca se sabe…

— Que mal me julgas, mano! — Gozou Gui.

❀

Ele virou-se para trás e ficou lívido ao ver a ex-namorada mesmo ali a jantar, com um pequeno grupo de amigas, cerca de duas mesas antes, da mesa onde eles estavam. Ela acenou-lhe, de imediato, de sorriso bem malicioso; apesar do ar, profundamente preocupado que Miguel ostentava: por não estar nada à espera de cruzar-se ali, com a ex-namorada, o jantar continuou animado e entusiasta. As conversas circularam e algumas, leves piadas de Luís, fizeram as delícias do grupo.

Miguel é que continuou apático e até algo tenso, queria tentar descontrair; mas a inesperada e imprevisível presença de Isabel parecia não querer ajudar em nada. Entretanto, o empregado de mesa trouxe os cafés, as conversas continuavam a circular a um bom ritmo e na mesa de Isabel, o grupo de amigas

acabava de se levantar, aproximando-se da mesa de Miguel. Cumprimentou-os e convidou-os para uma saída conjunta; mas Miguel não gostou nada da ideia e mostrou-se pouco satisfeito, recusando o convite r tentando dar uma desculpa esfarrapada. No entanto, apesar da recusa dele, os amigos aceitaram o convite, tal era a excitação e o entusiasmo que os consumia, eles estavam muito ansiosos por poderem seduzir as amigas de Isabel.

Não havia nada melhor para completar aquela saída nocturna masculina, que um fim de noite cheio de mulheres giras e bem sedutoras. Acabaram por ir para o *Bowling*, todos juntos, mesmo contra a vontade de Miguel e no caminho, feito a pé; uma vez que o centro de *Bowling* ficava perto, Isabel decidiu começar com algumas investidas sobre Miguel tentando assim seduzi-lo e recuperar o forte amor que os havia unido noutros tempos; mas ele não se mostrou muito interessado, desprezando as tentativas de aproximação sucessivas dela e as persistentes manifestações de carinho e afecto. Não correspondendo da forma que ela tinha previsto e esperado. Sentiu-se até bastante desconfortável com a atitude dela e fez por resistir sempre a tudo, já não havia nada que o ligasse a ela, o que tinham tido e vivido, já tinha deixado de existir há muito tempo, por isso, retomar uma relação que ele sabia, à partida que não teria futuro, não fazia qualquer sentido.

Miguel continuou a andar, aproximando-se a passo acelerado, do grupo de amigos e deixando Isabel para trás, sozinha; mas ela não se deu por vencida…

— Miguel! Espera! — Pediu-lhe ela, agarrando-lhe o braço.

A insistência e persistência dela; começou a deixá-lo nervoso e irritado, obrigando-o a intervir.

— O que foi? O que queres e pretendes de mim, afinal? Já te pedi para parares… — Disse-lhe ele com maus modos virando-se para trás.

— Calma! Eu acho que não precisas de falar assim comigo, eu apenas queria falar um bocadinho contigo, a sós. Saber como estás e o que é que tens feito.

— Parece-me que isso não é muito da tua conta. Nós já não temos nada para falar e eu acho que não te devo explicações nem satisfações da minha vida.

Miguel continuou a caminhar descontraidamente; mas Isabel não estava mesmo disposta a desistir, voltou a aproximar-se dele e tentou entrelaçar os seus dedos nos dele.

— Ainda não te consegui esquecer!

— Pará com isso, já te disse! — Pediu-lhe ele, novamente, afastando-se, de imediato, e olhando-a nos olhos com desdém — Nós, já não temos nada a ver, um com o outro; eu não quero ter mais nada a ver contigo, já me chegou o imenso tempo que te aturei; aliás, aturei-te tempo demais. Acabou tudo entre nós, em definitivo, mete isso na tua cabeça.

O grupo virou-se para trás e ficou a olhar para eles, durante uns bons minutos, a tensão começou a fazer-se sentir, o silêncio apoderou-se de todos e acabaram por fazer o resto do caminho para o *Bowling* sem trocarem uma única palavra. Isabel estava frustrada e furiosa, uma intensa raiva apoderava-se dela por ter sido, mais uma vez, rejeitada pelo homem que ainda amava e pelo facto de ele recusar reatar o namoro com ela.

— Não tinhas o direito de me trocar pela Ana e muito menos de terminar tudo comigo como terminaste…

Miguel ficou espantado perante as palavras de Isabel.

— Tens a certeza absoluta que queres falar sobre isso, aqui e agora? Parece-me que não é o lugar mais indicado e o momento mais oportuno; para além disso, se o teu principal objectivo era estragares a noite a todos, estás a conseguir.

— Não consegues entender que eu não consigo viver sem ti? Não consigo deixar de pensar em ti e em nós…

— Esse *Nós* já deixou de existir, há imenso tempo. A nossa relação nunca foi feita para resultar, sendo tu tão controladora e possessiva. Não há relação nenhuma que consiga resistir a crises de ciúmes e de desconfiança constantes e a um amor obsessivo e doentio como aquele que tu sempre demonstraste ter por mim; a ponto de termos frequentes discussões que foram fragilizando e destruindo a nossa relação. Eu não quero nem vou arriscar a que tudo volte ao mesmo.

— Mas eu apenas fazia isso, porque gostava muito de ti e te amava imenso. Não era por mal…

— Eu não quero cair no mesmo erro, nem quero um namoro assim; prefiro deixar tudo, tal como está. Afinal de contas, os nossos conceitos de amor e de amar são bastante diferentes e nunca estiveram em plena sintonia.

— Tu podes já não me querer, nem me amar; porque gostas de outra, mas eu não vou desistir de ti, assim tão facilmente. Eu consegui sempre tudo aquilo que queria e não vai ser agora que isso vai mudar.

— E estás a pensar fazer o quê? Não me digas que pretendes obrigar-me a ficar ao teu lado contra a minha vontade? — Disse-lhe ele incrédulo e de sorriso irónico.

— Se for preciso até o faço...

— Só podes estar a brincar comigo e completamente louca!

— Por acaso, deixa-me que te diga que, eu nunca me senti tão sã na minha vida; mas voltando ao nosso pequeno assunto, antes de ficarmos juntos para sempre, vais ter que terminar tudo com a Ana: seja amizade, amor ou outra coisa qualquer que vos ligue e exista entre vocês os dois. Não faz sentido continuares

a vê-la, a passar tempo com ela e a pensar nela, se vais ser meu namorado; a única pessoa com a qual deverás passar o teu tempo e na qual deverás focar-te é em mim. Para além disso, nós precisamos de ter paz e tranquilidade.

— Estou tão estupefacto com a tua atitude que nem sei que te diga. Para começar, eu não vou fazer isso, não vou deixar de ser amigo da Ana, só porque tu queres e decidiste fazer uma birra de miúda infantil e mimada. Era o que mais me faltava, está mesmo fora de hipótese e nem sequer é ponderável.

— Preferes que ela sofra as consequências da tua decisão?

Miguel estava cada vez mais embasbacado, perante a frieza e egocentrismo de Isabel.

— Isso é uma ameaça? Parece-me que já não existe confiança suficiente entre nós para este tipo de coisas. Tu não tens direito de me ameaçar; por isso, é melhor esta conversa ficar por aqui.

— Então... Vê, antes isto, como uma espécie de aviso. Eu não gosto que me façam frente, principalmente pessoas das quais eu não gosto muito; para além disso, já sabes que eu conheço muita gente e de qualquer forma, eu consigo sempre tudo o que quero.

— Tu não eras assim, eu já não te reconheço. Não foi por esta mulher: egoísta, mesquinha, egocêntrica, fria e insensível que eu me apaixonei. E podes ter a certeza absoluta de uma coisa, não vai ser com este género de chantagem e ameaçando-me que vais conseguir reconquistar-me e obter o que queres. Garanto-te que eu não vou ceder, ouviste? Fica bem ciente disso.

— Vou ficar com tanta pena da Ana, por ter que ser obrigada a magoá-la; no entanto, foste tu que quiseste assim, é por tua causa, a culpa não é minha. É assim que tu gostas dela? É essa a amizade que tu tens por ela, preferindo que ela sofra?

— Não é verdade, eu não prefiro que ela sofra; mas também não consigo acreditar que tu sejas capaz de a magoar, apenas por maldade e para teres o caminho livre, para me reconquistares de novo.

— Mas tens dúvidas, amor? Tu não sabes daquilo que eu sou capaz, eu não gosto, mesmo nada, que me roubem o que é meu. Por ti e pelo teu amor, eu faço qualquer coisa, mesmo que seja a maior das loucuras; por isso, é melhor tu não me desafiares nem me fazeres frente. É o conselho que te dou…

— Não metas a Ana, no meio de assuntos que só a nós dizem respeito. Ela não tem nada a ver com isto; por isso, deixa-a em paz…

— Não posso fazer isso, meu querido! Foi por causa dela que a nossa história não teve um final feliz; por isso, agora chegou o momento de mudar isso, de uma vez por todas.

— Já te disse para deixares a Ana em paz!

— Infelizmente, eu não vou poder aceder a esse teu pedido; no entanto, amanhã, após o almoço, eu espero por ti junto àquele café que costumávamos frequentar, quando namorávamos. Acho que nós temos que começar a reavivar memórias, eu espero que tu já tenhas uma resposta para me dar.

— Não sei se vou ter! Não te vou garantir nada, depois logo veremos…

— Não me ponhas à prova, meu amor! Estou a avisar-te!

❀

Miguel estava sem palavras, perante aquela insólita conversa e sentiu um aperto estranho no peito e um arrepio que atravessou todo o seu corpo. Eram muitas as perguntas que ele tentava fazer a si próprio; mas sem conseguir obter as respostas que desejava.

Seria a Isabel realmente capaz de fazer mal a Ana apenas com o intuito de a afastar do seu caminho para o tentar reconquistar de novo?

Custava-lhe muito a acreditar que ela tivesse coragem para o fazer; mas perante aquilo que já conhecia dela, era tudo possível e isso provocava-lhe um medo avassalador. Depressa, ele perdeu a vontade de seguir com o resto do grupo para o *Bowling*, sentia que precisava de pensar (e muito!) e de medir prós e contras; por isso deu uma desculpa esfarrapada aos seus amigos e regressou a casa. Ricardo estranhou, desde logo, a atitude do amigo e foi ao seu encontro, questionando-o acerca do que se passava. Miguel decidiu contar tudo, detalhadamente, ao amigo, sobre a conversa que tinha tido com a Isabel, deixando-o embasbacado com o lado obsessivo e egocêntrico dela. Depois, ele colocou o capacete, apertou o casaco de cabedal e foi para casa com um nó na garganta; pois, Isabel tinha-o obrigado a fazer a pior de todas as escolhas. Antes de se fechar, a sete chaves, no seu quarto, foi ao quarto de Ana, entreabriu a porta e espreitou para dentro: ela dormia, profundamente. Sorriu; no entanto, num repente, os seus olhos ficaram marejados de pesadas e bem dolorosas lágrimas, ao pensar na decisão terrível que ele estava prestes a tomar e no tremendo choque que iria ser para ela, quando ela ouvisse tudo o que ele tinha para lhe dizer; no entanto, infelizmente, não tinha grandes hipóteses de escolha.

Foi com um forte peso na consciência que, ele se aproximou, suavemente, da cama dela e lhe sussurrou um amargo pedido de desculpas, por saber e sentir o quanto a iria magoar e desiludir; talvez como ele nunca o havia feito até então. De facto, ela nem conseguia sequer imaginar o enorme pesadelo em que a manhã do dia seguinte se iria transformar, o quanto lhe iria custar ser obrigado a dizer-lhe todas aquelas coisas que nunca, jamais, seriam verdade e que ele nunca seria

capaz de sentir ou pensar; mas, era um mal mesmo necessário, se queria proteger Ana

Foi para o seu quarto, pousou o capacete na secretária, despiu o casaco de cabedal e deitou-se por cima da cama mesmo com a roupa vestida. Ficou ali, na penumbra, a olhar o tecto branco e a reflectir em como a vida se pode desmoronar tão depressa como um simples castelo de cartas, de um momento para o outro. No dia seguinte, a sua vida e a vida de Ana estavam prestes a mudar radicalmente, sentia que aquilo que ele iria fazer não era justo, não fazia sentido algum, nem era certo; porém, que outras alternativas ele tinha?

Havia um desespero, uma raiva e uma repulsa incontroláveis, no seu interior que o consumiam e que não lhe davam sossego.

Porque haveria Isabel de decidir voltar naquele momento?

Não aceitava o facto de, aos poucos, ela estar a conseguir que ele cedesse aos seus caprichos e às suas ameaças e não entendia a persistência dela, quando o namoro, entre ambos, há muito que tinha terminado; no entanto, era a vida de Ana que estava em jogo e para ele isso era mais importante que tudo.

Uma escolha
Por Amor

No dia a seguir, Miguel tinha madrugado para uma nova realidade; era precisamente assim que, ele se sentia. Aquela era uma realidade bem penosa que ele não estava preparado para enfrentar.

A noite mais longa da sua vida tinha passado rápido; mas ele tinha desejado, à medida que via as horas a passarem, por entre insónias, que ela se prolongasse por mais algum tempo adiando assim um pouco o novo amanhecer. Tentava agora, a todo custo, manter a rotina habitual de todos os dias; porém, era uma missão quase impossível. O arrependimento era o seu maior cárcere, naquele momento, atormentava-lhe: o coração, a alma e até o sossego, não o deixava descansar, não lhe dava espaço para respirar, nem lhe permitia viver. E o peso que ele trazia na consciência, era tão grande quanto a escolha difícil que ele tinha que fazer.

Ele sentia-se perdido e sem rumo, o coração pesava a peso de ouro e ficou ainda mais apertado quando, por mera ironia do destino, Miguel se cruzou com o contagiante, doce e suave sorriso de Ana, logo pela manhã, muito provavelmente seria a última vez que, ele teria a sorte de vê-lo, com aquele brilho, com aquela intensidade, com aquela resplandecência e aquela vida. Cumprimentaram-se com um sorriso e um beijo no rosto e de repente, apeteceu-lhe desistir de tudo, Ana não merecia o que ele lhe iria fazer, mesmo que fosse apenas com o intuito de lhe salvar a vida.

Minutos depois, foram até à sala e sentaram-se à mesa, em família, para poderem tomar descontraidamente o pequeno-almoço; Miguel esforçava-se por manter, o ar bem-disposto e extrovertido de todos os dias, porém, não conseguia deixar de pensar na maneira rude como iria desiludir aquela magnífica família. Só esperava que um dia o conseguissem perdoar e ele pudesse emendar aquele erro tão grosseiro, porque eles não o mereciam, depois de o terem ajudado tanto (e isso ele jamais se iria esquecer…) e de o terem recebido tão bem no seu ceio familiar para ele poder ter uma vida melhor e para concretizar todos os seus

sonhos e objectivos.

Quando acabou de comer, levantou-se da mesa e começou a preparar-se para sair; entretanto, Ana interpelou-o de forma inesperada:

— Dás-me boleia, Miguelinho?! — Perguntou-lhe ela de sorriso bastante feliz e luminoso no rosto.

Miguel engoliu bem, em seco, começando logo a transpirar e mostrando-se apreensivo e receoso que Ana acabasse por se aperceber do seu estado inquieto; mas, felizmente, ela não deu por nada.

— É claro que sim! Dá para almoçarmos, juntos, hoje? — Perguntou ele, desejando que todo aquele tormento chegasse ao fim o mais depressa possível.

— Por mim, é na boa! Já sabes que, eu nunca recuso um convite para almoçar vindo do meu *bestfriend*. Hoje, à tarde, eu nem tenho aulas; por isso, podemos almoçar com calma e conversar um pouco em sossego. Aliás, se há companhia que adoro e que eu, raramente, dispenso é a tua. — Disse-lhe ela de ar sorridente.

Aquelas palavras dela feriram-no violentamente e fizeram por atravessá-lo como espinhos, obrigando-o a reter lágrimas e a engolir palavras.

— Às treze e trinta minutos, na esplanada do costume, está bem para ti?

— Está óptimo! Saio das aulas, apanho o Metro e vou logo directa ter contigo.

— Combinado! Espero lá por ti!

❀

A manhã de aulas tinha sido bastante intensa e preenchida para Miguel que, por muito esforço que fizesse, continuava a ter muitas dificuldades em se concentrar, limitava-se a olhar o relógio e a ver as horas a passarem, como se o tempo corresse a alta velocidade. Apesar de apenas querer que aquela manhã, em particular, andasse devagar; para ele, as matérias que iam sendo leccionadas e a mera voz dos professores eram só uma nuvem esbatida no infinito céu.

E a hora de almoço chegou tão ou mais carregada e pesada quanto aquela dolorosa e cinzenta manhã, Miguel dirigiu-se à Baixa da cidade, de ar sisudo e pensativo e com uma vontade enorme de esquecer tudo e voltar atrás com a sua escolha; no entanto, depressa se recordava de um sem fim de coisas que a Isabel poderia fazer para magoar a Ana, se ele falhasse, se ele fizesse a escolha errada, ou se ele ousasse fazer-lhe frente e ir contra a sua vontade. E ele sentia, de certa maneira, o peso da responsabilidade de ter a vida de Ana nas suas mãos e aquele medo inexplicavelmente assustador voltava a apoderar-se dele e fazia-o tomar consciência da coragem que iria ter que ter.

Quando chegou à esplanada, Ana já se encontrava sentada à sua espera; ele não esperava que ela acabasse por chegar um pouco mais cedo que ele, não lhe dando tempo e muito menos espaço para ele se recompor e ficar alguns minutos sozinho a ponderar: se a atitude que iria tomar era, de facto, a correcta e a mais acertada. Parecia que não havia mesmo mais nada que ele pudesse fazer, a não ser seguir em frente.

— Desculpa a demora! — Desculpou-se ele envergonhado.

— Não faz mal, Miguel! Eu cheguei há pouco tempo. Está tudo bem contigo? — Questionou-o ela, estranhando o fácis contraído dele.

— Porque não haveria de estar, princesa? Se estou contigo, eu estou sempre bem! — Disse-lhe ele de sorriso amarelo.

Ana deixou-se corar perante as palavras do amigo…

— Não sei… Pareces-me algo tenso!

— Isso é impressão tua; o mais provável é o meu estado de espírito dever-se à manhã agitada de aulas que tive. — Disse-lhe ele tentando disfarçar.

— Ainda bem! Antes assim, confesso que, já estava a ficar preocupada; pois, eu pensei que se passasse algo menos bom contigo. Agora que falas sobre isso, a minha manhã de aulas também não foi nada fácil.

— Vês? O ritmo e a exigência que recai sobre nós são cada vez maiores, e mais acelerados e isso cansa qualquer um.

— Nem duvides! Mas, mesmo assim, pareces-me distante! — Insistiu ela.

— Não te preocupes! Não é nada demais, é mesmo apenas cansaço. Já pediste alguma coisa?

— Já! Pedi uma salada mista, com gambas e queijo fresco para os dois; as saladas aqui têm um aspecto divinal e devem ser fabulosas. Pode ser? Gostas?

— Adoro! As saladas que fazem aqui são mesmo fabulosas e deliciosas e são o meu prato favorito sempre que almoço cá.

❀

Enquanto, eles esperavam que o almoço chegasse, Miguel ganhou força e coragem e decidiu levar a sua avante. Sabia o quanto lhe iria custar, a desilusão que iria ser e a mágoa que ele iria provocar; mas, infelizmente, ele sentia que não tinha alternativa.

— Preciso muito de falar contigo… — Disse-lhe ele de parcas palavras, sem se adiantar muito.

— O que te preocupa? Noto que hoje, tu estás triste, mais triste que o normal! — Anuiu Ana mostrando-se pensativa e desconfiada.

Miguel mostrou-se espantado; pois, era realmente incrível como os verdadeiros amigos conseguiam sempre aperceber-se de tudo e saber tudo; no entanto, ele não sabia como começar aquela conversa, o momento mais indesejado tinha chegado e infelizmente, já não tinha como fugir dele.

— Não sei muito bem como te dizer isto, não é algo fácil de se dizer, nem que possa ser dito de ânimo-leve; mas é algo que tem mesmo que ser feito… Infelizmente, nós vamos ter que deixar de ser amigos.

Inicialmente, Ana não deu grande importância às palavras dele, uma vez que, ele estava, constantemente, a brincar com ela; por isso, ela limitou-se a entrar no espírito dele.

— Estás farto de dizer isso e de gozar comigo; mas depois acabas sempre por nunca conseguir separar-te de mim, porque tu sabes que eu sou uma pessoa imprescindível na tua vida e que te faço imensa falta. — Disse-lhe ela, rindo-se.

Ana estava cheia de razão; aquela era uma grande verdade que fez Miguel vacilar forçosamente; porém, ele manteve-se firme e convicto e sentiu que ia ser forçado a mostrar à amiga o seu ar mais severo, impondo as suas duras e frias palavras, conferindo-lhes assim uma maior credibilidade.

— Desta vez, eu estou a falar muito a sério. Ontem durante a saída com os rapazes cruzei-me com a Isabel e percebi que, afinal, eu ainda sinto alguma coisa muito forte por ela.

Ana começava a sentir-se confusa…

— Desculpa, mas eu não estou a conseguir entender aonde tu queres chegar com esta conversa.

— Eu decidi que quero focar-me apenas na Isabel e como tal, eu não quero correr o risco de vir a ter problemas com ela por tua causa! — Concluiu ele, de forma, fria e insensível.

— O quê? Eu não posso acreditar no que acabei de ouvir. Tu não acabaste de me dizer isso; isto só pode ser uma piada, não é? — Disse-lhe ela chocada com as palavras dele.

— Como te disse, eu nunca falei tão a sério na vida!

— Desde quando é que, a nossa amizade decidiu interferir com o teu namoro com a Isabel? Nós sempre fomos amigos, mesmo quando namoravas com ela e isso nunca interferiu em nada, nem nunca foi um problema para ti. Porque é que agora passou a ser?

— A vida é mesmo assim, Ana! As coisas podem mudar, de um momento para o outro.

— Nem imaginas como me custa aceitar e acreditar nisso, as coisas apenas mudam, se nós permitirmos e quisermos que elas mudem. E tu não mudavas assim…

— Assim como?

— Assim como do dia para a noite. Eu conheço-te bem ou pelo menos achava que tenho conhecia bem; mas, afinal, acho que andava, redondamente, enganada. Eu já não te reconheço, Miguel. Não reconheço o amigo com quem cresci este tempo. O Miguel que eu conheço é tão ponderado que, jamais, o faria só para me magoar. Ele não seria capaz de pôr termo à nossa amizade desta maneira: assim sem mais nem menos, sem uma explicação nem uma justificação plausíveis e aceitáveis.

— Se calhar, chegou o momento de cada um de nós seguir o seu caminho… — Disse-lhe ele desviando o olhar do dela e engolindo, profundamente, em seco.

Ana continuava a mostrar-se estupefacta, perante a atitude do amigo.

— É inacreditável! Depois de tudo o que nós partilhamos e vivemos, juntos; parece-me que, de repente, tudo isso deixou de ser importante e de fazer qualquer sentido e diferença para ti. Não te assusta nem te custa um bocadinho só, tu quereres terminar assim tudo, entre nós, desta forma tão repentina?

Ele começava a ficar sem grandes argumentos e sem saber como contornar aquela situação incómoda e desnecessária.

— Sabes, nem sempre as coisas correm como queremos e esperamos. Há alturas em que, a vida faz por nos separar.

— Vou-te ser muito sincera, eu nem sei o que dizer. Custa-me tanto ver-te dizer todas essas coisas com tanta indiferença, leveza e naturalidade. Ver-te assim tão impávido e sereno está a deixar-me tão inquieta e a mexer tanto comigo, de facto não és mesmo tu.

— Mas eu continuo a ser a mesma pessoa de sempre, Ana! A única diferença é que há uma amizade que termina, como muitas amizades terminam, em determinada altura da vida. Eu penso que isso não é nenhum drama.

— Meu Deus! É assim que tu olhas a nossa amizade, como se fosse uma mera amizade banal? Nunca pensei que, ao fim de tantos anos, juntos, tu pensasses assim. Deixa-me tão triste ouvir-te dizer isso, desilude-me e entristece-me muito ver que resumes a nossa longa e inquebrável amizade, a algo comum e passageiro, como uma leve e simples brisa. Este, não és tu; tu não és nem nunca foste assim, mudaste radicalmente a tua maneira de ser e estar, sem qualquer motivo aparente. E agora eu pergunto: porquê?

— Todos mudamos em alguma fase da nossa vida.

— Eu não consigo acreditar nas tuas palavras, tu não estás a ser sincero, honesto, verdadeiro e convincente o suficiente.

— Eu nunca fui tão sincero, honesto e verdadeiro… Se não acreditas em mim, paciência. Lamento muito.

— Depois de nós te termos ajudado tanto e de termos feito tanto por ti, acho

que eu não merecia nada disto da tua parte. Por mais que eu queira e me esforce, eu não consigo entender estas tuas mudanças repentinas e esta tua atitude para comigo, não é nada justa, nem faz muito sentido.

— Mas eu nunca vos pedi nada. Alguma vez, vos pedi que me ajudassem? Se vocês o fizeram foi porque quiseram…

Ana estava incrédula, parecia que, do nada, o mundo tinha parado e toda a cidade de Lisboa se tinha silenciado; ela não ouvia qualquer tipo de ruído à sua volta. Aquelas palavras de Miguel tinham surgido como se de um relâmpago enfurecido se tratassem e tinham-na deixado ensurdecida e sem nada que pudesse dizer. Não havia mesmo, mais nada, que ela pudesse dizer, tão pouco sabia o que havia de pensar de todo aquele ressentimento inesperado e inexplicável que ele demonstrava ter por ela e de toda aquela frontalidade.

— Nem tenho palavras! Porquê e para quê tudo isto? Que mal é que eu te fiz, para tu me tratares assim, de um dia para o outro? Ainda de manhã estavas tão bem-disposto… — Disse-lhe ela em desespero e de lágrimas nos olhos.

— Nada… — Respondeu ele, muito vagamente, tentando controlar as lágrimas; sabia que não tinha quaisquer respostas para as questões que a amiga lhe impunha.

— E dizes isso assim dessa forma tão despreocupada como se nem tivesses uma explicação plausível para me dar? Dá-me só uma razão, é a única coisa que te peço.

— Às vezes não há nenhuma razão, em particular, para nós deixarmos de nos identificar com alguém. Eu só quero ter um namoro mais tranquilo com a Isabel, agora que quisemos dar uma nova oportunidade ao nosso amor, mais nada.

— Então isso quer dizer que, eu passei a ser um empecilho para ti?

— Por favor, Ana! Não ponhas as coisas nesses termos…

— E como queres que as ponha se a primeira atitude que tu tomas é afastares-me de ti e da tua vida? Eu que estive ao teu lado incondicionalmente este tempo todo?

— Peço-te que tentes entender, o meu amor pela Isabel não é compatível com a nossa amizade.

— E só agora é que tu chegaste a essa conclusão, ao fim de todo este tempo? Isso é, realmente, estranho. Eu acho que não há mais nada para eu compreender e esta conversa está a ser, no mínimo insólita e improvável. Miguel, tu já paraste para pensar, em todas as coisas inacreditáveis que me disseste só hoje? E já não foram assim tão poucas…

— Eu lembro-me muito bem de tudo o que te disse.

— Caramba, Miguel! Porque é que me estás a tratar assim? Já não gostas de mim, nem significo nada para ti?

Ela nem imaginava, o quanto estava a custar a Miguel ter que, tratá-la daquela forma tão rude e fria. Ele gostava imenso dela e ela significava muito para ele e nada nem ninguém iria mudar isso. Ele sentia que, seriam poucas as pessoas capazes de ter noção da dimensão do gostar dele, relativamente a Ana.

— Eu só estou a limitar-me a procurar pessoas diferentes!

— Não respondeste à minha pergunta!

— Mas não há nada para responder, eu já te expliquei tudo o que tinha a explicar.

— Não me conformo, Miguel! Como é que tu mudaste de ideias assim, tão rapidamente? Para além disso, o amor que tu sentes pela Isabel não invalida que a nossa amizade continue.

— Como te disse, as pessoas mudam!

— Tudo bem! Só mais uma coisa: tudo o que partilhamos e vivemos, em conjunto, como é que vai ficar? Vamos virar as costas a tudo e simplesmente esquecer, como se nada tivesse acontecido nem tido qualquer importância?

— Talvez seja melhor!

— Como queiras! Fizeste a tua escolha! Decididamente, se foi para isto que me convidaste para almoçar, escusavas de ter tido tanto trabalho e de ter perdido o teu tempo, estava mesmo dispensada de ter vindo. Espero que, a partir de agora, tu sejas capaz de reencontrar a felicidade que a nossa amizade, pelos vistos, nunca te trouxe. Afinal, a Isabel nem foi assim tão má cara-metade como transparecias; uma vez que decidiste voltar para ela. Ela esteve muitas vezes ao teu lado quer nos bons, quer nos maus momentos, não esteve? E ouviu-te sempre com toda a atenção quando mais precisaste e também te deu excelentes conselhos, não deu? Pára para reflectir sobre isso. Fica bem…

❀

E em profundo silêncio, Ana levantou-se da mesa e virou simplesmente as costas a Miguel de ar inconsolável, desolado e frustrado, deixando-o sentado sozinho, na esplanada, vendo-a a afastar-se a um passo apressado. Ela encaminhou-se para o Terreiro do Paço, continuava sem conseguir acreditar em tudo o que se tinha passado. E a escassos metros de Miguel, Isabel assistia sorridente e tranquila à discussão entre os dois, estava satisfeita com o desfecho. Miguel tinha desempenhado muito bem o seu papel. Ela aproximou-se da esplanada, sentando-se na mesa dele, mesmo à sua frente.

Miguel estava triste e pensativo e tinha um semblante bem carregado e o olhar vazio e húmido; Isabel percebeu logo que ele tinha estado a chorar. O ar

preocupado dele saltava à vista, pois, tão depressa passava a mão pelo cabelo como limpava o rosto com as mãos; sentia-se destroçado e inconformado, não acreditava no que havia feito, nem no que tinha acontecido, o peso do sentimento de culpa que o consumia era indescritível. Ficou estupefacto, quando viu Isabel ali…

— O que é que fazes aqui? — Perguntou-lhe ele tentando disfarçar o seu estado de tristeza profunda.

— Ia a passar por aqui, para ir almoçar com umas amigas, e não consegui ficar indiferente à vossa discussão.

— Não me digas… Gostaste do que viste? Estás satisfeita, agora? — Anuiu ele entre soluços leves.

— Não sejas assim comigo, amor! Sabes que eu não gosto nada de te ver nesse estado, a sofreres assim dessa maneira, eu não queria nada que as coisas fossem assim… — Concluiu ela de forma irónica.

— Se vieste aqui para me azucrinar o juízo, podes dar meia volta e ir-te embora. Já me chega, eu ter tomado a atitude que tomei com uma pessoa de quem gosto e que não merecia isto de mim; portanto, eu agradeço que não gozes com a situação, que me poupes e que respeites a tristeza e a dor que sinto. É pedir muito? Eu sei que tu estás radiante com tudo isto.

— Por muito que queira, não consigo nem posso esconder o que eu sinto.

— Então guarda tudo só para ti…

— Presumo que já tenhas novidades para mim!

— O que é que tu achas? Se tu assististe à discussão, já não precisas que eu te dê uma resposta; porque sabes que terminei tudo com a Ana como tanto querias.

— Que boas notícias, amor! Eu confesso que, fiquei muito surpreendida com o teu talento para o teatro. Darias um bom actor, encarnaste tão bem o papel…

— Cala-te! Não me chateies mais e deixa-me em paz! Dá-te assim tanto prazer massacrar-me? Não me faças sentir mais culpado e arrependido do que já sinto, por tudo o que fiz. Não me podias ter obrigado a ter uma atitude destas com a Ana, era das pessoas que menos a merecia da minha parte. Perdi-a para sempre e tudo por tua causa.

— Perdeste a Ana; mas reconquistaste-me a mim; por isso até valeu a pena.

— Isso, a mim, não me interessa nem é o mais importante. O mundo não gira todo à tua volta, mete isso na tua cabeça.

— Eu estou a ficar muito desiludida contigo! E não estou a gostar nada da forma como estás a falar para mim, estás a ser rude, indecente e grosseiro. Acho que não mereço isso de ti…

— Azar o teu! Cada um tem o que merece!

— Eu acho que tu estás a passar um bocadinho dos limites; no entanto, eu

vou-te dar um desconto e vou-te perdoar, desta vez; tendo em conta que estás a passar por uma situação algo difícil. Mas é uma vez sem exemplo, entendido? Espero bem que não se volte a repetir; quando à tua atitude, a escolha foi toda tua, eu não te obriguei a nada.

— Fizeste-o indirectamente! Que alternativas tu me deste? Nenhumas… Nunca, jamais, eu iria permitir que a magoasses ou a fizesses sofrer. Prefiro afastar-me dela ou mesmo perdê-la para sempre, apenas para que ela fique bem e em segurança e para a proteger.

— És mesmo capaz de arriscar assim tanto por ela?

— Essa pergunta era desnecessária, tu sabes perfeitamente que sim…

— Só comigo é que tu nunca foste assim, tão preocupado, protector e ponderado, como com a Ana.

— Se calhar foi porque nunca mereceste… Já paraste para pensar nisso?

— Cuidado, meu amor! Acho que é melhor tu controlares-te nas palavras.

— Mas eu só estou a dizer a verdade.

— Tudo bem! No entanto, não haja dúvida que, és mesmo um homem diferente, invulgar e especial. E claro, só poderias voltar a ser todo meu.

❀

Ele sentia uma repulsa e uma raiva muito grandes daquela mulher, com a qual iria ser obrigado a viver, de quem iria ser obrigado a gostar e por quem iria ser obrigado a apaixonar-se novamente. Ele não era capaz de entender como é que, algum dia, ele poderia ter amado aquela mulher tão egocêntrica e tão obsessiva.

— Eu, não sou propriedade de ninguém.

— Quando amamos passamos a ser propriedade da pessoa que nos ama.

— Se tu pensas assim, pensas erradamente; porque quer na amizade, quer no amor, ninguém é de ninguém. Nós podemos ter uma ligação muito forte e intensa com a pessoa de quem gostamos ou amamos; mas, jamais, devemos ser propriedade dessa mesma pessoa. Quando isso acontece e quer a amizade, quer o amor passam a ser vistos dessa forma; não é amizade nem tampouco amor verdadeiro; aliás, quando nós amamos o coração é tão só o único bem comum a duas almas. Mete uma coisa na tua cabeça: quer na amizade, quer no amor, nós só somos uma parte da vida de alguém e apenas partilhamos uma simples troca de gestos e afectos.

— A Ana queria-te só para ela e queria separar-te de mim!

— Isso não é verdade e tu sabes bem! Essa é apenas a tua maneira obsessiva de olhar as coisas. Ela sempre se deu bem com toda a gente, incluindo contigo e

até com amigos meus, nunca, em nenhum momento, ela me afastou de ninguém nem me privou de contactar com quem quer que fosse.

— É pena que tenhamos opiniões diferentes!

— Faz parte do ser humano; uma vez que, nós somos todos diferentes. Bom… Já acabaste? Posso-me ir embora?

— Vemo-nos mais logo?

— Hoje não… Não sou capaz! Eu preciso mesmo de estar sozinho e de pensar, foi um dia duro e de emoções fortes.

— Oh! Vá lá, tomamos só um café!

— Não insistas! Eu não estou mesmo com cabeça…

— Sendo assim… Até amanhã! — Disse-lhe ela beijando-o à força nos lábios.

❀

Miguel não perdeu tempo a limpar os lábios, com a mão, ele sentia tanto nojo daquela mulher. Depois, ele manteve-se mais alguns minutos sentado, vendo Isabel afastar-se e ficou ali parado um pouco no tempo, a reflectir sobre tudo o que se havia passado, sentindo-se um pouco descontextualizado e até perdido. Já não tinha apetite para almoçar, pegou no telefone e desligou-o; porque, não lhe apetecia falar nem ver ninguém, depois, levantou-se e deixou a esplanada bastante angustiado e desorientado. Sentia-se de coração completamente partido e profundamente devastado. Custava-lhe a acreditar em tudo o que tinha feito a Ana, era tão improvável quanto surreal e no seu peito havia um vazio avassalador, praticamente nem tinha capacidade para pensar. Era uma tortura atroz…

Jamais se perdoaria, preferia morrer a ser infeliz ao lado de Isabel. Aproveitou, divagou um bocadinho pelas ruas da baixa e depois foi até ao Bairro de Alfama, para ver as vistas desde o Largo das Portas do Sol: o seu refúgio preferido. Não queria mesmo contactar com ninguém, apenas queria ouvir o silêncio e estar só. Atormentava-o pensar em como Ana deveria estar: tão ou mais devastada que ele, naquele momento, e tudo por sua culpa.

Em pleno Terreiro do Paço, Ana continuava inconsolável, sentada junto à estátua equestre de D. José, mesmo no centro da praça. Encontrava-se focada na vida desenfreada da cidade de Lisboa, nos passos longos dados por quem ali passava e na agitação que fazia com que ela esquecesse aquele momento tão aterrador que estava a viver, nem que fosse por instantes. Desdobrava-se em esforços para ter pensamentos positivos e para compreender aquela situação; tal como a surpreendente atitude de Miguel para consigo própria, no entanto, não

havia nada que o justificasse. Por mais que se tentasse esforçar não encontrava razões aceitáveis e plausíveis para aquela atitude, nem conseguia entendê-la. Tentava que a imensidão da praça e a pacatez das águas do rio Tejo lhe trouxessem, a todo o custo as respostas que ela desejava, queria e procurava; porém parecia não conseguir encontrar qualquer tipo de explicação e muito menos o caminho certo. Apenas desejava ter Miguel ali para o poder questionar acerca tudo e principalmente sobre as suas motivações e obrigá-lo a dar-lhe uma só razão aceitável; pois, as que ele lhe havia dado não a tinham convencido.

Miguel não era, nem nunca fora aquele tipo de pessoa que se lhe tinha apresentado, conhecia-o muito bem para perceber facilmente que algo se deveria ter passado para ele mudar tão repentinamente de atitude com ela, sem mais nem menos. Não poderia ponderar seque a hipótese que se resumisse só a uma mudança de pensar, ser e estar, porque ele não era assim.

Fi à mala e tirou uma garrafa de água, bebendo um pouco e respirando amargamente fundo, tentando recuperar o fôlego, acalmar-se e encontrar algum tipo de consolo. Sabia que tinha que tentar controlar as suas emoções, que naquele momento, ela sentia bem à flor da pele e a profunda mágoa que invadia por dentro e a consumia por fora, deixando-a sem rumo e sem saber o que fazer, o que pensar, nem como agir perante aquela situação; apesar de ser algo bastante difícil de conseguir.

Não conseguia aceitar que tinha acabado de perder aquele, que ela considerava ser o ser melhor amigo, o amigo do peito, o companheiro e cúmplice de todas as horas. Para ela era uma perda indescritível e inexplicável, porque já estava demasiado habituada a Miguel, sentia-se cada vez mais destroçada, tendo consciência de que, não podia permanecer naquele desespero, naquele sofrimento e naquela angústia para sempre. Ele tinha feito a sua escolha e por muito que lhe custasse, ela tinha que a aceitar; apesar de não querer fazê-lo e de continuar sem ser capaz de compreender, o que levaria Miguel a ter aquele tipo de comportamento: tão frio e tão ríspido para com ela depois de tudo o que tinham vivido, juntos.

Talvez ela fosse mesmo obrigada a tentar seguir em frente, a todo o custo, com a sua vida: com ou sem Miguel; pois, ela não podia continuar assim, por causa de uma pessoa que não merecia e para quem ela não parecia ter qualquer significado.

Foi até ao Chiado e depois apanhou o Metro que a levou ao seu local preferido da capital: o Parque das Nações. Precisava muito de se reencontrar, de espairecer um pouco, de pensar noutras coisas e de encontrar uma forma de contornar aquela situação da melhor maneira: uma simples saída. Mas as duras e frias palavra de Miguel passavam na sua cabeça como se, se tratassem da *bobine* de

um filme antigo, em modo repetitivo e ali permaneciam na alma e no coração, como se fossem uma daquelas tatuagens definitivas. Sentou-se, ao acaso, num dos bancos e deixou-se levar pela paisagem que encontrava à sua frente, com a imensidão do rio Tejo bem presente, até ganhar um novo fôlego para poder contar tudo, à amiga Mafalda e pelo tardio calor do Sol.

Precisava, urgentemente, do apoio e dos bons conselhos de uma das suas melhores amigas; elas conheciam-se, desde que Ana se lembrava de terem entrado para a escola e nunca mais se largaram nem deixaram de ser amigas. Partilhavam formas de ser e estar e personalidades semelhantes, daí ser mais uma amizade para a vida toda; tal como, ela sempre tinha sentido relativamente a Miguel. Prometeu, a si mesma, que iria tentar não se descontrolar ao telefone e iria tentar fazer os possíveis e os impossíveis para não se deixar vencer pelas emoções; no entanto, não podia dar isso como garantido. Foi à mala buscar o telemóvel e ligou à Mafalda para lhe contar tudo; ela estava ainda mais incrédula e estupefacta que Ana, nunca imaginaria que algum dia, ele fosse capaz de tratar Ana, assim daquela forma. Era das pessoas que menos merecia, Mafalda sentia-se mesmo desiludida e desgostosa pela atitude deplorável dele.

Num ápice, Mafalda meteu-se no carro, atravessou Lisboa e chegou junto de Ana, acabaram o resto da tarde a conversar por entre desabafos, passeios longos, dúvidas, interrogações e incertezas. Era em Mafalda que Ana encontrava consolo neste tipo de situações, se bem que… Nunca se tinha visto de costas voltadas com Miguel, era algo que ela achava inacreditável e impossível de acontecer, como se, sem mais nem menos, eles se transformassem em dois simples desconhecidos.

Por sua vez, Miguel tinha combinado um encontro com os seus melhores amigos, junto à Ribeira das Naus, para desabar um pouco. Ele não estava a conseguir aceitar nem lidar com a situação, sentia-se cada vez mais perdido e angustiado, estava a custar-lhe imenso e precisava de partilhar com alguém o que sentia e o que lhe ia na alma e era nos amigos que costumava apoiar-se. Mas, eles achavam que, ele se tinha precipitado na atitude que tinha tomado, que não devia ter cedido, assim tão facilmente aos caprichos e chantagens de Isabel; porque assim ficava a achar que, podia conseguir sempre dele, tudo aquilo que queria, de maneira fácil, uma vez que, ele cedia sempre, para além de o ter sempre, praticamente, na mão.

Miguel entendia a opinião dos amigos; mas também sentia que eles não compreendiam bem, a complexidade da questão. Ele não podia confiar na Isabel, era uma pessoa muito instável emocionalmente, incerta e imprevisível; para além disso, para ela conseguir tudo aquilo que queria, não se importava nada de magoar ou pisar outras pessoas e fazia as maiores loucuras. Ele não podia pôr

em risco a vida de uma pessoa que gostava tanto, como Ana, deixando-a à mercê de uma mulher perigosa e desequilibrada. Isso era inquestionável, apenas tinha tomado a decisão que achava ser a mais certa e aquela que conseguiria proteger mais Ana.

Os amigos de Miguel, sentiam que a atitude nobre dele, só demonstrava o quanto ele gostava de Ana a ponto de ele fazer qualquer coisa só para a proteger, mesmo que ele se arriscasse a perder a amizade dela para sempre; pois, pelas pessoas mais especiais fazem-se as maiores loucuras. Ainda assim, estavam visivelmente preocupados com, o estado degradado em que o amigo se encontrava, parecia que tinha envelhecido dez anos: o seu rosto cansado, pálido e de pele enrugada demonstrava o desinteresse que ele parecia ter ganho pela vida e por grande parte das actividades que lhe davam prazer, satisfação e claro felicidade plena. Sentiam-no desconcentrado, de olhar pesado e perdido, inquieto, mais solitário e de aspecto deprimido. Por um lado, Miguel queria desabafar; mas, por outro lado, não lhe apetecia falar muito, desejava apenas ficar sozinho no seu canto.

A preocupação era evidente…

— Tens que ter calma e que ser forte, Miguel! Isto não é o fim do mundo; apesar de, todos sabermos que te está a custar amargamente, porque adoras a Ana. — Disse-lhe Ricardo.

— Nem imaginam o quanto! A ligação que eu tenho com a Ana é tão forte, tão cúmplice e tão intensa que faz com que eu arrisque a dizer que não sei mesmo como é que vou aguentar isto até ao fim, eu não sei viver sem ela. Nós vivemos a vida toda ao lado, um do outro, e sempre fizemos tudo, juntos; por isso, a Ana é para mim como o ar que respiro.

— Nós sabemos que sim! Porém, tudo se há-de resolver da melhor maneira, vais ver…

— Infelizmente, eu penso que, é uma situação que já não tem solução possível!

— Vá lá, mano! Não podes pensar assim; afinal de contas, tudo nesta vida tem uma solução, seja ela mais fácil, ou mais difícil; há-de haver sempre uma solução.

— Não consigo pensar de outra maneira, sinto que não há mesmo mais nada que eu possa fazer; eu vou ter que aceitar e que me mentalizar que a perdi para sempre, mesmo que isso me custe pela vida, dar isso como consumado. A Ana faz-me tanta falta, nem imaginam as saudades que eu já sinto dela; na verdade, arrisco até a dizer-vos que ela é e sempre foi o meu grande e principal pilar.

— Eu nem sei que te diga! Custa-nos mesmo muito ver-te assim! — Disse-lhe Gui.

— Quem me dera, poder voltar atrás para tentar emendar o meu erro. Quem me dera; era só aquilo que eu mais queria, neste momento e juro-vos que eu mudava tudo, de imediato e sem pensar duas vezes. Como é que agora eu vou para casa? Como é que eu vou encarar a Ana e a família dela? Isto é um pesadelo sem fim. Porque é que a vida faz por nos pôr à prova constantemente?

— Tu e a Ana viveram e partilharam tantas coisas, juntos, que não faz qualquer sentido que, uma amizade como a vossa acabe assim. Amizades destas, não morrem assim do nada, tu não podes desistir, nem baixar os braços, tem que haver uma forma de contornar isto. — Disse-lhe o Luís preocupado.

— Não sei se haverá… Tenho sérias dúvidas!

— É claro que há, não podes desanimar assim, tens que ter pensamento positivo.

— Às vezes conseguir isso é mais difícil do que se pensa!

— Percebo! Se for preciso, nós juntamo-nos todos e damos uma valente lição à Isabel. Ela connosco não brinca…

— Isso não iria adiantar de nada, só ia adiar e intensificar ainda mais esta situação. Mas obrigado pelo esforço. — Disse ele conseguindo mostrar um leve sorriso.

— Eu sei, muito bem que, não é à *porrada* que se resolvem os problemas. Estava apenas a tentar animar-te um pouco.

— Obrigado de coração, mano! Porque é que ela havia de voltar, logo agora que eu estava a tentar seguir em frente com a minha vida? Porque é que me está a fazer isto e a infernizar-me assim a vida?

— Infelizmente, há pessoas desequilibradas e com falta de discernimento que não olham a meios para atingirem os seus fins; para além disso, são desprovidas de sentimentos, parece que têm uma espécie de pedra no lugar do coração. — Disse-lhe o Tomé.

— Podes crer! Olha que, tu não podias ter descrito melhor a Isabel.

— Ainda que me custe muito a crer que, ela tenha coragem e sangue-frio para fazer o que diz…

— Mas podes crer que tem! Quando certas pessoas olham o amor como uma espécie de obsessão, isso faz com que elas sejam capazes de tudo e a Isabel é, precisamente, uma dessas pessoas. Não podemos confiar nela, nem muito menos deixar-nos levar pela sua conversa. É gente muito manipuladora.

— Porém, cá para mim, é mais conversa que outra coisa só para te obrigar a ceder. Não acredito que, ela seja capaz de ser assim tão má e cruel. — Disse Luís pensativo.

— Acredita que, ela é capaz disto e de muito mais! E se o único objectivo de tudo isto era obrigar-me a ceder, então ela está a consegui-lo.

— Está a consegui-lo, porque percebeu que a Ana era o teu ponto mais fraco e que podia utilizá-la para te atingir e para te obrigar a fazer tudo o que ela quer.

— Agora que falas nisso… Tens toda a razão!

— Faz muito sentido, não faz? Eu lembrei-me também de outra coisa: nunca ponderaste a hipótese de contar tudo à mãe da Ana? Talvez, ela compreendesse e falasse com ela.

— Eu acho que não vai resolver o problema, eu sinto que preciso mesmo de falar coma Ana, olhá-la, olhos nos olhos, e de lhe contar tudo; mas, por enquanto, não posso. Porque se isso chegar aos ouvidos da Isabel, ela pode fazer-lhe pior; por isso, para já e por muito que me custe, prefiro deixar as coisas tal como estão. Mas sabes o que mais me assusta? Não saber se alguma vez ela me vai conseguir perdoar…

— É claro que vai, mano! A atitude nobre que tiveste para com ela vai ajudar-te a reconquistá-la e tenho a certeza que lhe vai falar ao coração; por isso, ela só pode mesmo perdoar-te porque é isso que os grandes amigos fazem e ela não vai ser excepção. Vai por mim…

— Só espero que tu tenhas mesmo razão; porque é a única coisa que quero e desejo!

— Tens que dar tempo ao tempo!

— Esse é outro problema que eu não sei como ultrapassar, o tempo é demasiado precioso e passa sempre muito depressa. E à medida que ele vai passando, eu sinto que é cada vez mais difícil encontrar uma solução para ter Ana de volta; para além disso, esta espécie de impotência que me invade começa a ser incontrolável e insustentável.

— Eu compreendo muito bem que tu te sintas impotente; porque, tu queres muito fazer alguma coisa; porém, no fundo, tu sabes que, para já, não podes. No entanto, por muito que te custe e difícil que isso seja, tens que fazer por tentar aguentar; acima de tudo, eu penso que o mais importante é deixares que as coisas acalmem e que a poeira assente. E então depois, tu poderás tentar falar com calma com a Ana.

— Tens razão! Muito obrigado por me ouvirem…

— De nada, mano! É para isso que os verdadeiros amigos servem. — Anuiu Ricardo.

Miguel voltou a sorrir…

— Eu sei que posso contar sempre convosco para tudo.

— Nem duvides!

— Como estará a Ana? Por onde andará? Precisava tanto de saber… Vocês nem imaginam, a vontade incontrolável que eu tenho de lhe ligar.

— Eu sei! Mas é melhor não pensares nisso, nem fazeres isso; eu penso que,

neste momento, não é a melhor atitude a tomar, mano. Provavelmente, ela não te irá atender o telefone; pois, também ela precisa de espaço e tempo, para digerir tudo isto.

— Este vulcão de incertezas, deixa-me de rastos…

— Tens que ter um pouco mais de paciência!

Juntos somos mais fortes

Entretanto, um belo pôr-do-sol surgia no horizonte, quando Ricardo convidou Miguel para jantar em casa dele e passar alguns dias por lá, até tudo ficar mais calmo. Ele nem hesitou em aceitar o convite.

E nos dias que se seguiram, Ana e Miguel mal se cruzaram e mal se viram. Miguel chegou mesmo a ponderar contar tudo a Joana; no entanto, ele sentia que Joana não acreditaria nele, nem entenderia as suas razões; por isso, era preferível deixar tudo como estava, apesar de não ter notícias de Ana há quase uma semana. Cruzavam-se no pátio da escola, mas, era como se fossem dois perfeitos desconhecidos; ele estava obrigado a evitá-la e a encará-la como se ela fosse uma perfeita estranha, mesmo que isso lhe custasse muito.

Perante Isabel, ele estava obrigado a mostrar que sentia um amor incondicional por ela; tal como, a imagem de namorado feliz e deveras apaixonado: beijando-a intensamente, trocando com ela algumas carícias, acariciando-lhe o rosto suavemente e brincando com os seus curtos cabelos morenos. Envolvê-la, constantemente, nos seus braços, permanecer agarrado à sua cintura com firmeza e fazê-la sentir que, finalmente, tinha ao seu lado o príncipe encantado dos seus sonhos.

Era isso que Isabel queria que Ana visse. Queria provocá-la, atormentá-la e torturá-la, mostrar-lhe que era com ela que Miguel se sentia bem. Ana olhava Miguel com muito desdém e desagrado, nunca imaginaria, algum dia, poder vir a sentir uma repulsa tão forte por uma pessoa de quem gostava tanto e que tinha tanto significado para ela.

— Não consigo acreditar que ele me está mesmo a fazer isto, que está nitidamente a provocar-me… — Anuiu ela de ar profundamente triste e desiludido.

— De de repente, deu-lhe para ficar parvo, no entanto, daquilo que já conheço dele, nem parece uma atitude vinda do Miguel! Ignora-o e não lhe ligues, miúda.

É o que ele merece.

— Nem imaginas a vontade que tenho de ir, agora mesmo, confrontá-lo e questioná-lo sobre tudo isto e de lhe dizer tudo o que penso e sinto. Preciso tanto de deitar tudo cá para fora, o peito pesa-me toneladas.

— Acredito e imagino que sim! Mas não podes, esta foi a escolha do Miguel e por muito que te custe, tens que a aceitar.

Enfrentá-lo não te iria adiantar de nada, só te irias chatear ainda mais, arranjar problemas e meter-te em confusões; tens que tentar controlar-te, mesmo que isso seja muito difícil.

— Que raiva que sinto! Eu não aguento ver aquele cenário deprimente…

— Sabes o que eu acho? Ele não está naquele namoro em toda a sua plenitude, não vejo amor nos olhos dele, nos gestos dele e na maneira como comunica com a Isabel. Parece-me que é algo forçado e pouco natural; cá para mim não passa de uma relação de faz-de-conta.

— Achas mesmo?

— Tenho quase a certeza!

— Nem consigo olhar para ele, sinto um nojo avassalador, parece outra pessoa.

— Eu acho que é melhor irmos para outro sítio. Não te faz nada bem, tu estares a ver estas figuras! — Propôs Mafalda de ar enfurecido e semblante carregado.

— Não! Deixa estar, eu aguento e fico bem!

— Nem pensar! Ainda daí, vamos até ao bar!

❀

Ana olhou uma última vez para Miguel, de coração partido e ar triste; Isabel vendo o ar compenetrado de Ana em Miguel decidiu mostrar, mais uma vez, toda a sua crueldade puxando-o para si e beijando-o com intensidade nos lábios. Miguel teve mesmo que aguentar, com esforço, de lágrimas nos olhos por causa daquele gesto forçado que ia contra a sua vontade. Ana mostrou-se ainda mais zangada, virando costas àquele cenário deprimente dirigindo-se na companhia de Mafalda para o bar. Isabel mostrou um sorriso malicioso de plena satisfação pelo facto de ter atingido o seu principal objectivo: afastar Miguel de Ana, em definitivo.

Ao final da tarde, depois de mais um infernal dia de aulas, a desempenhar um papel com o qual ele não se identificava de todo, Miguel estava disposto a acabar, finalmente, com tudo. Sentia-se farto daquilo, não aguentava, nem mais

um dia, nem aguentava mais viver assim: separado e longe de uma pessoa de quem gostava tanto, obrigado a magoá-la todos os dias e a fazer, todos os dias, aquelas figuras tristes por onde quer que acompanhasse Isabel, improvisando um amor que não sentia e vivendo, constantemente, uma vida de faz-de-conta.

Naquela mesma noite, Isabel ia jantar fora com as amigas e para Miguel era a oportunidade perfeita. Há diversos dias que, ele não sabia o que era enviar uma mensagem para Ana; algo que antes, ele fazia a toda a hora: para saber como ela estava e como corriam as aulas, para a convidar para um simples café após o almoço ou a meio da tarde, ou até mesmo para um belo passeio descontraído. Se por um lado, numa situação normal, talvez não fosse ético fazê-lo, depois de tudo o que lhe havia proferido; por outro lado, fazê-lo naquela situação concreta e naquele preciso e exacto momento era estar pronto para correr o risco. Para receber da amiga, na mesma medida e com ainda maior intensidade que lhe havia dito aquelas duras e ríspidas palavras e para tentar emendar o seu erro e poder mudar tudo por completo, fazendo por recuperar a amizade que tinha com ela, desde sempre.

Isabel ainda convidou Miguel a acompanhá-la, no jantar de amigas; porém, ele deu-lhe uma desculpa, justificando-se com a passagem, pela capital, de um grande amigo seu de infância, que morava fora da capital e que o tinha convidado para jantar com ele, perto da Praia do Guincho. Ela sorriu e nem sequer o questionou, limitando-se a anuir que ele fazia bem em ir e que lhe iria fazer bem para descontrair e pensar noutras coisas.

Miguel jantou sozinho, pelo Bairro Alto, e depois ganhou coragem, pegou no telefone e fez uma tentativa de enviar uma curta mensagem escrita a Ana; mas havia tanto para dizer que as palavras fizeram por se alongar.

Boa noite, Ana! Podes vir, agora, ter comigo à Praia da Princesa? Preciso urgentemente de falar contigo…

Ana estava no quarto, sentada em cima da cama a estudar, quando sentiu a vibração do telemóvel, em cima da mesa-de-cabeceira, pegou nele e ao reparar que a mensagem que tinha recebido vinha de Miguel ficou logo com vontade de pousar de novo o telefone e não responder. Ela não estava interessada nas explicações dele, e muito menos queria saber daquilo que ele tinha para dizer; ele não merecia a sua atenção e nem tinha qualquer direito de resposta, depois de tudo aquilo que ele lhe havia dito, porém depois, pensou melhor e decidiu responder à mensagem dele.

— Então querido Miguel, já esgotaste as hipóteses todas de provocação? — Perguntou-lhe ela de forma irónica.

Miguel sentiu bem na pele: a tristeza, a mágoa, a frieza e a dor da amiga, como uma daquelas feridas que teimam em não querer sarar.

— Desculpa! Tu conheces-me e sabes bem que eu, nunca, jamais, te faria aquilo. Fui obrigado pela Isabel, acredita. Por favor, perdoa-me. Não sei mais que dizer…

— Não sei se acredite em ti…

— Compreendo e aceito! No entanto, deixa-me só dizer-te uma coisa: nem imaginas, quantas vezes eu desejei poder ir ao teu encontro e pedir-te desculpa por aquela atitude deplorável. Desejei a cada segundo.

— E não o fizeste porquê?

— É uma longa história…

— Já sei, cansaste-te da Isabel e decidiste vir pedir algum consolo à tua velha amiga de sempre. Então agora, já queres voltar a ser meu amigo? Tu não me digas que, ao fim de todo este tempo, lembraste-te que eu existo e que afinal até te faço alguma falta…

Aquelas palavras de Ana roubavam-lhe o ar para respirar e mutilavam-no, lentamente, por dentro, como o mais belo pôr-do-sol à beira mar, num final de tarde. Obrigando-o a libertar uma solitária lágrima. Nunca imaginaria que as consequências daquele seu erro pudessem vir a ser tão penosas e dolorosas.

— Eu sei que cometi um grande e grave erro e que tu estás bastante desiludida e magoada comigo e tens todas as razões e mais algumas para estares. Agi muito mal contigo e fui muito incorrecto; mas, eu já não aguento mais toda esta situação. Eu estou farto disto, Ana.

— A sério? Quem diria, agora até fiquei surpreendida; mas infelizmente, parece-me que abriste os olhos um pouco tarde demais.

— Eu tenho tantas saudades tuas, preciso de te ver e de te explicar, olhos nos olhos, tudo o que aconteceu, senão sufoco e corro o risco de fazer um tremendo disparate; as coisas não são, exactamente, como tu pensas. Eu peço-te, por favor, por tudo que me dês uma oportunidade, que tu faças um sacrifício e um esforço por acreditares e confiares em mim, mesmo que eu nem o mereça e que oiças aquilo que tenho para te dizer. E então depois, tu poderás tirar as tuas conclusões, julgar-me se assim entenderes e tomar a decisão que achares melhor.

— Tu achas mesmo que mereces isso, da minha parte?

— Eu sei que não mereço; porque eu fiz a pior de todas as escolhas e porque falhei redondamente contigo e acredita que já estou a pagar bem caro por isso.

— Ainda bem que reconheces e tens consciência disso; já é um bom começo. Pelo menos, tu não perdeste a simplicidade, a sensatez, a sinceridade e a humildade que eu conheço desde sempre e que tanto te caracterizam. Menos mal…

— Fazes-me tanta falta, nunca senti tanto a tua falta e a tua ausência como nestes dias; nem imaginas a solidão em que eu me tenho encontrado longe de ti. Neste momento, eu preciso muito de ti e estou a ser sincero e a dizer a verdade, por favor, imploro-te, vem ter comigo.

Miguel acabou por amolecer, um pouco, o coração ferido e despedaçado de Ana.

— Está bem! Estou aí dentro de meia hora, espero que seja mesmo algo muito importante.

— Podes crer que é! Agradeço-te muito a oportunidade, eu fico aqui à tua espera.

— Até já!

❀

Ana vestiu-se rapidamente, pegou no carro da mãe e fez-se à estrada, ainda demorava uma boa de meia hora, a atravessar toda a capital, àquela hora, até Oeiras. Pelo caminho, decidiu ligar o rádio; pois, dava sempre muito boa música e sempre se sentia mais acompanhada; enquanto conduzia e mais uma vez, por ironia do destino, tocava uma melodia que mais parecia o estado de espírito de Miguel a falar: *Hoy Tengo Ganas de Ti* da cantora norte-americana Christina Aguilera em dueto com o mexicano Alejandro Fernández. A letra roubou-lhe arrepios e lágrimas a cada nota; e quando ela menos esperava estava a estacionar no parque de estacionamento, junto à marginal, e à praia. Estava uma brisa gélida, desceu os poucos degraus que davam para o passadiço de acesso à praia e encontrou Miguel compenetrado na noite, no silêncio das ondas do mar: calmo e inofensivo e na solidão e vazio da praia.

— Boa noite! Já aqui estou… Espero que tu tenhas mesmo um bom motivo para me fazeres vir, até aqui, a estas horas e com este frio. — Disse-lhe ela, de forma seca, fria e zangada, mostrando um ar sério e apertando, fortemente, contra o corpo o casaco de algodão que trazia vestido, friccionando os braços para tentar produzir algum calor que a aquecesse

— Boa noite, Ana! Não precisas de te preocupar, pois, esta viagem não vai ser tempo desperdiçado, acredita; nem será de todo em vão. Tenho a certeza que vai valer bem a pena

— Espero mesmo que sim! — Disse-lhe ela, não deixando de reparar no aspecto exausto e sofrido que ele apresentava e nas olheiras profundas que trazia no rosto e que se notavam a quilómetros de distância. Ele já não devia descansar, há muito tempo.

Miguel não deixou de ficar feliz por vê-la ali e aproveitou, logo, para fazer

uma boa acção; talvez assim lhe conseguisse chegar ao coração. Desapertou o casaco de cabedal que trazia vestido e de seguida despiu-o.

— Toma, veste o meu casaco! A noite está bastante fria e tu não estás nada bem agasalhada…

— Não é preciso, deixa estar! Eu estou bem, obrigada!

— Aceita o casaco, por favor! Não quero sentir-me ainda mais culpado do que já sinto, se adoeceres!

— Está bem, então… — Disse-lhe ela, pegando no casaco e vestindo-o.

O perfume dele, que estava entranhado no casaco, encheu-a de memórias presentes e também de algumas passadas e fez por trazer-lhe à memória momentos e recordações felizes; ela teve inúmeras dificuldades em controlar a emoção. Ele estava muito presente naquela peça de roupa. Mostrou-se espantada, pelo facto, de uma simples peça de roupa ser capaz de guardar tantos detalhes especiais; por muito zangada que ela estivesse, a verdade é que ele também lhe fazia muita falta e ela também sentia imensas saudades dele.

— Antes de mais, eu quero-te agradecer muito por tu teres vindo até aqui. Sei que nem isso mereço da tua parte; porém, nem imaginas o que isto significa para mim.

— Não tens nada que agradecer! — Disse ela, mostrando-se algo indiferente. — Posso-te fazer uma pequena pergunta?

— É claro que podes!

— A Isabel sabe que tu estás aqui?

— Não! Não sabe! Eu dei-lhe uma desculpa esfarrapada e disse-lhe que, hoje, iria jantar com um amigo de infância que estava de passagem pela capital; mas porque perguntas?

— Simples curiosidade! Como vocês gostam tanto, um do outro, e se amam tanto, eu pensei que não houvesse segredos entre vocês.

— Há um motivo muito forte, para eu lhe ter ocultado este encontro contigo e daqui a pouco, tu já irás perceber tudo. Por enquanto, eu queria-te dizer que, a vergonha profunda que eu sinto, neste momento, por tudo o que te fiz passar e te disse, faz com que eu não saiba por onde começar esta conversa…

— É fácil: como se costuma dizer: começa pelo princípio!

— Nem imaginas como, de certa forma, tudo isto me custa amargamente. Mas acho que, agora, chegou o momento de eu enfrentar este problema de pé e de frente: primeiro que tudo, devo-te dizer que lamento profundamente toda esta situação, o arrependimento e o sentimento de culpa que sinto, desde há uma semana atrás, não me têm deixado descansar um minuto. Sinto um peso amargo na alma e no coração e precisava muito de te pedir desculpa por tudo; mas, principalmente, por te ter desiludido e magoado tanto, da maneira como o fiz.

— Pois! No entanto, as desculpas; para além de, agora, já virem tarde demais, não irão fazer desaparecer para sempre os teus erros.

— Eu sei!

— Fizeste a tua escolha, Miguel! E, provavelmente, já não há nada que tu possas fazer para voltar atrás e mudar isso.

— Esse é o meu maior medo, o meu mais profundo receio e a verdadeira razão para estarmos hoje, aqui e agora. Espero, sinceramente, ainda ir a tempo de emendar o meu erro; digo-te isto com sinceridade e do fundo do coração, quem me dera poder voltar atrás e mudar tudo, acredita que não hesitaria um só minuto que fosse e fá-lo-ia de imediato e sem pensar duas vezes, jamais repetiria esta escolha; apesar de ter consciência que isso já não é possível. Eu sei que fiz uma escolha errada e já estou a sofrer bem, na pele, as duras consequências disso. Desde aquele dia, em que almoçamos juntos, que eu senti um medo avassalador de te perder para sempre que me consumiu todos os dias e a toda a hora, pensava nisso constantemente, a ponto de quase me roubar o ar que respiro e de me impedir de viver. Tu sabes que eu te adoro e a enorme importância que tu tens na minha vida.

— Infelizmente, nestes últimos dias, deixaste-me cheia de dúvidas se era assim tão importante para ti, como sempre me disseste e demonstraste.

— Lamento imenso; por isso, decidi, desde o início do dia, aproveitar a ausência da Isabel para marcar logo um encontro contigo e contar-te tudo. Acabar, em definitivo, com tudo isto. Sabes, estes últimos dias foram bastante duros e penosos para mim, acho que foi a forma que a vida arranjou de me castigar por todo o mal que te causei, por ser obrigado a estar longe de ti e a ter que conviver e estar, constantemente, ao lado de uma pessoa com uma personalidade doentia e obsessiva, da qual já não gosto, com a qual já não me identifico e que tentou a todo o custo afastar-me de todas as pessoas que eu mais gostava e que me querem bem, para que eu vivesse só para ela. Eu não funciono assim, tu conheces-me melhor que ninguém e sabes isso.

— O que te fez mudar de ideias?

— Para dizer a verdade, tudo! Mas, principalmente, o facto de esta situação se ter tornado insustentável, tinha mesmo que acabar tudo o mais depressa possível; porque já não conseguia aguentar mais. Eu sentia-me tão sufocado e para além disso, via-nos cada vez mais afastados e sentia que, lentamente, eu te ia perdendo, todos os dias. Não podia deixar isso acontecer, tinha mesmo que agir rapidamente: pela ligação forte que nós temos e que sempre tivemos; pelo que construímos e vivemos e, principalmente, pela nossa amizade que sempre foi superior a qualquer coisa que se atravessasse no seu caminho. Eu acho que não ia ser agora que isso iria mudar e ser diferente; outra das razões que me fez

mudar de ideias foi ver-te a sofrer, dia após dia por minha causa e por uma escolha que nunca fiz de livre e espontânea vontade, apesar de, parecer o contrário, eu fui obrigado a fazê-la. E isso custava-me tanto… Sentia uma angústia e um desespero gigantes. Durante todo este tempo, eu fui um verdadeiro boneco nas mãos da Isabel, ela obrigou-me a ser uma pessoa muito diferente do que eu sou; pois, ela queria que eu fizesse coisas, com as quais eu não concordava só para te magoar, para te provocar e para te fazer sofrer e eu não podia continuar a compactuar com isso. Eu sei que eu não sou, nem nunca fui aquele Miguel que mostrei ser.

— Ana mostrou-se confusa — Há uma coisa que não estou a perceber bem, tu não amavas a Isabel? Tu disseste-me que te tinhas cruzado com ela, naquela noite em que jantaste com os teus amigos nas Docas e que tinhas percebido que afinal de contas, ainda sentias alguma coisa por ela e que não querias que a nossa amizade continuasse para te poderes focar apenas no amor que sentias por ela.

— Eu sei que te disse isso; mas não era, de todo, verdade e muito menos sentido. — Disse-lhe ele soltando uma lágrima.

— Porquê? Porque é que me mentiste? Quando nós nunca mentimos um ao outro, até hoje. Continuo sem entender…

— Só fiz tudo isto para te proteger!

— O quê? É melhor não ires por aí. Desculpares-te comigo não te vai adiantar de nada.

— Espera! Não me estou a desculpar, de forma alguma, eu estou-te a dizer toda a verdade. — E por momentos, Ana viu a sinceridade e humildade habituais dele nos olhos dele — Não tires conclusões precipitadas. Ouve-me, por favor!

— Eu acho que, já te ouvi o suficiente e penso que também já te dei oportunidades a mais. É melhor ficarmos mesmo por aqui.

— Deixa-me, ao menos, explicar-te o mais importante, por favor! Eu prometo que não demoro muito nem te roubo muito tempo; naquela noite, em que jantei com os meus amigos nas Docas de Alcântara, de facto cruzei-me com a Isabel e ela fez várias investidas sobre mim e tentou seduzir-me muitas vezes. Confidenciou-me que não me tinha conseguido esquecer, que não conseguia viver sem mim e que ainda pensava muito nos tempos em que estivemos juntos; mas eu nunca voltei a sentir nada por ela e fi-la perceber que eu não estava interessado em reatar o namoro com ela. Resisti sempre. Ela ficou zangada e decidiu usar-te me reconquistar e me obrigar a ceder…

— Ana estava estupefacta — Como assim?

— Ela disse-me que, para eu e ela ficarmos juntos, e para termos um pouco de paz e tranquilidade, eu tinha que pôr um termo na amizade contigo. E eu disse-lhe logo que não o faria apenas porque ela queria e tinha decidido fazer uma

birra de mulher mimada, que estava fora de hipótese e que nem sequer era ponderável.

— Mas, mesmo assim, acabaste por fazê-lo…

— Eu sei! Porque ela disse-me que se eu não o fizesse, tu é que sofrerias as consequências. Tu sabes bem que, ela nunca foi uma pessoa de confiança, equilibrada e estável; para além disso, ela sempre foi muito imprevisível e para conseguir tudo aquilo que quer: como tentar-me reconquistar e ficar comigo é capaz de tudo até mesmo de magoar e de pisar as pessoas que eu mais gosto. Eu não podia arriscar, não podia pôr a tua vida em risco, nem permitir que ela te magoasse. Tive tanto medo por ti, nem imaginas… Estou a ser muito sincero, mesmo que não acreditasse, totalmente, que ela fosse capaz de te magoar, acabei por não ter escolha. Preferi terminar a nossa amizade, para te proteger e não lhe dar quaisquer motivos para te fazer sofrer. Para mim, o mais importante era que tu ficasses bem e principalmente em segurança.

— Isso é mesmo tudo verdade? Ou estás-me a dizer isso só para eu ter pena de ti e tu conseguires reconquistar, de novo, a
minha confiança?

— É a mais pura das verdades! Eu estou-te a abrir o meu coração, por completo, como, provavelmente, nunca o haverei feito em toda a minha vida ou mesmo até hoje. E são estas, as verdadeiras razões para tudo o que te disse e fiz; se tu tiveres dúvidas podes falar com os meus amigos, eles sabem de tudo. Eu tinha que afastar-te de mim, custasse o que custasse, nem que tivesse que te dizer coisas que te magoassem, mesmo que não fossem verdadeiras e sentidas. Entendes? Percebes agora, os motivos de eu ter tomado esta atitude para contigo?

Ana sentiu, de imediato, no seu interior que Miguel estava mesmo a ser sincero e a dizer a verdade. Sabia perfeitamente que, ele era bem capaz de fazer aquela terrível escolha só para a proteger e isso fez com ela vacilasse.

— Meu Deus! Eu nem sei que te dizer; agora, deixaste-me mesmo sem palavras. — Disse-lhe ela comprometida.

— Não digas nada! Só o facto de estares aqui a ouvir-me e teres-me dado esta oportunidade para poder explicar-te tudo, já faz com que tudo tenha valido a pena. Sei que não fui justo nem correcto e que te disse coisas bastante duras e graves que não faziam qualquer sentido e mais uma vez peço perdão por isso; porém, acredita que nada do que te disse foi sentido.

Ana estava bastante emocionada e comovida; pois, Miguel continuava a mostrar-lhe e a provar-lhe que era sem dúvida o melhor amigo que ela poderia ter. Afinal de contas, a amizade verdadeira é feita de uma essência tão pura, genuína e única e de sem fim de pequenos, grandes gestos que só quem a vive e

quem a sente é capaz de compreendê-la.

— Acho que, agora chegou o momento de ser eu a pedir-te desculpa pela forma como falei contigo e pelas acusações que te fiz, não devia ter agido assim. Sinto-me mesmo mal, depois de tudo o que acabaste de me contar, se tu tivesses vindo falar comigo mais cedo, talvez fosse tudo diferente.

— Eu sei que agi tarde e que me devia ter imposto. Nunca me devia ter deixado manipular desta maneira, nem devia ter cedido assim tão, facilmente, aos caprichos e à chantagem da Isabel. Nunca lhe devia ter facilitado tanto a vida, eu fui fraco e deixei-me amedrontar; porém, era a tua vida que estava em jogo e eu não podia ficar indiferente a isso, não podia fazê-lo. Era mais importante que tudo o resto, fiquei mesmo de cabeça perdida e com medo por ti, medo do que ela te poderia fazer e cobardemente cedi a tudo; para além disso, não te pude contar nada mais cedo, porque, corria o risco de ela se aperceber ou de saber alguma coisa e isso poderia levar a que ela te fizesse coisas ainda piores. Como vês, tu não tens que te desculpar; já que não tens culpa de nada.

— Tenho sim, Miguel; porque conheço-te muito melhor, e há mais tempo que a Isabel e eu tinha a obrigação de perceber logo que algo de estranho se estava a passar, para tu teres uma mudança tão repentina e tão radical de atitude para comigo.

— Não te martirizes! Tu não podias adivinhar, não sabias os verdadeiros motivos para eu me estar a comportar daquela forma. Reagiste, como qualquer outra pessoa reagiria perante uma situação idêntica: com desilusão, tristeza, mágoa e claro surpresa, perante as palavras de uma pessoa que consideravas ser o teu melhor amigo. Qualquer outra pessoa seria apanhada desprevenida e de surpresa com a minha atitude e mais ainda com a escolha que eu fiz; por isso, a tua reacção foi normal.

— No entanto, eu reagi demasiado a quente e sem pensar e disse-te coisas que eu não te devia ter dito; porque, apesar de tudo, tu não merecias. Mesmo que, eu tenha sido apanhada de surpresa e desprevenida com as tuas ríspidas palavras e tenha ficado em choque, não tendo espaço, tempo e oportunidade de parar um pouco para pensar.

— Eu mereci todas as tuas palavras, o teu afastamento e a tua indiferença, durante este tempo. Eu vou confessar-te uma coisa: qualquer pessoa que viva uma amizade forte e cúmplice como a nossa, reagiria como tu, acredita; por isso, sou eu que te devo pedir perdão por não ter sido capaz de fazer as coisas de forma diferente, por ter traído a nossa amizade e acima de tudo a tua confiança É um peso que vou ter que carregar para o resto da vida.

— Não digas disparates! Independentemente de tudo, a tua atitude mostrou o quanto gostas de mim, o quanto te importas e preocupas comigo, o quanto sou

especial e importante para ti e o quão verdadeiro amigo tu és; portanto, só posso mesmo agradecer-te pelo que fizeste. Acho que muito poucos amigos arriscariam perder uma grande amizade, só para proteger uma amiga, como tu fizeste. E agora que, eu reflicto acerca disso, a emoção apodera-se mim, o teu enorme gesto tocou-me muito.

— Depois de tudo aquilo que aconteceu, ainda consegues agradecer-me. Eu vou continuar a não ter palavras suficientes para ti, és mesmo uma pessoa única. A minha atitude podia ter-me separado de ti e feito perder-te para sempre; para além de que podia-me ter custado a tua amizade, penso que era isso que a Isabel queria com tudo isto: ver-nos de costas voltadas e separar-nos, em definitivo, e eu quase deixei que acontecesse. Sinto que ainda não estou preparado para perdoar todas essas escolhas erradas a mim próprio.

— Vá lá, não penses mais nisso! Não faz sentido estares-te a martirizar, vamos deixar todo este momento menos bom no passado; afinal de contas, nós estamos aqui, juntos, de novo e isso é que importa. Sinceramente, um gesto destes só poderia mesmo vir de ti, não consigo imaginar mais ninguém que não tu a ser capaz de tê-lo para comigo. Tens um coração enorme e isso viu-se bem nesta tua escolha, foi um tremendo gesto de coragem: preferires perder a minha amizade para me proteger e para que eu ficasse em segurança. Não há nada capaz de ser superior a isto, nem há palavras que o possam descrever; sei que foi uma escolha muito difícil e dura para ti, no entanto foi uma escolha por amor e isso deixa-me muito orgulhosa de ter do meu lado um amigo como tu. Apenas me posso sentir grata por fazeres parte da minha vida; por isso, eu penso que não há nada para perdoar, erraste para me proteger e isso já diz tudo.

— Nunca imaginaria que, algum dia, pudesse vir a ter que fazer uma escolha destas. Foi a escolha mais difícil e dura da minha vida e juro-te e prometo-te que, nunca mais voltarei a fazê-la. Se um dia, por qualquer razão, a nossa amizade tiver que terminar (eu espero realmente que não), eu garanto-te que jamais o farei desta forma tão bruta, sem termos, pelo menos, uma conversa, olhos nos olhos: franca, sincera e verdadeira e sem te dar uma explicação aceitável. Acredita que, eu nunca te magoarei, nem te direi aquelas palavras tão bruscas; pois, sabes que eu te respeito acima de qualquer coisa; porque tu és muito importante e especial para mim, porque me ensinaste tanto e porque fizeste e tens feito imenso por mim e eu nunca me irei esquecer disso. Adoro-te, Ana. Tu és das pessoas que eu mais gosto nesta vida; portanto, de longe, num outro tipo de contexto qualquer, eu teria uma atitude destas contigo, só mesmo numa situação-limite como esta e claro contra a minha vontade e te diria tais palavras.

— Sei que sim e agradeço, desde já, a tua coragem para me contares tudo, a

sinceridade e a frontalidade. Acredita que foi bastante importante para mim, não te esqueças que te conheço melhor que ninguém. — Anuiu, quebrando assim o ambiente hostil e arriscando em apertar-lhe o nariz, de forma divertida e descontraída.

— Não tens que agradecer, princesa! Era o mínimo que eu podia fazer por ti, depois de toda esta situação; aliás, acho que entre nós sempre houve honestidade e veracidade e não queria mesmo nada que isso se alterasse.

— Fico muito contente pelo teu esforço!

— Nem imaginas como é bom ouvir todas essas palavras!

— Posso-te pedir uma coisa?

— Tudo aquilo que quiseres!

— Dás-me um daqueles nossos abraços?

Aquele pedido foi de tal forma inesperado para Miguel que o deixou, profundamente, comovido e sem reacção, sentiu um arrepio pelo corpo e o coração a acelerar a alta velocidade.

— Não era necessário pedires-me isso, já sabes que te dou todos os abraços que tu quiseres…

E foi de braços bem abertos que se receberam, novamente,

preparados para novos recomeços. A felicidade que, ambos sentiam era indescritível em palavras, depois de estarem a um pequeno passo de perderem, para sempre, a forte amizade que tanto os unia. Ana estava radiante por ter o seu melhor amigo de volta, era tudo o que ela mais queria e, finalmente, tinha-se concretizado. Não conseguia controlar a emoção que sentia e as lágrimas que teimavam em querer cair e em querer borratar a maquilhagem leve, por poderem retomar de novo a amizade que os unia, a partir do ponto aonde a tinham deixando.

— Que bom poder abraçar-te! Eu confesso que desejei este momento a semana inteira, mesmo estando de costas voltadas contigo; apesar de sentir que podia ser algo irrepetível.

— És tão tolinha! Voltamos a ser amigos como dantes?

— Claro que sim, Miguelinho! É que nem duvides…

— Estamos mesmo bem, um com o outro?

— Sim! Sem medos, nem ressentimentos de nada.

— Que alívio enorme que sinto por saber isso!

— Este mal-entendido desnecessário, vai ficar já fechado a sete chaves, no nosso passado.

— Ainda bem que, eu decidi ter, finalmente, coragem para fazer isto: acabar com este mal-entendido horrível e contar-te tudo. Foi, sem dúvida, a melhor

decisão que podia ter tomado.

— Também acho!

— Estou mesmo feliz com este desfecho, e principalmente por saber que vou regressar à nossa casa, contigo a meu lado; apesar de ainda me esperar um grande desafio: enfrentar a tua família e contar-lhes tudo.

— Não te preocupes com isso! Amanhã, tratamos de tudo; tu vais ver que, os meus pais vão ser capazes de compreender tudo muito bem, tal como eu fiz. Eles não têm razões para não acreditarem em ti.

— Espero mesmo que sim! Finalmente, o meu coração vai ter um pouco de paz; pois, nestes últimos dias, quase não teve grande fôlego para bater. Tu nem imaginas, o desassossego e a angústia terríveis que eu senti; eu espero, sinceramente, não ter que voltar a senti-los.

— Mas é claro que não! Achas mesmo que eu iria deixar?

❀

Ele olhava Ana, nos olhos, com intensidade e depressa se foi apercebendo que aquela situação, porque tinham passado, tinha alterado radicalmente, os sentimentos que ele nutria por ela. Podia *ler-se* no olhar dele, o amor que, do nada, parecia querer desabrochar por ela. Sem ele saber explicar muito bem porquê, ele apercebeu-se que começava a sentir uma atracção física muito forte pela amiga. O tímido e apaixonado coração dele parecia querer bater descontroladamente; as vontades, as emoções e os desejos estavam cada vez mais à flor da pele, e ele sentia-se cada vez mais desassossegado e até desorientado dando consigo próprio a pensar, verdadeiramente, sobre o que sentia, realmente, por Ana. E, rapidamente, Miguel percebeu que já tinha ultrapassado os limites da amizade, era amor: um amor e uma forte paixão carnal, ele desejava com intensidade que ela se tornasse muito mais na sua vida, do que aquilo que tinha sido até ao momento.

Ele queria algo ainda mais permanente e queria poder tê-la ainda mais profundamente ao seu lado, de repente, sem sequer estar à espera, veio-lhe à memória uma das músicas preferidas de Ana, que ela ouvia com alguma frequência. E cujos versos da letra descreviam, perfeitamente, tudo aquilo que ele estava a sentir, como ela era uma pessoa muito especial e importante para e a forma como ele tinha passado a olhá-la: *Because You Love Me,* da canadiana Celine Dion.

Aquela imensa panóplia de sentimentos, de pensamentos e de recordações estavam a deixar Miguel, de novo, irrequieto e com uma vontade irreverente de

arriscar, mesmo sabendo que se algo corresse mal, poderia voltar a custar-lhe a amizade da melhor amiga. No entanto, ele sabia que não podia continuar a esconder nem a enganar, por muito mais tempo, aquilo que o seu coração sentia de verdade; por isso, ele ganhou coragem para arriscar, contra todos os seus receios e medos.

Miguel acariciou, suavemente, o rosto de Ana, num gesto envolto num misto de saudade e de uma paixão inesperada e quando eles menos esperavam, os lábios de Miguel uniram-se aos de Ana, apanhando-a de surpresa, perante algo que achava ser improvável. Começou por beijá-la com alguma suavidade e ternura, seguindo-se um beijo: intenso, forte e longo, de tirar o fôlego. Aquele não foi um beijo de amizade, nem mesmo de amor: foi um beijo de paixão: rebelde e sufocante.

Ana não recusou aquele contacto mais próximo e íntimo e correspondeu ao beijo dele sem medos, sem hesitações e com a mesma intensidade. Ela sentiu um arrepio quente e gelado como neve, que invadiu todo o seu corpo, o coração a querer descontrolar-se a qualquer momento. A temperatura de ambos os corpos, subia a um ritmo alucinante e uma densa humidade corporal teimava em querer formar-se, surgindo discretamente e de forma lenta, mostrando que as hormonas se encontravam literalmente em sobressalto.

Deixou-se levar por toda a magia do momento, por aquela sensação: nova e arrojada que estava a viver e sem pensar em hesitações, deixou-se levar, despreocupando-se com o resto. E assim ficaram, naquela fusão de sentimentos sem precedentes, unidos por longos minutos.

Da amizade
ao primeiro amor

De repente, Ana regressou, num ápice, à realidade, parou para reflectir e ao tomar consciência do que tinha acabado de acontecer, sentiu-se em pânico e completamente assustada.

— Meu Deus! Não devíamos ter feito isto, pois não? — Perguntou-lhe ela sorrindo preocupada e comprometida.

— Porque não? — Questionou-a ele de sorriso rebelde.

— Porque não quero que, nós nos voltemos a magoar. Não quero, de forma alguma, voltar a correr o risco de perder a tua amizade nem de te perder, se isto correr mal.

— E porque haveria de correr mal, Ana? — Perguntou-lhe ele surpreendido.

— Não sei! Surge uma forte necessidade de explorar novos caminhos, novas sensações e novos sentimentos, começamos a mexer com sentimentos mútuos; porque, levamos tudo mais a sério e com mais responsabilidade. Para além disso, eu acho que, há uma infinidade de coisas que acabam por mudar com o tempo: como formas de pensar e de olhar o que nos rodeia.

— Mas não há motivos nenhuns para isso acontecer; pois, nós conhecemo-nos bem, desde sempre; respeitamos o espaço de cada um, sempre nos respeitamos, somos pessoas sinceras, humildes e honestas. E sinto que nos amamos de verdade, por isso, não precisas de ter medo de nada. Para além disso, nunca me irás perder, nem irás perder a minha amizade, aconteça o que acontecer. Independentemente, do que possa acontecer a partir daqui; eu prometo-te que irei estar sempre ao teu lado e que irei estar sempre aqui.

— Eu sei disso! Porém, eu não deixo de me sentir receosa e um pouco inquieta.

❀

Miguel mostrou-se algo pensativo, tímido e comprometido, sentia que aquele era o momento certo, para ele lhe abrir a sua alma e o seu coração, mais uma vez. Partilhando assim, o que pensava e sentia por ela; já que, aquela temporária

separação, entre os dois, o tinha feito descobrir que, afinal de contas, ele já não olhava Ana apenas como a sua melhor amiga, cúmplice e confidente que sempre havia sido, também a amava de uma forma bastante intensa e profunda.

Tinha consciência que, não se sentia muito à vontade para o fazer e que nunca tinha feito nada do género com ela: nunca tinha exposto assim, perante Ana, de uma maneira tão intensa, sincera, honesta e desnuda, os seus sentimentos. Ele sempre se tinha resguardado um pouco, por medo e alguma vergonha; mas, algo lhe dizia que estava na hora de seguir em frente, de levar aquela sua ideia avante, sem medos e sem preocupações. Deixando assim o seu coração falar; pois, para ele, Ana tinha mudado, completamente, a maneira dele ser e estar, perante a vida e os outros. E tinha vindo dar também, muito mais cor à sua vida e à sua existência.

— Eu vou confessar-te uma coisa: nestes últimos dias; mas principalmente hoje, dei comigo a pensar muitas vezes em ti; para além disso, esta nossa conversa fez-me reflectir, sobre o que sinto verdadeiramente por ti. O facto de ter estado longe de ti e separado de ti e de ter corrido o risco de te perder para sempre, fez-me perceber uma coisa extremamente importante: o que eu sinto por ti, mudou. Já não é apenas amizade, sei que já ultrapassou (e muito) isso, há bastante tempo. Sei que o que sinto por ti, é amor verdadeiro. Quero ser só teu, poder amar-te, de verdade, poder tocar-te, como se toca quando amamos, fazer mais planos contigo e fazer ainda mais parte da tua vida. Agora, eu sei de quem realmente gosto e quem amo: é a ti e a mais ninguém. Poderei ter gostado muito da Isabel, e ter tido outras relações; porém, descobri, ao longo destes últimos dias, que este sentimento de paixão arrebatadora, só sou capaz de o sentir por ti. E nada nem ninguém vai conseguir mudar isso.

Precisava muito de to demonstrar e hoje, perante as muitas emoções fortes que senti à flor da pele, decidi arriscar, tendo plena consciência de tudo o que isso poderia implicar; apesar de tudo, não me arrependo nada do que fiz e se voltasse atrás, faria tudo igual e arriscaria na mesma.

Ana mostrou-se bastante tímida e envergonhada perante as palavras sentidas e sinceras de Miguel, ficando sem palavras.

— Não sei o que dizer, perante essas tuas palavras! Nunca imaginaria que o que sentias por mim era assim tão forte e tão sentido.

— Mas é, Ana! Nunca, jamais, duvides do amor que sinto por ti e do quanto te amo e gosto de ti. Por favor, vamos dar uma oportunidade a esta nova fase das nossas vidas.

— Sabes que, eu também gosto muito de ti, gosto mesmo; mas, não estava nada preparada para este passo tão grande. É uma coisa, completamente, nova para mim que não estava nos meus planos e da qual não estava à espera. Eu fui

apanhada de surpresa; por isso, preciso de tempo para pensar e digerir bem tudo isto, para organizar as ideias na minha cabeça, entendes? Porque sempre te vi, apenas como uma espécie de irmão mais velho, que também sempre foi o meu melhor amigo; daí ainda não conseguir habituar-me à ideia de olhar para ti como meu namorado. Pelo menos para já, é um pouco estranho, preciso de pensar bem sobre isto e de me habituar e adaptar primeiro a esta nova realidade e esta nova forma de te olhar. Dá-me só uns dias, pode ser? Desculpa, espero que entendas e que não fiques zangado; mas não quero arriscar e muito menos correr o risco de tomar uma decisão precipitada e impensada que nos possa vir a magoar e que ponha em causa a nossa amizade e o que construímos, juntos. Gosto demasiado de ti, para permitir que isso aconteça.

— Não tens nada que pedir desculpa! Achas que iria ficar zangado contigo por causa disso? Nunca, jamais. Eu espero o tempo que for preciso.

— Obrigada por compreenderes! — Disse-lhe ela aliviada.

Miguel sorria como nunca havia sorrido antes e Ana já não se recordava da última vez que, o tinha visto sorrir assim. No entanto, se havia certeza que ela tinha era de que, nos últimos dias, ele deveria ter sorrido muito pouco, ou mesmo nada. O ar pensativo dela não passo despercebido a Miguel; ele sentia-a ainda tensa…

— Posso fazer-te uma pergunta? — Questionou-a ele algo preocupado.

— Claro que sim!

— O que é que te preocupa? Sinto-te algo desassossegada!

— Não te assusta a forma como a Isabel vai reagir quando souber que fizemos as pazes e estamos juntos?

— Minimamente! Depois de tudo o que passei nesta última semana, a pessoa que menos me preocupa, neste momento, é ela. Ela é o menor de todos os meus problemas e eu não estou mesmo nada preocupado com ela. Agora, aquilo que eu mais quero é focar-me em nós e mais nada. A Isabel, a partir deste momento, para mim, passou a ser um passado bem longínquo.

Ana olhou-o, sorriram e abraçaram-se fortemente.

— Vamos para casa? Já se faz um bocadinho tarde!

Miguel consultou o relógio de pulso para ver as horas.

— É verdade! Amanhã temos aulas… Acredita que anseio por este regresso a casa há dias.

— Também eu! — Disse-lhe ela embevecida.

❀

Entretanto, Ana desapertou e despiu, de seguida, o casaco de cabedal que ele

lhe tinha emprestado. Tinha-lhe dado tanto jeito; já que a conversa se tinha prolongado e estavam há uma hora e meia na rua a conversar.

— O que estás a fazer? — Perguntou-lhe admirado.

— Vou-te devolver o casaco ou achas que eu te vou deixar conduzir a mota sem ele e com este frio?

— Miguel riu-se — Não faz mal, princesa! Deixa-te ficar com ele para não arrefeceres.

— Nem penses! Agora, sou eu que não quero que adoeças por minha causa; para além disso, dentro do carro, não tenho frio nenhum.

— Não adianta, és mesmo teimosa!

— Porém, não queria deixar de te agradecer pelo teu gesto; parece que mesmo quando dois bons e verdadeiros amigos se encontram quase de costas voltadas, a preocupação continua a manter-se e nunca deixa de existir.

— É de pequenos gestos que grandes amizades são feitas!

— Sem dúvida! Tu nem imaginas a enorme pena que tenho que tu tenhas vindo na mota… Queria mesmo muito, ter a tua companhia no carro.

— Eu sei! Mas não posso mesmo deixar a mota aqui, até amanhã. Não te preocupes que, não me vais voltar a perder, já nos voltamos a ver em casa, desconfio que nem vais ter tempo de sentir saudades minhas.

— Não digas isso, Miguel! Tu sabes que, para mim, basta um minuto sem ti para as saudades aumentarem!

— Miguel mostrou-se tímido e comprometido — Soubesse o mundo das palavras descrever o quanto eu te amo…

— Até já! — Disse-lhe ela comprometida, atirando-lhe um beijo com a mão.

❀

Na sala das actividades, os meninos deixaram-se levar pelo entusiasmo e pela euforia e fizeram-se ouvir muitas ovações e aplausos, perante aquele inesperado romance, entre o Mikas e a doutora Ana. Olhavam, todos, para eles com uma felicidade enorme estampada no rosto, ninguém desviava o olhar deles. A concentração era profunda; pois, todos os meninos queriam saber mais sobre a história de Ana e Miguel e principalmente sobre a história de amor que agora os unia.

— E depois, o que é que aconteceu, Mikas? — Perguntou Lília curiosa.

— A doutora Ana aceitou namorar contigo? — Perguntou o Rodrigo cada vez mais curioso?

— Vá lá, por favor, não façam suspense… Queremos saber o resto! — Suplicou o Zé Pedro.

— Não sei se vai ser possível! — Disse Mikas mostrando-se disfarçadamente preocupado.

— Oh! Porquê?

— Porque com tanto barulho e tantas perguntas ao mesmo tempo a zumbirem por aqui, eu e a doutora Ana não vamos conseguir concentrar-nos para podermos continuar a história.

— Para podermos continuar a contar-vos a nossa história, vocês têm que fazer silêncio. Será que conseguem? — Disse-lhes Ana.

— E se nós ficarmos caladinhos até ao fim, vocês contam-nos o resto da história, ainda hoje?

— Se, se portarem mesmo bem, claro que sim!

Mas, no fundo da sala ainda se ouviam burburinhos.

— E se te calasses, Zé Luís? Queríamos continuar a ouvir a história… — Resmungou o Rui Pedro de ar zangado.

Ana e Miguel entreolharam-se felizes e satisfeitos e riram-se, agora sim estavam prontos para lhes continuarem a contar a sua história…

❀

Nas imediações da Praia da Princesa, Ana entrou no carro. Estava muito feliz e muito satisfeita com o desfecho daquela inesperada conversa, que ela quase se tinha recusado a aceitar. Miguel colocou o capacete, pôs a mota a trabalhar e seguiu os mesmos trilhos da sua amada até casa. Durante o percurso, de regresso a casa, Ana ligou novamente o rádio e voltou a fazer-se acompanhar pelas várias melodias nocturnas da sua estação de rádio preferida. Quando menos esperava, deparou-se com a música: *Dá-me um abraço* do português Miguel Gameiro que parecia o momento do reencontro com Miguel transformado em: versos, rimas e música. Deu por si a sorrir, comovida e cantou durante o caminho todo; a letra era lindíssima e trazia-lhe Miguel, de novo, ao pensamento, mostrando o seu ar mais tolo e apaixonado. Sentia um formigueiro inquieto, na barriga, e um aperto agridoce no coração, podia jurar que sentia o seu coração a sorrir; porque só a rebeldia do seu mais novo amor, podia roubar verdadeiras gargalhadas ao seu nobre coração.

Cerca de quarenta e cinco minutos depois, eles chegavam a casa. Ana estacionou o carro da mãe, junto à entrada e Miguel estacionou, logo, a mota na garagem. Entretanto, entraram em casa, de mansinho, para não acordarem a família; o telefone de Miguel ainda não tinha parado de tocar, sentia-se no bolso do seu casaco a respectiva vibração: já tinha cinco chamadas não atendidas e três mensagens escritas e acabava de receber uma mensagem de voz, Isabel devia

estar furiosa por ele não estar em casa e por não conseguir contactar com ele; mas ele, não se preocupou. Pegou no telemóvel e desligou-o.

Antes de se dirigirem para os quartos, ficaram ali em pleno corredor, olhando-se com intensidade, desfrutando dos novos sentimentos que haviam descoberto e de seguida despediram-se de sorriso tímido no rosto e com um leve beijo apaixonado;

Ana apercebeu-se que, aos poucos, se ia começando a deixar levar pelo amor que sentia por Miguel e a não ser capaz de lhe resistir facilmente. Na verdade, ela ainda não se sentia muito à vontade com aquela situação nova; de um dia para o outro, o Miguel tinha deixado de ser, apenas, o seu melhor amigo para ser também namorado e isso causava-lhe uma certa apreensão ainda que fosse boa e feliz.

Apesar de já ser bastante tarde; enquanto vestia o pijama e preparava as coisas para o dia seguinte, ligou à Mafalda para lhe contar as novidades, principalmente, o facto de ter feito as pazes com Miguel.

— Boa noite, miúda! — Disse-lhe ela surpreendida.

— Boa noite, minha querida! Já estavas a dormir?

— Ainda não! Fui sair com o *boyfriend* e cheguei há pouco tempo a casa.

— Ainda bem! Peço desculpa por te ligar estas horas!

— É na boa, miúda! Não tens que pedir desculpa; afinal, a que se deve este telefonema tardio? Aconteceu alguma coisa de especial? — Perguntou-lhe a amiga preocupada e desconfiada.

— Tenho novidades bombásticas e eu queria mesmo muito contar-te tudo ainda hoje!

— Ui… Pelo teu entusiamo e excitação, parece-me que o Miguel deve estar relacionado com essas mesmas novidades. Acertei?

— Em cheio!

— Eu vi logo! Vá, desembucha tudo!

— Hoje, depois do jantar, ele ligou-me e pediu-me que me encontrasse com ele, na Praia da Princesa, para conversarmos. Inicialmente, eu recusei: não queria ouvi-lo, nem queria saber das suas desculpas e explicações; mas ele suplicou-me tanto que eu acabei por aceitar. Nós estivemos, quase, duas horas a conversar; ele explicou-me tudo, pediu-me desculpa e depois acabamos por fazer as pazes.

— Que bom! Acredita que eu fico mesmo feliz por vocês, ainda bem que não passou de um mal-entendido!

— Sem dúvida! Amanhã, com mais calma, prometo que te conto mais pormenores…

— Está bem! A vossa amizade é tão forte e inspiradora que tinha a certeza que

a mesma não podia acabar desta maneira. Vocês não podiam ficar assim de costas voltadas para sempre, não fazia qualquer sentido; tendo em conta, tudo o que ambos contruíram e viveram.

— Não posso deixar de concordar! No entanto, confesso-te que esta nossa primeira, e espero que seja a última, desavença foi um choque tremendo para mim; eu achei mesmo que tinha perdido o Miguel para sempre e que nunca mais voltaríamos a ser amigos.

— Eu sei que sim! Apesar de, esse ser um desfecho quase improvável e completamente impossível; porque as amizades puras, genuínas e verdadeiras serão sempre indestrutíveis, tal como o amor, também ele inquebrável. Para além disso, se há certeza que tenha é que essa desavença vos uniu ainda mais e mais importante ainda do que isso: fortaleceu-vos.

— Podes crer! — Disse-lhe ela algo sorridente.

— Ui! É impressão minha ou tu estás a sorrir, desse lado? O que é que esse sorriso, quer dizer, miúda? Tu já sabes que comigo não se aceitam segredos…

— Bem… As novidades não se ficam por aqui!

— Não? Agora, estou mesmo a ficar com a curiosidade aos pulos…

— Quando nós estávamos para regressar a casa, aconteceu uma coisa…

— O quê?! Desembucha já, não me deixes neste suspense!

— O Miguel beijou-me.

Mafalda ficou incrédula e fez um compasso de silêncio que demorou alguns segundos…

— Beijou-te como?

— Beijou-me nos lábios e fez-me uma declaração de amor.

— Oh! Meu Deus!!! Não acredito! — Disse-lhe ela quase histérica ao telefone.

— Mas podes acreditar; porque foi verdade!

— Pelo teu arzinho apaixonado, nem duvido! Amanhã não te escapas de me contares tudinho, os pormenores todos.

— Fiquei tão atrapalhada, não estava mesmo nada à espera daquela atitude da parte dele; sabes que, sempre olhei para ele como um irmão mais velho, que também foi, desde sempre, o meu melhor amigo, o meu cúmplice e o meu companheiro de todas as horas e momentos. Por isso, olhar para ele como meu namorado ainda é bastante estranho, é algo ao qual ainda não estou habituada.

— Compreendo-te, Ana! Mas pensa que, é quando nós não estamos à espera que as coisas aconteçam que, elas acabam por saber melhor e se tornam ainda mais especiais; para além disso, o que se estranha também rapidamente se entranha.

— Ainda me sinto muito confusa! Não sei bem como heide agir e o que heide

fazer, tenho receio de dar este passo com o Miguel; porque não quero que nos voltemos a magoar. Tenho medo de o perder…

— E porque haverias de perder uma pessoa que gosta tanto de ti, como tu dela? Sei, perfeitamente, que o Miguel, jamais, te deixará, seja por que motivo for; a forma sentida, profunda e intensa como ele gosta tanto de ti, irá mantê-lo ligado a ti para sempre. Quando se gosta mesmo de verdade de alguém, a distância, pura e simplesmente, não existe; para além disso, o Amor nem sempre magoa, por vezes reinventa-nos.

— Tens toda a razão!

— Vocês já se amam, há imenso tempo, e não vale a pena negares o que sempre foi tão óbvio. Só um cego é que não via a paixão que vos envolvia e consumia, bastava observar com atenção a forma como se olhavam, as manifestações de afecto e os sorrisos cúmplices que trocavam, a cumplicidade que vos unia e a preocupação mútua constante. Tudo isso falava por si, já não era apenas amizade era Amor.

— Assim não estás a ajudar-me!

Mafalda deu uma valente gargalhada.

— Tu e o Miguel andavam a tentar resistir a algo que era inevitável e demasiado óbvio para não ser notado; no entanto, a falta de coragem não vos queria deixar seguir em frente para demonstrarem tudo, um ao outro. Mas, finalmente, parece que conseguiram ultrapassar esse pequeno obstáculo.

— Sinto que preciso de tempo para pensar!

— No Amor não se pensa, age-se! O Amor é um sentimento tão espontâneo e frontal, que nos leva a arriscar no exacto momento em que é sentido. Tu tens o príncipe encantado dos teus sonhos, mesmo à tua frente; estás à espera de quê? Arrisca!

— É fácil falar…

— Mas afinal de contas, o que é que vos impede de namorarem, de gostarem ainda mais, um do outro, e de se amarem. De partilharem ainda mais coisas, de fazerem mais planos em comum e de fazerem ainda mais parte da vida, um do outro? Eu acho que nada…

— De facto, nós não temos qualquer ligação de consanguinidade!

— Então não desperdices a oportunidade nem deixes escapá-la, por entre os dedos, aproveita-a. Queres melhor pessoa para teres, eternamente, ao teu lado que o Miguel? Não deixes fugi-lo; porque não arranjarás mais ninguém igual a ele. Vai por mim; eu nunca vi um Amor tão genuíno e sincero como o que ele demonstra sentir por ti. Ele ama-te de verdade. Porque é que tu, não há-des amar a pessoa de que, provavelmente, tu mais terás gostado, desde sempre? Acho que, tu não tens muitos motivos para estares com dúvidas, receios ou medos.

❀

Ana sabia que Mafalda tinha razão e aquela curta conversa tinha-a ajudado imenso. Já era bastante tarde, quando desligaram o telefone, Ana adormeceu, apesar de ainda se encontrar pensativa e algo renitente; já tinha tomado uma decisão…

No dia seguinte, Miguel foi o primeiro a levantar-se, sentia uma felicidade inexplicável. Vestiu-se rapidamente, preparou tudo para as aulas e antes de descer até à cozinha foi espreitar o quarto de Ana. Ela dormia profundamente, de ar doce e terno e dos olhos dele transbordava, todo o amor que ele sentia por ela: um amor desmedido, demasiado intenso, forte e sentido para não ser notado. Voltou a fechar a porta e foi à cozinha, ainda estavam todos a dormir.

Era pelo silêncio das madrugadas que ele mais se inspirava para os pequenos almoços mais inesperados. Ele começou por pôr a mesa e depois preparou o pequeno-almoço: café acabado de fazer, panquecas com compota de frutos silvestres, ovos mexidos com *bacon*, *Muffins* de chocolate e fruta. Divertia-se sempre imenso a cozinhar; pois, ele adorava combinar sabores e sentir os vários aromas, uma coisa que tinha herdado, com o passar do tempo, da sua mãe; alguns minutos depois, a mãe de Ana chegou à cozinha, deixando-se impressionar e surpreender ao vê-lo ali a fazer o pequeno-almoço.

— Bom dia, Miguel! Eu não estava mesmo nada à espera de te encontrar aqui…

— Bom dia, Joana! Eu sei… Ontem, à noite, eu e a Ana tivemos uma longa conversa acerca de tudo aquilo que se passou nos últimos dias. Expliquei-lhe tudo, pedi-lhe desculpa e acabamos por fazer as pazes.

— Que boas notícias! Fico mesmo muito feliz por saber isso; acho que nem poderia ser de outra maneira.

— Concordo plenamente, Joana! Agora, chegou o momento de eu vos explicar tudo, também a vocês, devo-vos isso. — Disse-lhe ele de ar tímido e comprometido.

— Não posso deixar de concordar, Miguel…

— Por isso, hoje, decidi madrugar para fazer um pequeno-almoço diferente e especial e para depois de comermos, poder ter uma conversa com todos.

— Joana sorriu — Sentir estes aromas diversos, pela manhã, deixa-me sempre bem-disposta; para além de ser delicioso.

❀

De seguida, surgiu Pedro e João, também eles estupefactos com a presença de

Miguel. Foram-se sentando na mesa e Ana foi a última a chegar. Começaram a comer, por entre sorrisos, num clima bem animado e bastante descontraído, recheado de conversas, desfrutando em pleno da refeição. E depois Miguel enfrentou mais um grande desafio, contando tudo à família de Ana. Inicialmente, apoderou-se deles, um profundo sentimento de espanto e incredibilidade; mas depois, quando ele explicou as razões para ter agido daquela maneira, os pais de Ana mostraram-se bastante compreensivos, orgulhosos e acima de tudo comovidos com a atitude dele, reagindo da mesma forma que Ana, deixando Miguel muito mais sossegado e aliviado.

Entretanto, o ambiente animou, num ápice, e Miguel e Ana sentiram que era o momento perfeito para partilharem a grande novidade:

— Agora, eu e a Ana, gostaríamos muito de partilhar convosco uma notícia muito especial!

— Ai, sim?! E de que se trata? — Questionou-o Joana curiosa.

— A conversa que, eu tive ontem com a Ana e estes últimos dias em que nós estivemos separados, fizeram-me perceber que aquilo que sinto por ela sofreu uma grande mudança. Eu continuo a gostar imenso dela; mas é um sentimento mais forte e um pouco diferente, que já vai um pouco para além da amizade. Aos poucos, a amizade que nos une foi-se transformando em algo mais…

— Não acredito! Tu e a minha irmã vão ser mesmo namorados? — Perguntou-lhe logo João estupefacto.

— Mais ou menos! — Disse-lhe ele comprometido — Eu e a Ana gostaríamos de saber o que é que vocês pensam disso.

Joana mostrou-se, momentaneamente, pensativa.

— Eu penso, sinceramente, que essa notícia acaba por não ser uma grande novidade, nem uma grande surpresa para nós, iria acabar por acontecer, mais cedo ou mais tarde.

— Se tivermos em conta, a amizade e cumplicidade que vos une e tudo o que vocês viveram, ao longo do tempo e com a ligação forte que têm, era perfeitamente natural que o amor surgisse. Acho que não nos espanta muito… — Disse Pedro sorridente.

— Ficamos muito contentes por compreenderem e aprovarem o nosso futuro namoro! – Disse Miguel encantado.

— Eu e o Pedro, achamos que vocês já são suficientemente adultos e maduros, já têm idade para fazerem as vossas próprias escolhas livremente, e para terem algum juízo também; mas se é ao lado, um do outro, que vocês se sentem bem e que são felizes, nós não temos nada a opor. Estou de acordo com o que o Pedro disse anteriormente.

— Ponderamos muito sobre isto e a decisão de darmos este grande passo foi

muito mútua; no entanto, acho que era mesmo algo inevitável: não cedermos ao que sentimos, um pelo outro; principalmente ao amor que também nos une para além da amizade. Nós gostamos mesmo muito, um do outro, estamos apaixonados, sentimo-nos bem, ao lado, um do outro, e queremos ficar, juntos. — Disse ele beijando Ana nos lábios, depois entreolharam-se e sorriram, mostrando a forte cumplicidade que os unia.

— Parabéns! O que mais queremos é que sejam felizes!

— Que bom! Fico tão feliz… E vou aproveitar já a ocasião para a dizer o SIM ao pedido de namoro que o Miguel me fez ontem.

Miguel não estava mesmo nada a contar com aquilo, sendo apanhado desprevenido e de surpresa. Abraçou-a intensamente e roubou-lhe o maior de todos os beijos.

— Tu nem consegues imaginar como acabaste de me fazer, tremendamente, feliz ao ouvir-te dizer isso. Eu juro-te e prometo-te que, nunca te desiludirei e que jamais te arrependerás dessa escolha.

— Não tenho dúvidas disso…

— Não poderia ter encontrado uma companheira e cúmplice melhor; ainda bem que, sempre ouvi e segui os conselhos do teu avô. Ele foi sempre uma pessoa bastante sábia da vida e das relações e teve sempre razão, desde a nossa infância.

— Também digo o mesmo. Foste uma das melhores pessoas que entrou, até hoje, na minha vida; parecendo que não, eu cresci e aprendi muito contigo, com a tua simplicidade e com a tua humildade. E podes ter a certeza absoluta, prometo-te e garanto-te que, não vou abdicar assim tão facilmente de ti, da nossa amizade e de tudo aquilo que construímos, até aqui.

Miguel emocionou-se e abraçou-a.

— Gosto mesmo muito de ti!

— E eu de ti!

❀

A emoção apoderou-se de toda a família, perante a paixão e o clima romântico que envolvia Ana e Miguel. E após aquele pequeno-almoço recheado de novidades, muita felicidade e amor, eles regressaram às aulas, de sorriso nos rostos e dedos entrelaçados como prova do amor que, agora, parecia não os querer largar. Pelo caminho, Ana ligou o rádio onde estava a tocar uma melodia bem especial, da qual não estavam à espera. Ela adorava aquela música, por completo, fazia-a sempre pensar muito em Miguel; pois, descrevia-o com um rigor quase perfeito, deixando-a sempre arrepiada. Cada palavra parecia-lhe um

traço dele: *Inolvidable*, da italiana Laura Pausini. Entreolharam-se, cada vez mais apaixonados, os dedos deles entrelaçaram-se com mais força e nada disseram, a cumplicidade parecia querer falar por si. Deixaram-se apenas envolver e levar por aquela melodia mais que perfeita.

Chegaram à escola, num clima de romance, alegria e felicidade que não passou despercebido a quem os conhecia, realmente, bem. Para as amigas de Ana, tornava-se difícil controlar a euforia que sentiam com o namoro, de ambos, comentavam que eles eram o par perfeito e que ficavam lindamente, juntos. Eles não podiam deixar de concordar. Já Isabel, empalideceu perante aquele cenário inesperado; no intervalo grande da manhã, quando Miguel se encontrava sozinho, à espera de Ana, ela aproveitou e foi ao seu encontro.

— Fartei-me de te ligar ontem à noite, não viste as chamadas e mensagens que te deixei? Por onde andaste? — Questionou-o ela chateada e com maus modos.

— Bom dia, primeiro que tudo… — Disse-lhe ele, cumprimentando-a de ar sério.

Mas Isabel continuou com as suas questões

— Ontem, eu fui à Praia do Guincho saber de ti e não te vi lá… Aonde foste e mais importante que tudo, com quem foste?

— Para começar, acho que não tenho que te dar satisfações da minha vida e muito menos: aonde vou e com quem vou.

— Tens, sim! Afinal de contas, és meu namorado! — Disse-lhe ela, novamente, com maus modos e de voz azeda.

— Será?

— O que queres dizer com isso? — Questionou-o ela de ar ansioso e impaciente.

— Nada em concreto! Deixa-me apenas fazer-te uma pequena pergunta: eu também controlo e te questiono acerca dos sítios aonde vais e com quem vais?

— Não! Mas…

— Então, parece-me que estamos mais do que esclarecidos e que conversados.

— Não gostei nada do que vi quando chegaste, de manhã... Afinal de contas, o que é que se passa entre ti e a Ana? A vossa amizade não tinha já acabado?

— De facto, já devia ter acabado; mas depois decidi pensar melhor e mudei de ideias. A minha amizade com a Ana sempre foi muito superior a qualquer coisa que se lhe atravessasse no caminho e eu não podia deixar que tu quebrasses isso.

— Meu Deus! O que é que fizeste? — Disse ela incrédula.

— Fiz aquilo que estava certo! Já estava farto daquela situação, de ser, constantemente, obrigado por ti a ser uma pessoa diferente e a fazer coisas com as quais não concordava só para provocar e magoar a Ana. Já não aguentava nem mais um dia, o sentimento de culpa e o arrependimento que, me corroíam a

alma, diariamente; por isso, ontem, à noite, combinei um encontro com ela e contei-lhe tudo.

— Tu, o quê?! — Anuiu Isabel em choque.

— Foi isso mesmo que tu ouviste! Contei-lhe tudo e já fizemos as pazes.

— Parece-me que não estás a cumprir com o nosso acordo e isso vai obrigar-me a tomar medidas drásticas.

— Tu não vais fazer nada contra a Ana…

— Quem te disse?!

— Digo-te eu! Eu não vou permitir, nem vou deixar.

— Isso, é o que vamos ver! Fartei-me de te avisar para não te atreveres a fazer-me frente e a desafiar-me. Quiseste fazer a escolha errada.

— A escolha não foi errada; na verdade, eu nunca me senti tão feliz e aliviado pela escolha que fiz. Foi a melhor, a mais justa e a mais acertada.

— Tudo bem! Tu é que sabes…

— Deixa-me só fazer-te um aviso: nem te atrevas a magoar ou a fazer o que quer que seja à Ana, ouviste? Livra-te!

— Porquê? Vais bater-me é?

— Não! Sabes, perfeitamente, que eu não faço esse tipo de coisas; mas, eu posso espalhar, facilmente, pela escola inteira o que tu me fizeste passar e garanto-te que não será bonito de se ver. Eu aposto que, as tuas amigas não vão querer conhecer a verdadeira Isabel.

— Não eras capaz de fazer isso…

— Não? Tens mesmo a certeza disso? Olha que, nunca falei tão a sério!

— Vá lá, eu fiz sempre tanto por ti…

— Acabou aqui a conversa! É verdade, deixa-me só dar-te uma novidade bastante recente, que tu ainda não deves saber: eu e a Ana namoramos. E ao contrário do que acontecia contigo, ela faz-me muito feliz, faz-me sentir completo e realizado e ama-me de maneira diferente, sem ciúmes, sem egocentrismos e sem obsessões; para além de que, é bem melhor do que tu.

Isabel estava incrédula, cheia de raiva e quase em choque.

— O quê? Isso, só pode ser uma piada de mau gosto… Tu apenas estás a dizer isso, para me atingires e para me magoares, não?

— Acho que nunca falei tão a sério na minha vida!

— Não acredito!!! Como é que foste capaz? Não tinhas o direito de me fazer isso… Desde quando é que namoram?

— Acho que para os corações de ambos, desde sempre!

— Já namoravas com ela, enquanto namoravas comigo?

— Nem vou perder o meu tempo a responder a isso!

— Diz lá… Agora estás com medo?

— Sabes muito bem que, eu e a Ana sempre fomos apenas dois bons amigos…

— És um mentiroso! Um traidor e uma farsa!

— Pensa o que tu quiseres! Não quero saber, nem me interessa. Fica bem e continuação de boas aulas! — Disse-lhe ele virando-lhe as costas e dirigindo-se para o bar para ir ter com Ana.

❀

Ana já se encontrava no bar, à espera de Miguel e desesperava, inquietamente, por ele se estar a demorar e ainda não ter aparecido; já que, ele era sempre o primeiro a chegar. Já tinha tentado ligar-lhe; mas o telefone dele estava desligado, começava a sentir uma evidente preocupação; porém, poucos minutos depois, ele entrou ao bar, bem-disposto e alegre como era habitual.

— Chegaste, finalmente! Eu já estava a ficar mesmo preocupada contigo, onde estiveste para, demorares tanto? — Perguntou-lhe ela roubando-lhe um beijo nos lábios.

— Desculpa, princesa, por te fazer esperar! Cruzei-me com a Isabel pelo caminho e já sabes como ela é…

— Ui! Já estou a mesmo a ver o filme… Ela decidiu fazer mais uma cena de ciúmes!

— Quase! Porém, eu não lhe dei, a mínima, hipótese. Impus-me, disse-lhe umas verdades e silenciei-a logo.

— Fizeste muito bem! É o que ela merece!

— Ela não pode achar que pisa os outros para conseguir o que quer; era o que mais faltava…

— Concordo plenamente!

— Coitada, quase ia perdendo a cor quando lhe contei que estávamos juntos e namorávamos.

— A sério? — Disse-lhe ela rindo-se — Deve ter sido um choque tremendo para ela e uma terrível maldade; eu confesso
que adorava ter visto a cara dela.

— Não desmaiou à minha frente, por pouco…

— Oh, que pena! — Gozou ela.

— Eu acho que ela não estava mesmo nada à espera deste desfecho da situação, foi completamente apanhada de surpresa. Pensava que, eu ia ficar submisso a ela, o resto da minha vida…

— Deus me livre! – Anuiu ela incrédula.

— A quem o dizes! Ainda bem que, eu tomei consciência a tempo do grande erro que estava a cometer: ao me deixar manipular e controlar pela Isabel e que superei todos os medos que eu sentia, para assim poder pôr um fim a toda aquela injusta situação; caso contrário, não sei qual seria o desfecho da mesma.

— Provavelmente, irias viver infeliz o resto da tua vida, só para cederes aos caprichos dela e para a fazeres feliz.

— Nem duvides! Acho que se continuasse ao lado dela por muito mais tempo, morria de certeza absoluta; aliás, já estava a começar a ficar fora de mim.

❀

Ana pousou a sua mão em cima da mão dele e confortou-o, de seguida entreolharam-se, trocaram um sorriso bem cúmplice e tomaram o habitual café com o pastel de nata, num clima descontraído e recheado de felicidade. Depois, seguiram abraçados e cada vez mais enamorados para o resto das aulas.

Ao final do dia, foram juntos para casa e aproveitaram para descansar no sofá, deitados no colo, um do outro, aproveitando a solidão do lar. Ana ligou a aparelhagem da sala e pôs uma música, ao acaso, a tocar; foram surpreendidos pela italiana Laura Pausini que os brindou, de novo, com uma das suas incontornáveis melodias, desta vez com: *Las Cosas que vives*. Fazendo com que se envolvessem num abraço infinito e num respirar mútuo e melódico.

Ana dizia, imensas vezes, que aquela melodia seria sempre o hino da sua amizade com Miguel e de facto, tudo aquilo que tinham vivido encaixava, perfeitamente, na letra da música. À medida que a música avançava, Ana fazia por percorrer lenta, delicada e suavemente os longos e finos contornos dos dedos de Miguel; a envolvência daquele momento, fez com que ela não fosse capaz de resistir por muito mais tempo, incentivando-a a amar, freneticamente, aquela alma gémea quase perfeita e a beijá-la infinitamente. E assim foi…

Sem receios, ela decidiu arriscar: aproximou, lentamente, o seu rosto do rosto dele deixando-se ficar olhos nos olhos com ele e beijando-o de seguida nos lábios com intensidade, mostrando todo o amor e paixão que sentia por ele. Num ápice, se
deixaram perder um no outro, por tempo indefinido e assim ficaram durante longos minutos, unidos para sempre como um só, saciando vontades, desfrutando de emoções e de sentimentos e demonstrando, um ao outro, tudo o que lhes ia na alma e no coração. Miguel mostrou-se embasbacado, derretido e ainda mais apaixonado, perante aquela atitude inesperada, arrojada e rebelde de Ana, deixando-se envolver, ainda mais, pelo momento. Sentia-se muito feliz, por

ela ter mudado de ideias e ter aceitado namorar com ele. Não haveria ninguém melhor do que ela para ficar ao seu lado para sempre.

Eles nem deram pelo tempo passar, tal era a forma profunda e intensa como se entregavam, um ao outro, quando ambos se aperceberam já era hora de jantar e a casa estava prestes a perder o seu sossego.

Uma data especial

As semanas que se seguiram foram duras e exaustivas para Ana e Miguel, com o final das aulas. Era altura do tudo ou nada para os exames nacionais, que começariam dali a poucos dias, era o último esforço e o derradeiro sacrifício; já que nenhum queria passar as férias de Verão fechado, em casa, a estudar. Para além disso, eles tinham como objectivo principal fazerem todos os exames na primeira fase: que decorria até à primeira semana de Julho e era por isso que andavam a lutar tanto.

Não havia quase espaço, nem tempo para passeios, idas ao cinema ou até saídas nocturnas com os amigos. Cada minuto era importante, não podia ser desperdiçado e devia ser aproveitado, ao máximo, para estudar; por vezes, mal tinham tempo para uma curta conversa, estavam mesmo, ambos, focados naquele fulcral objectivo. Porém, Miguel andava há já alguns dias, ansioso para conseguir ter um pouco de tempo livre para mostrar a Ana, uma música que ele andava a ouvir durante as suas maratonas de estudo. Tinha-a descoberto, por mero acaso, numa das poucas vezes em que havia decidido ligar o rádio e tinha ficado com a melodia na cabeça. Tinha um ritmo fantástico e contagiante, Miguel estava mesmo viciado naquela música.

Mas o motivo principal, pelo qual ele queria mostrar a música a Ana tinha a ver com um verso da letra que o tinha tocado, particularmente: *I need you like a heart, needs a beat. But it's nothing new,* fazia-o pensar, logo, em Ana. No quanto a amava e gostava dela, e como sentia, de maneira intensa, que precisava dela ao seu lado para sempre. Aquele singelo verso, falava exactamente disso: da importância vital de alguém para a nossa vida. Ele queria mesmo mostrar aquele verso e aquela música à sua amada e saber aquilo que ela pensava da música e se ela também olhava para aquele verso especial, da mesma forma que ele; por isso, após o jantar; enquanto estavam sentados no sofá a descontrair e a descansar um bocadinho; Miguel aproveitou a oportunidade:

— Princesa? — Disse-lhe ele, resgatando-a do seu ar mais concentrado na série cómica que passava na televisão.

— Sim, amor?

— Desculpa estar a interromper…

— Oh! Estás farto de saber que tu nunca me interrompes!

— Gostava muito de te poder mostrar uma música que tenho andado a ouvir, pode ser agora?

— É claro que pode! — Disse-lhe ela de sorriso apaixonado, roubando-lhe um beijo nos lábios.

— Não te importas, mesmo?

— Sabes que não; para além disso eu posso, perfeitamente, continuar a ver a série mais tarde ou até noutro dia. Confesso que, agora, tu me deixaste mesmo muito curiosa para conhecer essa música.

— Posso adiantar que, de certa forma, a música tem muito a ver contigo.

— Ana mostrou-se espantada — A sério? Bem… Sendo assim, é difícil conter a ansiedade e o entusiasmo.

Ele sorriu tímido e comprometido…

— Eu ando, há imensos dias, para ta mostrar; mas com todo o tempo ocupado que temos tido, ainda não tinha surgido o momento ideal.

— Então não me faças esperar mais e mostra-me tudo.

❀

Miguel pegou nos seus auscultadores de música e passou-os a Ana, ficando de seguida muito atento a todas as reacções da amiga, à música. Aqueles, poucos, três minutos pareciam horas; as expectativas eram muitas; só esperava que ela também se deixasse encantar pela música tanto, quanto ele. Mal, podia esperar para saber; Ana balançava-se ao som da música e ia cantarolando alguns versos soltos; alguns minutos depois retirou os auscultadores e devolveu-os a Miguel.

— Então, o que é que achaste? Gostaste? — Perguntou-lhe ele expectante.

— Confesso que não conhecia a música, nem a banda que a canta; porém, gostei bastante. É uma balada calma; mas ao mesmo tempo, mexida que se inicia com uma batida intensa e contagiante, aliada aos *backing vocals* do Timbaland, seguida pelas deliciosas notas do piano. Para além disso, é uma música que apresenta uma mistura de sons e diversos instrumentos à qual ninguém fica indiferente e tem um ritmo fantástico que nos vicia, de imediato, e que dá mesmo vontade de levantar o pé do chão.

Miguel não conseguiu conter um leve sorriso…

— Concordo contigo, em tudo! Eu acho que é uma música que tem um *groove* incrível, ando mesmo viciado… Tenho-a ouvido imenso.

— Acredito! É uma música que nos vicia por completo, também gostei bastante. Eu acho que também vou começar a ouvi-la mais vezes, mexeu comigo

e também me fez pensar imenso em ti… — Disse-lhe ela sorrindo e mostrando-se suavemente envergonhada e comprometida de amor.

— Estás a pensar no mesmo que eu?

— Desconfio que sim… Aquelas palavras que, fazem parte da letra da música, dificilmente passariam despercebidas a alguém que se ama tanto, como acontece connosco.

— Miguel corou — Nem imaginas como me deixas feliz e satisfeito, por saber que tu sentes e olhas a música na mesma medida e intensidade que eu.

— Nem poderia ser de outra maneira! — Disse-lhe ela sorrindo apaixonada, entrelaçando os seus dedos nos dele e roubando-lhe um beijo repenicado.

❀

Nos dias de estudo que se seguiram, até ao final dos exames, *Apologize*, da banda norte-americana: *OneRepublic* foi a banda sonora de vários momentos, vividos a dois: momentos de estudo, de descontracção, de conversas inusitadas, de partilhas e de inúmeras gargalhadas e de passeios. Aquela música parecia querer persegui-los para todo o lado; uma vez que, estava sempre presente, já fazia parte deles e do seu dia-a-dia e trazia-lhes plena felicidade.

E os exames nacionais correram bem, tanto a Ana como a Miguel, quando o mês de Julho chegou sentiam-se completamente exaustos e a precisarem, urgentemente, de férias. Só esperavam que a entrega, o esforço, o espírito de sacrifício, as noites sem dormir e as muitas horas de estudo tivessem valido a pena. Na véspera, da saída das notas finais, a ansiedade e o nervosismo eram incontroláveis; no entanto, Miguel não queria pensar muito nisso. No dia seguinte, era o seu aniversário e o de Ana; para além disso, celebravam também uma década de amizade e o quanto isso era incrível e emocionante, tocava-o e mexia imenso com ele. Tinha sido e (continuava a ser) uma jornada longa recheada de dificuldades, de obstáculos e de lutas; mas também de muitas conquistas a dois, de muitos momentos especiais e únicos, de muitas partilhas e de muita cumplicidade e companheirismo. Amizades assim, eram uma relíquia a manter e precisavam de ser preservadas, relembradas e celebradas sempre: todos os dias e à medida que o tempo e a idade vão avançando.

Miguel tinha cada vez mais certezas que Ana era a pessoa que ele tanto tinha procurado, desde que era miúdo. A amiga especial que ele queria que ficasse para toda a vida e que ele tinha a certeza absoluta, sem qualquer dúvida, que iria mesmo ficar ao seu lado; mas não seria apenas a vida toda, seria também para todo o sempre. Tinha a cabeça cheia de ideias. Não queria mesmo deixar as celebrações, daquelas duas datas, apenas para o dia seguinte, queria um final de

noite perfeito; por isso, ele tinha que começar a preparar tudo o quanto antes, uma vez que, tanto ele, como Ana já tinham planos marcados com os respectivos grupos de amigos, para aquela mesma tarde, e o tempo escasseava. Desde o final das aulas que, não sabiam o que eram saídas nocturnas; por isso, mal acabaram os exames, Ana combinou logo um programa com as melhores amigas e Miguel segui-lhe as pisas e fez o mesmo; mas a noite que se aproximava, estava reservada apenas aos dois.

O final de tarde foi bastante atarefado, Miguel queria ter tudo pronto a tempo, antes da sua princesa chegar a casa; por isso, decidiu pediu ajuda a Joana na concretização das suas ideias. Num ápice, o alpendre de casa ficou interdito a todos e reservado para o momento especial que se avizinhava pelas doze badaladas; depois do jantar, enquanto esperava que Ana chegasse, Miguel aproveitou para ver um filme de acção: os seus preferidos. No entanto, o tempo parecia não querer passar e era cada vez mais difícil, para ele, conter o nervosismo e a ansiedade, estava desejoso para ver a reacção dela quando visse o que ele tinha preparado para aquela noite, a dois.

Ana estava a demorar-se e nunca mais chegava a casa; por isso, ele optou por esperar por ela no alpendre, aproveitou a noite de um calor tórrido de Verão e o céu esplendorosamente estrelado para se deitar com os seus pensamentos e de coração preenchido de amor, na esteira onde todas as noites, ele gostava de namorar com Ana. Deitados no colo, um do outro e abraçados sob o balanço da imensidão da vida que parecia ter sido feita para eles ficarem, juntos para sempre; entretanto, Ana chegou, por fim, a casa, acordando o seu jovem namorado do seu sono acordado. Miguel pegou no telemóvel e enviou uma curta mensagem escrita à sua princesa, pedindo-lhe que vestisse a sua melhor roupa e que fosse até ao alpendre, ter com ele.

Ela mostrou-se surpreendida e desconfiada; mas, ao mesmo tempo, também algo curiosa e expectante, perante a mensagem de Miguel; apressou-se a correr em direcção ao quarto e a arranjar-se, vestindo um vestido curto, azul-escuro e com lantejoulas, digno de uma noite especial e que Miguel gostava muito; porque destacava a silhueta dela, definindo as curvas do seu corpo e salientando o bronzeado. Apertou o longo cabelo louro num rabo-de-cavalo, deixando só uma pequena madeixa de franja solta para dar um ar romântico e sofisticado ao peteado e ao *look*. Por fim, uma maquilhagem suave e discreta, uns acessórios especiais, um toque de perfume bem sedutor e umas sandálias cinza de salto em cunha. Uma última mirada, ao espelho, e estava pronta, desceu as escadas, de seguida, em direcção ao alpendre, cheia de curiosidade, entusiasmo e expectativas.

Ao chegar junto de Miguel, Ana nem queria acreditar naquilo que os seus

olhos viam. Ficou, completamente, estupefacta; o alpendre encontrava-se decorado com vários balões vermelhos, e pequenas velas acesas a toda a volta do mesmo; havia, no centro, uma mesa toda posta a rigor: com duas velas vermelhas acesas, vários petiscos e um belíssimo *bouquet* de rosas também vermelhas em cima. O champanhe continuava a refrescar banhado em gelo; só faltavam a música perfeita que começou a tocar automaticamente: *Stay with me*, de Sam Smith. Ana não conseguia descrever a felicidade e paixão gigantescas que sentia, praticamente nem tinha palavras.

— Uau!!! Que cenário idílico… Está tudo tão bonito! Não estava mesmo nada à espera.

— Boa noite, minha princesa! — Disse-lhe ele sorridente e com o ar mais enamorado do mundo, como se o seu olhar fosse feito de mil e um diamantes cintilantes, aproximando-se dela, abraçando-a intensamente e beijando-a sem tempo.

— Espero que gostes…

— Como poderia não gostar? Eu acho mesmo impossível; porque está tudo magnífico e aquele teu cuidado especial nos pormenores… nunca falha.

— Eu fico muito feliz por saber que gostas, foi quase tudo feito por mim, com todo o carinho e amor, só para ti.

— Eu jamais duvidaria disso! — Disse-lhe ela, abraçando-o inesperadamente e acariciando lenta e apaixonadamente o rosto dele.

— Mas tenho que te confessar que, nalguns detalhes pedi a colaboração da tua mãe. — Disse-lhe ele algo comprometido e tímido.

— Não faz mal! O que conta é mesmo a intenção e as tuas são sempre as melhores; para além disso, tu já sabes que para mim são sempre importantes e têm sempre imenso valor.

— Eu não queria deixar mesmo passar, em branco, a celebração destas duas datas tão importantes para nós; por isso, lembrei-me de organizar um final de noite especial para estarmos algum tempo sozinhos a festejar.

— De facto, não poderia ter sido mais perfeito; aliás, uma ideia como esta só poderia vir mesmo de ti. És maravilhoso e é incrível como nunca deixas de surpreender-me…

Ana aproximou-se da varanda para ver a noite e a acalmia que os envolvia; enquanto ele se dirigiu até ao balde de gelo, onde se encontrava a garrafa de champanhe doce a refrescar. Pegou nela, abriu-a e encheu dois copos.

— Brindamos?! — Propôs Miguel.

— Claro que sim!

— À amizade mais incrível e mais duradoira que eu fiz na vida e ao nosso

amor que, veio para ficar e completar tudo o resto e que tenho a certeza que será para sempre.

— Ao melhor amigo e à melhor alma gémea de todos os tempos e a tudo aquilo que o coração será incapaz de dizer; mas as palavras poderão tentar descrever.

❀

Miguel mostrou-se comprometido, envergonhado e ainda mais apaixonado que nunca, sentia que tinha o peito cheio de amor para oferecer à única mulher capaz de lhe roubar intensamente o coração. E após um longo brinde e um beijo cheio de amor e paixão, Ana dirigiu-se junto da mesa e colocou uma nova música a tocar: *All of Me* do norte-americano John Legend, que Miguel adorava. Depois, pegou em duas espetadas de Morangos envolvidos em chocolate e voltou para junto do seu amado, sentaram-se numa das cadeiras de balançar, no colo um do outro, infinitamente, apaixonados e aproveitaram para namorar sem olharem às horas e para trocarem alguns presentes simbólicos, entre: gestos, de amor, carinho e ternura; inúmeras manifestações de afecto, beijos apaixonados e muita cumplicidade.

Porém, para eles, os presentes eram aquilo que menos importava; porque, o maior e melhor presente que podiam oferecer, um ao outro, o mais importante de todos e o mais simples e simbólico era: a presença de cada um na vida, um do outro e o verdadeiro amor que sentiam e viviam e que tanto os unia.

— Nem imaginas quão feliz me sinto, por estar aqui contigo, a sós, a festejar…

— Também eu! Merecíamos mesmo um momento destes, a dois! Eu sinto-me tão grata por tudo e por tanto que, aprendi, vivi e partilhei contigo. Acho que chegarmos até aqui era mesmo mais que óbvio e que inevitável, perante a cumplicidade e amizade que sempre nos uniu.

— É verdade! Sinto como se já tivesse vivido uma vida ao teu lado!

— E quase foi, passados estes dez anos. Nós crescemos e vivemos sempre, juntos, e de certa maneira, vimo-nos amadurecer: deixamos de ser crianças, para nos tornarmos adolescentes e depois adultos. Descobrimos o amor, partilhamos escolhas, experiências, momentos e conversas, pedimos conselhos e opiniões. É extraordinário ter alguém como tu, permanentemente, ao meu lado.

— Podes crer! Faço das tuas, as minhas palavras. Obrigado por tudo o que me deste e que fizeste por mim, sabes que contino sem saber a melhor forma de te agradecer. Há pessoas para as quais um simples agradecimento não é suficiente e

tu és uma delas. Há atitudes e gestos que tiveste para comigo que serão sempre impagáveis.

— Não tens nada que agradecer! Só espero que este percurso, a dois, se prolongue ainda mais pela vida fora.

— Não tenho a mínima dúvida que, isso vai mesmo acontecer, agora que nos tornamos um só.

— Ana sorriu apaixonada — Já te disse que te amo muito?

— Por acaso… Hoje acho que não! — Disse-lhe ele pensativo, rindo-se bastante corado.

❀

Ana considerava-se uma romântica incurável; por isso decidiu fazê-lo da forma mais improvável, especial e inesperada: junto à mesa num inusitado recanto, ela tinha escondido uma pequena caixa de cartão que lhe ofereceu, de imediato.

— Uma prenda especial para a pessoa que mais amo!

— Meu Deus!!! Não acredito! Uma prenda especial para mim? Não estava mesmo nada à espera… — Disse-lhe ele de ar incrédulo e comprometido.

— Sabes que eu adoro presentear-te com os melhores presentes inesperados.

Ele pegou na pequena caixa e nem quis acreditar quando a abriu…

— Oh! Uma declaração de amor feita em chocolate: *Para ti, com todo o meu amor. És a minha vida. Amo-te.* (rodeada de bombons em forma de coração)

— Gostas?

— Eu não gosto… Eu amo!!!!

— O chocolate também será sempre um autêntico símbolo do amor; por isso, que no futuro possamos ser tão ou mais felizes do que somos hoje e que o nosso amor, nunca, jamais, se desvaneça.

— É tudo o que mais quero e desejo; afinal de contas, para ser feliz só preciso de ti ao meu lado, nada mais.

— Também sinto o mesmo! Tu és o meu pico de felicidade máximo.

❀

Miguel sorriu comprometido e alguns minutos depois, ele não perdeu tempo a partilhar um chocolate com a princesa do seu coração. Aproximaram-se, novamente, da varanda, abraçados e deixaram-se levar pelo sabor intenso, doce e afrodisíaco do chocolate que despertava todos os sentidos, de ambos. Beijaram-se longamente, mais uma vez, e depois Miguel fez um convite especial a Ana:

— Preparei uma ceia especial para nós; por isso, eu quero convidar-te para te sentares comigo, à mesa, para a podermos degustar, juntos. Aceitas? — Disse-lhe ele sorridente, feliz e satisfeito.

— Como poderia eu, alguma vez, recusar? É claro que, eu aceito com o maior gosto e prazer. — Disse-lhe ela embevecida.

❀

De dedos entrelaçados, encaminharam-se para a mesa, ele ajudou-a a sentar-se e de seguida escapuliu-se para a cozinha para trazer os *cocktails* de morango, os diversos canapés e os camarões grelhados que tinha feito. Poucos minutos depois, Miguel estava de volta com um enorme tabuleiro nos braços.

— Voltei! Desculpa a demora, mas havia tanta coisa para trazer que não consegui despachar-me mais depressa…

— Oh! Não faz mal! Podias ter-me pedido ajuda, eu não me importava nada de te ir ajudar a trazer as coisas.

— Achas mesmo? Em dias especiais, como este, as almas gémeas são as rainhas e como tal, não têm que fazer, rigorosamente, nada; apenas aproveitar e desfrutar.

— Pronto, eu já vi que não adianta! Continuo a ter o namorado mais teimoso de sempre.

— Miguel riu-se divertido — Já sabes que, a teimosia é o meu pior defeito…

— Podes crer!

❀

Ele sentou-se à mesa e começaram a beber os *cocktails* e a degustar os canapés; à medida que, iam recordando algumas memórias e alguns momentos específicos das suas vidas. Por entre conversas inusitadas, gargalhadas e intensas manifestações de afecto. Antes de começarem a degustar os camarões, Ana decidiu fazer um convite especial a Miguel:

— O que achas de terminarmos esta nossa noite com uma dança especial?

— Acho perfeito!

— Eu acho que, tenho a música ideal para este nosso final de noite…

❀

Ana dirigiu-se à aparelhagem e pôs a tocar, uma das suas músicas preferidas: *Bound to You*, da norte-americana Christina Aguilera. Uma música que espelhava muitíssimo bem, o que Ana sentia; ela queria permanecer ligada a ele para sempre. De seguida, esticou as mãos para ele, ele levantou-se da mesa,

dirigiu-se a ela e abraçados balançaram durante algum tempo, felizes e apaixonados; trocando beijos longos e intensos, carícias e sorrisos. Aquela era uma música tão profunda, forte e emocional, quão a amizade e o amor que tanto os unia e deixaram-se levar: lenta e suavemente através de cada nota, e de cada palavra. Quando a música terminou, regressaram à mesa, brindaram novamente com o champanhe, comeram os camarões e ainda houve tempo para tirarem algumas fotografias antes de irem dormir.

Aquele final de noite tinha passado a correr, quando Miguel olhou para o relógio de pulso, já passava da meia-noite, era bastante tarde e ele tinha consciência que precisavam de descansar; pois, o dia seguinte, iria ser de emoções bem fortes. Arrumaram o alpendre, juntos; levaram a loiça suja para a cozinha e colocaram-na na máquina de lavar e de seguida subiram para os respectivos quartos.

Ana decidiu levar consigo uma singela recordação daquela noite tão inesperada quão especial: um dos muitos balões vermelhos, em formato de coração, que Miguel havia enchido para decorarem o alpendre. Sabia que, era uma lembrança de duração finita; porém, enquanto ela durasse e sempre que ela olhasse para ela, iria recordar-se de algo muito importante, são os pequenos gestos que, marcam pela diferença e que fazem das pessoas, grandes pessoas.

Um jantar Inesquecível

A pesar do final de noite bem descontraído que eles tinham tido, Ana e Miguel tiveram algumas dificuldades em adormecer; uma vez que, a vida de ambos se iria decidir na manhã do dia seguinte, com a derradeira saída das notas dos exames nacionais. Sentiam-se ansiosos e nervosos; porque, eles sabiam daquilo que eram capazes, que tinham estudado muito, que tinham dado tudo de si e, mais importante ainda, o melhor de si: dedicando-se, aplicando-se e esforçando-se, ao máximo, e que tinham abdicado de muitas coisas que gostavam de fazer para conseguirem ter os melhores resultados. Portanto, esperavam que as respectivas notas fizessem justiça a todo o trabalho que haviam tido.

Miguel foi o primeiro a madrugar e minutos depois, Ana; ao contrário dos outros dias, desta vez o pequeno-almoço não poderia ter sido mais especial, recheado de presentes e felicitações e com uma mesa farta. Depois de terem sido cantados os parabéns, eles subiram aos seus quartos para acabarem de se arranjar; no entanto, as surpresas não se iriam ficar por ali. Miguel foi à gaveta da sua secretária e retirou do seu interior um pequeno saco azul, em veludo, de seguida dirigiu-se para o quarto de Ana. Bateu à porta e espreitou para o interior, ela estava sentada na cama a calçar-se:

— Posso entrar? — Perguntou-lhe ele de sorriso rebelde e de mãos atrás das costas.

— Claro! Estás com um ar um pouco suspeito…

— Miguel riu-se — Não deixas mesmo passar nada!

— Já sabes que te conheço como a palma da minha mão e que sou muito perspicaz. O que é que escondes atrás das costas?

— Assim, a tentares espreitar a todo o custo, vais estragar a surpresa toda; mas pronto, eu perdoo-te. Toma, é para ti! — Disse-lhe ele esticando o braço esquerdo para ela e oferecendo-lhe o pequeno saco

— Oh, um presente para mim? — Exclamou ela envergonhada

— Abre… Espero que gostes!

— Obrigada, és mesmo um amor! Não estava mesmo nada à espera!

— Era essa a minha intenção… Surpreender-te!

❀

Miguel mostrou-se embevecido e ficou expectante e estático, a observar Ana a retirar a pequena caixa de veludo azul. Ele não conseguia tirar os olhos da sua princesa, estava ansioso e desejoso para saber se ela tinha gostado do presente.

— E então… Gostaste? — Questionou-a ele de ar impaciente e apreensivo.

— Uau!!! Amei, por completo! — Disse-lhe ela de ar incrédulo e recheado de amor e paixão.

— Que bom! Tu nem imaginas como eu fico feliz e satisfeito por sabê-lo!

Ana mostrava-se mesmo deslumbrada com o presente: um par de belíssimos brincos, em ouro branco, muito discretos e com o formato de uma rosa vermelha. Imediatamente, aproximou-se do espelho da sua secretária para colocá-los.

— Ficam-me lindamente, não achas? — Perguntou-lhe.

— Acho, pois! Às pessoas mais bonitas, simples e discretas, como tu, tudo fica maravilhosamente bem.

— Esses teus elogios, sempre sinceros e verdadeiros, deixam-me sempre sem saber o que dizer…

— Já sabes que eu adoro deixar-te sempre sem palavras!

Ana abraçou-o bastante emocionada e beijou-o com intensidade.

— Eu sei disso! Muito obrigada pelo presente; continuas a ser incrivelmente perfeito nos pormenores que fazem sempre toda a diferença.

— Não tens nada que agradecer; já sabes que, para mim, é sempre um prazer e uma satisfação enormes poder mimar-te com os melhores presentes e claro com todo o meu amor. Tu serás a minha princesa para sempre! — Disse-lhe, de ar tímido e comprometido.

— Oh… E tu sabes que, eu também te amo muito e que te quero imenso ao meu lado, para todo o sempre.

— Vamos andando? — Perguntou-lhe ele, beijando-a delicadamente na testa.

— Ainda não… — Anuiu, de ar pensativo e misterioso.

— Ui! Porque será?

Ana dirigiu-se à sua mala e do seu interior retirou um pequeno embrulho.

— Achavas mesmo que me ia esquecer de ti, neste nosso dia? Nem pensar… Aqui tens o teu presente!

— Ena! Também tenho direito a presente? – Brincou ele.

— É claro que sim!

— É para abrir já ou fica para mais tarde?

— É para abrires, agora! Nunca se deixam detalhes especiais para depois…

— Humm… Eu estou a ficar muito curioso! — Disse-lhe ele sorrindo e começando a abrir, lentamente, o presente.

Em escassos segundos, ficou sem palavras quando descobriu uma singela moldura, em formato de coração, com uma fotografia de ambos, tirada durante a viagem às Astúrias.

— Vá! Diz qualquer coisa… — Pediu-lhe ela, expectante.

Miguel abraçou-a e beijou-a sem perder tempo…

— Amo-te e amei literalmente o presente! É lindo… E vai ficar ainda mais bonito em cima da minha secretária, para eu poder olhar-te e admirar-te todas as vezes que me apetecer e para perder, literalmente, a cabeça pela princesa mais bela do planeta.

De seguida, roubou-lhe um beijo: lento, profundo e demorado e de dedos bem entrelaçados foram para a escola. Sentiam um enorme formigueiro na barriga e os corações aos saltos e havia uma emoção inexplicável dentro deles. Tentavam ter pensamentos positivos; porém, era cada vez mais difícil. Os nervos e a ansiedade tomavam conta deles a uma velocidade galopante, à medida que o tempo passava; por isso, mal chegaram à escola, foram até ao bar tomar um café e a seguir juntaram-se a ambos os grupos de amigos, para um agradável momento de convívio e descontração.

Estiveram a conversar sobre o futuro; sobre sonhos: todos eles diferentes; ambições e expectativas. Quase todos pretendiam seguir cursos diferentes e isso fez prolongar a conversa. Já tinha passado quase metade da manhã, quando Ana e Miguel se dirigiram ao interior de um dos pavilhões para verem as notas. Ana propôs, de imediato, que as vissem em conjunto; ele concordou logo e poucos momentos depois a felicidade descrevia, sem qualquer dúvida, o melhor estado de espírito que eles poderiam apresentar. Miguel tinha as disciplinas todas feitas com muito boas notas e com uma média final de dezasseis valores, nada que não fosse de esperar e Ana tinha concluído o secundário com uma média de dezanove valores, o que deixou Miguel muito embevecido e orgulhoso, perante a conquista da sua amada. Ela merecia mesmo aquela grande vitória.

Ana estava, indescritivelmente, feliz, realizada e orgulhosa: por, finalmente, se encontrar a um pequeno passo de concretizar o seu maior sonho: entrar em Medicina.

— Conseguimos!!!! — Gritaram, um para o outro, felizes e eufóricos, abraçando-se intensamente.

— Podes crer! Passamos a todos os exames com boas notas, ainda mal consigo acreditar que vou para o último ano do secundário. Sinto-me tão feliz,

orgulhoso e realizado, tu nem imaginas… — Disse-lhe logo Miguel excitadíssimo.

— Acredito que sim! — Ana não pôde deixar de sorrir — Afinal de contas bem mereces; porque também te esforçaste imenso…

— Obrigado, princesa! Sabes, não queria, de forma alguma, defraudar as vossas expectativas, nem queria nada desiludir-vos depois de tudo o que fizeram por mim e para me ajudarem; por isso, eu tinha mesmo me esforçar ao máximo e que dar o melhor e tudo de mim, para terminar mais um ano com boas notas. Para além disso, eu queria dar aos meus pais mais um motivo para terem orgulho em mim.

— E conseguiste!

— Podes crer! É sem dúvida a minha melhor recompensa!

— Aliás, eu acho que tinhas mesmo que conseguir atingir todos os teus objectivos e metas; pois, tu tens muitas capacidades e sempre foste um guerreiro e um lutador, ao longo da tua vida. Para além disso, tu és tão ou mais esforçado e dedicado que eu, entregas-te sempre imenso e dás sempre tudo de ti em tudo aquilo que fazes; por isso, não podia haver espaço para dúvidas.

— Deixas-me mesmo sem palavras!

— São elogios bem merecidos! Mas, agora, aquilo que realmente, importa é que tu passaste a tudo, com uma boa média e que em Setembro estás no último ano do secundário.

Miguel mostrava-se radiante, os seus olhos brilhavam, intensamente, como duas safiras.

— Miguel sorriu — Este é, realmente, um momento especial e cheio de significado para mim.

— Acredito que sim!

— E é daqueles sonhos que achava, desde sempre, mesmo impossíveis de concretizar.

— Mas conseguiste mesmo realizá-lo e estás a um pequeno passo da faculdade.

— Eu sinto-me num êxtase incontrolável e completamente nas nuvens; porque era algo que eu queria muito e tu sabes que, desde pequeno, que eu sonhava com frequência com a possibilidade de poder ir para a escola. É quase inacreditável pensar que, felizmente, consegui tudo isso; apesar de, ainda ter um ano inteiro pela frente, para provar o que valho.

❀

Ana não resistiu a abraçá-lo novamente; adorava partilhar da felicidade dele que, naquele momento, era impossível de passar despercebida. Ele não conseguia conter a excitação e a euforia que sentia.

— Mereces mesmo, todas estas conquistas; porque, tu lutaste sempre imenso para isto e tenho a certeza que vais ser capaz de concretizar todos os teus sonhos.

— Obrigado, meu amor! Obrigado por tudo! Devo a ti e à tua família a realização deste meu grande sonho; jamais terei palavras para vos agradecer pela felicidade e realização pessoal que sinto, neste momento e por tudo aquilo que fizeram por mim e me deram. — Disse-lhe ele beijando-a apaixonadamente, de olhos quase marejados de lágrimas.

— Acho que há coisas que têm mesmo que ser feitas e perante a amizade e cumplicidade que nós já tínhamos naquela altura, ajudar-te a mudar de vida seria uma atitude inevitável. Eu já não estava disposta a perder-te de vista e a deixar-te longe da minha vida; portanto, tu tinhas mesmo que vir viver comigo para cá.

— Sinceramente, foste e continuarás a ser, para sempre, a pessoa mais incrível e maravilhosa que entrou na minha vida.

— Bem, parece-me que agora, quem vai ficar sem quaisquer argumentos, vou ser eu…

Miguel deu uma suave gargalhada.

— Mas mudando, agora, de assunto; acho que já chega de falar de mim, hoje todas as atenções se centram em ti. Temos que comemorar; já que, também conseguiste concretizar um grande sonho e essa é, sem dúvida, a melhor razão para celebrar esta tua preciosa conquista, contigo. Estou tão orgulhoso de ti, nem imaginas…

— Muito obrigada, amor! Para mim, hoje é o culminar de muita coisa e o resultado da entrega plena ao estudo, do muito esforço, da muita dedicação, da muita luta e claro das muitas noites sem dormir. Nos últimos meses, não fiz mais nada a não ser estudar, afincadamente, todos os dias, sem ter tempo para descansar ou respirar, eu dei sempre tudo de mim e o meu máximo por isto.

— Eu sei, Anocas! Aliás, eu sempre soube que, irias conseguir, nunca tive quaisquer dúvidas. Tinha a certeza absoluta que eras capaz de chegar até aqui e de atingires o teu principal objectivo e pelos vistos, tinha mesmo razão. Parece-me que, a partir de agora, eu tenho que começar a habituar-me e a mentalizar-me que vou ter que começar a tratar-te por doutora Ana Salgado; afinal de contas, vais ser a próxima médica-pediatra mais promissora deste país.

— Que exagero! Eu quero continuar a ser só e tão só a tua princesa e nada mais. Essa questão de, no futuro, eu vir a ser doutora é um caso à parte. — Brincou ela.

— Mas soa bem não soa?! – Brincou ele.

— Muito gostas tu, de me gozar!

❀

Ele deu uma gargalhada e depois regressaram a casa, muito satisfeitos e bem-dispostos. Miguel sentia um enorme misto de emoções, estava desejoso de contar todas as novidades aos seus pais e também aos pais de Ana: poder ver o orgulho, a felicidade e a satisfação nos rostos deles; perante tudo aquilo que tinham conquistado e de começar a preparar tudo para a concentração *motard* de *Jerez de la Frontera*. Mas ele estava ainda mais ansioso que o final da tarde chegasse; porque tinha mais uma surpresa especial para o grande amor da sua vida, ia surpreendê-lo de uma forma tão inusitada, romântica e inesperada que ele, jamais, se iria esquecer.

Quando menos esperava, o final de tarde chegou. Ele quis preparar tudo sozinho para fazer uma surpresa à sua princesa que, entretanto, tinha ido lanchar com as amigas. Os pais e o irmão de Ana decidiram ir jantar fora para que, Miguel e Ana pudessem ter um jantar bem romântico de aniversário, a dois. E quando Ana chegou a casa, perto da hora do jantar, viu um novo cenário, completamente, idílico e improvável, montado nas imediações da piscina: estava colocada uma mesa redonda coberta por pétalas de rosa vermelhas, que tentavam substituir a clássica toalha de mesa; a mesa estava, elegantemente, bem posta e tinha também duas velas em tons de vermelho acesas. Como música de fundo, tocava: *Forever in Love* do saxofonista Kenny G; Ana ficou felicíssima e deslumbrada, deixando-se mesmo levar por uma euforia e uma excitação difíceis de controlar.

De sorriso estampado nos lábios, ela desatou a correr para o quarto, como se não tivesse visto nada, para se poder arranjar de acordo com a ocasião. Vestiu o vestido azul-turquesa que Miguel lhe havia oferecido, soltou a sua longa cabeleira loira recheada de cachos de caracóis, calçou uns sapatos de salto alto castanhos que lhe ficavam muito bem e que Miguel adorava, maquilhou-se: escolhendo uma maquilhagem muito simples, que lhe dava um toque jovial e discreto; no entanto, ao mesmo tempo, sedutor e arrebatador. Colocou uns brincos que ele lhe havia oferecido e mais algumas peças de bijuteria que completavam o *look* e que realçavam a sua beleza.

E depois esperou… Minutos depois, ele estava a chamá-la para jantar; Ana deixou o quarto e desceu as escadas de acesso ao rés-do-chão, deixando-o embasbacado; perante a beleza dela: estava linda, com um *look* casual; mas sem perder o ar sofisticado, sedutor e romântico, continuava bela. Ele pegou,

cuidadosamente, na mão dela, beijou-a delicadamente e dirigiram-se, abraçados e cada vez mais apaixonados, para as imediações da piscina. Quando chegaram junto à mesa, ele puxou uma cadeira para trás, ajudou-a a sentar-se e encaminhou-se, de seguida, de sorriso misterioso; porém, recheado de felicidade e amor para o interior de casa. Tranquilamente, Ana aguardou, sentada à mesa.

Miguel regressou minutos depois da cozinha, vestido com um casual-chique: trazia uns corsários de ganga pelo joelho e um polo vermelho, de manga curta, que lhe ficavam bastante bem. E calçava ainda uns confortáveis mocassins, em tons de castanho, estava tão ou mais bonito do que ela. Ana sentia-se ainda mais apaixonada e louca por ele.

Na mão esquerda fazia-se acompanhar de um tabuleiro de tamanho médio com as entradas, tinha preparado uma receita que a mãe lhe havia ensinado, à qual tinha decidido chamar de: *Beijinhos de camarão*: umas pequenas empadas: feitas à base de massa folhada, recheadas com um preparado especial feito à base de pedaços de azeitona, ovo, delícias-do-mar e miolo de camarão e depois tudo envolvido em maionese, que iam ao forno apenas a tostar. Miguel sentou-se, comodamente, à mesa e serviu logo a sua princesa, estava ansioso para saber o que ela achava daquele primeiro petisco especial. Ela pegou numa das empadas, deu uma trinca e degustou, lenta e suavemente, mostrando-se rendida e muito surpreendida.

— Então o que achas? — Perguntou-lhe ele, de ar curioso e expectante.

— Excelente! O sabor é mesmo divinal; foste tu que preparaste isto tudo sozinho? — Perguntou-lhe ela surpreendida e embasbacada.

— Tudinho! — Regozijou-se ele com o orgulho estampado no olhar e na voz.

— Meu Deus, a trabalheira a que tu te dás…

— Trabalheira? Aonde? — Riu-se ele — Isto não é trabalheira nenhuma, faço-o com todo o gosto e prazer. Para além disso, eu sei que tudo o que fizer por ti e para ti vale e valerá sempre a pena.

— Oh! És mesmo um querido e um amor!

— Já sabes que, eu faço tudo por ti…

— Tu não existes! És mesmo doido! — Disse-lhe ela envergonhada.

— Pois sou, mas é por ti!

Deliciaram-se com as empadas que ele tinha feito, por entre muita cumplicidade, olhares comprometedores e conversas inusitadas. E no fim, Ana beijou-o, apaixonadamente, nos lábios.

— Um beijinho especial para ti; por seres o melhor namorado do mundo.

— E outro, para ti, por seres a princesa mais linda e maravilhosa do universo!

❀

Entretanto, ele levantou-se novamente; foi uma constante, durante todo jantar, levou os pratos das entradas para a cozinha, com todo o cuidado para não se sujar, e de seguida trouxe outros pratos lavados. Regressando, logo depois, à cozinha para ir buscar o prato principal. Para prato principal, ele tinha decidido cozinhar algo peculiar: p*aixão de robalo grelhado em cama de bata-doce com molho verde* e para acompanhar, ele escolheu um vinho tinto alentejano especial, não só para celebrar o aniversário de ambos; como também para celebrar o Amor que os unia: *Vinho Amo-te*.

Ana estava deslumbrada com a forma, como Miguel tinha preparado tudo para aquele final de tarde, tão inesquecível: o cuidado e a minúcia com pormenores, característica bastante vincada da personalidade dele. Com o cenário montado, junto à piscina, com o ambiente envolvente e apaixonante; com a música escolhida a dedo e claro com toda a ementa do jantar, mostrando-se sem palavras quando viu o nome do vinho que ele tinha escolhido: nunca tinha imaginado que existisse um vinho, ao qual tinham dado o nome de um sentimento tão grande forte quão indescritível em palavras. Incentivando-os a limitarem-se a senti-lo em toda a sua plenitude.

Ela estava muito longe de imaginar que, Miguel lhe fosse preparar uma surpresa daquelas, mostrava-se encantada com tudo, parecia mesmo um cenário tirado de um autêntico conto de fadas ou de um filme romântico.

Algum tempo depois, ele regressou para junto de Ana carregando nos braços, uma travessa de peixe grelhado com um aroma delicioso, toda decorada a preceito e que despertou, de imediato, todos os sentidos de ambos.

— Preparada para degustar o prato principal? — Perguntou-lhe ele expectante.

— Preparadíssima! Está tudo com um aspecto fantástico. Muito obrigada pela surpresa magnífica…

— De nada! Fico mesmo feliz em sabê-lo. Sabes que, mereces isto e muito mais! — Disse-lhe ele enquanto a servia.

— Vais ter mesmo que me explicar aonde é que aprendeste todas estas receitas maravilhosas e de deixar qualquer pessoa com água na boca…

— Ui… Isso é segredo de estado!

— Oh! Assim não vale, tens que me contar, estou mesmo deveras curiosa.

— Quem sabe, um dia te conte tudo!

— Espero mesmo que sim! Já sabes que, não te vou largar até me contares tudo.

— Miguel deu uma leve gargalhada — Estou a conseguir surpreender-te, neste nosso dia tão especial? — Questionou-a ele, algo introspectivo

— Completamente! Nunca imaginaria que fosses preparar uma noite assim,

para nós. És um verdadeiro romântico incurável.

— Acho que somos os dois!

— Podes crer!

❀

Aproveitaram, ao máximo, a fusão de sabores, degustando lenta e suavemente cada garfada que levavam à boca, desfrutando de todo o ambiente romântico que os envolvia e acima de tudo da companhia, um do outro. Cada pequeno intervalo era aproveitado, ao máximo, para namorarem através de pequenos gestos de carinho e ternura que iam trocando, ao longo da noite: como um simples e forte entrelaçar de dedos, um flutuante encostar de lábios ou uma inofensiva troca de olhares cúmplices; mas sempre recheados de muito amor.

E quando eles menos estavam à espera, desde a sala, começou a ouvir-se a deliciosa música: *Someone Like You* da britânica Adele que aqueceu ainda mais a noite, convidando-os para uma humilde dança e incentivando-os a balançarem-se, abraçados, noite dentro e onde o amor que sentiam pudesse fundir-se facilmente. Miguel mostrou-se um pouco pensativo, por breves momentos; no entanto, depois decidiu levantar-se da mesa, aproximar-se de Ana, ajoelhar-se ao seu lado e esticar de seguida a mão direita para ela, convidando-a para uma dança. Ela aceitou o convite sem hesitações, agarrando a mão dele e levantando-se, de imediato; dirigiram-se para a pista de dança improvisada, onde nos braços, um do outro, se balançaram pela noite fora ao som daquela música, cada vez mais apaixonados. Num momento intenso e envolvente.

Ana apenas desejava poder ficar ali a dançar, eternamente, agarrada à pessoa que ela mais amava, sentindo e partilhando todo o amor que os unia e envolvia, em toda a sua plenitude. Cada vez tinha mais certezas de que era com Miguel que ela queria ficar para sempre, sentia o amor dele: em cada olhar, em cada palavra, em cada toque, em cada balanço que davam ao sol das músicas mais românticas que podia haver, em cada entrelaçar de dedos e em cada sorriso apaixonado. Sentia que não havia sensação mais única que o envolver dos braços dele à sua volta e a protecção que ela sentia; tal como o arrepio forte e indescritível provocado pela fusão da pele. Nunca tinha amado ninguém assim, como o amava a ele e bastava o sentimento arrebatador que consumia o seu coração, à medida que o tempo passava, para ela perceber, com extrema facilidade, que seria para sempre.

❀

Na sala das actividades, um forte burburinho encheu a sala; os doentinhos de palmo e meio mostravam-se irrequietos, eufóricos e entusiasmadíssimos com aquele momento romântico da história do Mikas e da doutora Ana. E cada vez mais curiosos para saberem como tinha terminado aquela noite tão especial. Deixando Ana e Miguel muito emocionados, perante toda aquela alegria dos seus meninos, provocada pela sua história; não havia criança nenhuma no mundo que não gostasse de uma boa história de amizade e amor.

— Doutora Ana?

— Sim, Bárbara?

—Tu ainda és namorada do Mikas?

Tanto Ana como Miguel, se entreolharam comprometidos

Com aquela inusitada questão, sem saberem muito bem o que responder; desde aquele jantar de aniversário, que muita coisa tinha mudado entre eles. O amor que tinha surgido nessa altura, tinha resfriado um pouco, pelo facto de eles terem seguido caminhos diferentes e pela forte distância que passou a existir entre eles. Levando a que eles decidissem afastar-se, para bem da amizade que os unia.

— Na verdade, eu e a doutora Ana, somos apenas amigos coloridos. — Disse-lhes ele.

— O que são amigos coloridos? — Perguntou ela curiosa.

— O que o Mikas quer dizer é que, nós continuamos a ser bons amigos, gostamos imenso, um do outro; mas não somos namorados. — Explicou-lhes Ana.

— Oh! Porque é que, já não são namorados? Ficavam tão bem juntos. — Questionaram-nos eles, muito desiludidos.

Miguel decidiu salvar a situação…

— Sabem, o amor é um sentimento complicado. Quando forem crescidos, como eu e a doutora Ana, vão perceber isso; vão entender muito melhor o que é o amor. O que é nós gostarmos muito, muito, muito de uma pessoa, até aprendermos a amá-la. Amar é isso mesmo; porém, não é fácil, acreditem; amar é gostarmos tanto, tanto, de alguém que nos torna capazes de fazer qualquer coisa, seja o que for, por mais difícil e impossível que seja ou até de mover o mundo, por essa pessoa. — Os meninos ficaram estupefactos — Mas, por vezes, essa maneira de gostarmos com muita força de uma pessoa, não resiste ao facto de passarmos muito tempo distantes dela.

Os ânimos acalmaram-se…

— Tu e a doutora Ana nunca mais vão ser namorados?

— Não sei! Quem sabe… só o tempo o dirá.

Ana continuava não se sentir mesmo nada confortável por estarem a abordar aquele assunto…

— Mikas, quando namoravas com a doutora Ana, também lhe deste daqueles beijinhos, como os que se vêm nos filmes românticos?

— Ui, ui! Vocês andam muito saídos da casca!

— Os meninos riram-se – Vá lá, conta lá, Mikas!

— Então… Façam silêncio, de novo, para poderem continuar a saber o resto da história.

❀

E naquela noite, bem quente de Verão, Miguel e Ana continuavam a dançar, cada vez mais felizes e apaixonados, deixando-se absorver, completamente, por toda aquela atmosfera de amor e paixão que os rodeava, focando-se apenas, um no outro, e na música que coloria o ambiente e que preenchia aquele final de noite tão especial e mágico. Ecoavam, desde a aparelhagem da sala, até junto da piscina, as mais variadas baladas românticas, contrabalançado com as preferências de ambos.

Purple Rain do, recentemente, desaparecido *Prince*, fazia-se agora ouvir, era uma das baladas favoritas de Miguel. Durante a tarde bem atarefada que ele tinha tido, a preparar com toda a minúcia e rigor, aquela surpresa de final de tarde para a sua princesa, ainda tinha conseguido ter tempo para gravar um CD com uma mistura de músicas que satisfizesse os gostos dos dois. Para ele, um jantar romântico perfeito tinha que ser, sempre, bem combinado com uma fantástica banda sonora, caso contrário, perderia toda a elegância, magia e romantismo. De repente, em pleno auge da música, Miguel decidiu surpreender a sua amada com uma inesperada chuva de *confettis* púrpura que iam acompanhando a evolução da melodia, Ana ficou deslumbrada e estupefacta perante aquela surpresa invulgar preparada por Miguel.

— Que lindo! E que momento tão incrível! — Disse-lhe ela com todo o amor que nutria por ele espelhado no olhar; enquanto olhavam, juntos e sorridentes, o céu pintado agora de púrpura.

— Gostaste de mais esta surpresa? — Perguntou-lhe ele, à medida que lhe prendia atrás da orelha, a madeixa da franja que ela tinha deixado solta.

— Foste mesmo tu que, preparaste isto? — Perguntou-lhe ela de ar incrédulo.

— É claro que fui! Quem mais poderia ser? — Disse-lhe ele sorrindo de esguelha, pegando, de seguida, no telemóvel e tirando uma *selfie* com ela para registar aquele belíssimo momento romântico — Queria mesmo muito,

conseguir surpreender-te, por completo, nesta noite e que ela te marcasse para sempre e se tornasse inesquecível na tua memória. Queria, essencialmente, que fosse recheada de momentos especiais e irrepetíveis e de surpresas inesperadas, das quais pudesses lembrar-te para o resto da vida. Espero tê-lo conseguido.

— Conseguiste mesmo, amor! Eu nem tenho palavras que sejam capazes de te agradecer por tudo, e de descrever tudo o que eu sinto, neste momento: a felicidade desmedida. Sabias que és a cara-metade mais maravilhosa que existe e o príncipe encantado dos meus sonhos?

— Saber, não sabia; mas suspeitava! — Brincou ele.

— Amo-te com todas as minhas forças e com tudo aquilo que tenho para dar; apesar de achar, desde sempre, que para uma pessoa como tu, isso, por si só, não é suficiente.

— Também de amo imenso, princesa! Como se o meu coração tivesse o tamanho do sistema solar; está uma bela noite de Verão, não está? — Perguntou-lhe ele, olhando o céu.

— Podes crer! Está mesmo uma típica noite de Julho: o céu está lindo, todo estrelado. É noite de lua cheia e está um calor intenso e abrasador. Já viste as estrelas como brilham?

— Aquelas estrelas todas podem brilhar, da maneira como brilham; mas, não há nenhuma estrela tão grande e que brilhe tanto como tu.

— Oh! Não digas essas coisas… — Anuiu ela tímida.

— É verdade, princesa! Para mim, és a estrela mais cintilante do céu e do universo.

— Pára! Nem no dia do nosso aniversário, dás um pequeno desconto?

— Porque é que dizes isso?

— Porque ainda não paraste de me fazer elogios.

— Já sabes que, eu adoro elogiar-te!

— E deixar-me sem jeito também!

— Essa é a minha especialidade! — Disse-lhe ele rindo-se — Tu mereces todos os elogios deste mundo…

— Não tens mesmo emenda! E com tanta conversa, já nos esquecíamos da sobremesa.

— Pois é… O amor faz destas coisas, obriga-nos sempre a perder a noção do tempo!

❀

Trocaram um beijo bem apaixonado e regressaram à mesa ao som de mais

uma melodia que podia considerar-se perfeita: *The Power of Love* da canadiana Celine Dion. Ajudou-a a, novamente, a sentar-se e foi à cozinha buscar uma garrafa de champanhe bem fresca.

— Ena!!! Temos champanhe e tudo?

— Mas é claro que temos! Um brinde, a sério, tem que ser sempre feito com um bom champanhe; mas, agora, eu quero que feches os olhos…

— Porquê?!

— Porque a sobremesa é surpresa e só podes vê-la quando eu disser.

— Meu Deus! Estou cheia de curiosidade, o que andaste a preparar?

— Já vais ver…

— Então vou ficar de olhos bem fechados…

— Acho muito bem! E não vale espreitar senão é batota!

— Prometo que não espreito nada!

❀

Miguel foi, de novo, à cozinha, buscar o *Suspiro de Morango com recheio de chocolate*, para a sobremesa: um bolo em formato de coração com um aspecto delicioso, que tinha escrito, as seguintes palavras: *Parabéns a nós! Amo-te muito!* E regressou à mesa segundos depois.

— Pronto! Já podes abrir!

Ana abriu os olhos e ficou estupefacta com aquilo que viu à sua frente.

— Não acredito!!! Tão fofo… Amo-te tanto! — Disse-lhe ela levantando-se da sua cadeira, abraçando-o e beijando-o durante imenso tempo.

— Gostas mesmo?

— Amo por completo! Está fenomenal! Tens sido mesmo um príncipe esta noite. — Disse-lhe ela mostrando-se deveras embevecida.

— Nada que a minha princesa não mereça!

— Tu sabes que também mereces; aliás, que belo chefe de cozinha que tu me saíste. Quem diria… Estou espantadas!

— Tenho a quem sair! — Disse-lhe ele muito misterioso, deixando-a curiosa.

— Ui, ui! Sais a quem? Agora quero saber…

— Isso, não te posso contar; senão estrago a surpresa toda de hoje.

— Vá lá, conta-me. Espevitaste-me tanto a curiosidade…

— Nem pensar!

— Pronto! Não vale mesmo a pena insistir…

— Já sabes que sou uma verdadeira caixinha de surpresas!

— Sem dúvida!

Sorriam, sempre num intenso clima de cumplicidade e de seguida deliciaram-se com o bolo, degustando-o suavemente até à última garfada; namoraram e voltaram a dançar durante mais alguns minutos. Depois, Miguel decidiu abrir a garrafa de champanhe, encheu dois copos e preparou-se para brindar.

— Parabéns, princesa! Que para o ano, nós possamos estar aqui, os dois, novamente.

— Parabéns, meu amor! Um brinde a nós, ao nosso amor e à nossa amizade.

❀

E beijaram-se, mais uma vez: um beijo longo, profundo e bem demonstrativo do que sentiam. Depois descalçaram-se e sentaram-se à beira da piscina, com os pés na água, a conversarem; algum tempo depois, Miguel teve uma excelente ideia e foi, rapidamente, a casa buscar a máquina fotográfica. Enquanto esperava que regressasse, Ana aproveitou para chapinhar com os pés na água. Estava feliz e isso notava-se no seu rosto, no ar embevecido, no sorriso que trazia estampado nos lábios e no brilho do seu olha e cada vez mais apaixonada.

Aquela noite e aquele jantar inesquecíveis estavam mesmo a ser um autêntico conto de fadas, ele estava a proporcionar-lhe um dos momentos mais indescritíveis e mais românticos da sua vida. Nunca nenhum dos seus poucos namorados
tinha sido capaz de fazer com que ela sentisse uma felicidade tão plena: só mesmo ele.

Miguel voltou, num piscar de olhos, para junto dela, estava preparadíssimo para poder realizar uma sessão fotográfica bem especial. Ana deixou-se ficar sentada junto à piscina; enquanto ele lhe tirava algumas fotografias, em várias poses; até que, ele decidiu ir para dentro da piscina para assim poder fotografá-la melhor. De seguida, foi a vez dela o fotografar a ele, estava a adorar imenso aquela sessão fotográfica, a dois; Miguel tinha tido uma ideia fantástica. Minutos mais tarde, ele secou os pés e as pernas com uma toalha e sentou-se na relva atrás de Ana, abraçando-se a ela. Aproveitaram e namoram mais um pouco.

— Sabe bem, estar assim contigo…

— Faço das tuas, as minhas palavras.

— Eu acho que, já merecíamos um momento destes.

— Foi bom, nós termos tirado mais esta noite só para nós. Queria muito poder estar hoje, no nosso dia, um tempinho só contigo, num programa a dois, como este.

— Faço das tuas, as minhas palavras! Por mim, recuava já no tempo e voltava a viver tudo, outra vez: cada pedaço deste final de dia contigo.

— Também eu!

❀

A noite já ia bastante longa; por isso, terminaram o dia e o jantar, em beleza, tirando algumas fotografias para mais tarde recordarem: no jardim, junto à piscina, sentados à mesa e até a dançarem. Por fim, Miguel programou a máquina para disparar sozinha, colocou-a no tripé e depois tirou uma fotografia com Ana ao colo. Foi assim, com o registo de alguns dos melhores momentos daquele dia tão especial, o culminar de uma noite, que ambos consideravam ter sido apaixonante, especial e mágica e da qual só quiseram partilhar alguns detalhes com a família; outros, optaram por guardá-los só para eles.

Quando a última sessão fotográfica, a dois, terminou; Miguel pegou em Ana ao colo, e encaminharam-se para dentro de casa. Estavam mais felizes e apaixonados do que nunca, o serão tinha sido magnífico.

— Eu espero que, tu tenhas gostado tanto desta noite, como eu gostei de prepará-la. — Disse-lhe ele comovido.

— Amei! Amei tudo! Esteve perfeita; por momentos pensei que estava dentro de um sonho de criança e de um verdadeiro conto de fadas, daqueles que só se encontram nas histórias de encantar, do qual te posso garantir que me está a custar imenso a sair. Obrigada! Obrigada por tudo: pela entrega, pelo esforço, pela dedicação, por não deixares falhar nenhum pormenor e proporcionares-me um dos momentos mais bonitos e inesquecíveis da minha vida. Esta noite, senti-me uma autêntica Cinderela.

— Tu nem imaginas como, eu fico feliz por saber isso. És uma verdadeira Cinderela.

— E tu és mesmo um verdadeiro príncipe encantado!

— E se fôssemos ver as fotografias que tiramos? O que é que tu achas?

— Acho uma óptima ideia!

❀

Ana continuava ao colo de da sua cara-metade, levava os sapatos, na mão e acabou por atirá-los para um canto da sala quando chegaram à sala. Depois, ele pousou-a, delicadamente, no sofá e colocou a máquina fotográfica, que trazia a tiracolo, em cima da mesa da sala; enquanto foi ao quarto buscar o portátil para passar as fotografias. Regressou num ápice, de portátil na mão, pronto para mostrar à sua amada os melhores momentos daquela noite, registados para a prosperidade.

Ela mostrava-se impaciente e ansiosa. Ele sentou-se a seu lado, de portátil no colo, ligou a máquina fotográfica através de um cabo especial e depressa passou as fotografias daquela noite para uma pasta do computador. Depois repetiu o mesmo processo para passar as poucas fotografias que tinha tirado com o telefone e de seguida, ele esteve a aperfeiçoar todas as imagens durante alguns minutos, num programa específico. Miguel sabia tudo ou praticamente tudo aquilo que havia para saber sobre fotografia.

Poucos minutos depois, carregou numa tecla e depressa as fotografias começaram a passar no ecrã como um filme. Ana aproveitou e encostou a cabeça ao ombro dele, sentia-se um pouco cansada; apesar de aquela noite ter sido intensa e recheada de amor, paixão, momentos e surpresas peculiares e inesperadas, também tinha sido uma noite longa e algo esgotante. Sentados ao lado, um do outro, de dedos bem entrelaçados, divertiram-se a ver e a comentar os registos fotográficos que tinham feito. Qual deles o melhor… A partilhar sorrisos e gargalhadas e a recordar os momentos e detalhes mais marcantes daquele dia de aniversário tão especial.

— Ficaram excelentes, não ficaram? — Perguntou-lhe ele curioso.

— Eu acho que, ficaram mais que perfeitas; principalmente aquela nossa belíssima *selfie* com os *confettis* púrpura que tu tiraste com o teu telemóvel. Está digna de prémio…

— Que exagero!!! — Disse-lhe ele de ar envergonhado.

— Não é exagero nenhum!

— Sabes que, sou só um fotógrafo amador; por isso, acho que se a fotografia fosse tirada por um fotógrafo profissional teria ficado muito melhor.

— Só dizes disparates! Para mim, tu és o melhor fotógrafo do mundo e claro o meu fotógrafo preferido; por isso, só posso agradecer-te por ter oportunidade de recordar este dia sempre que me apetecer, graças às belíssimas fotografias que tiraste. — Disse-lhe ela roubando-lhe um beijo suave.

— Não tens nada que agradecer! — E de repente, Miguel olhou-a com imensa paixão, aproximou os lábios do ouvido dela e sussurrou… — E se fôssemos para o quarto?

— Acho uma boa ideia!

❀

Miguel pegou, de novo, em Ana ao colo e levou-a escadas acima até ao corredor que, dava acesso aos respectivos quartos. Pousou-a e de seguida cada um foi para o seu quarto. Ele sentia, dentro de si, um fervilhar de sentimentos, emoções e desejos bastante forte e intenso, cada vez mais se sentia atraído e

seduzido por ela, levando-o a um enorme desassossego.

Encostou-se ao marco do seu quarto e ficou parado a observar a sua princesa que estava concentrada no seu quarto, a arrumar os acessórios que tinha usado durante aquela noite, tinha apertado os seus longos cabelos louros num rabo-de-cavalo e continuava descalça: no seu jeito terra-a-terra de ser, sempre em permanente contacto com o mundo. Salientava-se o seu corpo recheado de curvas bem definidas, a sua silhueta esguia e o ar de autêntica princesa conferido pelo vestido que trazia vestido: cai-cai, justo na cintura e largo da cintura para baixo, tinha à sua frente a donzela perfeita.

Não conseguiu resistir e foi ao seu encontro, Ana tinha ligado o rádio: como era seu hábito fazer todas as noites antes de adormecer, adorava ouvir sempre um pouco de música. Tocava, naquele preciso e exacto momento, na sua estação de rádio preferida: *Underneath your Clothes*, da colombiana Shakira, uma melodia que eles adoravam ouvir, juntos, e que fazia por despertar desejos neles; tal como, o lado mais sexy e sedutor de ambos. Miguel aproximou-se, suavemente, dela agarrando-a pela cintura e abraçando-a com força; Ana ficou presa entre os braços dele, sobressaltando-se por breves momentos, não estando à espera da inesperada presença dele.

— Desculpa se te assustei, não era minha intenção; no entanto, hoje é daqueles dias em que não me apetece nada largar-te e afastar-me de ti.

— Acho que somos dois! — Disse-lhe ela bastante apaixonada — E acabaram a balançar-se, temporariamente, nos braços, um do outro, ao som de algumas notas daquela melodia carregada de sensualidade, beijando-se ininterruptamente.

❀

A partir da janela do quarto de Ana podiam contemplar: a cidade completamente adormecida, a imensidão da noite que era de lua cheia e o céu estrelado; uma lua e um céu incandescentes, num vermelho-alaranjado romântico, forte, apaziguador e ardente. Que também eram símbolo de uma paixão duradoira e interminável. E até mesmo o mundo, se eles fossem capazes de o imaginar.

De repente, Miguel soltou, delicadamente, a longa cabeleira de Ana, afastando-a, de seguida, para o lado e beijando a sua princesa, suavemente, na orelha direita, pescoço e ombros provocando-lhe um leve arrepio corporal e fazendo com que ela engolisse, imediatamente, em seco e mordesse ligeiramente o canto inferior direito do lábio inferior. Depois, ela fechou os olhos, colocou a mão direita por detrás do pescoço dele, aproximando-o ainda mais de si e deixando envolver-se pelo leve toque dos lábios dele: que se encontravam

húmidos e a uma temperatura amena e que resfriaram a sua pele seminua. Entretanto, ele afastou-se, um pouco, dela e empurrou, lentamente, o *fecho-ecláir* do vestido, apenas com um toque sedutor e simples de dedos, fazendo-o com que ele deslizasse pelo corpo dela como o movimento doce de uma onda.

Ela deixou o vestido cair no chão, num movimento único e seco; porém delicado, que tomou por breves momentos o formato das suas irreverentes curvas. Ana ficou só em roupa interior, era a primeira vez que se mostrava a Miguel daquela forma, até àquele momento sempre tinha resguardado dele, o seu lado mais desnudo, íntimo e sensual; mas, agora ela tinha a certeza absoluta do passo que iria dar e de que queria mesmo dá-lo com ele.

De sorriso timidamente comprometido, não mostrou qualquer tipo de pudor ou reserva e virou-se para ele. Miguel não conseguiu tirar os olhos dela e daquele corpo: magro, atraente e bem constituído. Sentia um verdadeiro turbilhão de emoções e de desejos incontroláveis dentro dele, precisava e queria amar Ana e de sentir o corpo dela junto do seu. Já não era possível aguentar mais. De seguida, as mãos dela uniram-se às dele e os olhares, de ambos, cruzaram-se, sem precisarem de procurar, um pelo outro, nem de trocar palavras para perceberem o que sentiam. Por vezes, através do olhar também é possível ouvir o bater sincronizado de dois corações que não sabem viver um sem o outro, que sentem que se necessitam, tal como oxigénio para viver, que se desejam loucamente e também mutuamente, que se complementam, que se amam e que querem, desesperadamente, unir-se a uma só voz. Assim como lerem-se: sensações, pensamentos, vontades e desejos reprimidos.

Ela percebeu, imediatamente, pela expressão do olhar dele que ele também queria o mesmo que ela e que também tinha plena consciência do passo que iriam dar. E sem perder mais tempo, ele acariciou, lentamente, o rosto, os lábios, e o corpo dela, passando o dedo indicador da mão direita por baixo do umbigo dela, longitudinalmente; num gesto cheio de sedução e erotismo. Depois descalçou os mocassins, Ana desapertou-lhe, rapidamente, os corsários de ganga que, ele trazia vestidos e Miguel acabou por despi-los na totalidade. De seguida, ele puxou-a para si e trocaram sorrisos cúmplices; ela agarrou-se ao pescoço dele e beijaram-se com intensidade, praticamente sem se conseguirem largar. As suas bocas fundiram-se, procurando saciar-se na plenitude e as respectivas línguas não perderam tempo a balançarem-se, uma na outra.

Num ápice, ele elevou-a pelos glúteos, ao nível das ancas, fazendo com que ela se sentasse à volta da sua cintura, cruzando as pernas. E num evidente clima de romance: intenso e ardente, por entre beijos acalorados, carícias mútuas e gargalhadas; encaminharam-se, praticamente, aos tropeções para a cama dela. Quando já estavam muito próximos, Ana desviou apressadamente as almofadas

que decoravam a cama e Miguel deixou-a cair, sem grandes perdas de tempo, num gesto suave e delicado; pois, cada minuto, juntos, era importante e contava. Os corpos ficaram quase sobrepostos, um no outro, mostrando como no amor também pode haver simbioses perfeitas.

Ela agarrou a camisola de Miguel pela extremidade do seu decote em V, puxou-o para si, fechou lentamente os olhos e beijou-o vorazmente e ele correspondeu, sem hesitações, ao beijo dela, beijando-a também. Ambos iriam partilhar e viver o outro lado do verdadeiro amor: um amor sem igual: intenso e rico em sensações, desejos e emoções; pleno, carnal e principalmente erótico. Iam descobrir a sensualidade e a sexualidade que cada um sentia no seu auge e iriam sentir na pele a verdadeira atracção que nutriam, um pelo outro, e que tanto os unia e consumia havia dias.

Acariciou o rosto dele e Miguel o rosto dela; assim como os seus longos cabelos louros encaracolados; depois, ela começou a despir a justa t-shirt que ele trazia vestida, fazendo-a atravessar, lentamente, o tronco dele, os seus musculados e atléticos braços e por fim a cabeça, fazendo-a voar em direcção ao chão. Num repente, o peito moreno, robusto e atraente dele e os seus bíceps musculados se revelaram e destacaram aos olhos dela, como muito poucas vezes os deveria ter visto: despidos, firmes e sedentos de serem tocados. Ela deixou que as suas mãos de Cinderela passeassem, livremente, e durante algum tempo, por aquele amplo fragmento, cheio de vida, do homem que ela mais amava. Depois mordiscou-lhe, o lábio inferior com alguma malícia, provocando-o e incitando-o a descobrir um pouco mais sobre ela e a explorar mais a fundo o seu corpo e os seus sentidos e seduzindo-o, aumentando o prazer que ele já sentia por se poder perder livremente nela.

E seguiu para o pescoço, acariciou o corpo dele, beijando-o leve e suavemente, estimulando sensações antigas e recentes, desfrutando assim, ao máximo, do contacto da sua boca e dos seus lábios resfriados com a pele morena e salgada dele. Abraçou-o, num gesto frenético e impulsivo e, de imediato, percorreu a espinha dorsal dele em toda a sua extensão, num toque ameno e delicado, cravando as unhas das suas mãos na pele dele; de uma forma brusca, audaz e irreverente, sentindo a espessura da mesma, os seus vigorosos músculos, por entre os seus dedos e o respirar ofegante e excitado dele. As mãos dela continuaram a deslizar, sobre o tronco dele, até aos quadris, pareciam incontroláveis, hiperactivas e singelas bailarinas; começando a despir-lhe os boxers e arriscando de seguida numa atrevida beliscadela nos glúteos, fazendo com que ele gemesse de prazer e tivesse pequenos orgasmos, intensificando assim o desejo que ambos sentiam.

Os corpos já fortemente transpirados: cobertos por infinitas gotas de suor,

revelando o Amor, a paixão e a atracção física que sentiam, no seu auge, tremiam de excitação e euforia. Os cabelos: dourados e húmidos dela, pareciam verdadeiros fios de ouro; enquanto que, a intensa humidade da pele de Miguel espelhada nos seus cabelos lhe conferia um ar ainda mais sedutor, rebelde e irreverente e tornavam a pele dele: luzidia e com intenso aroma a mar salgado.

A cada segundo que passava, eles trocavam beijos longos, apaixonados e cheios de intensidade, entre abraços e olhares cúmplices e sorrisos sedentes de paixão, amor e sedução. Ele beijava-a também sem precedentes, com suavidade e doçura; força, desassossego e sofreguidão; por entre inúmeros gestos de carinho e ternura. Aos poucos, aqueles corpos palpitantes e incertos começavam a ceder às tentações e quando ela menos esperava, as mãos de Miguel: vistosas, robustas e masculinas começaram a percorrer todo o corpo dela: os seus contornos, em toda a sua extensão, e a sua pele, num verdadeiro frenesim. Explorando-o em toda a sua plenitude

Ela abriu os olhos, durante alguns segundos; mas ao sentir o lento toque das mãos quentes dele, deixou-se envolver por aquele doce e suave toque mantendo-se em silêncio e imóvel e fechando os olhos de novo. Se o desejo que Miguel sentia era forte, o de Ana era avassalador e tempestuoso, como um tornado. À medida que, ele a ia beijando no pescoço, fazendo logo de seguida um singelo desvio para uma rebelde mordiscadela no lobo da orelha, levando a que ela sentisse o primeiro orgasmo e seguiu depois para os ombros e peito. Continuou a percorrer o corpo dela, fazendo por elevar cada vez mais a fasquia; puxou-lhe lenta e docemente o *soutien* cai-cai para baixo, fazendo-o deslizar, delicada e suavemente, como seda, pelo tronco dela deixando os seus seios: desnudos; mas bem definidos, atraentes e consistentes, à vista. Tocou-lhes, ligeiramente, com os lábios, sentindo o seu calor, o seu volume, a sua textura: rígida e os contornos redondos; aquele gesto fez com que ele se excitasse e transmitiu-lhe o mais puro prazer, fazendo com que ela soltasse um suave gemido.

Atravessou o tronco dela e fez uma curta pausa no umbigo, beijando-o tenuemente: a pele era morena, no tom certo; brilhante e doce e apresentava-se bastante ofegante e quente, quase como lume em brasa: escaldava. O contacto dos lábios carnudos dele e o ar quente que a sua boca emanava fizeram com que a respiração dela acelerasse e ela elevasse o abdómen dando a sensação de que o coração dela tinha migrado de lugar e batia, agora, ali, verdadeiramente.

Despiu-lhe depois, num movimento demorado, as cuecas brancas de algodão fino e explorou o lado mais íntimo dela. Acabou por olhar o corpo dela, como nunca o havia visto, sentido e explorado. Aqueles dois corpos acabaram por penetrar, um no outro, com fervor, fazendo com que ela fechasse os olhos, suspirasse com uma certa força, esticasse a cabeça para trás, apertasse a colcha

da cama com vigor e partilhasse com ele um intenso gemido sincronizado. Aquele momento, de pura troca de amor atingia assim, o clímax.

Algum tempo depois, já exaustos; mas ainda com as emoções, os sentimentos e os desejos no seu auge e em alvoroço. Com a respiração acelerada, quase ofegante, os corpos ainda excitados, transpirados e húmidos, cujo aroma se fundia sem esforço, a vibrarem de euforia e prazer. Os batimentos cardíacos apresentavam-se descompassados e os corações de ambos, pareciam quase eléctricos, fervilhavam e transbordavam de amor e paixão.

Ana e Miguel permaneceram alguns minutos sossegados e abraçados, tentando recuperar o fôlego, envolvidos na maciez e desalinho dos lençóis que tinham toda a história deles; assim como, aquele momento de puro erotismo tatuados nas entrelinhas das próprias malhas. Sentiam-se felizes, satisfeitos e saciados, desfrutando da presença um do outro e daquele eterno momento a dois.

Ana encostou a cabeça ao peito dele, de seguida deixou-se envolver pelos braços dele, pegou na mão direita dele, entrelaçou os seus dedos nos dele e poucos segundos depois, num gesto mecânico, beijou cada um dos dedos, de forma demorada e lenta. A profunda fusão do esfriar dos lábios dela, com a humidade da pele dele ofereciam-lhe uma sensação exótica e de bem-estar. Usufruindo do silêncio que se fazia sentir, do momento e da companhia do homem da sua vida. Tinha cada vez mais certezas de que, ele era a pessoa que ela queria ao seu lado para sempre.

Entretanto, ele soergueu-se de lado, na cama, apoiando-se no cotovelo direito e a cabeça na mão direita, ficando alguns minutos a acariciar a longa e encaracolada cabeleira loura de Ana; assim como, o seu rosto e a olhar a sua princesa: como ela era bonita, uma autêntica deusa e um ser tão perfeito. Ela mostrou-se sorridente e embevecida, beijando a mão dele e depois os lábios, de forma intensa e apaixonada.

Namoraram durante mais algum tempo, sem se conseguirem largar por entre sorrisos, carícias e beijos. Fizeram amor mais algumas vezes, até a vontade e o prazer se esgotar, cada vez com mais intensidade e depois adormeceram. Sentiam-se exaustos e quase sem energia; pois tinha sido, sem qualquer dúvida, a noite mais longa, especial e mágica da vida deles.

De volta ao Alentejo

No dia seguinte, Ana e Miguel apenas se levantaram muito perto da hora do almoço. Sentiam que precisavam de descansar e de recuperar energias, depois da noite longa e intensa que tinham tido.

Ana foi a primeira a acordar, tentando espreguiçar-se sem se mexer muito na cama para não acordar Miguel que dormia profundamente. Depois, ainda um pouco ensonada, deitou-se de lado na cama e ficou alguns minutos e a ver o seu amado dormir, acariciando lenta e levemente os seus cabelos, como uma pena, de ar apaixonado e de semblante cheio de amor.

Olhava para ele, sob aquele silêncio, absorvendo apenas o seu respirar e ainda achava todo aquele cenário inacreditável; por breves momentos, deu por si a recuar no tempo até à infância de ambos. Naquela altura, ninguém imaginava como é que a amizade que os unia iria evoluir; porém, todos sabiam e sentiam que perante tão grande cumplicidade e companheirismo, a amizade tinha tudo para dar certo, não iriam ser as diferenças entre eles que os iriam separar. Nem Ana, esperava que viessem a tornar-se amigos para sempre; pois, apenas queria ter alguém com quem poder partilhar as férias de Verão e as diversas brincadeiras e, mais uma vez, as diferenças entre ambos eram fortes e não era de todo expectável que acabassem por ficar grandes amigos.

No entanto, a vida encarregou-se de mostrou a todos, precisamente, o contrário: lado a lado com a diferença, a amizade vence sempre. E depois de eles conviverem, praticamente, uma vida inteira, um com o outro, o surgimento do amor era a maior de todas as probabilidades; mesmo que, Ana tivesse sempre achado improvável que ambos se apaixonassem, porque Miguel era um amigo especial e importante, porque eram ambos muito diferentes e porque ela o via como uma espécie de irmão mais velho; por isso, acabava por ser estranho vê-lo como seu namorado.

Ainda assim, a vida voltou a encarregar-se de lhe mostrar que ela estava completamente errada; pois, o Amor também prevalece na diferença. E de certa maneira, ela não se sentia nada arrependida de ter arriscado num namoro com Miguel, estava feliz e satisfeita pela sua escolha, que considerava ser a mais acertada e correcta; porque era um Amor sentido em toda a sua plenitude, mútuo, correspondido, sincero, honesto e verdadeiro. Ela sabia e sentia que aquele namoro tinha tudo para dar certo, nada poderia falhar; principalmente,

quando duas pessoas gostavam tanto uma da outra e se completavam, da forma como acontecia com eles. Para além disso, amava-o tanto.

Aquela noite, de pura entrega desmedida e total ao Amor tinha-a feito perceber isso mesmo. Ela sentia que, ninguém era capaz de imaginar, o tamanho do Amor que lhe invadia o peito e o coração e a enorme felicidade que fazia com que ela transbordasse para além de si própria. Só queria mesmo poder ficar ao lado dele para sempre e para a vida toda. Miguel era mesmo o seu príncipe encantado, o homem dos seus sonhos e a cara-metade perfeita; não conseguia suster a ideia de um dia poder vir a perdê-lo. Já não sabia viver sem ele e sem a constante presença dele na sua vida, seria quase impossível seguir em frente sozinha e de alma e coração vazios; precisava de senti-lo, diariamente e a toda a hora; já que, o Amor só faz grande sentido quando há: pertença, partilha e união entre duas almas.

Não deveria ser permitido perdermos o amor da nossa vida, seja por que motivo for. Torna-se tão nosso que se transforma, simplesmente, em parte de nós. Ela ainda mal conseguia acreditar que tinha tido oportunidade de amar aquele ser humano tão perfeito e tão especial, de forma tão intensa e tão profunda, como o havia amado na noite passada. Como ele a havia amado também, naquela mostra recíproca e correspondida de amor e paixão puros. Não conseguia despertar daquele sonho, não queria acordar daquele conto de fadas e cair na realidade. Precisava, com urgência, de permanecer, um pouco mais de tempo, naquele estado anestesiado de amor.

Poucos minutos depois, Miguel despertou do seu sono.

— Bom dia, amor meu! — Disse-lhe ela sorridente, acariciando o resto dele e beijando-o docemente na testa.

— Bons dias, minha princesa! Dormiste bem? — Perguntou-lhe ele, espreguiçando-se e roubando-lhe um beijo suave; porém algo demorado.

— Dormi, maravilhosamente bem; para além disso, tive a companhia perfeita. E tu?

— Também! — Disse-lhe ele sorrindo timidamente, e beijando-a nos ombros.

Ana sentiu-se satisfeita. Entretanto, ele ficou francamente pensativo…

— Porquê esse semblante introspectivo? — Perguntou-lhe ela algo preocupada.

— Posso fazer-te uma pergunta?

— Claro que sim!

— Estás feliz?

Ana mostrou-se surpreendida com a questão.

— Porque não haveria de estar? — Questionou-o ela algo apreensiva com a inesperada questão.

— Não sei… Tenho algum receio, ainda que irreflectido e infundado que, algo não tenha corrido como esperado.

— És mesmo tolo! Eu sinto-me plenamente feliz; porque, eu tenho ao meu lado, neste momento, a pessoa que me ama mais do que qualquer outra coisa nesta vida e que eu sempre desejei e para além disso, entrei no curso dos meus sonhos. O que mais poderei pedir? Acho que para ser, completamente, feliz não preciso de mais nada

— Nem imaginas, como eu me sinto, até me faltam as palavras mais certas e adequadas para conseguir descrever todo o meu estado de espírito, por saber que estou a ser capaz de te fazer tão feliz como desejas e mereces.

— Foste a única pessoa que conheci, capaz de me mostrar e de me dar Amor: puro, verdadeiro e genuíno e isso faz de ti, alguém muito raro e especial. Obrigada pela humildade e simplicidade de que tu és feito; obrigada por seres como és: enorme por dentro e por fora; obrigada por me ensinares tanto a cada dia que passa e que te tenho ao meu lado. Obrigada por me ofereceres tanto de ti e do teu pequeno mundo, todos os dias e por seres e fazeres tão parte da minha felicidade por inteiro; obrigada por seres diferente em tudo e por seres, sem dúvida, a pessoa mais fantástica e maravilhosa que existe.

— Oh, Meu Deus! E agora? O que é que eu digo?

— Não precisas de dizer nada…

— Na verdade, precisar até preciso; mas, como sempre, o que mais me falta, neste momento, são palavras para te poder dizer alguma coisa. Se há pessoa capaz de me deixar sempre com fortes problemas de expressão, essa pessoa és tu.

— O amor verdadeiro não necessita de palavras e também não são necessárias quaisquer formas de expressão para conseguir demonstrá-lo. Precisa apenas de ser sentido; por isso, não tens mesmo que dizer nada. Apenas permanece na minha vida e fica comigo.

— Não te preocupes que, eu jamais te irei deixar. Vou estar ao teu lado para sempre.

— Esse é o mais forte de todos os meus desejos! — Disse-lhe ela de sorriso apaixonado.

Miguel entrelaçou os seus dedos nos dedos dela, beijando a mão dela e os dedos dela, um a um, de forma lenta, saboreando a doçura; assim como, o lado mais moreno da pele dela. Deixando que os seus lábios sentissem e absorvessem aquele aroma adocicado e feminino.

— Gostaste do final da noite de ontem? — Perguntou-lhe ele de ar ansioso.

— Amei por completo, foi maravilhosa e de sonho.

— Foi de encontro ao que tu imaginavas e estavas à espera? — Perguntou-lhe

curioso.

— Vou ser muito sincera, superou largamente as minhas expectativas, principalmente, pela tua calma, segurança, entrega e subtileza. Para mim foi, sem dúvida, um dos momentos mais bonitos, profundos e intensos da minha vida e sinto muito orgulho em poder dizer que o partilhei contigo; porque és parte vital da minha vida e sem ti, nada disto faria sentido nem seria igual.

— Que bom sabê-lo, princesa!

Namoraram mais um pouco, a seguir levantaram-se para almoçar, de ar bastante apaixonado e cúmplice. E a tarde foi, praticamente, toda passada na piscina, entre banhos-de-sol e mergulhos.

❀

A semana parecia nunca mais ter fim; apesar de ter sido a semana mais especial da vida de Ana, depois do dia memorável de aniversário que tinha tido com Miguel. Estava desejosa por começar a fazer as malas para as férias na quinta dos avós maternos. Era, todos os anos, o momento mais esperado das férias de Verão; mesmo que ela já fosse uma adulta, continuava a adorar aquela semana que passavam sempre, todos juntos, na quinta. E desta vez ia ser ainda mais especial, depois da amizade que a unia a Miguel, se ter transformado em algo ainda maior e mais forte.

Miguel também se estava bastante entusiasmado e eufórico com aquele regresso ao Alentejo, já andava há dias a fazer muitos planos para as férias; apesar de não o demonstrar com grande evidência. De facto, durante aquela descontraída semana de férias, queria a todo o custo fazer o máximo de coisas com Ana; aproveitar cada segundo e cada momento das férias com ela, pois, havia um receio há muito prolongado de que aqueles momentos, a dois, não se voltassem a repetir tão depressa. E não se podia esquecer que depois das férias ainda iria à concentração *motard* de *Jerez de la Frontera*, em plena cidade de Cádiz. Após inúmeras tentativas infrutíferas, tinha conseguido convencer Ana a acompanhá-lo, andavam os dois excitadíssimos e cheios de expectativas para que aquela longa e louca aventura sobre duas rodas se iniciasse.

E depois de uma manhã carregada de planos com as amigas, Ana tinha combinado encontrar-se com Miguel perto da Marina de Cascais para almoçarem juntos; ele tinha-a convidado para um almoço diferente e especial, numa esplanada à beira-mar e ela nem tinha hesitado em aceitar. Ela apanhou o comboio e vinte minutos depois chegava àquela vila tão pitoresca. Num ápice, encontrou Miguel sentado numa esplanada com uma belíssima vista, num pequeno bar, concentradíssimo a escrever qualquer coisa num pequeno caderno

de bolso de que parecia ter-se feito acompanhar; o que espevitou bastante a curiosidade dela.

A passos largos, aproximou-se, de mansinho dele, por trás e abraçou-o.

— Posso saber que segredos tu ocultas nesse caderno? — Perguntou-lhe ela sorridente, beijando-o no rosto.

Miguel sobressaltou-se…

— Que susto, princesa! Já chegaste? — Disse-lhe ele roubando-lhe um intenso beijo.

— Acabei, agora mesmo, de chegar. — Disse-lhe ela sentando-se à sua frente.

— Que tal foi o vosso programa de miúdas?

— Foi óptimo!

— Correu tudo bem?

— Sim! Como sempre…

— Que bom! Ainda bem… Queres beber alguma coisa?

— Pode ser o mesmo que tu!

— Estou a beber uma cerveja artesanal, que é a especialidade deste bar. Prova e vê se gostas. — Ana bebeu um pouco e ficou rendida ao sabor delicado e suave — Então que tal?

— Excelente! Gostei bastante…

— Então eu vou pedir uma para ti!

— Já pensaste no que vamos almoçar?

— Já, pois! Uma *Paella* de marisco agrada-te?

— É perfeito! — Miguel chamou, de imediato, o empregado e fez os respectivos pedidos — E agora, enquanto esperamos, quero saber o que estavas a escrever nesse caderno.

— A minha princesa é curiosa!

— Oh! Conta-me lá…

— Está bem, eu conto-te! Estive a fazer alguns planos para as nossas férias, vê lá se te agradam… — Disse-lhe ele de sorriso brincalhão estampado no rosto, passando-lhe o caderno para a mão. Ana pegou nele, esfolheou algumas páginas e ficou alguns minutos em silêncio e bastante pensativa a ler o que ele tinha escrito.

As actividades propostas agradaram-lhe, de imediato; pois eram muito diversificadas.

— Agradam-me bastante! — Disse-lhe ela sentando-se ao
colo dele, abraçada a ele e dando-lhe um beijo suave.

Entretanto, o empregado aproximou-se da mesa, trazendo uma deliciosa: *Paella* de Marisco que despertou, depressa, os sentidos de ambos. Serviram-se daquele autêntico manjar dos Deuses e enquanto almoçavam continuaram a

conversar sobre as férias que se avizinhavam.

— Na Sexta-feira, quando chegarmos à quinta, a primeira coisa que quero fazer é: pegar na bicicleta e ir dar um grande passeio pelo campo, tenho saudades do ar puro, da natureza e do cheiro da terra e dos frutos. Fazes-me companhia?

— É claro que sim! Não há convite mais tentador que um passeio de bicicleta, a dois.

— Miguel sorriu — Já começaste a preparar as coisas para fazeres as malas?

— Não! Ainda é muito cedo, mas acredita que a vontade é muita; no entanto, de manhã reparei que tu já foste adiantando algumas coisas… — Disse-lhe ela.

Ele já tinha colocado alguma roupa em cima da sua cama.

— Estou ansioso que chegue o final da semana, para partirmos para a quinta; já tenho muitas saudades dos meus pais e de todo aquele ambiente. Eu vou-te ser sincero, já me está a fazer falta aquele ar do campo e claro o contacto directo com a natureza.

— Percebo! Já só temos que aguentar mais dois dias.

— Espero que passem mesmo depressa!

— E para a nossa tarde, tu já tens planos? — Perguntou-lhe expectante e curiosa.

— E a minha princesa está disposta a aturar-me a tarde inteira?

— Estou disposta a aturar-te até ao fim das nossas vidas!

Miguel mostrou-se comprometido e envergonhado e de repente, uma ligeira nuvem atravessou o céu, esmorecendo um pouco o calor do Sol.

— Até o Sol se escondeu perante tamanhos elogios à minha pessoa… — Ana riu-se — Mas falando dos planos para a nossa tarde, estava a pensar irmos apanhar banhos-de-sol à Praia do Tamariz. O que me dizes?

— Gosto muito da ideia!

— Depois, a meio da tarde, tenciono *raptar* a miúda do meu coração para irmos dar um passeio pelo nosso refúgio à beira-mar plantado e ver o pôr-do-sol. Alinhas?

— Claro! Não poderia ser programa mais perfeito!

— E agora, depois do almoço, aonde vamos?

— Apetece-me namorar, divagando por aí sem destino e sem rumo, contigo a meu lado. Aproveitamos e vamos tomar café à Baía.

— Sugestões mais que aceites.

❀

Entretanto, Sexta-feira acordou esplendorosa, a luz incandescente do Sol escaldante, de Verão, transformava a cidade de Lisboa numa cidade especial. Tanto Ana, como Miguel já estavam levantados há horas para acabarem de preparar tudo para a partida; aproveitaram e prepararam juntos, o pequeno-almoço: *bacon* frito com ovos mexidos, crepes com compota de maçã, torradas com manteiga e mini-*brownies* de chocolate. Uma dessa mescla de diversos sabores coloria toda a casa. O café acabado de fazer também fazia por estimular todos os sentidos, logo, pela manhã, recarregando energias.

Ana mostrava-se sorridente e bem-humorada, apresentando um estilo muito descontraído e casual que fazia logo lembrar o campo, a liberdade e o sol: a sua longa cabeleira loura tinha sido apanhada numa trança que ela usava apenas de um lado, como se fosse a princesa Rapunzel dos tempos modernos. Vestia uma t-shirt em tons de castanho, bastante curta, que deixava à vista as suas curvas e o seu corpo bem definido; a t-shirt composta por várias franjas, como estava na moda, dava-lhe um ar bastante *freak*; para complementar o *look*, ela vestia uns calções em ganga e calçava uns ténis bem confortáveis e práticos. Miguel ainda não tinha conseguido parar de olhar para ela, desde que se tinha levantado; pois, ela estava mesmo gira. Se bem que, para ele, Ana ficava linda com qualquer coisa que vestisse.

Miguel também tinha optado por um estilo fresco que destacava a sua altura, o seu corpo musculado e bem constituído e a sua pele morena. Uma t-shirt verde de manga cavada (ele adorava cores bem claras), uns calções, de ganga, pelo joelho e umas chinelas nos pés, faziam lembrar as idas à praia. Manhãs cheias de mergulhos e banhos-de-sol, areia fina como o sal: como se pudessem ter o mundo inteiro na palma da mão, o mar e a brisa marítima. Foi em todas essas coisas que, Ana pensou mal se cruzou com ele, na cozinha.

Estavam mesmo prontos para uma semana sem complicações, nem stresses, em plena paisagem alentejana. Miguel já tinha saudades das suas raízes, dos seus pais, das histórias do pai e claro dos deliciosos cozinhados da mãe; apesar de adorar a comida da Joana. Já a Ana, tinha imensas saudades dos avós, da rotina típica da quinta e das imensas actividades que
fazia em criança, primeiro sozinha e depois na companhia de Miguel, que se foram mantendo ao longo das suas vidas.

❀

A reconhecida Quinta da Juventude estava muito mudada, desde a última vez que eles a haviam visitado, a idade avançada do avô António e da avó São fez

com que fosse necessário fazer várias mudanças e remodelações: a primeira delas foi: contratar mais pessoas para ajudarem nas diversas tarefas diárias. Os pais de Miguel: Alfredo e Mizé, eram uma preciosa ajuda e uma mais-valia para a quinta; mas não eram suficientes. Apareceu então a Luísa: uma jovem simpática, cheia de energia, despachada e bem-disposta que ficou, desde logo, encarregue das aulas de equitação. As crianças que visitavam a quinta com as suas famílias ou que ficavam lá alojadas com o intuito de passarem as férias de Verão deixavam-se mesmo conquistar pela descontração, pela alegria contagiante e pelas
brincadeiras dela.

E o Anthony, que era luso-descendente: filho de mãe portuguesa e pai inglês e se considerava português de coração e inglês de nascença. Veio para Portugal, no fim da adolescência, com dezoito anos, para ingressar na faculdade e no curso de Medicina Veterinária; mas, durante as férias de Verão, ele
tentava sempre arranjar um estágio ou trabalho em *part-time*: se possível ligado aos animais. Era responsável pela bicharada quinta, apesar de só ter chegado à quinta há duas semanas. Ainda assim, o avô António parecia muito satisfeito com ele; uma vez que, Anthony aprendia rápido e não se amedrontava com nada. Para além disso, o avô confiava bastante nele; por isso, não teve medo de lhe delegar a tarefa de cuidar de todos os animais.

Os turistas que visitavam a quinta, após a chegada de Anthony, teciam-lhe os mais prestigiados elogios: ele adorava o que fazia e demonstrava-o com extrema facilidade, era divertido e simpático com as crianças, efusivo e dava-se bem com toda a gente. As crianças adoravam-no; pois, ele estava sempre a fazer brincadeiras e era capaz de contar mil e uma histórias com os vários animais que lhes ia mostrando. Ninguém conseguia resistir às histórias dele, nem mesmo o avô António que na maior parte das vezes, apreciava sentar-se ao sol, de bengala na mão e boina axadrezada na cabeça, para o proteger do calor, a divertir-se com a criançada, como nos bons velhos tempos e a imaginação do Anthony.

Para além da Luísa e do Anthony, chegou também à quinta: o Kiko, um jovem recém-licenciado em cozinha que, passou a ser responsável por *workshops* de cozinha ao vivo, algo muito apreciado pelos turistas. E por fim, a dona Carminho que passou a ajudar Maria José: mãe de Miguel, nas limpezas de toda a quinta e também da ala turística.

❀

Enquanto a família não se levantava; Ana e Miguel foram carregando o carro,

para depois não andarem a perder tempo, que já começava a escassear; havia ainda imensas coisas para levar: cadeiras, guarda-sóis e sacos da praia, bicicletas, malas entre outras coisas. Miguel estava mesmo desejoso de chegar à quinta, e contava fazê-lo ainda antes de escurecer; porque, ele queria muito poder dar um passeio de bicicleta para apanhar o ar puro do campo.

Pouco tempo depois, sentaram-se todos à mesa para o pequeno-almoço, conversaram sobre os diversos planos para as férias e daquilo que fariam mal chegassem à quinta. João não perdeu tempo a partilhar, de imediato, o que queria fazer mal chegasse à quinta do avô António e da avó São: brincar com o canino mais velho: o Faísca. Depois, ajudaram a arrumar a cozinha, carregaram o carro com as últimas coisas e fizeram-se à estrada rumo ao Alentejo, passavam poucos minutos das dez da manhã. As viagens eram sempre uma animação; pois, Ana e João raramente se conseguiam decidir quanto ao filme que queriam ver: discutiam sempre, uma vez que João queria ver sempre desenhos-animados e Ana: um filme recente.

E agora com Ana e Miguel cada vez mais cúmplices, João passava o tempo todo a dizer o mesmo:

— Muito cuidado com esses namoros! Não sei se sabem, mas há crianças aqui. Se vocês querem passar o tempo todo a dar beijinhos na boca, façam-no antes de entrarem no carro. Não percebo como é que aguentam, andarem de dia e de noite agarrados, um ao outro, aos beijos.

Ana e Miguel, Joana e Pedro riam-se à gargalhada. Na hora do almoço, pararam num restaurante, tipicamente, alentejano para almoçarem e descansarem um pouco, a viagem não era muito longa; mas, com o calor intenso que se fazia sentir tornava-se uma viagem cansativa. Minutos depois, estavam a chegar à quinta; Miguel, Ana e João mostravam-se eufóricos e entusiasmados com a chegada.

Os avós aguardavam-nos, à entrada da quinta, com a alegria e boa-disposição de sempre, as saudades eram mais que muitas e com a mesa posta com os melhores petiscos para o tão desejado lanche que se prolongaria pela tarde e noite dentro, a fazer mesmo lembrar o Verão abrasador do Alentejo.

Ninguém conseguia resistir… Por entre muitos beijinhos e abraços, contavam-se muitas histórias e claro partilhavam-se as últimas novidades; Miguel aproveitou o facto de a família de Ana estar toda reunida numa longa conversa para também ir colmatar as saudades dos pais. Mizé andava pela cozinha a lavar a loiça; enquanto Alfredo se encontrava na garagem de volta da carrinha do avô da Ana que andava com problemas na ignição. Miguel entrou na casa dos avós de Ana, de mansinho, fazendo pouco barulho e foi até à cozinha; a mãe estava debruçada sobre a bancada a lavar pratos, ele aproximou-se dela devagarinho,

abraçou-a e deu-lhe um beijo demorado no rosto. Maria José sobressaltou-se, estava embrenhada nos seus pensamentos.

— Olá, Miguel! Até me assustaste… Já chegaste? — Disse-lhe ela sorridente, parando imediatamente de lavar a loiça e limpando de seguida as mãos a um pano, para lhe poder dar um abraço.

Miguel abraçou a mãe, com grande intensidade: não havia nada melhor que o abraço e calor de mãe e deu-lhe mais dois beijinhos.

— Acabamos agora mesmo de chegar! Eu aproveitei para lhe vir dar um beijinho; enquanto a Ana está com a família.

— Que bom! Já tinha tantas saudades tuas!

— Também eu, vossas! Já tinha mesmo muitas saudades, mãe! Está a correr tudo bem por aqui?

— Está, meu filho! Felizmente, nós não podemos queixar-nos com falta de trabalho, temos recebido cada vez mais gente.

— Que maravilha! Fico muito contente por ouvir isso.

— E tu como estás?

— Está tudo nos conformes, mãe! Depois destes meses de muito estudo, estou agora a aproveitar as férias que restam.

— É assim mesmo! Tu nem imaginas como, eu e o teu pai ficamos contentes e orgulhosos de ti, por teres acabado o ano com tão boas notas e por estares prestes entrar na universidade, para tirares o teu curso para seres um grande doutor. Sem estudos não somos ninguém, temos que estar, constantemente, a aprender, é a lei da vida. Nunca te distraias dos estudos, concentra-te o mais que puderes e dá sempre tudo de ti, porque são muito importantes e fazem muita falta.

— Eu sei! Não se preocupe!

— E esse *namorico* com a Ana, que tal está? Espero bem que não interfira com os estudos.

— Não podia estar melhor! Fomos feitos um para o outro; ela é a mulher da minha vida, a pessoa que me complementa e uma das pessoas mais especiais que eu conheci, sem a qual eu não sei, nem saberia viver. Quero ficar com ela para sempre. — Disse ele de ar bastante apaixonado.

— Estás mesmo apaixonado por ela, não estás? — Disse-lhe a mãe de sorriso rebelde.

— Muito, mãe! Acho que nunca gostei tanto de uma miúda, como gosto dela. Estou mesmo nas nuvens; porém não se preocupe, pois eu tenho os pés bem assentes na terra e apesar de estar muito apaixonado não me deixo deslumbrar. A Ana também tem boas notas e nós ajudamo-nos muito, mesmo na escola.

— Que bom! Eu fico mesmo feliz por ti, filho! Por teres encontrado a pessoa certa. Tu sabes que, eu e o teu pai apenas queremos que sejas feliz.

— Eu sei disso, mãe! Agora que fala no pai… Sabe dele?

— Após o almoço, o teu enfiou-se na garagem de volta da carrinha do senhor António, ainda deve estar por lá. Vai ter com ele, vai gostar de te ver.

— Vou até lá então… E a mãe não quer vir dar uma voltinha comigo?

— Gostava muito, Miguel! Mas agora não posso, eu ainda tenho algumas coisas para fazer. Fica para depois…

— Combinado, mãe! Sendo assim, vou a deixar trabalhar, até já! — Disse ele dando-lhe mais um beijo.

— Até já, meu querido!

Miguel regressou para junto de Ana e da sua família.

— Onde foste? De repente desapareceste… — Perguntou-lhe ela curiosa, quando ele regressou ao pátio.

— Fui dar um beijinho à minha mãe.

— Eu logo vi! Até comentei isso com a minha mãe. Soube bem, o colinho? — Brincou ela

— Que engraçadinha que estás! Sabes muito bem que sim… Mãe é mãe.

— Eu sei e compreendo! Estava só no gozo contigo!

— Sempre, queres vir passear de bicicleta comigo?

— Claro! Vamos a isso!!!

— De caminho aproveito e vou dar um abraço ao meu pai que está na garagem a arranjar a carrinha do teu avô.

— Entreguei ao Alfredo, um valente bico-de-obra. Aquela maldita carrinha, nunca mais se endireita, desconfio que está a pedir a reforma antecipada.

Ana e Miguel desataram numa gargalhada pegada.

— Ajudas-me só a descarregar algumas coisas do carro?

— Isso nem se pergunta…

❀

Dirigiram-se para junto do carro, abriram a bagageira num clima de muito romance e boa-disposição e foram tirando as bicicletas, seguidas das malas que, Ana deixou nos respectivos quartos; de caminho, ela decidiu trazer consigo o chapéu de palha da avó. Miguel também optou por ir ao carro buscar o chapéu de Hip Hop, o sol estava a escaldar e naqueles dias todo o cuidado era pouco; pegaram nas respectivas bicicletas e foram pedalando, por entre os campos de trigo e as árvores de fruto, aproveitando a deixa para conversarem um pouco.

Embrenhado no silêncio da natureza e na música que ecoava a partir de uma casa ali perto e que tanto lhe fazia recordar o seu abrasador Alentejo: *Restolho* da portuguesa Mafalda Veiga, Miguel aproveitou para pensar um pouco; de facto

a adolescência era tudo, menos uma fase sossegada da vida; pois, acarretava muitas mudanças: quer a nível pessoal, quer a nível profissional com a entrada para a faculdade.

Em tão poucos anos, ele já tinha passado por imensa coisa; por isso custava-lhe, por vezes, a acreditar e a aceitar que, a vida desse tantas voltas em tão pouco tempo e que o tivesse obrigado a ter que ultrapassar tantas dificuldades e obstáculos para manter a amizade de Ana na sua vida e assim puderem cumprir o pacto que tinham feito na infância, de virem a ser amigos para sempre. Nunca imaginaria que teria que provar, tantas e tantas vezes, aos outros como a amizade de Ana era importante para si na sua vida, como fazia todos os dias a diferença e que eles eram cada vez mais unidos e cúmplices do que nunca. Miguel não esta disposto a abdicar da amizade dela, nem ela da dele; por isso, a opinião dos outros não lhes interessava muito, iriam lutar sempre, incansavelmente, contra tudo e contra todos por aquela amizade incrível e insubstituível, até ao fim dos seus dias para que nunca se perdesse. E ninguém iria ser capaz de mudar isso ou lutar contra isso, fizessem aquilo que fizessem.

Parecia quase uma utopia que a amizade que o unia à Ana se tivesse tornado em algo tão intenso, forte e cúmplice, apesar de todas as diferenças que os poderiam ter separado; mas que acabaram, improvavelmente, por uni-los para toda a vida. Era algo que ele achava, completamente, impossível; mas Ana encarregou-se de lhe mostrar o contrário, desde o dia em que o tinha conhecido e ao longos dos anos: muitas vezes as diferenças, entre duas pessoas, podem uni-las ainda mais do que descruzar os seus caminhos. E isso acabou mesmo por se verificar com eles e Miguel estava extremamente agradecido por Ana ser, em tudo, diferente; por fazer parte da sua vida e por se ter cruzado no seu caminho. Com ela e também com a sua família tinha aprendido grandes lições.

De repente, ele deu por si a mirar Ana de olhar sorridente e apaixonado; num ápice, ele chegou à conclusão que, ela era mesmo o forte motivo que o fazia viver; a peça mais importante e fundamental da sua existência e a mulher da sua vida.

E quando eles menos esperavam, de amigos improváveis, tinham-se transformado em amantes incontornáveis, algo que era de todo imprevisível e que nenhum dos dois estava à espera; mas, no fundo, facilmente percebiam que era algo muito provável e inevitável. As vivências, as partilhas, as conversas e inconfidências inusitadas, os sonhos e a forte amizade tinham impulsionado, proporcionado e também ajudado a que os corações de ambos decidissem bater em sintonia.

E Miguel estava feliz por isso: por ter ao seu lado alguém que conhecia melhor que a própria sombra, de quem gostava imenso e que era sem dúvida a

melhor companheira e a melhor alma gémea que poderia ter escolhido. Sorriu embevecido, para si mesmo, mostrando um sorriso incandescente e um olhar tão brilhante como uma estrela cadente.

Ana não deixou de reparar no ar introspectivo e compenetrado de Miguel e decidiu questioná-lo:

— Estás muito calado! Em que estás a pensar? — Perguntou-lhe ela.

— Em nada de especial! Já paraste para pensar, nas voltas que a vida dá?

— Como assim?

— Pensa comigo: nós tornamo-nos grandes amigos, algo que era de todo improvável, devido às diferenças que na altura nos separavam e de repente, de grandes amigos, passamos a ser namorados. A adolescência tem-nos oferecido profundas mudanças.

— Se pensares bem, a adolescência é feita disso mesmo: de grandes mudanças.

— Sem dúvida! Nós já passamos por tantas coisas, juntos, e tivemos que superar tantas dificuldades e tantos obstáculos para conseguirmos manter a nossa amizade; tu nunca tinhas parado para pensar nisso?

— Confesso que não! Por incrível que possa parecer, acho que nunca tive esse lado reflexivo, como tu tens, sobre tudo o que me rodeia e sobre as coisas. Não costumo pensar muito sobre isso, vou vivendo um dia de cada vez e aproveitando o momento e o que a vida me vai dando; no entanto, agora que falas nisso e que me obrigaste a reflectir, de facto, tens toda a razão.

— Nunca pensei que, tivesse que provar tantas vezes aos outros que a amizade que nos une é, realmente, importante e fundamental para mim. Que tu és uma pessoa muito especial para mim e na minha vida e que ninguém vai conseguir alterar isso e muito menos separar-nos. A vida está, constantemente, a pôr-nos à prova, acho que ao fim destes anos todos eu ainda continuo a não me sentir preparado para isso.

— Em tudo aquilo que fazemos; infelizmente, nós somos obrigados a pôr-nos à prova e, principalmente, a provar aos outros o nosso verdadeiro valor e as premissas em que a nossa existência assenta. A vida é mesmo assim, uma luta constante por aquilo em que acreditamos.

— Acho que, ainda não me tinha apercebido bem disso! Só agora é que estou a ter plena consciência… Sabes, às vezes, sinto necessidade de parar para pensar em tudo o que me vai acontecendo.

— É normal e natural! Reflectir é sempre importante.

— Sim! Quando reflectimos acerca das coisas; também aprendemos, principalmente, grandes lições de vida. E também fazemos grandes descobertas sobre nós próprios, sobre o mundo que nos rodeia e sobre a vida.

— Podes crer! Sem dúvida!

❀

Entretanto, chegaram à garagem. Alfredo acabava de entrar dentro da carrinha do avô de Ana para a pôr a trabalhar, Ana e Miguel sentiram, de imediato, o som do motor a trabalhar e depois o pai de Miguel acelerou-o a seco. Parecia estar tudo bem, quando o senhor Alfredo saiu da carrinha, Miguel cumprimentou-o com um abraço.

— Olá, pai!

— Olá, meu rapaz. Então já chegaste?

— Já sim, pai! Como está?

— Está tudo bem, filho. Muito trabalho… E lá por Lisboa como vai tudo?

— Vai bem!

— Esses estudos que tal? A tua mãe disse-me que passaste o ano com boas notas.

— Sim! Correu tudo bem e como esperado.

— Fico muito contente e orgulhoso.

— Obrigado, pai! Quando é que nos fazem uma visita?

— Um dia destes! Sabes que, agora nós temos tido muito trabalho, é altura de muita gente e não podemos deixar tudo para o senhor António e para a dona Conceição; neste momento, não podemos sair daqui. Talvez no Natal consigamos ir aí acima.

— Percebo, pai! Sendo assim, vou ficar à espera da vossa visita!

— Combinado! A tua mãe, desde que soube da tua vinda não tem falado noutra coisa. Todos os dias fala de ti.

— A sério?! Não fazia ideia; ela não me disse nada.

— Sabes como é a tua mãe… Batem-lhe, constantemente, as saudades tuas.

— Eu percebo e sei que vos faço muita falta todos os dias. Quanto à mãe, eu sei muito bem como ela é: para além de ser uma verdadeira mãe-galinha, nunca foi de grandes falas, prefere ficar sossegada no canto dela, a remoer e a guardar tudo para si.

— A quem o dizes, filho! Já foste vê-la? Olha que ela depois não se cala…

— Sim, pai! Já estive com a mãe, não se preocupe.

— Boa tarde, menina Ana! Desculpe por ainda não a ter cumprimentado, mas sabe como é: conversa puxa conversa, que burrice a minha. — Disse ele dando-lhe dois beijinhos.

— Oh! Não faz mal, senhor Alfredo. Esteja à vontade.

— Como vai?

— Está tudo bem, obrigada! E o senhor?

— Também! Cá vamos andando, como Deus quer.

— Isso é o mais importante.

— Há dias bons e dias maus, há que viver um dia de cada vez.

— Sem dúvida!

— Está cada vez mais bonita, é tão parecida com a senhora sua mãe. A menina Joana é uma joia de pessoa.

— Muito obrigada pela simpatia e gentileza. — Disse-lhe ela algo tímida e comprometida.

— Que andam a fazer por aqui, filho?

— Viemos dar um pequeno passeio de bicicleta, de caminho aproveitei e vim vê-lo.

— Fazem muito bem em aproveitar o tempo quente. Hoje a tarde está esguia e fugidia.

— E o pai já acabou o trabalho na carrinha?

— Já sim, finalmente! Esta velha companheira do senhor António deu-me luta a tarde quase toda; porém, valeu bem a pena. Ficou impecável, o avô da menina Ana vai ficar muito contente....

— Nem duvido! Bem, pai, nós vamos andando.

— Vão com cautela e tenham muito juízo com as bicicletas. Eu acompanho-vos que tenho que ir lavrar a terra com o tractor.

— Veja lá, pai! Tenha cuidado! Isso é tão perigoso… Eu fico sempre em cuidados consigo, quando sei que vai trabalhar com o tractor. Basta um simples descuido para se dar um acidente, já sabe como é.

— Eu sei, Miguel! E agradeço imenso a tua preocupação; mas não é preciso ralares-te tanto comigo, eu já sou crescido e ainda sei bem aquilo que faço. Eu tenho sempre muito cuidado; caso contrário, já sabes que tenho a tua mãe à perna; para além disso, já estou bem habituado a trabalhar com estas máquinas, por isso, vai descansado que eu fico bem.

— Fica mesmo?

— Claro que sim!

— Veja lá, se quiser eu dou-lhe uma ajuda…

— Não é preciso, filho! Eu agradeço-te muito. Vai passear à vontade com a menina Ana, não a faças esperar mais.

— O pai é que sabe; porém se precisar, não hesite em pedir-me ajuda.

— Assim farei!

❀

Despediram-se, entre abraços e beijinhos e deixaram a garagem. O senhor Alfredo, dirigiu-se ao celeiro da quinta para preparar o tractor; enquanto Ana e Miguel retomaram o passeio. Ana acabava de ter uma grande ideia e decidiu partilhá-la com Miguel.

— Nem imaginas, a ideia que me passou agora pela cabeça…

— Ui, Ui! Acho que esse ar misterioso traz água no bico.

— Estás sempre a gozar-me… O que achas se nós fôssemos até àquele lugar, tão especial para nós? — Propôs ela.

— Acho que é uma excelente ideia. Sabes, perfeitamente, que é um sítio de paragem obrigatória para mim, sempre que vimos até cá. — Disse-lhe ele bastante sorridente.

❀

Continuaram a conversar e a pedalar mais algum tempo, o sol estava alto e irradiava um calor abafado e tórrido; até que chegaram a um campo de trigo que lhes era bastante familiar. No centro das plantações, encontrava-se uma árvore: guerreira, corpulenta e guerreira, tão velha quanto o tempo. As fortes raízes, como os muros de uma casa, roçavam a velhice, os ramos estavam fracos e as folhas caíam à mínima aragem.

Miguel olhou para ela, comovido; mas, ao mesmo tempo, entristecido não demoraria muito tempo a que aquela memória da sua infância se desvanecesse. A velha oliveira onde ele tinha brincado tantas vezes sozinho, em plena infância, mergulhado nos seus sonhos de criança e nos seus pensamentos e onde tinha passado horas a fio a desenhar, no seu eterno caderno de folhas amarelecidas, com os pedaços de grafite que o pai lhe arranjava, estava a morrer da idade. Isso deixava-o de coração partido e bastante apertado; não devia faltar muito para que aquela tão agradável e disputada sombra se desvanecesse pra sempre.

Miguel sentia que, os campos de trigo nunca mais seriam os mesmos e que até a paisagem deixaria de ser igual ao que sempre era, no dia em que aquela árvore deixasse de existir, naquele preciso e exacto lugar. Era, realmente, incrível como a própria natureza podia tatuar paisagens. Iria passar a existir sempre, ali, uma espécie de cratera sobre o vazio e ele quase que seria obrigado a reter na sua memória, mais uma série de recordações e lembranças da sua eterna infância.

Alentejo Confidente

A proveitaram e sentaram-se, à sombra, debaixo da árvore, a desfrutarem um bocadinho da paisagem alentejana que era sempre tão bonita e a partilharem algumas memórias passadas.

— Não fiques assim! Sabes bem que é a lei da vida. Todos nascemos para morrer mais tarde.

— Eu sei! Mas custa muito ver esta árvore assim; quando eu nasci já ela existia, praticamente viu-me crescer.

— Eu percebo! Sabes, sempre que nós nos sentamos aqui, lembro-me do dia em que nos conhecemos e do rapaz cabisbaixo e pouco falador, de chapéu de palha: amarelo e gasto, na cabeça, de roupas velhas vestidas, de sapatos nos pés quase comidos pelas traças e de pau: de madeira velha, na mão, a riscar a terra, que eu encontrei.

— Eu acho que nunca me irei esquecer de quão mal te tratei naquele dia. Era mesmo um miúdo amargurado e complexado, pelo facto de ser pobre e por achar que por causa disso, não podia fazer amigos. Ainda bem que, os nossos caminhos se cruzaram e que tu apareceste e entraste na minha vida para me mostrares o contrário de tudo aquilo que eu pensava. — Disse-lhe ele timidamente.

— Se calhar, se tu me tivesses tratado bem e com respeito, eu não teria insistido tanto contigo e talvez, hoje, nós não fôssemos amigos, cúmplices e namorados como somos.

— Sem dúvida! É bom estar aqui, neste lugar tão especial para nós, carregado de tantas memórias e recordações, contigo a meu lado.

— Faço das tuas, as minhas palavras. — Disse ela embevecida.

❀

De seguida, ela sentou-se ao colo dele, trocaram um beijo longo e sorrisos cúmplices e algo comprometedores e depois abraçou-o. Sentiam-se muito

felizes. A tarde ainda ia a meio; por isso, eles decidiram continuar por ali, recuando no tempo e conversando sobre vários assuntos e principalmente sobre o presente, o passado e o futuro, até perto da hora do jantar.

Miguel tentava, a todo o custo, focar-se em Ana e no que sentia por ela e mostrar-se feliz, bem-humorado e extrovertido: tal como ele era e sempre fora, para que Ana não se apercebesse do seu verdadeiro estado de desassossego e preocupação em que ele se encontrava. O regresso a Lisboa poderia mudar muita coisa e ele tinha um grande medo dessa mudança, havia uma possível e provável separação eminente que há semanas que não o deixava sossegar. Ele não conseguia deixar de pensar nisso; na verdade preferia não ter que ser obrigado a pensar sobre isso, porém, não era capaz de ficar indiferente. Para afastar da memória todos aqueles pensamentos menos bons, Miguel convidou Ana, como vinha a ser hábito, para passar aquela primeira noite com ele na sua casa e claro ela não pensou duas vezes, nem sequer hesitou em aceitar de imediato tão tentador convite. Aquele ritual nunca podia faltar, caso contrário parecia que o regresso à quinta deixava de ter a mesma emoção e significado.

O serão não poderia ter sido melhor e mais especial, pois, Mizé: a mãe de Miguel, brindou-os com o prato preferido de Miguel: *sushi*, que estava excelente e que os deliciou a todos. Depois do jantar, aproveitaram para dar um pequeno passeio pela quinta: foram até ao lago e sentaram-se por lá a contemplarem a noite estrelada, durante uns bons minutos. Ana adorava ficar sentada ao colo de Miguel, abraçada a ele, sentindo o doce aroma: masculino e afrodisíaco da sua pele, a firmeza do peito dele e dos músculos dos braços dele, gostava imenso do calor que emanava do corpo dele e das energias positivas que lhe transmitia; enquanto conversavam, Ana pegou no telemóvel e decidiu colocar a tocar a banda sonora adequada para aquele momento envolvente, a dois: a música *Counting Stars* dos norte-americanos *OneRepublic*: uma melodia quão calma, como enérgica.

— O que é que achas que poderá vir a acontecer daqui para a frente? — Questionou-a pensativo.

Ana olhou para ele desconfiada e algo espantada

— Como assim? O que é que queres dizer com isso? Não estou a perceber…

— Já sabíamos, há algum tempo, que pretendíamos seguir caminhos diferentes; porque, de facto, desde sempre, que nós tivemos sonhos diferentes e que sempre ambicionamos exercer profissões diferentes, no futuro e acabamos por constatar isso aconteceu mesmo, o que quer dizer que, a partir de agora, as nossas vidas vão começar a descruzar-se um pouco. Eu confesso, muito sinceramente, que acho que era algo inevitável, que a distância, entre nós, não acabasse por existir, mais cedo ou mais tarde; uma vez que a vida é mesmo

assim: feita de constantes provas. Achas que a amizade e o amor que nós sentimos um pelo outro, sobreviverá a essa distância que vai passar a existir entre nós, a partir do mês de Setembro? Estás de partida para a faculdade e podes entrar numa universidade fora de Lisboa, o que fará com que nos vejamos menos.

— E porque é que a amizade e o amor que tanto nos une não haveriam de sobreviver à distância? — Questionou-o ela de ar admirado perante as dúvidas e incertezas dele.

— Porque a distância vai tornar-se cada vez maior, à medida que o tempo for passando; para além disso, vamos viver experiências novas e conhecer outras pessoas.

— Mas esses não são motivos, suficientemente, plausíveis para que a nossa amizade e o nosso amor não sobrevivam. podemos separar-nos, ficar a quilómetros de distância um do outro, mudar de cidade, de país até, e ver-nos menos; porém, nunca, deixaremos de nos amar, um ao outro, como sempre fizemos até aqui e de ser os melhores amigos. Isso, eu posso garantir-te. Não vou deixar que isso aconteça, por mais novas experiências que vivencie e claro por mais pessoas novas que conheça.

— Como é que tens tanta certeza disso?

— Os amigos não deixam de ser amigos, nem os namorados deixam de passar tempo juntos e de se amar apenas porque escolhem caminhos diferentes. Faz parte da vida, as pessoas seguirem opções distintas; mas, não tem que ser motivo para se perderem amigos ou para deixar de se amar quem, de facto, se gosta. Há tantos amigos e namorados que se distanciam, uns dos outros e que se mantém ligados para o resto da vida. É tudo uma questão de organização e de sabermos gerir melhor o nosso tempo e as nossas prioridades; no entanto, eu sei que nunca vais deixar de ser o meu melhor amigo e cúmplice e claro o meu companheiro de todas as horas e de vida. E, independentemente, de tudo o que acontecer daqui para a frente, eu vou continuar a gostar muito de ti e vou continuar a amar-te com toda a minha alma, com todo o meu coração e com todas as minhas forças. É uma certeza tão grande, como tudo aquilo que nos une.

— Gostava de ter assim tantas certezas como tu, sinto que vai ser mais um grande obstáculo que nós vamos ter que saber ultrapassar.

— A vida é mesmo assim, meu amor! Ao longo de toda a nossa vida, muitos mais obstáculos e dificuldades virão, acho que é disso que a vida é feita. A vida está sempre a pôr-nos à prova, todos os dias temos que aprender a superar-nos; logo, há que saber viver o melhor possível com isso.

— Tens razão! Porém, confesso que tenho muito receio do que aí vem. Eu tenho um forte medo que tu conheças outras pessoas que te façam desinteressar

por mim e que deixes de me amar. Tenho medo de te perder…

— Oh! És tão tolo! Isso, jamais, irá acontecer…

— Espero, sinceramente, que não! Porque, neste momento, eu já não sei viver sem ti, morria se te perdesse para sempre; pois, és tu que fazes o meu coração bater e és tu o ar que respiro, a alma, o coração, o pensamento, a noite e o dia. És a minha alegria, a minha energia, a minha vida e a minha força de viver.

— Meu Deus!!! Nem imaginas, como essas tuas palavras me arrepiaram agora, nem sei que dizer, estou sem palavras. Sinto-me mesmo muito honrada e uma verdadeira privilegiada e fico extremamente embevecida por saber que me sentes dessa forma tão intensa e que sou tão importante para ti e na tua vida.

— Mas tens dúvidas disso? És e serás sempre uma pessoa insubstituível e a mulher da minha vida e nada nem ninguém conseguirá mudar isso; muito menos ocupar o lugar que ocupas no meu coração e na minha vida, eu jamais deixaria que isso acontecesse. Porque, esse lugar especial é e será sempre teu, aconteça o que acontecer; para além disso, eu, nunca, te trocaria por quem quer que fosse…

Ana abraçou-o intensamente e beijou-o apaixonadamente. Um beijo intenso, irreverente e sôfrego, que fez Miguel quase perder o fôlego.

— Jamais teria motivos para duvidar do que tu sentes por mim; porque és daquelas pessoas que brilham, como os raios de sol e que reflectem tudo aquilo que são com a intensidade de uma noite de lua cheia. Confesso que, ver-me separada de ti também vai ser algo dolorosamente difícil; porque, tu fazes e farás sempre parte de mim, completas-me, preenches-me e preenches a minha vida, a minha alma e o meu pequeno coração com tudo o que há de bom, de melhor e de mais bonito e principalmente com o melhor de ti; para além disso, tu és a a pessoa que mais amo no mundo, a minha alma gémea e o pilar da minha vida. Penso que, a minha vida não seria igual sem ti, perderia grande parte do seu sentido, da sua magia, da sua cor e até da sua harmonia. Amo-te em dobro.

— Eu também te amo como nunca amei ninguém na vida. Aconteça o que acontecer, juras e prometes que jamais, deixarás que nos percamos de vista?

— Juro e prometo! Aconteça o que acontecer, iremos continuar a amar-nos e a ser os melhores amigos e companheiros e ficaremos sempre juntos até ao fim das nossas vidas; afinal de contas temos ainda um pacto por cumprir.

Miguel sorriu, abraçou-a com força e beijou-a levemente na testa; de repente, parecia que aquela conversa que haviam tido, tinha apaziguado um pouco a sua inquietação e tinha-o deixado mais sossegado e com menos dúvidas e receios.

Antes de irem dormir, Miguel foi buscar alguns álbuns de fotografias e, juntos, voltaram a recordar a sua infância desenhando de novo a sua história, por entre: inúmeros partilhas, sorrisos e momentos inesquecíveis.

No dia seguinte, ele decidiu madrugou para tentar chegar cedo à quinta depois de ter dormido, uma reconfortante noite na sua casa. Encontrou Ana sentada, em pleno alpendre, na velha cadeira de balançar da avó, com os seus longos cabelos louros apanhados numa trança. Ela vestia uma camisa branca que apertava com um nó pela zona do umbigo e uns calções bem curtos, azuis-escuros e calçava umas botas de montanha e estava a acabar de comer uma papaia bem fresca.

— Bom dia, princesa!

— Bom dia, meu amor! — Cumprimentou-o ela, com um intenso e doce beijo e depois, Miguel sentou-se nas escadas. — Essa noite foi boa?

— Foi, óptima! Colmatei as saudades que andavam aqui a formigar no peito. No entanto… — Disse-lhe ele mostrando um ar triste e ela acabou por sentar-se ao seu lado.

— Então o que é que aconteceu, para estares com esse ar tão triste?

— Quase morri de saudades tuas! Senti mesmo a tua falta, a noite nunca mais passava, parecia uma eternidade.

— És mesmo tonto! Nós só estivemos separados por meia dúzia de passos…

— Pois é, tens toda a razão! Porém, amo-te tanto que, para mim, parecia que estávamos em lados opostos do universo, acredita que já não sei viver sem ti…

— És mesmo exagerado! — Anuiu ela sorridente e de ar embevecido e bastante apaixonado, sentando-se ao colo dele e ficando longos minutos abraçada a ele.

— Tu nem imaginas, o quanto gosto de ficar assim contigo! Sabe tão bem… — Disse-lhe algo comprometido e também de ar apaixonado.

— Oh… Acordaste cheio de saudades da princesa, foi?

— Podes crer que acordei mesmo; para além disso, estou sentimentalista, lamechas e ainda mais apaixonado por ti. Eu acho que me apercebi disso ontem, quando senti na alma e na pele a nossa curta distância e a tua enorme falta; sinto que já não sou capaz de estar muito tempo separado de ti.

— Também sinto o mesmo. E nem imaginas como te adoro e te amo.

Não perderam tempo a beijar-se, durante algum tempo, de seguida e como ainda era cedo foram até à praia fluvial para darem uma pequena corrida matinal, antes de ajudarem o avô António e a avó São. A rotina na quinta não se tinha alterado, em quase nada, com o passar dos anos, continuava a haver a mesma azáfama do costume; porém, as tarefas com o avanço da idade dos avós da Ana e o passar do tempo, começaram a ser mais ponderadas. Por isso, o avô António tomou a iniciativa de contratar mais pessoas para o ajudarem; assim como à avó São, a cuidarem da quinta o melhor possível para que os clientes habituais e claro os turistas não notassem diferenças, relativamente, ao que estavam habituados.

E durante as férias de Verão, Ana e Miguel também eram uma preciosa ajuda; pois, continuavam a adorar ajudar tudo o que já ajudavam, na infância: tratavam do jardim da quinta e dos animais, faziam pequenas limpezas, apanhavam legumes e frutas, ajudavam com as refeições e serviam como provadores oficiais e até iam com os empregados da quinta distribuir os produtos produzidos biologicamente na quinta, pelas mercearias e hipermercados mais próximos.

❀

Como o clima já estava fortemente quente, Miguel despiu a t-shirt de manga cavada que trazia vestida e optou por dar a sua corrida em tronco nu. Algo que, fazia Ana sentir-se bastante desassossegada, perante a fusão dos intensos raios-de-sol com a pele morena dele; não conseguia tirar os olhos dele e daquele corpo: bem musculado, firme, robusto e bem constituído. Esvoaçavam no interior dela, fortes desejos incontroláveis por aquele homem sedutor e atraente e por poder voltar a sentir e a explorar, intensamente, todo aquele corpo sem tempo, sem espaço, sem medos nem preocupações, deixando as suas delicadas e bailarinas mãos e os seus húmidos lábios balançarem-se por aquele imenso céu.

Bem perto da hora de almoço, depois de uma manhã muito ocupada; porém, também divertida e descontraída, que fez Ana e Miguel perceberem que há muito tempo que não sentiam aquela sensação única de liberdade tão própria do campo, e com todas as tarefas concluídas. Ele sentia-se exausto, pegou numa mangueira e preparou-se para se passar por água, tinha ficado todo suado e não queria mesmo regressar a casa com aquele péssimo odor entranhado na pele, a relembrar os seus tempos de infância…

— Vai uma refrescadela, princesa? — Propôs-lhe em jeito de brincadeira, virando a mangueira para ela e tentando molhá-la.

— Nem penses! Não te atrevas a molhar-me, Miguel!

— Oh! Porquê?

— Porque eu não quero que estragues o meu *look* e muito menos a trança que me deu tanto trabalho a fazer!

— Com o calor que está hoje, até sabe bem! — Disse-lhe ele, correndo para ela, às gargalhadas, insistindo numa nova tentativa para molhá-la.

Ana desatou a correr pelo jardim, tentando afastar-se dele e da água.

— Não, Miguel! Pára! Pára!

— Não vais conseguir escapar, Anocas!

— Vá lá! Pára!

— Miguel decidiu parar — Bolas! Vocês são mesmo picuinhas e desmancha-

prazeres…

— Eu sei que tu estavas a divertir-te imenso, a tentar molhar-me dos pés à cabeça.

— Só te digo uma coisa: não sabes o que perdes.

— Eu acho que prefiro bem mais, ir até ao alpendre beber uma limonada.

— E vais deixar-me aqui sozinho? — Disse-lhe ele espantado.

— Não me digas que tens medo…

— Por acaso, medo é algo que raramente tenho; no entanto, preferia bem mais ter a tua companhia!

— Ai, sim? Então… Eu já volto com a limonada!

❀

Ana virou costas e dirigiu-se à casa dos avós e Miguel não perdeu tempo a molhar-se com a mangueira, sem nunca deixar de olhar Ana, de sorriso rebelde no rosto. Ele sentia uma forte vontade de arriscar fazer uma pequena brincadeira, que para Ana seria uma terrível maldade. Quando ela menos esperava, um denso jacto de água atingiu-a, em cheio, nas costas e depois percorrer todo o seu corpo molhando-a por completo. O dourado da sua encaracolada cabeleira, agora húmida, intensificou-se e a roupa colou-se-lhe ao corpo, definindo as suas curvas e salientando doces transparências. Ela ficou, momentaneamente, estática até optar por se voltar para trás, em direcção a Miguel de ar sério; mas divertido.

— Sou mesmo um desastrado… — Disse ele de ar gozão.

— Que conveniente, Miguel! — Disse-lhe ela brincalhona.

— Perdoa-me, princesa! A mangueira escapou-me por ter as mãos molhadas. — Disse ele, de sorriso brincalhão, comprometido e algo malicioso.

— Já sabia que, não irias descansar; enquanto não me molhasses.

— Juro que não foi por mal... — Disse-lhe ele rindo-se.

— Não tens mesmo emenda!

❀

Ana sorriu, voltou-se de novo para trás e pegou numa segunda mangueira a escassos centímetros, surpreendendo Miguel logo de seguida. Durante um bom par de minutos, Ana e Miguel deram fortes gargalhadas, correram atrás um do outro e molharam-se mutuamente; pois, o Amor também é a fusão de sentimentos e desejos em estado líquido. Quando já estavam a escorrer água, Miguel puxou a sua princesa para si e nem mesmo as inúmeras gotas de água

que os humedeciam, os impediram de trocar o beijo mais demorado e molhado de todo aquele Verão.

Miguel gostava muito de acariciar a longa cabeleira loura de Ana, quando estava húmida; gostava de sentir que aquela beleza tropical era palpável e feita de corpo e alma. Durante uns bons minutos, deixaram-se levar pelo Amor e paixão que sentiam, trocando carícias e olhares comprometedores cheios de atracção e sedução; era cada vez mais difícil resistirem-se um ao outro. A cada minuto que passava, eles desejavam-se cada vez mais, ao lado um do outro.

Os dias seguintes, foram preenchidos com actividades variadas; Ana e Miguel aproveitaram, ao máximo, aqueles dias em que estavam, juntos, na quinta: madrugaram, quase todas as manhãs, para darem corridas matinais na praia fluvial junto à quinta, tirando assim o máximo partido da natureza e da paisagem circundante; tal como, da solidão do escasso areal. Depois regressaram à quinta para um pequeno-almoço, tipicamente campestre e iniciaram de seguida as rotinas na companhia do avô António. Também houve tempo para desfrutarem de momentos de fotografia e leitura a dois, piqueniques, e sessões de cinema ao ar livre e até idas à praia: quer sozinhos, quer em família. Até o avô António que não apreciava nada a praia, se rendeu àquele suave e delicado areal.

Estavam a ser umas férias inesquecíveis…

❀

Após mais um jantar extrovertido, recheado de conversas, gargalhadas, boa-disposição e alegria; Ana pegou na mão de Miguel e dirigiram-se para o exterior para darem um passeio pela quinta. De caminho, ela aproveitou para andar no baloiço que o avô tinha construído quando ela era pequena; feito a partir de um pneu velho remendado e pintado à mão.

Enquanto Miguel a fazia balançar no vazio, continuaram a conversar e alguns minutos depois foram até à praia fluvial, para se sentarem um pouco no escasso areal existente, sentirem a leveza e acalmia das águas do rio e se deixarem envolver pela paisagem circundante.

— Hoje lembrei-me de uma coisa… Quando estivemos cá, em Abril, nas férias da Páscoa, não chegaste a contar-me qual foi o prémio que ofereceste aos meus primos; a propósito daquele desafio que lhes lançaste: do melhor desenho que ilustrasse o que eles mais tinham gostado daquelas férias. Eu fiquei bastante curiosa para saber…

— Ui! Isso é um segredo só meu e deles; portanto, eu não te posso contar nada! — Brincou ele.

— Ai é? Não sabia que agora tinhas segredos para mim…
— E não tenho!
— Não parece! Vá lá, Miguel… Conta-me!
— Não posso, princesa!
— Sinceramente, às vezes tu és mesmo chato!
— Ai é? Não sabia que agora me achavas chato.

❀

E num gesto involuntário; porém mecânico, ele empurrou Ana em direcção ao areal. Quando ambos menos esperavam, aqueles dois corpos voltaram a sobrepor-se um sobre o outro, corpo a corpo e cara a cara.

— Sim! Por vezes, és um chato; mas eu continuo a gostar imenso de ti na mesma e continuo a adorar a tua maneira de ser e estar perante a vida e os outros, a tua humildade, o teu sorriso, as tuas anedotas e piadas secas, as tuas gargalhadas contagiantes e claro o teu enorme bom coração. E amo-te na mesma; pois, tu continuas a ser magnífico e perfeito, mesmo quando às vezes és um chato. — Disse-lhe ela embevecida e sorridente, apertando-lhe o nariz em jeito de brincadeira.

Ele sorriu comprometido e depois aproximou os lábios do ouvido dela, sussurrando-lhe:

— O vencedor do melhor desenho foi passear comigo na Maria Vinagre… Satisfeita?

❀

Ana acenou, afirmativamente, com a cabeça, piscando-lhe o olho e puxando-o em direcção a si, pela extremidade do fio de prata que ele costumava trazer ao pescoço. Depois, fechou os olhos e beijou-o intensamente e ele correspondeu ao gesto dela, de imediato, beijando-a também. A praia fluvial da infância estava vazia, àquela hora: era completamente só deles. O ambiente era fresco, e fazia por resfriar os dois únicos corpos ali presentes; Ana e Miguel estavam prontos para reviver de novo o melhor do amor: puro, pleno, genuíno e verdadeiro.

Começaram por trocar longos beijos: muito apaixonados e húmidos e de seguida, as mãos: fortes, robustas e masculinas de Miguel fizeram por deslizar por baixo o vestido dela, sentindo na firmeza dos seus dedos, o contorno das pernas dela e a pele macia e suave como doce algodão; tal como, a silhueta esguia e bem constituída dela. Ana não perdeu tempo a mordiscar com alguma força o canto inferior direito do seu lábio inferior, exercendo forte pressão sobre

ele, incitando Miguel a intensificar os seus gestos e as suas acções, respirando fundo e fazendo força com os pés sobre a areia: tatuando-a, sentindo-o a contrair-se suavemente, à medida que os seus mais profundos desejos, a excitação e o prazer iam aumentando.

O vestido continuou a atravessar lenta e levemente o corpo dela, deixando-a apenas em roupa interior e levando a que ela deitasse o seu corpo nu na areia; os grãos da fina areia em contacto com a sua pele e o seu corpo nu excitavam-na e dava-lhe a sensação de estarem a fazer-lhe uma leve massagem exótica. Enquanto ele percorria o corpo dela, as mãos de Ana iam passeando livremente por baixo da t-shirt dele, sentindo o pulsar de cada músculo e de cada articulação, fazendo com que ele se arrepiasse, soltasse um leve gemido e contraísse o corpo.

O toque das mãos bailarinas de Miguel, em perfeita ebulição, pelo corpo dela e intensa fusão entre o calor da pele dela e a humidade e frescura do ligeiro areal, fizeram com que ele sentisse um pequeno arrepio afrodisíaco, levando-a a esticar a cabeça para trás, soltando um ligeiro gemido, cravando as unhas no areal e abrindo, ligeiramente, os olhos por escassos segundos. Fechando-os logo de seguida, aproveitando e desfrutando do momento em toda a sua plenitude e com todos os sentidos; assim como, da mescla de sensações e emoções que a invadiam, sentindo assim uma excitação e um prazer muito particulares.

Ele ergueu-lhe os braços, bem acima da cabeça dela: imobilizando-a de forma rebelde; mas ternurenta, de encontro ao areal. E beijou-a, sofregamente, na boca, nos lábios (levando a que as línguas de ambos tivessem um primeiro novo contacto) e no pescoço, aumentando assim a excitação que ambos já sentiam e fazendo com que Ana entrasse num enorme êxtase, provocando-lhe novos gemidos um pouco mais audíveis. Despiu-lhe o vestido por completo, atirando para a areia e ela acariciou o rosto e os lábios dele e beijou-o de maneira tão intensa, capaz de lhe tirar o fôlego, levando-o a mordiscar o canto inferior direito do lábio inferior e provocando-lhe um novo gemido. Ele acariciou os longos cabelos louros dela, já humedecidos e também o rosto delicado e perfeito, beijando-a, de novo, nos lábios, no pescoço, nos ombros e peito com fervor, levando a que ela agarrasse os cabelos dele, com vigor já a ficarem também molhados pela transpiração.

Num ápice, Ana começou a despir a t-shirt justa que, ele trazia vestida, já fortemente húmida e Miguel ajoelhou-se, de imediato, ao lado dela, fazendo com que a t-shirt atravessasse o seu tronco, os seus braços e a sua cabeça e acabando por tirá-la, deixando-a cair num gesto: seco e rápido na areia. Ela continuou a beijar o corpo desnudo e de porte atlético do seu, amado, desde o pescoço, passando pelo tronco: nu, masculino e fortemente corpulento, até à cintura; de

forma bastante intensa; porém ao mesmo tempo, leve, cravando as unhas das mãos na pele das costas dele.

De seguida, Ana desapertou os calções dele, sem deixar de acariciar todo aquele corpo sedutor; à medida que o tempo passava trocavam fortes abraços e beijos apaixonados e cheios de intensidade. Roçou, delicadamente, com a mão no umbigo dele e com um simples gesto de cintura, Miguel fez com que os calções deslizassem pelas suas pernas, ficando apenas em boxers. Consumido por uma atracção física incontrolável e a transbordar de excitação e prazer, Miguel desapertou-lhe o soutien com vigor e passou as alças pelos ombros bem delineados e magros e pelos braços; apesar da brisa que se fazia sentir, a pele dela estava ousadamente quente. Ele continuou a percorrer e a beijar o corpo dela, tocando suavemente com os lábios nos seios dela, saboreando-os e explorando-os com a boca, seguindo depois para o abdómen e o umbigo, fazendo com que ela atingisse o primeiro orgasmo e levando-o a atingir o primeiro orgasmo e levando-o a atingir também o máximo de prazer.

De seguida, ela elevou ligeiramente a zona da cintura e os glúteos e Miguel tirou-lhe as cuecas, num gesto seco, lento e prolongado e ela apresentou-se num nu integral, desprotegido e vulnerável. Sem qualquer pudor por estarem num local público, nem quaisquer receios de serem vistos, rapidamente se entregaram por completo ao amor e à paixão que eles tanto nutriam. Ela inspirou e suspirou com alguma força, fechou os olhos, esticou a cabeça para trás e aqueles corpos penetraram, um no outro, fazendo-a soltar um leve grito e um denso gemido e num ápice o clímax foi atingido.

Pouco tempo depois, com a fusão do aroma dos dois corpos transpirados, húmidos e revestidos por inúmeras de gotas de suor, a respiração acelerada e o coração ofegante, ficaram ali abraçados, tentando recuperar o fôlego depois de um novo momento recheado de erotismo. Ela deixou-se envolver pelos braços dele, encostando a cabeça ao peito dele e adormecendo ao som do bater do coração dele. Ele deu-lhe um beijo doce, na testa, pegou na toalha de praia que ele tinha trazido e cobriu a sua princesa com ela. Passaram-se alguns minutos, ele soergueu-se, apoiado no cotovelo direito e a cabeça também na mão direita, permanecendo longos minutos a observar Ana. Acariciando, suavemente, o seu rosto, divertindo-se com o nariz dela, aproximando a cabeça e os lábios do abdómen dela, acariciando-o e beijando-o, sentindo o forte contraste entre a ritmada respiração dele e o aroma adocicado e salgado da pele dela.

Ele pegou numa pequena quantidade de areia e desenhou um coração à volta do umbigo dela, beijando-o novamente; o toque quente e húmido dos lábios carnudos dele e a respiração dele faziam elevar o abdómen dela, provocando-lhe uma grande excitação, levando a que ela respirasse fundo, esticasse de novo a

cabeça para trás e soltasse um singelo conjunto de pequenos gemidos, levando a que atingissem novamente, um pico máximo de prazer e satisfação.

Miguel elevou-lhe novamente os braços acima da cabeça e Ana abriu-os logo de seguida, tatuando assim todas as formas do seu corpo na areia. Depois, percorreu o corpo dele e a sua espinha dorsal com os dedos das mãos, beijando-o intensamente, sentindo a pele húmida, salgada e morena dele em contacto com os lábios e a boca, mordiscou-lhe o pescoço e o lobo da orelha direita e fizeram amor mais alguns minutos.

Exaustos, acabaram por ficar deitados na areia, novamente abraçados e embrulhados nas toalhas de praia que haviam levado. Ela beijou, com ternura, cada um dos dedos das mãos de Miguel e entrelaçou os seus dedos nos dedos dele e assim ficaram: sossegados, olhando o céu estrelado, tentando voltar a recuperar um novo fôlego. Já a noite ia longa, quando eles se vestiram: satisfeitos e felizes e regressaram à quinta, abraçado; já no quarto, deitados na cama, fizeram amor de novo e depois adormeceram. Eles tinham plena consciência que tinham vivido mais um momento mágico, inesquecível e claro especial.

❀

Durante aquelas férias, também passaram horas no alpendre, sentados na cadeira de balançar da avó São, no colo um do outro a namorarem. Deram longos passeios, a pé e a cavalo; Miguel adorava cavalgar a sós com a sua princesa, aquele momento: um dos seus momentos intimistas preferidos despertava neles o seu lado mais selvagem e livre, para além de todo o romantismo acrescido. Miguel sabia da existência de um desfiladeiro, relativamente, perto da quinta que ele havia descoberto, durante um dos seus passeios reflexivos e solitários pelos campos; a partir do qual, podiam observar a paisagem vasta, tão tipicamente alentejana. Ele já a tinha levado até lá uma vez e sempre que regressavam à quinta tentavam voltar àquele lugar secreto e especial. Com os cavalos parados, lado a lado, davam as mãos e deixavam-se simplesmente levar pelo silêncio e sossego, pela paisagem, por todos os detalhes que os envolviam, pelas cores quentes, por aquela envolvência pura e por tudo aquilo que sentiam.

Momentos como este, eram mágicos e de uma conjugação perfeita e Ana mostrava-se bastante feliz por poder partilhá-los com alguém que tanto amava. Miguel também sentia o mesmo.

Ana tentou passar o máximo de tempo possível na companhia dos avós, participando em praticamente todas as tarefas: com o passar dos anos não tinha

perdido o fascínio pelas rotinas e actividades do campo. Fez amizade com a Luísa e a Vera, que gostou muito de conhecer e, essencialmente, divertiu-se. Miguel aproveitou também para desfrutar em pleno da companhia dos pais, ajudando-os nas suas tarefas da quinta, partilhando assim todo o seu tempo livre com eles. Fez amizade com o Anthony, com quem se deu muitíssimo bem logo à primeira conversa, e nos últimos dias daquelas férias passou imenso tempo com ele no cerne da natureza. E a verdade é que tinha aprendido imenso; porque, Anthony sabia muito acerca das plantas e do mundo animal: curiosidades, estudos, histórias entre outras coisas. Miguel ficava sempre fascinado a ouvi-lo.

E num ápice, Ana e Miguel chegaram ao penúltimo dia de férias, as energias já estavam todas recarregadas para a grande aventura que os esperava. Não continham o entusiasmo, a euforia e claro a excitação para o aguardado regresso a casa, para eles poderem começar a preparar a tão aguardada viagem para *Jerez de la Frontera*, em Cádiz. Os olhos de Miguel ostentavam um brilho particular, tal era a felicidade que ele sentia por estar prestes a concretizar um sonho, novamente com Ana a seu lado.

Já Ana mostrava-se ansiosa por poder vestir, pela primeira vez, a pele de uma verdadeira *motard*.

— Estás preparada para o que ainda aí vem, princesa? — Perguntou-lhe ele de sorriso rebelde.

— Eu acho que sim; apesar de, não saber muito bem ao que vou e o que me espera… — Disse-lhe ela apreensiva.

— Vá lá, não fiques assim receosa! Vais ver que vais gostar e que te vais divertir…

— Espero mesmo que tenhas razão; caso contrário vou ter quem cozinhe para mim durante uma semana.

— Ui, ui! Assim estou bem tramado!

— Ana riu-se — Quando é que tu vais começar a preparar tudo com o teu pessoal?

— Já temos tudo tratado, Anocas! O Luís e o Tomé ficaram de tratar de tudo; enquanto eu estive por cá; por isso não te preocupes que está tudo controlado.

— Se tu o dizes, fico mais descansada.

— Daqui a uma semana vai ser só arrancarmos, por aí fora!

— Pronto, já posso começar a ficar com medo…

Miguel deu uma valente gargalhada, agarrando-a pela cintura e beijando-a no pescoço

— És mesmo tolinha!

❀

Aquele penúltimo dia, foi um dia mais calmo e sem grandes reboliços; por isso, Ana e Miguel aproveitaram para passar o dia, juntos, dando especial atenção e dedicando algum tempo só, um ao outro e fazendo algumas actividades especiais: deram a corrida matinal, de sempre, junto à praia, aproveitaram o bom tempo que se fazia sentir para darem os últimos mergulhos, para apanharem banhos-de-sol e para namorarem no areal, que era algo que não podiam fazer quando estavam em Lisboa. De seguida, foram dar o último passeio a cavalo pela quinta: era Domingo e, como tal, não havia aulas de equitação; aquele momento, a dois, voltou a ser incrível e recheado de amor.

Fotografaram imenso, juntos, e participaram também juntos pela última vez nas tarefas diárias da quinta que eles tanto adoravam e que lhes ocuparam uma boa parte da manhã.

Antes do almoço, aproveitaram para se deitar um bocadinho na esteira que a Joana tinha no alpendre: leram, namoraram, falaram das férias, fizeram juras de amor eterno e muitos planos para o futuro. Eles sentiam-se nostálgicos e partilhavam da mesma opinião: tinham sido as melhores férias de Verão de sempre. O almoço foi recheado de muito convívio, num ambiente espectacular feito de muita alegria e boa disposição, conversas e partilha dos melhores momentos daquelas férias e claro de histórias

Ana e Miguel estavam muito felizes, sentados à mesa com as suas respectivas famílias, num momento de grande confraternização; após o almoço, que durou uma boa parte da tarde, eles fizeram as malas e a meio da tarde voltaram a casa, aonde chegaram pela calada da noite.

A nova aventura da vida deles

Nos dias que se seguiram, Ana e Miguel andaram bastante atarefados com os respectivos preparativos para a tão ansiada participação na concentração motard de *Jerez de la Frontera*, era mesmo preciso olhar a vários detalhes, nomeadamente: a manutenção da mota de Miguel para que tudo corresse na perfeição e em segurança. Miguel, foi quem tratou disso, de forma alguma queria pôr a vida de Ana em risco por causa de um simples descuido; ele sabia que Joana e Pedro jamais lhe perdoariam.

Ana tratou das mochilas, das roupas, dos documentos pessoais e da comida, não eram capazes de conter a excitação e o entusiasmo para que o grande dia chegasse. Até as melhores amigas de Ana andavam bastante admiradas com a euforia e a atitude de Ana; pois, elas não conseguiam imaginar a amiga a meter-se numa aventura daquele género, desde sempre que a tinham ouvido dizer que, nunca, jamais se identificaria com aquele tipo de eventos. Porém, o namoro com Miguel a tinha mudado quase radicalmente e quando ele a tinha convidado para ela alinhar naquela aventura com ele, ela não hesitou nem parou para pensar duas vezes e aceitou, de imediato, o desafio.

Na véspera da viagem, Ana e Miguel não falavam de outra coisa, estavam, ambos, totalmente, focados naquela aventura e toda a energia que os envolvia era bastante contagiante. Ana não queria, de maneira alguma, falhar a sua presença na concretização de mais um sonho de Miguel; por isso, ela desfrutava, em pleno, de cada pormenor.

Gostava, particularmente, de ver Miguel vestido de cabedal, derretia-se por completo; porque salientava a sua silhueta e o seu corpo atlético, aquele *outfit* tão próprio fazia sobressair o seu lado mais rebelde e irreverente e a adrenalina e paixão que ele nutria pela vida. Uma maneira de ser e estar que tinha despertado o melhor de Ana; para além disso, mostrava uma fusão entre o lado mais e atencioso de Miguel e o seu lado mais extrovertido.

Antes de tentarem adormecer, Miguel decidiu ter uma pequena conversa

importante com a sua princesa:

— Ana, tens mesmo a certeza que queres vir? — Perguntou-lhe ele, a vinte e quatro horas de se fazerem à estrada.

— É claro que tenho; mas porque perguntas? Eu nunca te dei motivos para pensares o contrário. — Disse-lhe ela sorridente.

— Eu sei! Só não quero que, te sintas pressionada e obrigada a ter que fazer isto, apenas por ser um sonho meu, não quero que te sintas acorrentada a este meu objectivo; portanto, se tu achas que não vais gostar do ambiente ou que não te vais sentir confortável, estás à vontade para desistir. Não fico nada chateado contigo.

— Achas? Eu jamais, desistiria neste momento, depois de já termos tudo preparado e combinado. Tu és mesmo um tolo e só dizes disparates.

— Acredita que eu estou a ser muito sincero e honesto… Não quero mesmo que te sintas pressionada.

— Tenho a certeza absoluta que vou adorar esta experiência e que nos vamos divertir imenso. Muito sinceramente, eu acho que a curiosidade que sinto já não me deixaria desistir.

— Fico mesmo feliz por ouvir essas tuas palavras.

❀

A noite foi longa, parecia nunca mais querer passar, Ana e Miguel mal dormiram com a ansiedade. Na manhã seguinte, bem cedo, fizeram-se à estrada; Ana não continha a felicidade e emoção por estar prestes a fazer, a primeira grande viagem de mota com Miguel, um sonho que tinha desde criança. Lembrava-se imensas vezes de, na infância, dizer ao avô que quando Miguel tivesse a sua primeira mota a sério, ela gostaria muito que ele a levasse a viajar. E esse desejo estava agora a tornar-se uma realidade.

A viagem foi longa e um pouco cansativa, só chegaram à localidade espanhola de Cádiz e a *Jerez de la Frontera* quase ao final da tarde. Esperava-os o *Circuito Permanente de Jerez*, que fazia parte do calendário de MotoGP, era o principal motivo pelo qual, ele tinha decidido escolher aquela concentração motard, em particular, para a sua primeira experiência. Depararam-se com um recinto muito amplo, em terra batida, que tinha diversas tasquinhas improvisadas com muita comida e muita bebida e um palco enorme onde a banda americana: *Evanescence* seria cabeça de cartaz naquela noite.

Já havia, nas imediações do recinto, um número bem considerável de *motards*, de todos os cantos do país e do mundo: uns mais excêntricos que outros, todos

estavam vestidos com roupa de cabedal negra, tão típica de quem faz das motas a sua vida e havia também quem se fizesse acompanhar de um colete também negro e em cabedal com a respectiva identificação do Clube Motard a que pertencia.

As motas: pequenas, grandes, antigas, modernas, mais ou menos sofisticadas, eram o centro de todas as atenções; cada uma conseguia espelhar muito bem a personalidade de quem a conduzia. Havia muitas conversas, boa-disposição, animação, gargalhadas e convívio. O ambiente mostrava-se simpático, agradável; mas arrojado e rebelde, muito típico daquele género de eventos. Ana estava fascinada; afinal de contas, os *motards* também podia ser muito boa gente.

Perto da hora do jantar, Miguel encontrou os amigos e foi, de imediato, ao seu encontro:

— Olha quem é ele! Até que enfim, já não era sem tempo. Que sejas muito bem-vindo, mano! — Cumprimentaram-no eles, sorridentes, por entre abraços.

— Estava desejoso de poder embarcar numa aventura destas e finalmente a minha vez chegou.

— E vens muito bem acompanhado… — Brincaram eles.

— Pois é! Queria muito que a Ana fizesse parte desta minha primeira experiência, da concretização de mais um sonho antigo; por isso, fiz-lhe o convite, e ela aceitou de imediato.

— E o que é que ela está a achar disto?

— Confesso que ainda não falamos muito sobre isso; uma vez que, chegamos há muito pouco tempo e quisemos desfrutar ao máximo destes primeiros momentos; porém, acho que ela até está a gostar, pelo menos está feliz e animada e é isso que me importa. Não queria mesmo nada que esta viagem se fosse um peso ou uma espécie de obrigação para ela; pois, eu sei que não é o seu ambiente preferido e que apesar de tudo, ela se deverá sentir um pouco desintegrada e desconfortável.

— No entanto, foi um grande acto de amor da parte dela, vir assim contigo para um evento destes, que nem tem nada a ver com a personalidade dela, só para fazer parte da concretização do teu sonho.

— Sem dúvida! A Ana é a mulher mais especial e importante da minha vida. Ela é tudo para mim e cada vez mais, sinto que somos um complemento um do outro, somos mesmo almas gémeas. Talvez arrisque a dizer que, é a miúda que qualquer homem gostaria de ter na sua vida.

Os amigos de Miguel, nada disseram, limitaram-se a sorrir e a gozar um pouco com o ar apaixonado que ele demonstrava. O olhar de Miguel transbordava e espelhava o melhor do amor.

— Quando chegaste?

— Há umas horas… Nós aproveitamos para nos instalarmos, para descansarmos um pouco e agora estamos a desfrutar do ambiente.

— Fazem muito bem!

❀

Entretanto, no recinto já se fazia ouvir a emblemática música: *Another Brinck in the Wall* dos míticos *Pink Floyd* que deixou todos os *motards* em êxtase, que aplaudiram entusiasticamente a escolha da música.

— A noite de hoje vai ser de arromba, com os *Evanescence,* não achas? — Perguntou-lhe Gui.

— Podes crer! Eu acho que, vamos começar este primeiro dia da melhor maneira; confesso, sinceramente que, tenho as expectativas em alta.

— Também eu!

— Tenho a certeza absoluta que vai ser um concerto brutal. Estou muito curioso para ouvi-los ao vivo.

— Nem duvides! Vai ser para partir tudo…

Miguel deu uma gargalhada.

❀

E quando eles menos esperavam, a noite chegou, bastante quente; o recinto preencheu-se até deixar de se ver qualquer espaço vazio, todos ansiavam que Amy Lee e a restante banda subissem ao palco para presentearem o público com novas músicas e claro os grandes sucessos da sua carreira. E assim foi… *Call Me When You’re Sober* aqueceu a noite e abriu o espectáculo que se avizinhava ser longo e recheado de muito boas canções e de grandes momentos de música, com Amy a mostrar o seu emblemático estilo gótico, a sua voz poderosa e o rock pesado que lhe corria nas veias.

As expectativas eram muito elevadas seguiu-se *Lithium*: uma música poderosa que começou por mostrar o poder vocal de Amy, nas primeiras notas ao piano, preenchendo-se o palco de seguida com rock em estado puro. Quando esta música terminou, Amy dirigiu-se ao público, cumprimentando-o e dizendo sentir-se feliz pelo regresso a Portugal e por estar ali em cima daquele palco. Soaram inúmeros aplausos e depois, para refriar um bocadinho os ânimos, brindou o público com uma versão a solo da música: *Broken* gravada em dueto com a banda *Seether* e logo se seguiram: *Missing*, *Lacrymosa* e *Sweet Sacrifice*.

Com o público a sentir a energia contagiante que emanava do palco no seu pico máximo, a ansiedade acentuava-se para poderem ouvir os grandes sucessos;

após um ligeiro intervalo para que Amy pudesse trocar de roupa, *Hello* do disco: *Fallen* fez-se ouvir, trazendo alguma melancolia àquela primeira noite. Uma interpretação carregada de emoção e sentimentalismo que não deixou ninguém indiferente.

Amy dirigiu-se, novamente, ao público perguntando se estavam preparados para o que ainda aí vinha; de copos descartáveis de cerveja na mão, todos se mostraram curiosos e entusisastas. Seguiu-se *Everybody's Fool* que voltou a animar a plateia; *Bring Me To Life* com Amy de novo ao piano e uma música inédita que iria sair no novo disco: *Synthesis*: *Imperfection.* Os aplausos faziam-se sentir cada vez com mais profundidade, *My Heart is Broken* tocou logo depois, seguido da lindíssima: *The In Between*: um solo ao piano: suave e fluído que ajudou a recuperar o fôlego e alguma energia. Rapidamente, o palco voltou a encher-se de cor ao som de *Whisper* e *Going Under.*

A noite já ia bastante longa, o concerto estava praticamente no fim, quando o palco se escureceu, Amy Lee sentou-se de novo ao piano: o seu instrumento musical de eleição e os primeiros acordes da música: *My Immortal* ecoaram por todo o recinto; depressa se ouviram inúmeras ovações e aplausos. Aquela era uma das melodias mais emblemáticas de sempre da banda, talvez a mais esperada da noite. Ana e Miguel sorriram e entreolharam-se, quase mecanicamente, sem precisarem de dizer nada; uma vez que, os seus corações espelhados nos olhos, de ambos, diziam, praticamente tudo. Ouviram-na abraçados um ao outro, apaixonados e com o olhar repleto de amor.

O concerto terminou com uma última música inédita, retirada do álbum: *Synthesis*: *Overture* e a promessa de um novo regresso. E era quase de madrugada, quando Ana e Miguel se entregaram ao mundo dos sonhos.

❀

Os dias que se seguiram foram bastante preenchidos e recheados de actividades diversas: corridas de motas, convívio, conversas, boa-disposição e muita animação. A música também foi atravessando diversos estilos musicais fazendo toda a diferença naqueles quatro dias rebeldes, loucos e irreverentes. No último dia, esperava aos *motards* uma noite sensual e bastante apimentada com o já tão ansiado e aguardado espectáculo erótico. Naquele ano, em particular, o espectáculo iria apresentar uma novidade: seria misto.

— Bem, acho que, esta é a parte em que estou dispensada! — Gozou ela.

Miguel deu uma forte gargalhada…

— Acho que estás redondamente enganada!

— Porquê? — Perguntou-lhe ela algo desconfiada.

— Parece que, no ano passado, houve muitas reclamações do público feminino; por isso, a organização decidiu incluir um espectáculo misto. Não vão as senhoras, voltar a queixar-se… — Brincou ele.

— Ui, Ui! Então isto vai mesmo aquecer…

— Ia jurar que te tinha ouvido dizer que estavas dispensada!

— Eu disse isso? Achas mesmo? — Brincou ela.

— Engraçadinha… Eu bem te disse que estavas errada!

— Só me gozas!

— Não precisas de ficar cheia de ciúmes; pois, eu vou ser sempre só todo teu.

— Não serão bem os ciúmes que me preocupam; mas sim, as vossas figurinhas. Como se nunca tivessem visto uma mulher na vida…

— Olha que, às vezes, vocês conseguem ser bem piores!

— Ai, sim? No fim conversamos acerca disso!

❀

Jantaram acompanhados por Luís, Gui, Tomé e por outros motards, num animado clima de confraternização, seguindo-se um concerto com a banda *Brit Floyd*, de tributo aos míticos *Pink Floyd* que deixou Miguel eufórico e entusiasmado; não fossem os *Pink Floyd*: a sua banda preferida.

A noite já ia bastante longa, quando o espectáculo musical terminou para dar lugar ao tão ansiado momento que iria pôr muitas hormonas em alvoroço. O espectáculo erótico iniciou com uma boa dose de sensualidade ao som de *My Prerogative* de Britney Spears. Seguiu-se *Crazy in Love,* de Beyoncé Knowles, acompanhado de um lento e muito aclamado *striptease* feminino e alguns passos de *Pole Dance*, enquanto os bailarinos entretinham as *motards* femininas mais entusiastas e curiosas.

Seguiram-se, novas coreografias de passos bem escaldantes e dois grandes clássicos do reconhecido filme: *FlashDance: Maniac*, de Michael Sembelo a emblemática *What a feeling* de Irene Cara, levando a uma chuva de assobios de satisfação, os ânimos dos *motards* mais próximos do palco foram resfriados pelas próprias bailarinas que fizeram por molhar a plateia. Continuaram a inquietar as hormonas masculinas dos *motards* presentes, com um fascinante conjunto de passos de dança, com roupa cada vez mais reduzida que, jamais passaria despercebido ou se tornaria indiferente aos olhos dos *motards* mais rebeldes e efusivos. Acompanhado da irreverente *Dirrty* de Christina Aguilera, fazendo por elevar a fasquia.

As músicas pareciam ter sido escolhidas a dedo, eram fortes e sensuais: a combinação perfeita. Na plateia ninguém era capaz de tirar os olhos do palco; porque, não podiam perder de vista todas aquelas belas silhuetas femininas e masculinas. A noite ainda ia a meio, quando se fez ouvir mais uma música, *Toxic* de Britney Spears, num palco mais desnudo, onde se apresentou, novamente, só uma bailarina, de *lingerie* bem reduzida. De seguida, foi a vez de se apresentar só um bailarino, no palco, em tronco nu e de boxers bem curtos e justos, ao som de *I'm Slave 4U*, da Britney Spears.

Seguiu-se um pequeno intervalo para a plateia acalmar os ânimos e recuperar o fôlego. O espectáculo retomou, minutos
depois, com um grupo de bailarinas a dançarem *CanCan* e a convidarem alguns *motards* do público para subirem ao palco e as acompanharem na dança ao som de *Lady Marmelade* e de *Ain't No Other Man*, da Christina Aguilera que levou ao palco um grande momento de erotismo misto pleno que, deliciou ambos os sexos, sendo o grande momento alto da noite, com uma simbiose quase perfeita entre bailarinas do sexo feminino e bailarinos do sexo masculino.

A euforia, o entusiasmo e a excitação estavam mesmo ao rubro, podiam-se ouvir fortes assobios, ovações (algumas um pouco despropositadas) e muitos aplausos animados e demorados. Uma hora e meia depois, quase de madrugada, soou a penúltima música daquela escaldante noite: *Hold It Against Me* da Britney Spears, seguida logo pela derradeira melodia da noite: *I Love Rock'n Roll*, de Britney Spears.

Um momento bem conseguido com bailarinos masculinos e femininos em palco e fortemente aplaudido, levando toda a plateia a um êxtase contagiante.

Com as emoções e os corações ainda aos pulos, dormir foi uma tarefa difícil e no dia seguinte era dia do regresso a casa; Ana e Miguel aproveitaram a falta de sono para trocar algumas impressões.

— E pronto mais uma aventura, a dois, que terminou… — Disse-lhe ele de ar entristecido, agarrando-a pela cintura e beijando-a de seguida.

— E que grande aventura!

— Mais um sonho que posso riscar da minha lista!

— Essa é sem dúvida a parte melhor de tudo isto.

— Não! A parte melhor de toda esta aventura foi eu poder concretizar este sonho tendo-te ao meu lado. Sem isso, nada disto fazia sentido. Obrigado por teres aceitado o meu convite e por teres vindo, mesmo sabendo que não era o teu ambiente preferido e que tu não te identificavas assim muito com ele. Obrigado por teres feito parte disto, por teres alinhado comigo em muitas das actividades e obrigado, principalmente, pelo teu enorme esforço, foi muito especial e importante para mim.

— Não tens que agradecer! Acredita que para mim foi um enorme prazer. Agora quero saber: correspondeu tudo às tuas expectativas ou houve alguma coisa de que tivesses gostado menos?

— Adorei tudo! Vou-te ser sincero, era precisamente assim que eu imaginava estes eventos.

— Que bom! Ainda bem que te divertiste e que aproveitaste tudo ao máximo.

— Nem poderia ser de outra maneira… Para o ano temos que experimentar a concentração *motard* de Faro: a maior do nosso país. O que achas? Alinhavas?

— Não sei! É algo que, eu tenho que ponderar. Sabes que com a entrada na faculdade, muita coisa pode acontecer.

— Eu sei! Mas agora, quero saber tudo: conta-me o que é que achaste de tudo isto. Gostaste?

— Confesso que, saio de Jerez de la Frontera e de Cádiz, agradavelmente, surpreendida.

— A sério? Eu fico muito feliz por saber! — Disse-lhe ele surpreendido e com um grande sorriso de satisfação.

— Eu conheci excelentes pessoas, gostei bastante do ambiente, do convívio, da animação, dos momentos musicais e de loucura, das corridas de motas e até do momento apimentado de ontem. Penso que, gostei de tudo no geral; apesar de continuar a achar que é um tipo de ambiente que não combina muito comigo. Aliás, combina bastante melhor contigo.

— Tu nem imaginas como eu fico contente por saber que tudo foi tão positivo para ti.

— Para além disso, a minha vinda serviu para eu mudar a minha opinião, relativamente a este género de eventos. Acho que não é tudo tão mau e tão exagerado como se fala; é verdade que há alguns excessos e muita loucura à mistura, mas, eu penso que tudo isso faz parte de todo este mundo. De resto, não vi nada de muito transcendente.

— Mais um motivo para nós voltarmos a repetir a experiência para o ano; mas, desta vez, em Portugal. Adorava…

— Logo veremos, se os exames da faculdade me deixam ir! — Miguel sorriu — Bem, eu acho que é melhor tentarmos dormir alguma coisa; amanhã espera-nos uma longa viagem.

— Tens razão! Dorme bem, princesa!

❀

No dia seguinte, Domingo, a meio da manhã, despediram-se de Cádiz, os

motards juntaram-se e desfilaram pelas ruas de Jerez de la Frontera, entre aplausos e ovações, numa bela forma de despedida. Muitas pessoas se juntaram, ao longo de todo o percurso, para os verem passar e para vislumbrarem e apreciarem as muitas motas. Ana adorou o momento.

E depois regressaram a Lisboa, aonde chegaram pelo final da tarde, a família esperava-os cheios de saudades e recheados de curiosidade para saberem como tudo tinha corrido; assim como, alguns detalhes daqueles quatro dias bem especiais. Enquanto o jantar não ficava pronto, sentaram-se todos na sala a conversarem; Ana e Miguel aproveitaram para partilhar alguns detalhes daquela segunda aventura, a dois, que fizeram as delícias de todos.

Joana e Pedro mostraram-se estupefactos perante a personalidade rebelde e extrovertida de Ana que, eles não estavam habituados a ver; pois, ela sempre fora sossegada. Porém, há muito tempo que reparavam que a convivência com Miguel a começava a mudar um pouco; ainda assim, o mais importante era que tudo tivesse corrido bem e poderem sentir a felicidade que, ambos, traziam daquela viagem e partilharem com eles todo aquele entusiasmo e excitação.

O jantar chegou segundos depois, com um fabuloso arroz de pato e prolongou-se até tarde entre gargalhadas, inúmeras fotografias que haviam tirado durante a viagem e partilha de peripécias,

Agora que tinham regressado a casa, depressa começaram a sentir que as preocupações pareciam querer mesmo estar de volta, roubando-lhes um grande pedaço da alegria e descontracção que tinham sentido e vivido nos últimos dias. Miguel voltou a sentir exactamente o mesmo vazio que tinha sentido antes do início das férias e o coração pesado e apertado; pois, dali a uns dias, Ana iria candidatar-se à universidade e saber em que faculdade iria entrar e isso poderia ditar como seria o futuro de ambos, a partir desse momento. Pensar nisso, assustava-o.

Ele sabia que, o grande sonho de Ana era entrar em Medicina e se ela o conseguisse concretizar, ele iria sentir-se muito feliz por ela e orgulhoso dela, mesmo sabendo que corria o risco de a perder. Não queria, de todo, viver longe dela; mas tinha plena consciência de que não a podia impedir de realizar os seus sonhos e os seus objectivos em prol da amizade e do amor que tanto os unia. Era um verdadeiro dilema difícil de resolver.

❀

Já no quarto, preparados para repor horas de sono e recarregar baterias, aproveitaram para conversar mais um pouco; enquanto desfaziam as malas:

— E pronto, parece que se acabou a boa vida… — Disse-lhe ela, de ar

consternado.

— És uma exagerada! — Disse-lhe ele, de ar divertido.

— Não é exagero nenhum! A partir de amanhã, tenho que voltar à realidade e que me focar na entrada na universidade. Nem imaginas a quantidade de papelada que, eu ainda tenho para tratar e preencher.

— Acredito e imagino, princesa!

— Sinceramente, eu acho que tu nem fazes uma pequena ideia; mas deixar estar, porque daqui a um ano, se tudo correr bem, vais perceber.

— Sim… Eu espero mesmo que corra tudo bem e que daqui a um ano também ande assim stressado e atarefado com a papelada como tu.

— Tenho quase a certeza que sim, meu amor!

❀

Eles entreolharam-se, apaixonados e cúmplices, sorriram, trocaram um beijo forte e alguns gestos de carinho e ternura e depois adormeceram.

Os dias que se seguiram foram muito atarefados para Ana com o preenchimento dos pré-requisitos para a candidatura à universidade. Miguel queria muito viver, em toda a sua plenitude, aquele momento de concretização de um grande sonho da sua amada; por isso, ele acompanhou tudo de perto e ajudou Ana no que podia e sabia. No final da semana, a candidatura estava feita; mas até os resultados saírem a ansiedade e o nervosismo consumiu quase todos em casa dos Salgado.

Nem a semana de férias que eles tinham passado na quinta tinha sido vivido da mesma maneira: havia alegria e boa-disposição e vontade de descontrair e espairecer um bocadinho; porém também existia uma forte melancolia entre todos e uma preocupação constante bastante visível. Nomeadamente, no rosto de Miguel que tinha sido o mais desassossegado; Ana sabia que se passava algo com ele, porque Miguel estava diferente: mais triste, mais melancólico, mais introspectivo e ausente. Menos brincalhão e extrovertido, mais distraído e passava mais tempo sozinho; para além disso apresentava dificuldades em adormecer. Ana era a mais preocupada; pois suspeitava que tivesse tudo a ver com a sua entrada na faculdade; porque, ele tinha tentado sempre disfarçar o seu estado de espírito, o mais que podia, junto dela; porém, nem sempre tinha sido fácil e por vezes tornava-se mesmo inevitável.

Ver a pessoa que mais amava naquele estado, por sua causa fazia-a sentir-se com borboletas a esvoaçarem, descontroladamente, na barriga e com um forte aperto no peito; porém, ao mesmo tempo fazia-a, facilmente, perceber que ele a

amava mesmo de verdade e apaixonadamente. Era um amor: verdadeiro, íntegro, sincero, honesto e sentido em toda a sua plenitude. Não era um simples namoro passageiro ou de ocasião; caso contrário, a distância que passaria a existir entre os dois e a sua ida entrada para a faculdade, não lhe fariam tanta diferença; para além disso, o estado de espírito e de preocupação de Miguel demonstravam isso muito bem: o forte medo que ele tinha de a perder e que a amizade e o amor que os unia enfraquecesse e se desvanecesse com a distância.

Ana era uma peça essencial da sua existência e tinha uma importância inimaginável e fulcral para ele. Era a sua vida, a sua alma gémea, a sua força de viver, parte de si e o melhor de si e ele não se imaginava a abdicar dela fosse de que maneira fosse. Miguel sentia que não estava, de todo, preparado para se afastar dela e para viver, diariamente, sem ela; quando tinham vivido, juntos, praticamente uma vida inteira. Não sabia se iria conseguir suportar a distância, a solidão, o vazio, a saudade e a falta que Ana lhe iria fazer; ele tinha plena consciência que a ausência dela o iria deixar sempre incompleto e um pouco perdido no tempo. Ela iria levar o seu cração e parte da sua existência para bem longe, como se ele estivesse a morrer lentamente.

❀

Para Miguel, amar não era só um mero conjunto de gestos, de atitudes, de demonstração de vários sentimentos e de pequenos pormenores diários. Amar ia muito para além disso e era muito mais que isso. Era não saber gerir as emoções e o sentimento de perda e ter receio do próprio medo.

Aprender a lidar com a ausência e a não desistir à primeira dificuldade ou obstáculo e acima de tudo aprender a viver com a distância sem deixar de se amar o outro e de se tentar lutar sempre por quem se ama e por se ser sempre amado.

Tempos de mudança

E quando menos esperavam, o grande dia chegou…

Ana acordou no dia seguinte, com o stress, a ansiedade e claro o nervosismo a fazerem-se notar nos batimentos furiosos do seu coração: cada vez mais irrequieto e acelerado e no ligeiro aperto que ela sentia há dias no peito.

Por um lado, ela tinha muita curiosidade para saber os resultados; porém, por outro lado, sentia um medo avassalador do que aí vinha: das muitas mudanças e reviravoltas radicais que a sua vida e, principalmente, a relação com Miguel poderiam vir a sofrer.

Não tinha dormido praticamente nada, tais eram os múltiplos cenários que se iam desenhando durante a noite, dentro da sua cabeça; estava em causa, um dos seus maiores sonhos: ser médica pediatra tal como a mãe, era o sonho de uma vida que estava a um passo de se concretizar. Tudo estava dependente dos resultados que iriam sair no final daquele dia; ela esperava conseguir entrar na melhor faculdade do país.

Miguel também se sentia cada vez mais desassossegado e stressado; na verdade, lá no fundo, ele sentia-se bastante dividido e num grande desassossego; pois, por um lado, sentia-se triste por ter a certeza que, a separação seria um facto quase consumado e por outro lado, sentia-se orgulhoso e felicíssimo por ter a certeza absoluta que Ana iria conseguir concretizar o seu sonho. Ana iria entrar em Medicina, na Faculdade de Medicina de Lisboa, nada podia falhar ou correr mal, não havia quaisquer motivos para isso.

Recordava-se muito bem de ter crescido a ouvir Ana dizer a plenos pulmões que, quando fosse grande queria muito ser médica-pediatra como a mãe e até àquele momento ela nunca tinha deixado de se focar naquele objectivo tão importante e tinha lutado afincadamente para o concretizar e transformar numa realidade e estava a um passo de o conseguir. Fazendo-o crer que ela tinha mesmo sido feita para seguir os mesmos passos que a mãe.

Miguel nunca se tinha sentido tão desorientado e com tantas inseguranças e medos na vida, não havia pior sentimento no mundo que aquele que fazia o seu

humilde coração estremecer e que o levava a reflectir que a pessoa que mais amava se ia distanciar dele para sempre, levando para longe toda a sua constante presença física e todo o amor que os unia. Era algo que, por muito inevitável que fosse e que por muito que quisesse não conseguia aceitar assim facilmente e de ânimo-leve, continuava a sentir que não estava preparado.

Só desejava que aquele dia passasse o mais depressa possível para ele poder ficar a saber os resultados da candidatura de Ana; porém, naquele momento, Miguel não queria pensar muito nisso, precisava de pensar noutras coisas. Nomeadamente em como ocupar o dia com Ana, sentia que podia muito bem ser o último, intensamente, vivido ao lado dela; como tal, queria a todo o custo que fosse um dia único e mágico.

De repente lembrou-se que um passeio, a dois, por Lisboa seria um magnífico programa. Ele queria mesmo muito poder regressar com Ana ao seu refúgio preferido da capital; já lá tinha estado diversas vezes com ela: para verem as visitas, para tirarem fotografias e tomarem juntos, o melhor café de que tinha memória. Numa tarde preenchida de detalhes especiais, de memórias insubstituíveis, de sorrisos instantâneos, de momentos inesquecíveis, de partilhas e de plena amizade e amores incondicionais.

E sentia que aquele era o momento ideal para o tão desejado regresso. Acordaram e tomaram o pequeno-almoço cedo para poderem tirar o máximo de partido do dia, num ambiente excepcionalmente melancólico para aquilo que era habitual, apesar da boa-disposição de Pedro e Joana tentarem quebrar um pouco a monotonia em que o dia havia começado. Não conseguiam conter a ansiedade, o nervosismo e a felicidade que sentiam pela saída dos tão desejados resultados da candidatura de Ana.

Já Ana não conseguia acalmar o desassossego que a vinha a consumir desde a véspera, continuava a ser muito difícil; ela sentia-se cada vez mais enorme numa pilha de nervos. Nunca tinha sentido tanto na pele, como a simples saída de um resultado de uma candidatura podia ter uma importância tão vital e fazer tanta diferença na sua vida. A verdade é que, fazia mesmo: significava que iria haver grandes mudanças a partir daquele momento; para as quais, Ana ainda não se sentia completamente preparada, principalmente, no que dizia respeito a Miguel.

Não estava a ser nada fácil, para ela, aceitar a distância e a separação que iria acontecer, inevitavelmente, entre os dois, dali a poucos dias. Mais difícil ainda era, saber que tinha que seguir em frente com a sua vida e que percorrer o seu caminho deixando Miguel para trás; infelizmente, era uma possibilidade que ganhava mais força do que o desejado.

Entretanto, no momento em que Ana tinha ido à cozinha levar a loiça do pequeno-almoço, Miguel foi ao seu encontro e decidiu levar a sua ideia avante:

— A minha princesa preferida, dá-me licença que a rapte para um passeio, a dois, por Lisboa? — Perguntou-lhe com um enorme sorriso pintado no rosto.

— Agora? — Questionou-o ela espantada.

— Sim! Apetece-me muito passear, hoje, só contigo, pela nossa cidade; para além disso, eu quero visitar o meu refúgio preferido e ter-te como companhia.

— Desculpa, meu amor! Não fiques triste comigo; porém, acho que hoje não é um bom dia para fazermos esse passeio, não iria ser grande companhia. Eu tenho a alma e o coração num verdadeiro alvoroço; por isso, eu prefiro ficar em casa a descansar. Fazes-me companhia?

— Oh, vá lá! Não vais ficar o dia todo, fechada em casa a sofrer por antecipação…

— Por mais que queira não consigo descontrair nem relaxar, estou mesmo tensa e inquieta!

— Eu percebo, perfeitamente, que tu estejas nervosa e ansiosa; afinal de contas é um dos momentos mais importantes da tua vida e a concretização de um dos teus maiores sonhos. Porém, fazia-te bem espairecer e pensar noutras coisas; por isso, por favor, faz-me lá essa vontade.

Ana mostrou-se algo intropectiva

— Pensando bem… Se calhar, até tens razão!

— Nem imaginas como, eu fico feliz por teres mudado de ideias. Vai ser um dia perfeito, acredita. Prometo-te! — Disse-lhe ele com um grande sorriso pintado no rosto roubando-lhe um doce beijo.

— Não duvido! — Anuiu ela, abraçando-o intensamente.

❀

Saíram de casa a pé e apanharam o metro: na primeira estação de metro que encontraram, até à Praça da Figueira. De seguida foram em direcção à Cerca Velha de Lisboa, Miguel sugeriu que visitassem a Sé de Lisboa (Igreja de Santa Maria Maior), há imenso tempo que ele não entrava lá dentro e facilmente se deixaram deslumbrar pelos muitos encantos, de cada recanto daquele monumento religioso.

Ana parecia ter encontrado, num ápice, a paz interior que tanto procurava; depois foram em direcção ao Bairro de Alfama, subindo mais algumas ruas, quando se aperceberam já estavam a chegar a um largo bem conhecido, onde se destacava um espécie de varanda sobre a cidade, com vista sobre o tio Tejo e a Igreja de São Vicente de Fora. Encontravam-se no Largo das Portas do Sol: o sítio de eleição de Miguel em fases críticas e momentos difíceis; ele adorava ir

até ali deixar-se absorver pela paisagem, relaxar e apanhar algum Sol. Aproveitaram para tomar um café e após uma sessão fotográfica bem especial, no miradouro das Portas do Sol com o rio Tejo como belo pano de fundo e de alguns momentos intensos, abraçados um ao outro a observarem a paisagem.

Ana teve a ideia de irem até ao castelo de São Jorge e almoçarem algo ligeiro nas suas imediações. Miguel não hesitou e aceito, de imediato, a sugestão. Felizes, cúmplices, cada vez mais enamorados e de corações mais descontraídos e aliviados, continuaram a percorrer Lisboa entre: ruas, recantos e ruelas. Numa Lisboa antiga que, facilmente, conquistava as pessoas a cada detalhe pitoresco e as fazia renderem-se; minutos depois chegavam à entrada do elevador do Castelo, no Chão do Loureiro, que os levou até ao terraço de um parque de estacionamento, no qual se localizava um restaurante e onde puderam apreciar as vistas privilegiadas sobre a cidade e, principalmente, sobre a baixa da cidade e o Terreiro do Paço. Permaneceram, algum tempo, por ali, aproveitando o Sol e as belíssimas vistas para namorarem e tirarem algumas fotografias, juntos, sempre com o ar romântico e apaixonado que os acompanhava, desde o início do dia.

Depois retomaram o elevador que, depressa, os levou até à entrada do castelo, onde compraram uma sandes numa *roulotte* de comida de rua e entraram logo de seguida. Ana nunca resistia àqueles passeios que dava só com Miguel à descoberta da sua eterna Lisboa, desde que se tinham apaixonado que ela teimava em apelidá-los de: *Passeios de Amor*.

Cada brisa que os envolvia: um sentimento infindável que os fazia reviver a vida do nada, reacendendo a chama que os unia. Cada lugar visitado era muito especial e mágico, fazendo renascer inúmeras memórias e despertando nobres sentidos. Cada monumento era uma nova descoberta; cada passo que davam era único, prolongado e indescritível; cada entrelaçar de dedos, uma força renovada, cada olhar que trocavam reflectia o melhor deles; cada sorriso transformava-se numa emoção inexplicável. O amor era mesmo assim, feito de detalhes…

❀

Entraram no castelo, e dirigiram-se ao Núcleo Museológico, para uma visita: prestando particular atenção à exposição permanente existente. De seguida regressaram ao exterior e foram até aos jardins do castelo em jeito de passeio romântico pela área verde circundante, num grande clima de romance, foram até ao miradouro do castelo que apresentava uma privilegiada vista sobre Lisboa. Se havia coisa que Miguel e Ana mais gostavam na cidade de Lisboa onde sempre tinham crescido e vivido, eram os muitos miradouros existentes que lhes ofereciam perspectivas sempre diferentes sobre as vistas da cidade; para além de

serem sempre lugares calmos, recatados e evolventes, perfeitos para uns bons momentos, a dois, a namorarem.

Sentaram-se no colo, um do outro, debaixo de uma árvore robusta e de copa bem larga que os abrigava do sol abrasador de Agosto e deixaram-se ficar abraçados a observarem a paisagem. Sabia bem, estarem ali, só os dois, sozinhos, alheios a tudo o que os rodeava como se estivessem envolvidos numa bolha. Miguel queria a todo o custo aproveitar e desfrutar, ao máximo, daquele momento com Ana; pois, não sabia quando é que poderia voltar a viver algo semelhante. Naqueles poucos minutos, eles perderam a noção das horas, dando apenas lugar a todo o amor e paixão que nutriam um pelo outro.

Ao início da tarde, regressaram à Praça da Figueira e apanharam o metro até ao Parque das Nações: o refúgio preferido de Ana. Onde aproveitaram para passear junto ao rio, para andar de teleférico e para subirem à Torre Vasco da Gama. A meio da tarde rumaram ao Centro Comercial Vasco da Gama para um gelado na esplanada. A beleza incontornável de Lisboa tinha feito com que eles se esquecessem, por completo, dos tempos difíceis que se avizinhavam.

Para acabarem a tarde da melhor forma, foram até Belém: visitaram novamente o Mosteiro dos Jerónimos e o Jardim Tropical, passearam pelo fantástico Jardim de Belém, junto ao Padrão dos Descobrimentos, e ao longo de toda a marginal até à Torre de Belém, à qual decidiram subir para observarem a imensidão infinita do rio, envolvidos num abraço tão grande como o horizonte que atravessava a Ponte 25 Abril e lhes oferecia os de Sol mais intensos e eternos. A tarde parecia já ir bastante longa; por isso regressaram à baixa da cidade para mais um passeio pelo Chiado e pelo Terreiro do Paço.

Miguel era um aficionado pelo pôr-do-sol, a partir do Cais das Colunas, era tão profundo e bonito como a transparência e simplicidade que Ana reflectia dos seus lindos olhos azuis, ela aproveitou o momento para se sentar à beira rio a escassos metros do Cais das Colunas, gostava de sentir o aroma do rio e a energia e acalmia que emanava daquelas águas. Compenetrada nas suas reflexões pessoais, nem se apercebeu que Miguel a fotografava, era difícil resistir e ficar indiferente ao que estava prestes a acontecer. Ana estava linda iluminada pelos últimos raios-de-sol daquele dia que estava a ser maravilhoso e para tornar aquele final de tarde ainda mais inesquecível, Miguel sentou-se ao lado dela e beijou-a docemente nos lábios captando depois o momento para a prosperidade. Porque é em fotografia que se eternizam os mais saborosos, maiores e melhores momentos.

Não podia faltar uma visita fugaz ao Miradouro da Graça e por fim, o jantar: um jantar diferente e especial, nas Docas de Alcântara, sob a grandiosidade da ponte que atravessava o Tejo. Num restaurante requintado que enriquecia a

atmosfera que, ambos, estavam a viver. Desde um bar, ali perto, ouvia-se uma música que parecia que tinha sido escrita a dedo para aquele momento: *It's Not Goodbye*, da italiana Laura Pausini. Cada nota e cada palavra da letra, fazia estremecê-los no silêncio, roubando-lhes o pouco que poderiam dizer, aumentando assim o aperto que eles sentiam no peito e desassossegando intensamente os seus corações. Tudo o que pensavam, os muitos medos que os absorviam, a dor da inevitável e possível separação, falta e ausência do outro nas suas vidas estavam bem explícitos naquela música; mais do que aquilo que esperariam…

Deram as mãos, entreolharam-se e sentiram as lágrimas a quererem dar o ar da sua graça, sem pedirem qualquer autorização. Não estavam à espera daquela música e que esta, de maneira tão fácil, os relembrasse que os tempos que se aproximavam, talvez fossem os mais duros e complicados, desde que se haviam conhecido. Custava imenso ouvir aquelas palavras, em modo repetitivo, quebrando o ambiente melódico que se tinha criado, entre os dois, e desenhando novamente uma leve tristeza nos rostos de ambos.

Entretanto tentaram disfarçar o desconforto e insegurança que se tinha instalado de novo e que parecia querer absorvê-los por completo. Durante todo o jantar, houve algumas conversas felizes, muitas fotografias memoráveis, partilhas eternas, sorrisos cúmplices e ainda alguns olhares comprometedores; eles tinham que enganar os diversos pensamentos tristes com momentos irrepetíveis e felizes. Regressaram a casa de alma e coração cheios; assim como, felizes, apaixonados e satisfeitos pelo dia incrível e intenso que tinham tido e principalmente, vivido.

E a meia-noite, parecia nunca mais querer chegar, Miguel contava as horas, os minutos e os segundos para que o relógio de pulso tocasse as doze badaladas, parecia que o tempo estava suspenso no ar. A saída dos resultados da candidatura de Ana dominava todas as conversas do momento, aquele dia foi-se prolongando noite dentro até, o tão desejado momento chegar. Pelas doze badaladas, Ana correu desenfreadamente até ao seu quarto, ansiosa e ainda mais nervosa para saber os tão desejados resultados. Miguel fez por lhe seguir os passos, mostrando-se atento a qualquer reacção da sua cara-metade e esperando desassossegadamente; no entanto, as notícias mais esperadas tardavam em surgir, porém, a página com os resultados mostrava-se, particularmente, lento devido à afluência de alunos na consulta dos resultados.

O que estava a deixar Ana bastante inquieta e até irritada; já que, quando ela tentava entrar no *website* aparecia sempre a mesma mensagem de erro: *O Internet Explorer não consegue encontrar a página. Volte a tentar mais tarde.* Por mais tentativas que ela fizesse, pareciam querer ser todas infrutíferas, o que

fazia aumentar a ansiedade e os nervos que sentiam; porém, alguns minutos depois, Ana conseguiu, finalmente, entrar na página de acesso ao Ensino Superior, ela sentia borboletas a esvoaçarem na barriga e o coração aos pulos.

Inseriu os seus dados pessoais e não demorou muito tempo a entrar na sua área pessoal, não conseguiu conter o orgulho, a felicidade e a enorme emoção ao ver a palavra: *admitido*, à frente de Faculdade de Medicina do Porto, tinha conseguido entrar no curso que tanto queria e desejava. Finalmente, as portas estavam abertas para a concretização de um dos seus maiores sonhos: ser médica-pediatra como a mãe.

Levantou-se, num ápice. A felicidade que sentia era imensa, os seus olhos estavam marejados de lágrimas e apresentavam um brilho especial; perante o sentimento imenso de realização pessoal e de missão cumprida. Desatou aos pulos de alegria, o sorriso que tinha estampado no rosto dizia tudo.

— Que bom… Entrei!!! Nem consigo acreditar! Estou tão contente! — Gritou ela.

De seguida, ela abraçou Miguel com imensa força e intensidade, sem o conseguir largar e sem lhe conseguir dar oportunidade para reagir ao seu gesto inesperado. Miguel engoliu em seco diversas vezes, escondendo naquele abraço apertado e profundo da sua amada, o misto de emoções que ele sentia: a felicidade mesclada pela tremenda mágoa, o desgosto pincelado com uma pitada de desilusão. Esperava qualquer cenário que se lhe pudesse apresentar, menos aquele em concreto. Menos aquela separação que parecia ainda mais óbvia e forçada; por um lado, Miguel estava muito feliz pela sua princesa, porém, por outro lado, sentia-se triste e desconcertado; pois, o seu maior receio tinha-se concretizado: iriam ter mesmo que se separar.

Avizinhavam-se uns tempos bastante difíceis. Abraçaram-se, mais uma vez, beijaram-se apaixonadamente e festejaram, juntos e a sós, aqueles primeiros momentos de concretização pessoal e profissional de Ana e também de felicidade plena.

— Muitos parabéns, princesa! Mereces isto e muito mais. Estou tão feliz e orgulhoso de ti, por teres conseguido atingir o que tu tanto querias, o teu principal objectivo. És uma verdadeira guerreira…

— Obrigada, meu amor! Hoje é um dos dias mais felizes da minha vida. E nada disto seria igual sem ti, sem a tua força, sem a tua paciência, sem a tua companhia, sem o teu incentivo constante, sem o teu apoio incondicional e mais importante que tudo, sem a tua genuína capacidade de acreditares sempre em mim e em tudo o que faço.

— Mas eu não fiz nada de especial, o mérito é mesmo tod—o teu; porque tu sempre deste, o teu máximo e o melhor de ti e sempre lutaste muito por este teu

sonho; para além disso, passaste imensas noites sem dormir, na véspera dos testes e dos exames, para reveres as matérias, abdicaste do convívio familiar e de muitas saídas com os amigos para passares fins-de-semana inteiros a estudar e sempre te esforçaste, te aplicaste e te dedicaste para conseguires atingir este teu objectivo; por isso, isto é mais do que merecido e, para mim, estes resultados são plenamente justos.

Ana riu-se emocionada, mesmo sabendo que, no fundo, o coração do seu amado tinha acabado de se fragmentar em mil pedaços.

— Não concordo! Fizeste bastante mais do que julgas… Sabes uma coisa?

— Já sabes que eu sei sempre imensas coisas! — Brincou ele de sorriso rebelde no rosto, enganando a profunda tristeza que o invada intensamente.

Entreolharam-se e Ana mostrou-se embevecida e cada vez mais apaixonada por ele.

— És realmente incrivelmente perfeito. Tu nem imaginas como é tão bom sentir que vives comigo a minha ansiedade, o meu nervosismo e a minha euforia; tal como, os meus medos. Que tu partilhas da minha felicidade e que ficas feliz por mim em cada vitória e em cada conquista e com cada sonho realizado. Não poderia ter escolhido melhor cara-metade.

— O amor só faz sentido, para mim, se for assim: feito de entrega total e pleno; pois o amor para além de um sentimento feito de palavras, de uma troca constante de gestos de carinho e ternura, de manifestações de afecto entre duas pessoas. É acima de tudo um sentimento que tem por base a partilha incondicional e tão mútua de tudo: de alegrias, de tristezas, de vitórias, de derrotas, de esforços e sacrifícios, de desabafos, de conselhos e de escolhas. O amor tem que ser algo tão mútuo capaz de tornar duas pessoas indivisíveis.

Ana olhava Miguel, de ar compenetrado cada vez apaixonado. Ele era realmente uma pessoa única e rara; porque, via o amor de uma forma muito diferente dos outros homens. Ele não sentia o amor, vivia-o.

— Eu nem tenho palavras para poder dizer o que quer que seja…

— Não faz mal! Afinal de contas, o amor também é feito de silêncios e também é deixarmos de ter palavras para dizer.

— Isso é verdade! Sabes, qual é o meu silêncio preferido de amor?

Miguel ficou incrédulo perante a questão inusitada da sua princesa

— Não! Mas eu confesso-te que estou deveras curioso para saber…

— O bater do teu coração!

— Oh, Meu Deus! — Disse-lhe ele espantado — Parece-me que agora vai ser a minha vez de ficar sem palavras para dizer…

— Compassos sempre perfeitos, certos, suaves, melódicos e ritmados.

— Ui, ui! Assim eu não ter a vida nada facilitada… Mais alguma coisa que tu

me queiras dizer para eu perder o fôlego mais depressa? — Brincou ele.

— Os nossos corações são tão perfeitos que, muito facilmente bateriam em sintonia.

❀

Miguel, nada argumentou e limitou-se a roubar-lhe o melhor de todos os beijos. E quando Ana e Miguel menos esperavam, o resto da família juntou-se a eles para assim comemorarem, todos juntos, aquela nova etapa da vida de Ana.

Joana e Pedro mostravam-se estarrecidos e orgulhosos dela e depois de um brinde ao sucesso e a muitas mais conquistas pessoais e profissionais, já eram horas de irem todos para a cama. E assim foi…

Ana desligou o computador e deitou-se também de seguida; porém, Miguel não conseguia dormir, apesar de se sentir feliz, por Ana ter conseguido entrar no curso que tanto queria e pelo qual tanto tinha lutado, também estava triste e desassossegado. Sentia uma dor dilacerante no coração; pois, pela primeira vez, em muito tempo, ele iria ter que se separar seriamente de alguém que amava tanto e esse era um forte motivo e mais que suficiente para ele não conseguir descansar.

Já Ana, dormia profundamente; apesar da felicidade, alegria, entusiasmo e claro a euforia que aquele final de dia lhe havia trazido. A ansiedade, o nervosismo e o enorme desassossego dos últimos dias tinham-se apoderado dela e deixá-la completamente exausta.

Miguel decidiu levantar-se da cama com todo o cuidado e ir até à sala, sentou-se no sofá sozinho e ficou a pensar dividido entre a tristeza e a comoção. Sentia uma angústia e uma desorientação inexplicáveis, como se do nada o tempo tivesse parado para ele e ele não soubesse que caminho tomar.

Não conseguia acreditar que, Ana não tivesse conseguido entrar na Faculdade de Medicina de Lisboa, por uma simples diferença de apenas duas décimas, custava-lhe imenso a aceitar isso, principalmente, depois de ela se ter esforçado e dedicado tanto, de ter estudado tanto, durante tanto tempo, e de ter lutado tanto por aquele objectivo. Não conseguia também imaginar como ia ser a sua vida dali para a frente, como iria ser viver sem ela a maior parte do tempo e fazer tudo separado dela. Ele já não estava habituado a conviver, diariamente, com a solidão (era algo que tinha ficado no seu passado e na sua antiga vida), desde que ela tinha passado a fazer parte da sua vida; mas, infelizmente, ao que parecia, ele iria ser obrigado a ter que readaptar-se a conviver, de novo, diariamente com essa realidade com esse sentimento cinzento.

Doía tanto só de pensar; porém, ele sabia que, mais cedo ou mais tarde, iria ter

que ser assim: iriam ter que se separar; porque ambos queriam seguir caminhos diferentes, por isso, seria algo inevitável. No entanto, ele não estava à espera que as coisas acontecessem tão rápido.

Viver intensamente

Dirigiu-se à cozinha e aqueceu uma chávena de chá de cidreira, era o chá preferido de Ana. Precisava de se acalmar um bocadinho, de tentar descontrair e relaxar um pouco e de encontrar uma espécie de novo rumo para a sua vida, longe da pessoa que ele mais gostava e considerava ser a sua cara-metade.

Sentou-se, logo de seguida, à mesa e ficou um bocadinho em silêncio, num desespero interior difícil de digerir e, principalmente, de explicar até o sono estar de regresso. Depressa, ele percebeu que não queria perder mais tempo a pensar nos dias duros e difíceis que estavam para chegar e no futuro. Tinha mesmo que aproveitar e desfrutar, em pleno, de todos os momentos na companhia de Ana: dos mais simples e pequenos até aos mais intensos. Todos eram de extrema importância, para tentarem enganar a saudade, o vazio, a distância, a ausência e o sentimento de perda. Talvez esta fosse a melhor maneira para esquecer por uns dias, aquelas conturbadas notícias.

No dia seguinte, Miguel madrugou. Estava cansado de estar na cama sem conseguir dormir; por isso, ele aproveitou o facto de ainda estarem todos a descansar para ser ele a preparar mais um dos seus aclamados pequenos-almoços irresistíveis e especiais. Ele queria presentear Ana com um verdadeiro pequeno-almoço digno da princesa que ela; por isso foi à baixa da cidade, à pastelaria preferida deles onde eles tinham tomado café e lanchado tantas e tantas vezes e comprou duas caixas de bolos sortidos.

Quando chegou a casa, fez café e sumo natural, cortou várias frutas em pedaços, distribuindo-os pelos pratos, fez torradas, panquecas e ovos mexidos com *bacon*. Algum tempo depois, Ana chegou à cozinha e nem queria acreditar no cenário que via: o seu olhar pousava sobre uma mesa farta com tudo o que um bom pequeno-almoço pede e exige e também, espectacularmente, bem decorada.

Miguel fazia sempre por deixá-la sem palavras…

— Bom dia, meu amor! — Cumprimentou-o ela de sorriso apaixonado no rosto, aproximando-se dele, abraçando-o e beijando-o, suavemente, nos lábios.

— Bom dia, princesa do meu coração! — Cumprimentou-a ele mostrando-se bem-disposto e feliz, contrariando as reviravoltas que o seu coração dava, desde

a véspera.

Ana estava mesmo embevecida e ainda mais apaixonada por ele.

— Realmente, eu só posso sentir-me uma verdadeira sortuda por ter um namorado como tu: incrível, único e especial. Não é todos os dias que se tem o prazer de acordar e ter uma mesa de pequeno-almoço tão deliciosa e completa como esta, à nossa espera.

— Já sabes que por ti, sou capaz de fazer qualquer coisa: as maiores loucuras e os maiores desvaneios, apenas para te surpreender, para te ver feliz e para te agradar. Isto, é apenas um pequeno fragmento do grande amor que sinto por ti.

— És mesmo um querido! — Disse-lhe ela comprometida.

❀

Sentaram-se à mesa e poucos minutos depois Joana, Pedro e João chegaram também à cozinha e mostraram-se espantados; perante o cenário preparado por Miguel, ninguém estava mesmo à espera. Aproveitaram aqueles primeiros momentos do dia para se sentarem juntos à mesa, a tomarem o pequeno-almoço; ainda a comemorarem as novidades e a conversarem sobre os mais variados temas.

Pela primeira vez, a manhã prolongou-se para lá do tempo previsto; porém foi agradável e compensador o convívio logo, pela manhã, o circular de conversas, a boa-disposição, as piadas secas de Miguel e as brincadeiras de João Todos se deixaram conquistar, facilmente. Miguel sentiu-se, um pouco mais aconchegado pela existência daqueles bons momentos em família; entretanto, todos saíram para trabalhar e Ana e Miguel ficaram mais um pouco sentados à mesa a conversarem, aproveitando o momento e o facto de estarem sozinhos em casa.

— Não dormiste muito bem esta noite, pois não? — Perguntou-lhe ela de ar visivelmente preocupado.

— Porque dizes isso?

— Porque esse teu ar cansado e abatido, se nota a quilómetros de distância.

— Acredito e imagino! Na verdade, eu tive algumas insónias e dormi muito pouco.

— Bem me parecia! — Miguel mostrou-se de semblante triste e carregado — Sei que, toda esta situação que nos está a ser imposta é difícil e complicada para nós e eu também sei que nos está a custar imenso, o facto de termos que nos separar; mas, nós já sabíamos, há muito tempo que, mais cedo ou mais tarde, isto iria ter mesmo que acontecer. Porém, apesar de sermos obrigados a ter que nos separar, não vamos deixar de ser grandes amigos como sempre fomos e muito

menos namorados. Nada vai mudar, acredita e confia em mim, juro-te e prometo-te, eu não vou deixar que isso aconteça. — Disse-lhe ela abraçando-o.

— Vai mudar muita coisa, Anocas! Nós vamos ficar mais longe, um do outro, vamo-nos ver menos; vamos viver imensos dias infinitos, lado a lado, com a saudade, o vazio, a solidão e a ausência e tu vais fazer novas amizades. Eu sei e sinto que vai ser tudo, completamente, diferente do que é agora.

Ana olhou-o, profundamente, nos olhos e depois entrelaçou os seus dedos nos dele.

— Não vai! Não tem porque ser assim… Nós já tivemos esta mesma conversa há uns tempos atrás e já nessa altura eu te expliquei que por mais pessoas novas que conheça e por mais amizades novas que eu faça, nenhuma vai ser como a tua. Ninguém, mas mesmo ninguém, irá conseguir substituir o lugar que tu tens na minha vida: como melhor amigo e como namorado; porque és insubstituível, por isso, todos esses teus receios não fazem sentido.

— Tenho um medo desmesurado de te perder para sempre e cada vez que penso nisso, eu sinto um aperto indescritível no peito. Pode ser um medo impensado e irracional e, provavelmente, até o é e que até nem sequer faça qualquer tipo de sentido; porém, não deixa de ser o medo de alguém que vive muito em função de ti, que bem é capaz de te colocar à frente de tudo e de todos e que te ama, muito para além da sua própria vida. Tu és uma das minhas principais prioridades.

— Eu sei disso! Mas tu nunca, jamais, me irás perder. Eu vou continuar a estar sempre aqui para ti e continuarei a ser a tua princesa até ao fim dos nossos dias. Não penses que vou sair assim, tão facilmente, da tua vida, como tu pensas; principalmente, porque gosto muito de ti e te amo. E estes sentimentos serão para toda a vida; para além disso, não mudam assim como do dia para a noite, tu podes acreditar que ainda me vais aturar por muitos e muitos anos.

— Espero que sim! Tu és a pessoa mais especial da minha vida e eu jamais, saberia viver sem ti.

Miguel mostrou o seu melhor sorriso, abraçou-a e de seguida ele roubou-lhe um beijo demorado.

— Sabes, eu não estou a saber lidar muito bem com tudo isto, é tudo novo para mim; de certa forma, eu fui apanhado, completamente, desprevenido e de surpresa. Ainda não estava mentalizado nem preparado para este momento, acho que não estava à espera que ele chegasse tão depressa como chegou.

— Eu percebo o que estás a sentir; afinal de contas, nunca estamos preparados para este tipo de situações e para as reviravoltas que a vida por vezes dá…

— Podes crer! Nem imaginas, o quanto isto me está a custar, sinto o meu coração partido em mil pedaços, gostava de conseguir aceitar tudo isto com mais

facilidade; porém, é tão difícil que nem encontro palavras.

— Sei que sim! No entanto pensa que, neste momento, eu ainda aqui estou e ainda não me fui embora; para além disso, ainda faltam mais de dois meses para eu ir para o Porto; portanto, mais importante que tudo é tentarmos aproveitar e desfrutar, ao máximo, e da melhor forma possível, desse tempo, juntos. — Disse-lhe ela sorrindo.

— Podes crer que nós vamos aproveitá-lo até à última gota, garanto-te e prometo-te. Vão ser os dois meses mais inesquecíveis e intensos da tua e da nossa vida.

— Não tenho dúvidas disso… Mas agora, não vamos pensar mais nisto. — Disse-lhe ela acariciando o rosto dele.

— Não é fácil, deixar de pensar. Passar ao lado de tudo isto, quando estamos na iminência de nos separar. Por vezes, a vida aprisiona-nos de uma maneira incrível…

❀

As semanas que se seguiram, até o mês de Setembro chegar, foram vividas com imensa intensidade; se a amizade e o amor que os unia, os tinha tornado inseparáveis, neste curto espaço de tempo foram ainda mais. Aproveitaram para fazer um pouco de tudo, não queriam desperdiçar nenhum segundo de tempo: viajaram, deram muitos passeios de mota, foram à praia e ao cinema, fizeram roteiros de fotografia, que Miguel tanto adorava, programas e convívios com ambos os grupos de amigos e desfrutaram de alguns momentos de desenho.

Foram dias muito divertidos, intensos, animados e felizes. Tanto Ana como Miguel faziam por tentar preencher os corações com pequenos fragmentos de coisas que cada um gostava muito de fazer e que faziam cada um deles, plenamente, feliz. Para Miguel, os piores momentos eram sempre quando tinha que ir com Ana e a sua família à Invicta. As viagens até ao Norte começaram a ter que ser constantes e mais frequentes, para procurarem um apartamento para Ana morar e começarem a levar as suas coisas para lá. Ele sentia raiva, ódio e repulsa por aquela cidade que, sem qualquer direito estava a tentar roubar-lhe a sua alma gémea: a princesa da sua vida.

Se havia certeza que Miguel tinha era que, por muito que quisesse e fizesse, ele jamais iria ser capaz de gostar daquela cidade à beira-mar plantada.

Uma dolorosa Despedida

E a véspera do grande; porém também melancólico dia chegou. Ana já tinha a grande maioria das suas coisas no apartamento do Porto; mas mesmo assim ainda tinha muitas coisas para levar, no quarto dela só havia malas e pequenos sacos cheios de coisas espalhados por todo o lado, parecia cada vez mais vazio e pequeno.

Miguel estava triste e fortemente consternado; porque o quarto de Ana nem parecia o mesmo despido daquela maneira e vazio por completo; parecia que tinha perdido a sua verdadeira alma. Não gostava mesmo nada daquela sensação de conseguir ouvir o silêncio, de este se transformar numa coisa palpável, não conseguia expressar por palavras o quanto estava a custar-lhe, o rápido e doloroso aproximar daquela despedida que parecia querer vir depressa demais. Apenas queria poder andar com o tempo para trás, para poder viver com Ana mais alguns momentos únicos, era tão só o que ele mais queria.

De repente, Ana reparou no ar pensativo, combalido e calado dele, aproximou-se e abraçou-o com força.

— Vá lá, meu amor! Não fiques assim…

— O grande problema está, no facto de eu não conseguir ficar de outra maneira. Esta situação está a desassossegar-me e a mexer tanto comigo, eu não consigo imaginar nem aceitar que vou ser obrigado a separar-me de ti, a acordar sem ti, a ficar sem ti, a fazer tudo sem ti e a viver sem ti, todos os dias e a todas as horas. Juro-te que isto está a deixar o meu coração em cacos. — Disse-lhe ele de lágrimas nos olhos, acariciando o rosto dela e beijando-a docemente na testa.

— Acredita que percebo, perfeitamente, que isto te esteja a custar imenso; para mim, também não está a ser nada fácil, quem me dera que tivesse sido colocada cá em Lisboa; mas, infelizmente, a minha média não foi suficiente e que nós não tivéssemos que nos separar. Desejei todos os dias poder ficar aqui, junto de ti; no entanto, eu sei que, infelizmente, é um desejo inconcretizável. — Disse-lhe ela, profundamente triste.

— Que saudades imensas que eu vou sentir tuas… Sinto-me como se a partir de amanhã te tenha perdido para sempre e nunca mais te vá ver.

— Que exagero! Parece que, eu me vou mudar para o fim do mundo…

— Sabes que para o meu coração é como se isso vá mesmo acontecer! — Disse-lhe ele de semblante triste e carregado.

— Eu percebo! Porém, eu não vou para o fim do mundo, nós só vamos ficar separados um par de horas. Uma distância que podemos encurtar muito bem com uma viagem de comboio; para além disso, todas as semanas virei a Lisboa ver-vos a todos e colmatar todas as saudades que vou sentir vossas, principalmente tuas. Tu já sabes que, sempre que possível, faremos videochamadas e podes ligar-me todos os dias e a qualquer hora.

— Mesmo assim, nunca vai ser a mesma coisa. Vou sentir sempre falta da tua presença física e à medida que o curso for avançando, a exigência vai aumentando e eu não vou poder ligar-te a toda a hora, nem vamos poder fazer videochamadas sempre que quisermos. Tu sabes, melhor que eu que, Medicina é um curso muito exigente; por isso, tu tens que te concentrar, ao máximo, e que te focar no teu sonho.

— Mas isso, não quer dizer que deixe de estar e de conviver com as pessoas que mais amo. Por mais ocupada que eu esteja, vou ter sempre tempo para todos vocês, principalmente, para ti. Tu sabes que tens e que irás ter sempre um lugar muito especial no meu coração e na minha vida; porque, és a pessoa que mais amo e uma peça fundamental da minha vida. Portanto, não vai ser a minha ida para a faculdade ou até mesmo o curso de Medicina que vão alterar isso.

— Vai custar-me tanto passar a maior parte do tempo sem ti e ter que fazer tudo sozinho.

— Eu sei!

— Nem imaginas a enorme falta que me vais fazer e o vazio que vais deixar; para além disso, os fins-de-semana vão ser sempre muito curtos para eu conseguir colmatar todas as saudades, de ti, que eu vou acumular durante a semana.

— Tu vais ver que com o passar do tempo nós nos vamos habituar a esta nova vida e a esta rotina.

— Não digas isso, princesa! Posso aceitar isto como uma espécie de nova vida temporária; mas, nunca como algo para ser permanente para sempre; porque, eu não sei viver sem ti; por isso, nunca me irei habituar a esta nova rotina. E vou ser muito sincero, eu recuso-me a viver assim para sempre: longe de ti e separado de ti, grande parte do tempo. Eu não vou ser capaz de aguentar esta distância que obriga o nosso amor a ficar dividido em quilómetros, o resto da vida.

— Mas a nossa amizade e o nosso amor já superaram tantos obstáculos e

momentos difíceis que isto acaba por não ser nada de mais, é só mais uma provação (entre muitas outras), que teremos que saber ultrapassar.

— Para mim é, provavelmente, dos momentos mais difíceis porque fomos obrigados a passar, mesmo que já soubéssemos há muito tempo que ele poderia acontecer.

— Eu sei! Mas não vai ser esta distância que nos vai separar; antes pelo contrário, vai acabar por nos unir ainda mais, vais ver. Às vezes, a distância fortalece-nos; afinal de contas, aquilo que nos une torna-se muito mais forte que, aquilo que nos poderá separar.

— Gostava de conseguir ser tão positivista e de ter tantas certezas como tu.

— Acredita e confia em mim, não há nada nem ninguém que nos possa separar…

— Espero mesmo que sim! Que Deus oiça!

❀

Entreolharam-se, sorriram muito cúmplices e apaixonados e trocaram um beijo longo. Miguel mostrava-se, ligeiramente, mais calmo e aliviado, o aperto que sentia no peito parecia ter atenuado um pouco; uma vez que, ainda faltavam algumas horas até deixar de ter Ana, permanentemente, ao seu lado. Por isso eles combinaram aproveitar, ao máximo, o dia seguinte.

Ana e Miguel começaram por madrugar, bem cedo, para poderem aproveitar bem cada segundo tempo que ainda lhes restava, juntos. A manhã foi passada em família num passeio longo pela cidade de Lisboa, depois almoçaram todos pelas Docas de Alcântara e uma grande parte da tarde foi passada, a dois, na Praia da Princesa. Namoraram, tiraram várias fotografias, deram uns mergulhos no mar e desfrutaram do momento e da companhia, um do outro, até ao último minuto.

O final do dia trouxe o momento mais complicado: estava na hora da partida de Ana para a cidade do Porto. Num profundo silêncio, ele ajudou-a a colocar as malas no carro, depois Ana despediu-se da sua casa e da sua Lisboa e fizeram-se à estrada em direcção à Gare de Santa Apolónia.

Pelo caminho, Ana e Miguel não trocaram uma única palavra. Preferiram respeitar os silêncios que sentiam, cada um tinha os seus auscultadores nos ouvidos e estavam quase que adormecidos pela música. Ana tinha a cabeça deitada no ombro de Miguel e os dedos da sua mão direita entrelaçados nos dedos da mão esquerda dele. Olhavam pela sua janela para o perfeito vazio da paisagem, absorvidos por completo por ela.

Não havia muito para dizer, nem parecia haver espaço para grandes conversas;

afinal de contas, eles não precisavam de muitas palavras para expressarem o que estavam a sentir. Bastava um olhar ou um gesto, um pensamento ou um sentimento.

❀

Na sala das actividades, o ambiente estava tenso, pesado e até algo melancólico. Os meninos mostravam um semblante triste e sério; perante aquela iminente despedida, entre Ana e Miguel. A curiosidade era forte; porém, nenhum deles ousava fazer qualquer pergunta. Mas, a Maria Francisca decidiu quebrar aquele silêncio algo assustador.

— O que é aconteceu a seguir, Mikas? A doutora Ana foi mesmo embora para o Porto?

— Foi sim, maltinha!

— Oh!!! — Exclamaram todos — E vocês deixaram de ser amigos e namorados? — Perguntou logo a espevitada da Carolina.

— É claro que não! — Concluiu Ana.

— A doutora Ana fez-me depois uma surpresa muito boa.

— A sério?! E qual foi a surpresa, Mikas? Conta!

— Isso agora… É uma surpresa dentro de outra surpresa!

Os meninos riram-se à gargalhada.

— Vá, façam silêncio para podermos continuar a contar a nossa história.

— Doutora Ana, ainda vamos poder ficar a saber qual foi a tua surpresa para o Mikas?

— Se se portarem bem e não fizeram muito barulho, claro que sim!

— Fixe!!!

Chegados à estação, entraram e foram todos juntos até à zona de *chek-in*, depois de tudo pronto e antes de se encaminhar com Miguel para a zona de embarque, Ana despediu-se dos pais e do irmão, num momento de grande intensidade e comoção e de seguida eles afastaram-se e deixaram-na a sós com Miguel. Dirigiram-se, juntos, para a zona de embarque e sentaram-se num banco, de dedos bem entrelaçados e olhar fixo, um no outro para aproveitarem os últimos momentos.

— Parece que chegou mesmo a hora… — Anuiu ela triste e de semblante carregado. Faltavam-lhe as palavras para dizer o que quer que fosse, limitou-se a acariciar suavemente o rosto dele; enquanto ele a abraçava com força.

— Se soubesses, o quanto isto me dói e me custa, tu nem imaginas. Quem me dera que, este momento não tivesse que existir: que não tivéssemos que nos

separar, assim desta maneira e que ficar tão longe, um do outro. Tudo o que eu mais queria neste momento era que o tempo voltasse para trás, que não tivesse que ficar sem ti e que correr o risco de te perder de novo. — Disse-lhe ele comovido, abraçado a ela.

Miguel estava triste e desolado, sentia uma dor dilacerante no peito.

— Eu sei, meu amor! Acredita que também está a custar-me imenso ter que te deixar assim desta forma leviana e repentina; mas a vida é mesmo assim.

— Podes crer! É mesmo a lei da vida e a vida, às vezes, é mesmo ingrata…

— Sem dúvida! No entanto, eu juro-te e prometo-te que tu nunca, jamais, voltarás a correr o risco de me perder, acredita e confia em mim; por isso, não precisas de ter receio.

— Não iria aguentar perder-te para sempre, acho que perderia a vontade de viver; nem a minha vida seria igual sem ti, porque és a pessoa que eu mais procurei a vida inteira. Para além disso, andei estes anos todos a tentar preparar-me para este momento; mas agora que ele finalmente chegou, sei que nunca, jamais, estive preparado para ele e para aceitá-lo.

Ana deixou-se emocionar pelas palavras sentidas e genuínas de Miguel, beijando-o intensamente; de seguida, ele convidou-a para um ligeiro passeio pela zona de embarque. Ana aceitou sem hesitações.

Levantaram-se do banco aonde estavam sentados e circularam, durante alguns minutos, lentamente pelas imediações da zona de embarque, sempre de mãos dadas.

— Nunca é fácil para ninguém, aceitar estes momentos. Pensa que, se calhar é uma forma de nós colocarmos à prova, aquilo que verdadeiramente sentimos, um pelo outro.

— Não digas isso, princesa! Eu não preciso de pôr à prova aquilo que sinto por ti. Eu tenho consciência do que sinto e isso não vai mudar nunca, aconteça aquilo que acontecer, eu amo-te e vou amar-te sempre, para o resto da minha vida. E também sei que, aquilo que sinto é correspondido. — Disse-lhe ele mostrando um tímido sorriso.

— Claro que sim! Também te amo e também te vou amar para sempre, nunca duvides do meu amor, do quanto te amo e do que eu sinto por ti.

— Não tenho por que duvidar! Só peço que esta distância não destrua aquilo que nós construímos até hoje e aquilo que sentimos. Neste momento, é o que mais me assusta e preocupa.

— Como te disse, não tens por que ter medos; porque isso, jamais, vai acontecer, garanto-te e prometo-te. Não haverá distância nenhuma que destrua a amizade e o amor que nos une, nunca iremos deixar de ser os melhores amigos e

os maiores amantes, cúmplices e companheiros.

— É o meu maior desejo e tudo aquilo que eu mais quero. Quem me dera que, tudo isto não passasse apenas de um pesadelo, do qual sabia que ia acordar a qualquer momento e tu continuavas a estar aqui ao meu lado. Que tu nunca te irias separar de mim, que não tinhas que te ir embora e que tudo continuava a ser igual como era dantes. Quem me dera, conseguir ter capacidade suficiente para ultrapassar, mais facilmente, este momento; mas está a ser mais difícil do que seria de esperar. Neste momento fazia qualquer coisa, só para poder ir contigo e evitar toda esta esta situação.

— Até eu era capaz de dar a volta ao mundo, só para poder ficar aqui ao teu lado; porém, infelizmente, eu não tenho mesmo escolha e tenho mesmo que me ir embora. Às vezes a vida obriga-nos a fazer escolhas difíceis, como esta: ter que optar entre o meu maior sonho e as pessoas que eu mais amo.

— Eu sei que, independentemente, de nos amarmos muito e por muito que me custe ver-te partir, tens que seguir o teu caminho e os teus sonhos. Eu não te posso impedir, de forma alguma, de concretizares os teus objectivos em prol da nossa amizade, do nosso amor e de tudo o que nos une; não é justo nem faz sentido. Eu não quero que fiques, aqui, presa a mim, percebes? Mesmo que isso me custe imenso, não quero que a nossa relação te impeça de atingires as tuas metas, de concretizares os teus sonhos e de seguires com a tua vida. Por muito que duas pessoas se amem, há sempre aquele momento em que têm que aprender a levar, separadamente, a sua vida para a frente para se poderem sentir realizados: profissionalmente e pessoalmente: porque, essas pessoas nem sempre partilham dos mesmos sonhos e objectivos. Algo que aconteceu, desde sempre, connosco; porém isso não significa que deixemos de nos amar e de gostar um do outro.

— Claro! Isso não faz sentido nenhum, nem se põe sequer em causa. Eu vou amar-te sempre.

— Eu também, minha princesa! Tudo o que eu mais quero, neste momento, do fundo do coração, é que tu sejas feliz e que concretizes todos os seus sonhos e objectivos, como tu sempre desejaste e pelos quais tanto lutaste; mesmo que isso te obrigue a distanciar-te de mim.

— Eu sei que sim! Pensa que, daqui a uns dias já cá estou outra vez, vais ver que o tempo vai passar rápido; tu nem te vais aperceber e muito menos ter tempo para sentires saudades minhas.

— Não digas isso! Para mim, esperar dias por ti é sempre imenso tempo. Eu nunca vou deixar de sentir a tua ausência e a tua falta; aliás as muitas saudades que, vou sentir tuas vão fazer com que estes poucos dias me pareçam uma eternidade infinita.

Entretanto, na zona de embarque ouviu-se um aviso:

— *Senhores passageiros… O comboio Alfa Pendular em direcção à cidade do Porto. parte dentro de cinco minutos. Obrigada!*

E sem, minimamente, estarem à espera, a música retomou e continuou a tocar a música que era aquela que menos desejavam ouvir: *Si Tu Te Vas* do espanhol Enrique Iglesias.

Entreolharam-se emocionados e de coração despedaçado e decidiram voltar para trás, retomando o caminho até junto da carruagem do comboio, aonde Ana teria que entrar

— Meu Deus!!! Só temos mais cinco minutos, que angústia que eu sinto. Vou-te ser sincero, preferia morrer a ter que viver este momento e passar por tudo isto.

Ana mostrou-se incrédula; perante as palavras de Miguel.

— És tão tolo! Que tremendo disparate… Por favor, não digas essas coisas; este momento já está a ser duro e doloroso demais; por isso, não te quero ouvir falar assim. Vai ficar tudo bem, vais ver…

— Quando o amor fala mais alto é assim; dizem-se coisas sem pensar e sente-se tudo demasiado à flor da pele.

Ana olhou-o comovida e acariciou o rosto dele.

— Isso é bem verdade!

— Posso pedir-te uma coisa?

— Tudo o que tu quiseres, meu amor!

— Por favor, não me esqueças! — Suplicou-lhe.

— Achas mesmo? Eu juro-te e prometo-te que nunca, jamais, te irei esquecer; porque, é mesmo impossível esquecer uma pessoa tão especial e tão única como tu. E também nunca irei esquecer tudo o que construímos, partilhamos e vivemos, juntos.

Miguel limpou as lágrimas que teimavam em cair e sorriu, um pouco mais conformado.

— Espero que não me troques por nenhum portuense que, acabe por te roubar o coração.

— Eu nunca te trocarei por ninguém. Sabes que o meu coração te pertence e que será teu para sempre. Para além disso, o meu amor, o meu coração e a minha vida já têm o melhor dono que poderiam ter.

— Amo-te tanto! — Disse-lhe ele emocionado, beijando-a e abraçando-a com força.

— E eu a ti! — Disse-lhe ela tentando absorver e guardar só para si, o melhor

dele.

❀

E o momento da partida de Ana estava a chegar cada vez mais depressa; o tempo: os simples cinco minutos que ambos queriam que, durassem uma eternidade começavam a escassear e a esgotar-se. Eles abraçaram-se ainda com mais intensidade, beijaram-se apaixonadamente durante longos minutos e continuaram de dedos bem entrelaçados, a olharem profundamente, um para o outro.

— Bem, está mesmo na hora! Tenho que ir, senão perco o comboio.

— Isto é uma verdadeira tortura! Liga-me mal chegues ao Porto, por favor; não me deixes aqui a sofrer por antecipação sem ter notícias tuas. Preciso de saber de ti, de te sentir mais perto e de ouvir a tua voz.

— Não te preocupes! Eu vou dando notícias durante a viagem. Não te esqueças de todo o amor que sinto por ti. Porta-te bem.

Miguel sorriu e roubou-lhe um beijo fugaz

— Isso é impossível de esquecer!

— Esta separação não vai mudar nada, entre nós. Eu nunca vou deixar de te amar.

— Nem eu, princesa da minha vida. Nunca, venha a tempestade que vier…

— Sempre que sintas saudades minhas ou que precises de mim, sabes aonde me podes encontrar, para além disso tenho a certeza absoluta que Lisboa, rapidamente, me levará até ti, em cada recanto nosso.

— Sem dúvida! Lisboa, tem o melhor de ti em cada lugar. Acredita que sei, muito bem, aonde te posso encontrar.

— Até para a semana! — Disse-lhe abraçando-o e beijando-o novamente

— Até para a semana! Já estou a morrer de saudades tuas!

❀

E Ana entrou no comboio, com uma lágrima a deslizar pelo seu rosto. Desde a janela, disse adeus ao amor da sua vida, atirando-lhe um leve beijo triste com a mão e desenhando um coração com os dedos das mãos, soltando depois um silencioso: *Amo-te.* As lágrimas deslizavam, apressadamente, pelos rostos de ambos, era o adeus definitivo e entretanto, o comboio iniciou a marcha.

Na zona de embarque ouvia-se mais uma melodia que parecia que tinha sido escolhida a dedo: *I Turn to You,* da norte-americana Christina Aguilera; enquanto, em pleno interior do comboio, *A Paixão (segundo Nicolau da Viola)*

do português Rui Veloso, um dos muitos artistas portugueses de Miguel acompanhava Ana naqueles primeiros momentos.

Miguel ficou com o coração devastado ao ver o comboio a afastar-se e a distância, entre ambos, ser cada vez maior. Ficou, ali, estático e de pé, em pleno centro da zona de embarque, num choro silencioso: sentia-se triste, desolado e até em estado de choque, não queria acreditar que a sua princesa tinha acabado de partir para sempre e ele não tinha conseguido fazer nada para o evitar e impedir.

Segundos depois, voltou à realidade e virou costas àquele lugar, juntando-se à família de Ana para regressarem a casa. Pelo caminho, ele ainda soluçou, em silêncio, durante algum tempo, recordando-se de Ana e da sua partida, sentindo a sua ausência e desenhando com o olhar e o vazio que o seu coração guardava, as saudades que já tinha dela. Recordou o facto de há minutos atrás, ter feito aquele mesmo percurso com Ana, ali, ao sei lado; porém, agora, ela já não estava mais ali, o que o deixou ainda mais consternado. Naquele momento, a sua única companhia era apenas a solidão: uma solidão desavergonhada, demasiado imatura e inexperiente.

Quando chegaram a casa, Miguel sentia-se cada vez mais triste e desamparado, parecia que já nada fazia sentido; nem a casa parecia a mesma sem a presença de Ana: estava vazia, fria e sem vida; de repente, para ele, tudo à sua volta parecia ter ficado pintado a preto e branco, tal como num dia frio de Inverno. Ele sentia que, precisava de estar alguns monumentos sozinho, para lentamente se tentar ambientar àquela nova vida. Precisava de se refugiar, um pouco, no quarto de Ana, no meio das poucas coisas dela, para tentar superar as saudades e a sua ausência.

Subiu as escadas e entrou no quarto dela, sentia um vazio enorme e uma dor dilacerante no peito e no coração ao ver as poucas coisas que ela tinha deixado e ao estar dentro daquele espaço sem a presença dela. Sentou-se na cama, pegou numa fotografia dela: das várias que existiam espalhadas pelo quarto e ficou fixo a olhá-la, sorrindo emocionado; depois, pegou no telemóvel e ligou-o à aparelhagem para ouvir uma *playlist* muito especial, com várias músicas que eles gostavam muito e que ouviam quase sempre, juntos e pô-la a tocar. Deitou-se na cama e deixou-se ficar, ali, profundamente, evolvido por aquela atmosfera que parecia trazer, inconscientemente, Ana de regresso para junto de si e meio-adormecido entre as melhores recordações e a comoção.

Todas aquelas canções faziam Miguel passar, sem sequer se aperceber, por vários estados de espírito e faziam-no sentir um enorme misto de emoções, obrigando-o a reflectir sobre tudo aquilo que estava a acontecer. Por muito que estivesse a custar-lhe, tinha mesmo que aceitar que Ana tinha que seguir em

frente e o seu caminho e concretizar os seus sonhos.

❀

E no comboio, a caminho da cidade do Porto, Ana acabava de ligar o computador portátil para ver um filme; entretanto, o telefone dela tocou, acabava de receber uma mensagem escrita: comovente, apaixonada e bastante carente de Miguel que a deixou comovida e embevecida; mas, ao mesmo tempo triste e desconcertada. Por muito que ela não quisesse dar nas vistas; junto dos outros passageiros que iam no comboio para o mesmo destino que ela, era difícil ou até mesmo impossível. Quando se ama é quase sempre

As lágrimas surgiram de novo, fazendo Ana sentir mesmo que o mundo estava a desabar a seus pés. Estava a custar-lhe imenso ter que se separar de alguém que amava tanto. Sentia um aperto no peito e no coração que a fazia vacilar e ter muitas dúvidas daquilo que queria naquele preciso momento. Ela já não tinha a certeza se, se devia ter separado de Miguel; se ir para o curso de Medicina era mesmo o caminho mais certo e a melhor escolha. Depressa, começou a pôr muita coisa em causa, apetecia-lhe voltar para trás, imediatamente, mas, sabia que não podia nem devia fazê-lo.

Ana pegou no telemóvel e respondeu à mensagem dele, o que fez Miguel alegrar-se um pouco e sorrir novamente. Ele continuava no quarto dela, a ver álbuns de fotografias, a recuar no tempo, a colmatar saudades dela e a despertar memórias antigas e recentes. Depois ela ligou-lhe; pois queria muito ouvir a voz dele, colmatar as muitas saudades que também já tinha dele, encurtar a distância e continuar a enamorar-se, mais um pouco, por ele, mesmo que fosse à distância.

Olhava, fixamente, pela janela do comboio, vendo a paisagem a passar e a mudar constantemente e a uma velocidade galopante, fazendo-a lembrar-se dos muitos passeios de mota que dava com Miguel. A vida e o mundo, mudavam mesmo depressa como um simples estalar de dedos.

Quando Miguel menos esperava, o telemóvel começou a tocar, ao olhar para o visor e ver o nome: *Princesa*, estremeceu. Respirou fundo, engoliu em sexo e tentou não se emocionar; de seguida, pegou no telefone e atendeu logo a chamada. A conversa durou uns bons e longos minutos e foi bastante reconfortante para ambos. Encurtando a distância física a eu se encontravam, diminuindo assim a ausência e o vazio e permitindo que eles colmatassem as profundas saudades que sentiam; no entanto, não deixavam de sentir e de desejar precisamente o mesmo: puderem estar, naquele preciso momento, ao lado um do outro.

Estavam um pouco mais felizes e animados e sentiam que aquele momento era sem dúvida, o melhor momento do dia. De repente, no interior do comboio ouviu-se uma mensagem:

— *Senhores passageiros! Dentro de momentos, chegamos ao nosso destino, obrigada pela preferência e voltem sempre!*

— Ouvi uma voz! O que se passa aí? — Perguntou ele algo intrigado.

— Foi um aviso, estou quase a chegar à estação da Campanhã, na *Invicta*; por isso, vou ter que desligar para me poder arranjar e para preparar as minhas coisas.

❀

Mais uma vez, a vida tinha decidido colocar os cúmplices; perante uma nova despedida; porém, esta parecia custar-lhes menos, sentiam-na mais leve, mais curta, mais apaziguada e menos dura. Eles começavam, devagar, a habituar-se à nova vida.

Ana começou a arrumar as coisas e depois deixou-se ficar sentada a ouvir música e a ler até o comboio parar, finalmente, na estação da Campanhã. A música: *Cúmplices* da portuguesa Mafalda Veiga que descrevia, na perfeição, tudo aquilo que os unia e a importância fulcral que tinham na vida, um do outro, acompanhava-a no início daquela nova etapa da sua vida.

O apartamento ficava no centro da cidade, relativamente, perto do clamado Coliseu do Porto; por isso apanhou o metro até à Avenida dos Aliados e depois fez o resto do percurso a pé, por entre ruas típicas. Entrou no apartamento e dirigiu-se à sala onde pousou a carteira que trazia ao ombro, ela sentia-se exausta da viagem e estava mesmo a precisar de descontrair e relaxar; por isso, foi ao quarto pousar a bagagem e de seguida decidiu ir dar um curto passeio pela cidade.

Passeou pela Rua Cedofeita e pela Rua de Santa Catarina, onde aproveitou para fazer algumas compras, depois lanchou um *croissant* típico da cidade, no emblemático *Café Majestic* e foi até aos Aliados. Depois apanhou o metro até à zona dos Clérigos para dar uma espreitadela na emblemática *Livraria Lello*. Das poucas vezes que, ela a tinha visitado, lembrava-se de perder sempre a noção do tempo quando estava no seu interior, no meio dos livros. Aquela livraria tinha o belíssimo poder de a fazer sempre entrar num mundo diferente e especial.

Algum tempo depois, já bem perto da hora de jantar, antes de regressar a casa, ainda teve tempo para dar uma pequena volta nas imediações da Torre dos

Clérigos. Para Ana aquela zona era particularmente bonita; apetecia-lhe imenso subir ao cimo da Torre para ver as vistas sobre a cidade, porém, já se fazia tarde e não tinha tempo, teria que ficar para outra oportunidade.

❀

Em Lisboa, Miguel aproveitou para se sentar na sala e desabafar um bocadinho com Joana. Nos momentos mais difíceis, ele encontrava na mãe de Ana um grande apoio e aconchego, sabia que podia confiar, plenamente, nela. Sentia que falar com ela era, exactamente, como se estivesse a falar com Ana, podia-lhe confiar qualquer segredo que ela sabia guardá-lo tão bem como a sua cara-metade.

Conversaram durante bastante tempo acerca de toda aquela situação que estavam a viver, acerca da partida e ausência de Ana e a enorme falta que lhes fazia a todos. O sentimento de perda; por um lado permanente, mas, por outro lado, temporário e o vazio que Ana parecia ter deixado. Miguel abriu-lhe a alma e o coração, partilhando tudo aquilo que pensava e sentia, sem reservas, sem medos e sem hesitações.

Joana mostrou-se, desde logo, muito compreensiva perante a tristeza, angústia e solidão dele, tentando consolá-lo, da melhor maneira possível. E salientando que era, perfeitamente, normal e natural, ele se sentir daquela maneira: incompleto e um pouco perdido; já que era e sempre tinha sido inseparável de Ana e que a amizade, união e cumplicidade que ambos tinham um com o outro, era bastante forte. Daí que, sentissem muito a diferença naquele momento em que, viviam longe, um do outro; porém, não era de todo o fim do mundo, apesar de parecer; afinal de contas e tal como Ana já lhe havia dito: não estavam assim tão longe.

Para Miguel aquela prolongada conversa, foi muito especial. Pelo menos tinha amenizado, um pouco, a sua revolta; a sua frustração, a sua angústia, a sua perda e a sua dor. Algum tempo depois, sentaram-se para jantar, num ambiente calmo e familiar, como era habitual; no entanto, era quase impossível não notar a ausência de Ana: o vazio das suas conversas e o lugar vazio à mesa; mas aos poucos tentavam conformar-se e aceitar aquela nova realidade, a maior parte do tempo vivida a quatro.

Depois do jantar, Miguel pegou no leitor de música: colocou os auscultadores e deixou-se envolver pela música: *Missing you now*, de Michael Bolton em dueto com o saxofonista Kenny G, que descrevia na perfeição o seu estado de espírito, naquele momento e o fazia pensar imenso em Ana. Depois, enviou-lhe uma mensagem para saber se ela estava disponível para falarem um bocadinho pelo Skype, precisava de vê-la, de ouvir a sua voz, de novo, mesmo que fosse

através do ecrã de um computador.

❀

Na cidade do Porto, Ana leu emocionada a mensagem dele; mas, demorou algum tempo a responder-lhe; pois, andava bastante atarefada no apartamento a desfazer as malas, a arrumar e a organizar tudo. Depois de ter tudo pronto, sentou-se na sala a jantar e a ouvir música: tocava naquele momento: *Without You* da italiana Laura Pausini que fazia o coração dela diminuir de tamanho, aproveitou o momento de descanso para então responder à mensagem de Miguel.

Poucos minutos depois, foi ao quarto buscar o portátil para se ligar ao Skype, também queria e precisava muito de vê-lo e de senti-lo mais perto. Para ela, ninguém conseguia imaginar as enormes saudades que ela já tinha da presença física dele, do seu toque e do seu sorriso.

Avizinhava-se uma noite longa…

(Re)Encontros Felizes

A primeira semana de Ana, pela cidade do Porto, correu muito bem; apesar das inúmeras saudades que tinha da sua cara-metade e da família. Estava a gostar muito da faculdade; do ambiente; da semana de praxes que lhe tinha permitido conhecer um pouco melhor a sua turma: bastante unida, simpática e sempre pronta a ajudar em tudo; das pessoas e da cidade, da qual já conhecia, razoavelmente bem, cada recanto.

Já tinha feito várias amizades novas e os melhores amigos eram: o André, a Diana e a Maria João; por isso, ela sentia-se quase como em casa. Naqueles primeiros dias, em que estava longe de casa, do amor que a unia a Miguel e, principalmente, da sua família e a viver sozinha numa cidade praticamente desconhecida e diferente da sua; sabia sempre bem sentir-se acompanhada: ter com quem conversar e desabafar um pouco, com quem tirar dúvidas, a quem pedir alguns conselhos e com quem partilhar novas experiências e novos momentos.

❀

A cidade *Invicta* já a tinha conquistado por completo e já a tinha feito render-se, facilmente, aos seus encantos: apreciava imenso as manhãs frescas e húmidas do litoral norte, as tardes longas de passeios pela Baixa, pelo Parque da Cidade, pela Avenida dos Aliados, pela Rua de Santa Catarina e pela Rua Cedofeita. Os lanches com a turma toda reunida no *Café Majestic* para devorarem o delicioso *croissant* típico do Porto, acompanhado por uma bica.

Os fins-de-tarde em plena Ribeira, junto ao rio Douro, entre margens e sob a beleza intensa da Serra do Pilar, a sentirem-se pequenos; perante a extensão da Ponte D. Luís. Deixando o olhar perder-se sob a imensidão do rio e do horizonte até à Ponte da Arrábida. Os jantares prolongados a terem a *Francesinha* como protagonista e por fim as noites de convívio e folia pelas ruas e ruelas da cidade e de cultura na Casa da Música, no Coliseu ou no Teatro Rivoli.

Dava por si, muitas vezes, a lembrar-se de Miguel, naqueles longos dias

preenchidos. Desejava todos os dias poder tê-lo ali, ao seu lado, para partilhar com ele aquela nova cidade que a acolhia. Estava desejosa que ele pudesse fazer-lhe uma visita para, em clima de romance e eternamente enamorados, pudessem partir a uma nova redescoberta da cidade. Esperava mesmo que isso acontecesse muito em breve.

❀

A semana de Miguel foi, perfeitamente, normal e mais ou menos boa; mas, ao mesmo tempo radicalmente diferente das outras: mais vazia, mais solitária, mais apática e infinitamente longa. As saudades que tinha de Ana ainda apertavam bastante, até parecia que Lisboa tinha perdido vida com a ausência da sua princesa; apesar de, ele conseguir encontrar vários fragmentos dela em casa recanto da capital.

Ainda ficou mais triste ao saber que ela, afinal não viria a casa de fim-de-semana; porque tinha um trabalho de grupo para fazer. Ele ficou desconcertado, desolado e desconsolado; porque era impossível aguentar mais uma semana sem a poder ver, sem a poder tocar e, principalmente, sem a abraçar nem a beijar intensamente. Mas aquilo que, não sabia era que o esperava uma enorme surpresa…

❀

Na Sexta-feira, de manhã, Ana não tinha aulas; por isso, ela decidiu apanhar o comboio bem cedo, para chegar a Lisboa pela hora do almoço, a tempo de ir esperar Miguel à escola. Estava desejosa para ver a reacção dele, quando a visse à sua espera. As meras três horas de viagem que a separavam da sua cidade, da sua família e do seu mais que tudo, pareciam demorar uma eternidade a passar, mesmo estando o tempo, praticamente todo, ocupada a ler alguns apontamentos da faculdade e a ouvir música.

Chegou à Gare do Oriente, a meio da manhã, e aproveitou para tomar um bom café no Centro Comercial Vasco da Gama; para descasar um bocadinho e colmatar as inúmeras saudades que já tinha do seu refúgio preferido à beira Tejo; enquanto bebia a bebida quente, deixou-se envolver por aquele sabor tropical e afrodisíaco; pela paisagem circundante, pela imensidão do rio e claro pela melodia que se fazia ouvir dentro do centro comercial: a romântica emblemática: *When a Man Loves a Woman* de Michael Bolton que a fez soltar o mais brilhante, apaixonado e bonito sorriso.

Para ela, aquela era talvez das melodias de amor mais fortes que se recordava de ter conhecia e fazia-a lembrar-se tanto de Miguel, tinha-a ouvido tantas e tantas vezes com ele ao seu lado; para além disso, fazia com que ela se sentisse cada vez mais apaixonada. Ficou com bastante pena de não poder dar um passeio pelo Parque das Nações, como tanto gostava; mas, com a bagagem atrás não era nada fácil nem agradável; porém, segundos depois, um fugaz pensamento fez com que ela soltasse o mais belo sorriso, aquele passeio iria saber-lhe bem melhor, ao final da tarde, na companhia do seu mais que tudo.

Apanhou, de seguida, o metro que a levaria a casa e aproveitou o compasso de espera da viagem para ligar à Mafalda: a sua melhor amiga.

— Olá, minha querida! Estás boa? — Perguntou-lhe Ana de sorriso estampado no rosto.

— Olá, miúda! Está tudo óptimo, e contigo?

— Também!

— Como está tudo a correr, aí pela *Invicta*? Estás a gostar?

— Apesar das imensas saudades que, tenho sentido de casa; da família e principalmente do Miguel; está a correr tudo muito bem. Eu estou a gostar imenso de tudo: da semana das praxes, dos colegas, da faculdade, da cidade e das pessoas.

— Que bom! Fico muito feliz por ti!

— E pela cidade dos estudantes como vai tudo?

— Maravilhosamente bem! Desde que começou a semana das praxes que mal tenho ido à cama, têm sido noitadas atrás de noitadas.

— Claro, só podia! — Brincou Ana.

— A vida académica é mesmo assim, é para se aproveitar e desfrutar, ao máximo, até ao último momento e até à última gota.

— Sem dúvida! Temos que combinar qualquer coisa: uma saída ou um café, para colocarmos a conversa em dia.

— Eu também acho! Neste fim-de-semana, não vou a casa; porque tenho noite de praxe amanhã; porém, no próximo fim-de-semana se estiveres aí, podes ter a certeza que não me escapas.

— Combinado! Mudando agora de assunto, nem imaginas aonde me encontro neste momento…

— Aonde? Eu quero saber tudo já… — Pediu-lhe Mafalda expectante.

— Em Lisboa!

— Não acredito… Quando chegaste?

— Cheguei há meia hora, parei no Centro Comercial Vasco da Gama para tomar um café e descansar um pouco e agora e agora estou no metro a caminho de casa.

— E o que andas a fazer pela capital tão cedo?

— Como às Sextas, eu não tenho aulas, apanhei o primeiro comboio da manhã, bem cedo, para poder aproveitar melhor o fim-de-semana e poder passar um pouco mais te tempo em casa. Mas não disse nada a ninguém, é surpresa…

— Ena! E aposto que sei muito bem, quem vai adorar ter-te aí. — Brincou ela de ar descontraído.

— Podes crer! Mas como te disse: nem ele, nem a minha família sabem de nada; porque eu disse-lhes que não poderia vir de fim-de-semana por causa de um trabalho de grupo.

— Isso não se faz, menina Ana! Mentires assim desalmadamente à tua família e principalmente à tua cara-metade! — Gozou-a ela.

— Foi só uma pequena mentira, inofensiva e sem importância para fazer uma surpresa…

— Isso é que é amor!

— O Amor também é feito das loucuras mais desvairadas; muito sinceramente, eu acho que não há amor como o meu e o do Miguel.

— Concordo! Até estou pasmada, não te sabia tão rebelde e impulsiva.

— Sabes, acho que foi o Amor pelo Miguel que despertou essa faceta em mim.

— A quem o dizes!

— Eu queria muito conseguir chegar a tempo de ir esperar o amor da minha vida à escola; assim como, poder fazer uma surpresa a todos.

— És mesmo doida, por completo, por ele; porém, fizeste muito bem. Aproveita e desfruta ao máximo.

— Obrigada! Estou ansiosa por ver a reacção dele quando me vir!

— Até eu estou curiosa! Acho que ele vai delirar, tenho a certeza absoluta.

— Podes crer! Ele ficou mesmo triste quando eu lhe disse que não iria vir a casa. Partiu-me tanto o coração sentir aquele desgosto na voz dele.

— Acredito; mas pensa que foi por uma boa causa. Tenho a certeza que vai valer bem a pena!

— Bem, vou ter que desligar; porque o metro já vai parar!

— Está bem, miúda! Até para a semana... Namora muito!

— Até para a semana!

❀

O metro parou na estação que ficava, precisamente, a uns meros dez minutos de casa. Ela não continha a ansiedade, o nervosismo e a excitação de poder regressar, por fim, às suas origens. Esperava que não estivesse ninguém em casa,

àquela hora, para que não lhe estragassem a surpresa; ela aproveitou aquela curta distância para colmatar todas as saudades que já sentia da sua cidade, para se perder por algumas ruas e recantos; para sentir na pele: o calor e os mil e um aromas de Lisboa e para imaginar a imensidão do rio.

Num instante, estava à porta de casa. Entrou e deparou-se com um silêncio absoluto, sorriu e de seguida subiu, rapidamente, ao seu quarto para deixar lá as bagagens; antes de sair não conteve a vontade e a curiosidade de dar uma espreitadela ao quarto de Miguel. Não tinha mudado grande coisa, desde que, ela se tinha ido embora; de repente, Ana apercebeu-se, quão dividido o seu coração se sentia: se por um lado, ela desejava fortemente poder ter ali, naquele momento, Miguel ao seu lado, para poder abraçá-lo e beijá-lo ininterruptamente, colmatando todas as saudades que tinha dele trancadas no peito. Por outro lado, estava cada vez mais ansiosa por poder ir esperá-lo e tornar aquela surpresa, uma realidade; apanhou de novo o metro que a levou até às imediações da antiga escola, faltava meia hora para o Miguel terminar a última aula.

Ela sentia o coração acelerado e centenas de borboletas na barriga, não via mesmo a hora de se poder reencontrar com a sua alma-gémea. Enquanto esperava aproveitou para ler mais alguns apontamentos; porém, ela nem deu pelo tempo passar, quando se apercebeu a campainha já estava a tocar. A ansiedade que sentia começou a aumentar cada vez mais, não conseguia tirar os olhos da imensa multidão que ia atravessando os portões da escola, na ânsia de ver aparecer o seu mais que tudo. E não precisou de esperar muito; pois, poucos minutos depois Miguel surgia no pátio da escola: de capacete na mão, vestido com o seu estilo simples e casual, de ar bem-disposto e sorridente, como era sempre, acompanhado pelos seus melhores amigos: o Luís e o Gui.

Ana não pôde deixar de se render, de imediato, ao sorriso dele: solar, intenso, espontâneo e belo, que não via há quase uma semana. Acompanhou, apenas com o olhar, os passos da sua cara-metade até ao parque de estacionamento da escola e quando Miguel ficou de costas para ela, ela ganhou coragem e correu na direcção dele, tapando-lhe os olhos com as mãos e sorrindo só para si. Sentia-se cada vez mais expectante para ver a reacção dele quando a visse ali.

Os amigos de Miguel também não conseguiram deixar de se rir; perante a brincadeira de Ana e a grande surpresa que o amigo estava prestes a ter, sem estar à espera. Miguel sobressaltou-se intensamente, de imediato; perante o gesto inesperado, quão surpreendente e então Ana quebrar o silêncio desvendando aquela surpresa preparada com tantos dias de antecedência:

— Será que, o melhor namorado deste mundo, vai querer uma companhia deveras especial para o almoço? — Perguntou-lhe ela com uma intensa felicidade, estampada no olhar.

Miguel enregelou ao ouvir a voz de Ana e sentiu os seus olhos a encherem-se de lágrimas, perante tão grande emoção. Ele estava à espera que fosse qualquer outra pessoa, menos ela. Por momentos, ficou sem saber o que dizer, o que pensar e como reagir.

— Não acredito! — Disse-lhe ele, incrédulo e surpreendido.

Destapou, rapidamente, os olhos, virou-se imediatamente para trás e ficou, olhos nos olhos, com ela.

— Surpresa!!! Por esta é que, não esperavas, pois não? — Disse-lhe ela sorridente, divertida e bastante entusiasmada.

— Podes crer! Não estava mesmo nada à espera de te encontrar aqui… — Disse-lhe ele pegando logo nas mãos dela e ficando a olhá-la durante alguns segundos.

❀

Adorava perder-se de amores pela beleza tropical de Ana. Olhou-a, profundamente, nos olhos e deixou-se levar durante alguns segundos, por todo aquele azul intenso; depois acariciou o rosto dela e ela limitou-se a fechar os seus olhos. Soltando uma ligeira lágrima de saudade e a deixar-se envolver pelo toque da mão dele. De seguida, ele fez por se divertir a fazer caracóis com os dedos no cabelo dela, apetecia-lhe fazer tanta coisa, naquele preciso momento, com ela ali a seu lado: abraçá-la, beijá-la, mimá-la e até oferecer-lhe o mundo inteiro se assim pudesse fazê-lo.

Ela não perdeu mais tempo, abraçando-o e beijando-o sem pressas e com intensidade; ambos, tinham saudades daqueles abraços apertados que só eles sabiam trocar; para além disso, há uma semana que Ana não sabia como era abraçar alguém que amava tanto, ninguém era capaz de imaginar as saudades infinitas que já tinha daquele contacto físico com ele. Estava mesmo a precisar daquele novo reencontro, de sentir Miguel nos seus braços, as suas mãos: masculinas, fortes e robustas a percorrerem o seu rosto e o seu corpo, ouvir a sua voz, ver o seu sorriso e o seu olhar: doce, profundo e intenso.

E assim ficaram unidos nos braços, um do outro, por tempo indeterminado; finalmente, o vazio que tinha levado consigo para a cidade *Invicta* tinha desaparecido. Com os olhos marejados de lágrimas, Miguel deixou-se envolver pelo perfume dela e pela sua pele doce e suave; ainda não conseguia acreditar que Ana estivesse mesmo à sua frente, parecia tudo um sonho.

— Queria muito fazer-vos uma surpresa, principalmente a ti!

— E conseguiste mesmo surpreender-me, por completo, e fazer-me uma

grande surpresa. Não estava mesmo nada à tua espera. Muito obrigado! Amei! — Disse-lhe ele muito apaixonado, tímido e comovido.

— De nada! Fico, extremamente, feliz por saber que, gostaste tanto da surpresa e que esta fez tanta diferença para ti. — Disse-lhe ela muito apaixonada, abraçada a ele.

— Tu sabes que, todos os gestos que tu tens para comigo e que todas as tuas surpresas, fazem sempre diferença e marcam sempre pela diferença, para mim e na minha vida; por isso, era meramente impossível, eu não ter gostado desta tua surpresa inesperada.

— Que bom ouvir isso! Eu só me posso sentir lisonjeada e uma verdadeira privilegiada, por saber que sou tão importante e especial para ti. Amo-te infinitamente.

— Eu também te amo, sem medida! Nunca duvides, um segundo, da importância vital que tens para mim e na minha vida. És o meu tudo e isso faz com que, neste preciso e exacto momento, ainda não consiga acreditar que tudo isto é real, que estás mesmo de volta a casa e, aqui, ao meu lado. É tão bom que chega mesmo a parecer um dos meus melhores sonhos. Esta é, de facto, uma realidade que eu ansiei a semana inteira, era tudo o que eu mais queria e desejava.

— Eu sei que sim! — Disse-lhe ela de sorriso tímido.

— Tu nem imaginas a enorme falta que me fizeste durante toda esta semana, o grande vazio e a forte solidão que senti e as muitas saudades que tive tuas. A tua ausência e estar tão longe de ti, fez-me perceber que apenas nos apercebemos da falta que, as pessoas que mais amamos nos fazem quando nos afastamos delas. Não tinha plena consciência da enorme falta que me fazias e da grande diferença que fazes na minha vida; mas ao longo de todos estes dias pude perceber e sentir bem na pele.

Ana mostrou-se tímida e algo comprometida, nem sabia o que dizer perante as palavras dele. Estava sem palavras. Gostava cada vez mais dele, amava-o cada vez e sentia-se cada vez mais apaixonada por ele.

— Assim, deixas-me sem jeito e fico sem saber o que argumentar… Sabes bem que, a tua constante presença ao meu lado, enriquece e enriquecerá sempre a minha vida tornando-a ainda melhor, mais completa, mais preenchida, mais intensa, mais surpreendente e inesquecível. Na verdade, não fazes grande diferença na minha; tu és a grande diferença da minha vida, desde sempre e desde que nos conhecemos.

Miguel roubou-lhe o beijo mais longo e intenso.

— Quem me dera, a mim, ter capacidade para quantificar e de te dizer o

quanto eu te amo e o quanto me estava a custar pensar e, principalmente, aceitar o facto de ter que esperar mais uma semana: mais sete longos e dolorosos dias, para te poder ter ao meu lado.

— Também te amo imenso, princesa! E acredita que estar longe de ti, ao longo de toda esta última semana, custou-me mesmo muito, todos os dias e dia após dias. A tua ausência, a tua falta, o vazio e solidão que sentia e que me consumia e as saudades de ti, aumentavam sempre um bocadinho a cada dia que passava. Bem dizem os sábios que: *as saudades não têm braços; mas apertam.…*

— Não tenho a mínima dúvida! Estava a deixar-me mesmo angustiado e desconcertado, não te poder ver esta semana.

— Peço imensa desculpa por te ter mentido e te ter deixado triste, desolado e preocupado a semana toda; no entanto, o meu principal objectivo era mesmo surpreender-vos e fazer-vos esta pequena surpresa; mas para isso fui forçada a ter que vos contar uma pequena mentira. Sabes perfeitamente que eu nunca aguentaria mais uma semana sem vir cá, era impossível ficar mais tempo, no Porto, sem vos ver a todos; principalmente sem te ver a ti e sem poder colmatar a saudade que me enchia o peito.

Miguel mostrou um sorriso feliz e aliviado.

— Eu sei! Não te preocupes, não tens que pedir desculpa; afinal de contas, fizeste tudo por uma boa causa. Na verdade, a semana até pode ter sido muito dolorosa, para mim: por ter estado a maior parte do tempo longe de ti e sem ti e pode-me ter custado muito; porque, demorou imenso tempo a passar e parecia não querer chegar depressa ao fim, porém, valeu tudo imenso a pena, apenas para te poder ter, agora, aqui, ao pé de mim.

— Acredita que, essas tuas palavras me deixam bem mais descansada…

— Mas posso-te confidenciar que já me andava a preparar para fazer as malas e ir passar uns dias à *Invicta*, apenas para poder estar contigo e para te poder ver. — Disse-lhe ele muito feliz e sorridente.

— A sério? Fazias mesmo isso por mim?

— Eu por ti, faço tudo! Qualquer coisa que seja.

Ana sorriu. De seguida, de dedos bem entrelaçados, eles ficaram a olhar, um para o outro, estarrecidos.

— Tu és a alma gémea mais doida que conheço.

— E tu a princesa mais bela e perfeita do mundo.

— Meu Deus, que saudades enormes que eu tinha tuas…

— E eu tuas! Pensei mesmo que iria ter que aguentar mais uma semana inteira sem te ver! — Disse-lhe ele entre a alegria e a comoção.

— Oh!!! Perdoa-me! Achaste mesmo que eu não viria? — Disse-lhe ela de

coração partido.

— Claro que sim! Foste mesmo convincente ao telefone.

— Não ficaste desconfiado, nem um bocadinho?

— Não, princesa!

— És mesmo tolo! — Disse-lhe ela beijando-o no nariz.

— Sabes que mais? Nós temos que aproveitar ao máximo, o pouco tempo que cá estás.

— Também concordo! Vamos embora?

— Vamos! Vamos! Hoje quero passar o dia todo contigo, temos mesmo que aproveitar estes dias.

— Podes crer! Hoje também não te largo por nada deste mundo…

— Aonde é que tu gostavas de ir almoçar? — Perguntou-lhe ele pensativo e algo expectante.

— Que tal um dos muitos sítios nossos, bem especiais? — Sugeriu-lhe ela.

— Acho uma excelente ideia!

❀

Apanharam novamente o metro e foram até Belém, aonde almoçaram num restaurante perto do rio, acompanhados por uma banda sonora muito especial que, mais uma vez, parecia ter sido escolhida a dedo para eles: *Here With Me*, da britânica Dido Armstrong, depois passearam junto à Torre, sempre num grande clima de romance; qual deles o mais estarrecido: por entre imensas conversas, sorrisos e uma troca infinita de gestos de amor, carinho e ternura. Há bastante tempo que não se sentiam tão felizes, de facto a distância que nos separa das pessoas que mais amamos apenas se sente, verdadeiramente, quando nos apercebemos da falta que essas mesmas pessoas nos fazem.

Sempre abraçados, beijaram-se constantemente durante o caminho todo. A paixão, entre os dois, estava cada vez mais acesa e intensa, conversaram sobre aquilo que tinha acontecido durante a semana e sobre muitas outras coisas. Ana contou-lhe tudo sobre a faculdade, sobre as novas amizades que já tinha feito e sobre o seu dia-a-dia. Falou-lhe da cidade do Porto: as ruas mais típicas; os monumentos; a ribeira; a vida nocturna da cidade e as pessoas. E Miguel ouviu-a com toda a atenção e partilhava sempre do seu entusiasmo.

Depois foi a vez de ele lhe falar sobre como tinha passado a sua semana e o que é que havia feito. Sentia que havia muito pouco para dizer, aquilo que ele podia acrescentar era que tinha sido bastante duro viver aqueles dias, separado e longe dela.

Entretanto, chegaram a casa. A família de Ana ficou estupefacta quando a viu, também não estava nada à espera de a encontrar ali; tal como Miguel também tinha sido completamente surpreendida. Mas todos se mostraram logo, muitíssimo felizes por aquele reencontro, após uma semana afastados. E por entre muita felicidade, abraços e beijinhos de saudades, decidiram reunir-se e sentar-se um pouco na sala; de seguida, Ana fez um pequeno resumo da sua semana e minutos depois saiu com Miguel atrás.

Eles sentiam uma felicidade plena dentro deles e queriam e precisavam de passar aqueles primeiros momentos, juntos e sozinhos.

— Aonde te apetece ir? — Perguntou-lhe ele, beijando-a nos lábios muito sorridente e continuando abraçada a ela e de dedos entrelaçados nos dela.

— Ui! A tantos sítios… Eu acho que, neste momento, se pudesse dava a volta ao mundo.

Miguel deu uma valente gargalhada.

— Convenhamos que, dares a volta ao mundo é um pouco difícil; porém, posso oferecer-te algo melhor. Diz-me aquele sítio de que tiveste assim mais saudades, durante a semana e que gostarias de pisar agora mesmo… Eu levo-te já lá e ainda te ofereço a minha companhia de presente.

— Oh, tão querido! Mas, sinceramente, acho que me apetece mais fazer outra coisa primeiro: eu propunha que fossemos dar um passeio na Maria Vinagre, alinhas?

— Mas isso pergunta-se? É claro que eu alinho e vamos já a isso…

— Se houve coisa da qual, eu tive muitas saudades, nestes dias, foi dos muitos e longos passeios que dávamos de mota, por Lisboa. Senti imensa falta desse sentimento de liberdade e da adrenalina típica que nos consome e envolve e também das idas à nossa praia.

— Eu fico muito feliz por saber que sentiste saudades do meu lado mais rebelde e extrovertido. E não precisas de dizer mais mada, eu vou já à garagem buscar a mota e saímos de seguida.

Ela sorriu embevecida; pois, sentia-se cada vez mais apaixonada por Miguel, ele era mesmo o namorado perfeito. Passaram a tarde quase toda a percorrer Lisboa, de mota, revisitando os mais diversos sítios. Lisboa era uma cidade enorme e continuava a ser a cidade mais bonita; lancharam um delicioso café e um bom pastel de nata, junto do Miradouro da Graça, em pleno Bairro Alto e por fim, deram um curto passeio, de mota, até ao refúgio preferido da sua cara-metade: o Parque das Nações. Sentaram-se num banco junto ao rio Tejo e abraçados, um ao outro, ficaram a namorar e desde as imediações de um bar, ali perto, ouvia-se mais uma melodia que parecia ter sido novamente escolhida a dedo e que espelhava, na perfeição, o estado de espírito que os envolvia: *Lisboa*

de mil Amores da portuguesa Mafalda Veiga.

— Gosto mesmo deste sítio. É tão especial… — Disse-lhe emocionada, enquanto percorria o contorno dos dedos dele.

— Eu sei, princesa! — Disse-lhe ele beijando-a no pescoço.

— Nem imaginas, as saudades que tive disto e deste aroma do rio; para mim este é o meu sítio de culto em Lisboa. O Porto também tem rio: o rio Douro e tem a Ribeira; porém, a minha cidade de Lisboa é a melhor e não há nada igual a ela, tal como, poder estar aqui na minha cidade, a pisar os lugares de que eu gosto tanto com a pessoa que eu mais amo, ao meu lado. — Disse ela roubando-lhe um beijo nos lábios.

❀

Miguel sabia que ela adorava passear pelo Parque das Nações, mesmo junto ao rio Tejo, em diversas situações e momentos: fossem felizes ou não. Era naquele preciso lugar que ela gostava de parar para reflectir e para se encontrar de novo com ela própria, sentada num dos muitos bancos coloridos de pedra, com o olhar fixo para além do horizonte e a beleza do rio, sentindo o seu aroma salgado e a brisa fresca a balançar-lhe os cabelos e a arrepiar-lhe o corpo.

— Durante toda esta semana, eu também andei muito por aqui, todos os dias, para te poder sentir um pouco mais perto. E para me reencontrar sempre um bocadinho contigo.

— A sério? Curiosamente, eu também pensava sempre em ti, quando passeava pela ribeira do Porto. — Disse ela embevecida.

Continuaram a manter-se abraçados e de dedos bem entrelaçados. Permaneceram ali mais algum tempo a namorar e de seguida foram até à Praia da Princesa. Num instante, estavam sentados em pleno areal…

— Cá estamos nós, no nosso sítio mais especial, de paragem praticamente obrigatória! — Disse-lhe ele, agarrando-a pela cintura e envolvendo-a fortemente com os braços.

— Podes crer! Que saudades que eu tive deste nosso refúgio: sem ti, sem praia e sem o mar; não sou ninguém.

— Eu também me sinto um perfeito incompleto sem essas três pequenas coisas; aliás, não sou nada, nem ninguém sem ti.

❀

O ambiente estava agradável e relativamente quente; apesar do frio húmido que, se tinha feito sentir nos últimos dias; por isso, sentaram-se em plena areia,

abraçados um ao outro e no colo um do outro e aproveitaram para namorar mais um pouco e para conversar:

— Nem imaginas, o quanto te amo! — Disse-lhe ela de ar apaixonado.

— Eu faço das tuas, as minhas palavras! Também te amo imenso. E tudo o que eu mais quero e desejo é que possamos ficar, juntos, para sempre e envelhecer ao lado, um do outro.

— Também é um dos meus, mais profundos, desejos. Não quero mais ninguém, a meu lado, que não sejas tu.

Abraçaram-se, fortemente, e de repente, ele ficou momentaneamente pensativo.

— Acabei de ter uma ideia fabulosa…

— E o que é? Conta-me tudo!

— O que é que achas, se eu fosse comprar um chocolate quente para bebermos; tal como, fizemos da primeira vez que viemos aqui?

— Excelente ideia! Sabe sempre bem recordar os bons velhos tempos…

— Podes crer! Então está decidido, vou ali ao café buscar o nosso chocolate quente e já volto.

Enquanto Miguel se ausentou, ela ficou de ar apaixonado e compenetrado sobre o horizonte, o mar e o pôr-do-sol, deixando-se levar pelo clima de romance que pairava no ar, e pelos grãos de areia que teimavam em fugir-lhe, por entre os dedos; enquanto se divertia a fazer desenhos no areal. Agasalhou-se, o fim de tarde estava fresco e pensou em como estava a saber-lhe tão bem aquele regresso às suas raízes e a casa, para um reencontro com todas as pessoas que mais gostava, incluindo Miguel que era: a razão principal da sua felicidade e da sua vida, depois de tantos dias de ausência.

Pensou no dia preenchido e feliz que estava a ter com Miguel, a fazerem as coisas que mais gostavam de fazer, juntos, a porem as saudades em dia, a namorarem, a reapaixonarem-se e a celebrarem o amor. Pensou também na profunda falta que ele lhe fazia: agora que eles passavam mais tempo distantes. E sentia falta da presença física e do amor dele, todos os dias e também da paixão, cada vez mais arrebatadora que nutria por ele e que ele sentia por ela. E era isso que, a fazia viver e sentir uma certeza cada vez mais forte de que era com ele que queria ficar para o resto da vida.

Amava-o como nunca tinha amado ninguém, via-o como a sua alma gémea perfeita e sabia que nunca, jamais, amaria alguém como o amava a ele. Não se imaginava separada dele para sempre. E poucos minutos depois, quando menos esperava, Miguel estava de volta à praia, com duas taças de chocolate quente e churros estaladiços acabados de fazer.

— Voltei! — Disse-lhe ele, sentando-se ao lado dela.

— Hummm… Que aroma apetitoso e delicioso! — Disse-lhe ela, fechando os olhos.

— É, não é? — Disse-lhe ele, pegando num churro, mergulhando-o no chocolate e aproximando-o dos lábios dela — Toma, prova!

Ana não perdeu tempo a dar uma singela dentada.

— Que maravilha! Esta mescla de sabores é simplesmente deliciosa… Está tudo fantástico e saboroso!

— Fantásticos são os bigodes de chocolate da minha princesa! — Concluiu Miguel de sorriso divertido, roubando-lhe o beijo mais doce de sempre.

❀

E ali permaneceram, mais alguns minutos, naquele fim de tarde: bem romântico, embalados pela paixão e amor que os unia. Viajando no tempo e relembrando os vários momentos especiais e únicos que tinham vivido ao som daquele lugar.

Entretanto, após um Sábado mais caseiro, Domingo chegou bem depressa, trazendo e tão indesejada; porém, já rotineira e aceitável despedida. Infelizmente a vida não lhes oferecia uma outra opção de escolha, senão habituarem-se àquele novo modo de viver.

Ana recebe uma visita inesperada

Nas semanas e meses mais próximos, a vida de Ana e Miguel não sofreu grandes alterações. Continuaram divididos entre visitas e fins-de-semana demasiado curtos; passeios; inconfidências; cumplicidades sem fim; declarações de amor eterno e tempos infinitos de namoro sem tempo.

Alguns meses mais tarde, a menos de um mês da chegada do mês de Abril e das férias da Páscoa, Miguel contou a Ana que tinha decidido não ir à sua viagem de finalistas a *Lloret del Mar*, em Espanha. Deixando-a estupefacta e incrédula.

— Oh! Porquê? O destino que foi escolhido, pela tua turma, não te agrada?

— Não é bem por isso que, eu decidi abdicar da viagem… Há uns meses, eu tinha planeado que nas férias da Páscoa iria fazer a tão desejada expedição de mota, a Itália, com os meus amigos: sabes que é algo com que sempre sonhei e que quero muito fazer há imenso tempo. Porém, neste momento, tenho muito que estudar e não tenho tempo e muito menos disponibilidade para fazê-la; por isso, decidi deixá-la para o Verão e pensei que fazia todo o sentido, aproveitar as férias para estudar e claro para estar contigo.

— Tu eras mesmo capaz de fazer isso, por mim? — Questionou-o ela de ar estupefacto.

— Já sabes que sim! Eu por ti, sou capaz de tudo e de fazer qualquer coisa. Neste momento, nenhuma viagem deste mundo é mais importante que tu; para além disso, numa altura em que nós passamos a maior parte do tempo separados, um do outro, todo o tempo livre que possamos passar juntos, é precioso e de aproveitar.

Ana mostrou-se muito tímida e comprometida

— Não sei que dizer… És perfeito! Nenhum namorado, deste mundo, faria uma coisa destas, só mesmo tu. Adoro-te cada vez mais.

— Também te adoro e te amo imenso!

— Mas agora falando a sério… Eu acho que tu não devias desistir nem abdicar dessa experiência única, por minha causa; afinal de contas, só a irás viver, uma vez na tua vida.

— Eu sei! Mas não faz mal, não me importo. Já sabes que não te troco por, mais nada neste mundo. Tu és mais importante que tudo; os meus colegas que aproveitem, que desfrutem e que se divirtam, ao máximo; porque eu vou aproveitar esses dias para pôr todo o amor que sinto por ti em dia.

— És um amor e um querido!

❀

E assim foi, durante as férias de Páscoa, Miguel dividia o seu tempo entre o estudo, algumas saídas com os amigos e o namoro com Ana. E não se arrependia nada da escolha que tinha feito, ele sentia que tinha sido a escolha mais acertada e mais correcta: ao trocar a sua viagem de finalistas, para passar mais tempo ao lado da sua amada; pois, tinha conseguido ter tempo para tudo, para fazer tudo aquilo que mais gostava e tinha conseguido, principalmente, aproveitar aqueles dias, em pleno, ao lado de Ana.

Pelo menos, durante aquela semana, uma singela réstia de normalidade fez por regressar à sua vida, tal como nos bons velhos: tinha Ana ao seu lado, faziam programas juntos, conversavam até altas horas, faziam sessões de cinema, passeios à beira-mar e de mota e saídas nocturnas com ambos os grupos de amigos. Era muito bom, sentir a distância a encurtar um pouco naqueles dias, agora que ambos viviam a maior parte do tempo separados e longe um do outro.

O fim-de-semana de Páscoa foi, como sempre, passado na Quinta da Juventude dos avós e em família. Ana e Miguel já tinham muitas saudades da quinta, dos avós e das rotinas tão próprias do campo; era raro as férias de Páscoa se alterarem, porque aqueles poucos dias no Alentejo nunca podiam faltar, era quase obrigatório, mas desta vez, para Ana e para Miguel aquela Páscoa parecia ser especial e diferente: mais intensa e com um sabor particular. Possivelmente, pelo facto de aquele ser quase sempre um lugar de reencontros e por ser, precisamente, ali que eles gostavam sempre imenso de se reencontrar.

No final da tarde de Domingo de Páscoa, regressaram todos mais cedo a Lisboa: Ana tinha um comboio para apanhar para o Porto ao final do dia. Tanto Ana como Miguel sempre se recordavam de não gostarem nada de despedidas, era algo injusto e muitas vezes ingrato; no entanto, a verdade, é que a vida os tinha obrigada, quase à força, a terem que lidar cada vez mais de perto com elas. De um momento para o outro, as despedidas tinham passado a fazer parte da rotina e a melhor forma de lidar com elas, era aprender a contorná-las com um sorriso nos lábios.

❀

No dia seguinte, eles regressaram às rotinas de sempre: às aulas e claro ao estudo. Faltavam muito poucas semanas para os exames nacionais de Miguel e para as primeiras frequências de Ana na faculdade de Medicina do Porto e eles ainda tinham muito para estudar. Tinham que se dedicar com afinco e que aproveitar muito bem o tempo para não deixarem a matéria acumular. A distância, a saudade e o vazio voltaram a fazer-se sentir, ainda que tivesse sido com menos intensidade; já que, o ritmo acelerado das aulas e do estudo e a chegada das avaliações, não os deixavam ter sossego, nem tempo para pensar na falta que faziam, um ao outro.

E os meses foram passando, sem nada de muito diferente a acrescentar. Em pleno mês de Julho, a época de exames de Miguel terminou e trouxe com ela boas notícias, o secundário estava concluído com uma boa média. Esta pequena vitória, ele fez questão de a dedicar a Ana e à sua família, não poderia sentir-se mais feliz; apesar de, não poder partilhar a sua felicidade pessoalmente com a sua princesa.

Ultimamente, Ana vinha muito menos de fim-de-semana a Lisboa e isso fazia com que só se falassem pelo telemóvel: era este o meio de comunicação que eles cada vez utilizavam mais, para fazerem chegar, um ao outro, com maior rapidez as novidades que iam surgindo. As frequências, os trabalhos de grupo, as pesquisas e os exames não permitiam à Ana vir muito a casa, o que deixa Miguel muito triste e cheio de saudades; no entanto, do nada ele teve uma grande ideia.

Falou com os pais de Ana, que adoraram a ideia e o ajudaram em tudo; aquele era o momento ideal para Miguel pôr a sua ideia em prática; uma vez que a sua época de candidaturas para a faculdade ainda não tinha começado.

❀

No fim de mais uma semana, precisamente na Sexta-feira de manhã, bem cedo, de malas feitas e de bilhete na mão, ele dirigiu-se à estação de Santa Apolónio: um local que não lhe trazia muito boas recordações, pois, tinha sido ali que ele se tinha de Ana pela primeira vez. E rumou, de comboio, à cidade *Invicta*, pelo caminho ouviu música e desenhou, tentando manter-se concentrado, a todo o custo para não ser tentado a pegar no telemóvel e a ligar a Ana. Não podia, nem queria fazê-lo e também não queria correr o risco de ela desconfiar da surpresa ou de ele se descair durante a conversa; por isso deixou o telemóvel sossegado no bolso das calças.

Perto da hora de almoço, o comboio estava a parar na estação de Campanhã,

na *Invicta*; de seguida, apanhou o metro e depois um autocarro que o levou até às imediações da Faculdade de Medicina, Ana vivia num apartamento perto.

A manhã tinha sido muito atarefada para ela; pois, tinha-se reunido com algumas colegas para acabarem um trabalho que não estava a ser nada fácil. Sentiam-se bastante cansadas de estarem há tanto tempo a fazerem pesquisas da Internet e a consultarem os vários livros que tinham requisitado na biblioteca da faculdade; precisavam mesmo de fazer uma pausa para descontraírem um pouco e comerem qualquer coisa.

Entretanto, alguém tocou à campainha, quebrando-lhes os planos; do outro lado, Miguel apresentava um sorriso: expectante, rebelde e divertido e um olhar bastante expressivo, não via a hora de Ana desvendar a surpresa: abrindo-lhe a porta. Estava cheio de saudades dele e ansioso para abraçá-la e beijá-la ininterruptamente.

Ana levantou-se da mesa e quando abriu a porta nem queria acreditar no que via, estava claramente surpreendida; pois tinha Miguel mesmo à sua frente. Mostrou-se perplexa e estupefacta, não estava mesmo nada à espera daquela surpresa e daquela visita relâmpago dele, mostrou-se bastante emocionada e feliz; pois, há quase dez dias que, ela não ia a casa, por isso, ter oportunidade de passar algum tempo com Miguel tinha sido um dos melhores presentes da semana.

As amigas de Ana assistiam a tudo muito atentas e embevecidas…

— Surpresa!!! — Disse-lhe ele carregado de entusiasmo.

— Não acredito! O que fazes aqui? — Perguntou-lhe ela abraçando-o e beijando-o com muita intensidade e paixão.

Miguel pousou as malas e deixou envolver-se fortemente por aquele abraço que ansiava há mais de dez dias.

— Agora, foi a minha vez de te fazer uma surpresa, às escondidas. Se a Julieta não pode ir a Lisboa, vem o Romeu ao Porto.

Ana deu uma valente gargalhada…

— Só mesmo tu! És perfeito… Obrigada pela surpresa. Amei imenso; acredita que esta tua visita inesperada é sem dúvida a melhor coisa desta semana. É tão bom poder ter-te aqui comigo durante todo o fim-de-semana, seres assim… só meu. Já me fazias muita falta e as saudades que sentia tuas já estavam mesmo a apertar fortemente.

— Confesso que, também já morria de saudades da minha princesa preferida. Bem, entramos ou vamos ficar à porta o resto do dia? — Brincou ele.

— Bem me parecia que o teu bom humor e as tuas piadas, jamais poderiam faltar. É claro que vamos entrar, vem comigo… Vou já apresentar-te às minhas amigas. Desde que vim para cá quem todos os dias lhes falo de ti e elas já me

tinham dito, diversas vezes, que estavam cheias de curiosidade para conhecer o homem que roubou o meu coração. Parece que, finalmente, esse momento chegou! — Disse-lhe ela pegando na mão dele.

Miguel mostrou-se envergonhado; pois, não gostava nada de ser o centro das atenções e ficava sempre sem jeito, quando era o centro das atenções.

❀

Entrarem no apartamento e tal como Ana havia dito: apresentou-o logo às amigas que ficaram, facilmente, rendidas ao seu humilde e simples charme dele; assim como à simpatia e boa-disposição que conquistava qualquer, com extrema facilidade e que não deixava ninguém indiferente. Ana convidou as amigas para almoçarem com eles; porém, elas recusaram o convite dando uma desculpa esfarrapada, apenas para os deixarem a sós e não quebrarem o ambiente romântico que existia entre os dois.

Quando ficaram, completamente, sozinhos; Ana mostrou a Miguel o apartamento: ela vivia num pequeno apartamento T1 constituído por quatro simples divisões: uma sala, uma casa de banho, uma cozinha pequena e um quarto.

O apartamento era simpático, aconchegante e estava bem organizado e decorado, com um estilo muito feminino. Tinha as paredes pintadas de bege; alcatifa no chão, num tom acastanhado e móveis clássicos feitos em madeira maciça.

Ela começou por lhe mostrar a sala, onde tinham estado e onde ela passava grande parte do tempo; não era uma divisão muito grande, mas era confortável: tinha uma pequena estante na parede com imensos livros e discos, por baixo da estante havia um pequeno móvel onde estava uma televisão e um pequeno rádio com leitor de CD’s. Mesmo em frente ao móvel, encostados à parede próxima da porta de entrada da sala, havia dois sofás em tons de bege, onde Ana gostava de ficar sentada e enroscada na sua manta polar a ouvir música, a pôr as suas séries em dia ou a estudar. Do lado esquerdo do móvel encontrava-se uma pequena mesa de vidro que tinha algumas fotografias de família e amigos. Junto à janela, a um canto, havia um *puf* em tons de amarelo-torrado, onde Ana adorava sentar-se a pensar no seu amado e a reflectir sobre um pouco de tudo; por cima dos sofás, pendurada na parede estava uma fotografia dela e de Miguel emoldurada. Estavam felizes e a sorrir.

O que será que Miguel havia dito para despoletar tão mecânicas gargalhadas?

Aquela fotografia, trazia feliz a quem a mirava; uma vez que, ela própria espelhava uma imensa felicidade e convidava a sorrir sem qualquer motivo. São

esses os melhores sorrisos e os mais espontâneos.

Do outro lado da sala, mesmo em frente à porta de entrada, havia uma mesa grande, onde ela costumava jantar e fazer trabalhos de grupo com as colegas; naquele momento, a mesa, estava toda ocupada com o computador portátil; livros; apontamentos e revistas e artigos, estava tudo completamente cheio, não havia um único espaço por preencher.

Depois dirigiram-se para o seu quarto. Ana abriu a porta e em grande plano podia ver-se uma tela, de formato horizontal, com uma fotografia impressa, de ambos: abraçados, felizes e muito sorridentes, em plena Praia da Princesa, mesmo por cima da cama dela, estavam sentados na areia à beira-mar, Miguel mostrou-se bastante embevecido e surpreendido. Entraram dentro do quarto, e ele viu que Ana tinha diversas fotografias, de ambos, espalhadas por toda a divisão, cada recanto estava decorado com uma fotografia: em cima da cómoda, estava a *selfie* a beijarem-se, que tinham tirado junto ao Cais das Colunas em plena véspera da partida de Ana; por cima da mesa-de-cabeceira tinha uma moldura de tamanho médio com uma fotografia apenas dele, a sorrir, tirada no Alentejo. A estante de livros continha, em cada prateleira, uma fotografia de ambos ou apenas de Miguel; pendurado na parede, por cima da secretária, tinha um *placard* grande, de cortiça, onde ela tinha colocado mais algumas fotografias de vários momentos passados, juntos; outras dela sozinha e ainda outras em família, com as amigas. Não faltavam os *post-it's* com mensagens, recados, números de telefone etc.

Ele agarrou-a pela cintura e, de seguida abraçaram-se durante algum tempo; de seguida dirigiram-se em grande clima para a cozinha: uma divisão grande, espaçosa e muito bem equipada; perfeita para umas boas refeições bem saudáveis, a dois. Aonde aqueceram o almoço, que iria ser um delicioso: Esparguete à Bolonhesa. Miguel pôs a mesa e ela veio logo a seguir com a taça de esparguete; sentaram-se à mesa e continuaram a conversar; enquanto comiam. Ele contou-lhe tudo: como é que a ideia da visita surpresa tinha surgido, falou-lhe da ajuda que os pais dela lhe haviam dado; tal como de muitos outros pormenores.

Tudo aquilo deixou Ana encantada e deslumbrada, ele era mesmo uma pessoa especial; Miguel estava comovido com a emoção da sua amada, perante a sua surpresa, beijando-a nos lábios com muita intensidade.

❀

O resto do fim-de-semana, correu bem, aproveitaram para passear e para

conhecer um pouco melhor a cidade: Passearam pela Rua Cedofeita onde comeram um *croissant* típico do Porto, depois passearam pela Baixa da cidade e pelo centro histórico. Andaram pela Rua de Santa Catarina a ver lojas, foram até às imediações do emblemático Coliseu e até ao Café Majestic. Visitaram a Livraria Lello, a Torre dos Clérigos, a Casa da Música e o Estádio do Futebol Clube do Porto e ainda passaram pela conhecida Avenida dos Aliados, para Ana lhe mostrar o edifício da Câmara Municipal.

À noite, jantaram uma francesinha num restaurante, perto do apartamento de Ana e depois foram até um centro comercial tomar café e fazer algumas compras.

Foi um fim-de-semana muito preenchido, em que aproveitaram para tirar muitas fotografias, juntos; para passearem; para namorarem e para desfrutarem, em pleno, daqueles dias e daquele tempo, juntos. No Domingo, acordaram bem cedo, tomaram o pequeno almoço e depois, ainda com os respectivos pijamas vestidos ficaram sentados no sofá, no colo um do outro, abraçados e de dedos bem entrelaçados apenas a conversar. Beijando-se continua, intensa e apaixonadamente, trocando sorrisos e aproveitando o tempo que lhes restava.

A seguir, Ana ajudou Miguel a fazer as malas, almoçaram por casa e, num ápice, voltou a ser dura a hora da despedida, por muito habituados que já estivessem a estarem separados, um do outro, foi tão duro como da primeira vez. Ana acompanhou-o à estação da Campanhã, para ele apanhar o comboio de regresso a Lisboa. Sentaram-se, de novo, num banco da zona de embarque, como da primeira vez, de dedos entrelaçados e de olhar fixo um no outro. Abraçaram-se com força e ele beijou-a na testa e nos lábios com intensidade e alguma doçura e ternura; por sua vez, Ana aconchegou-se ainda mais no abraço dele, fechou os olhos e deixou-se, lentamente, envolver pelo perfume dele, soltando uma singela lágrima muito discreta. Estava triste e desolada, abraçando-o e beijando-o uma última vez e de seguida, acompanhou-o até à porta da carruagem aonde ele tinha que entrar.

Na zona de embarque, tocava mais uma música que parecia ter sido escrita, propositadamente, para aquele momento: *Goodbye My Lover*, do britânico James Blunt que intensificou mais uma vez, a dor da despedida e de mais uma separação e encheu os corações de ambos de, ainda mais paixão e amor. Era uma música forte, triste, intensa e demasiado emocional para aquele momento, em particular; por isso, durante alguns minutos, eles deixaram-se embalar num longo abraço, num infinito e eterno beijo e por cada uma das palavras daquela música. Apesar de tudo sentiam aquele momento, como algo especial; pois, à medida que o tempo passava, a amizade e o amor que os unia era cada vez maior.

Trocaram um último beijo de despedida e o comboio partiu levando Miguel de novo para Lisboa; Ana voltou ao seu apartamento, o ambiente parecia-lhe estranho; uma vez que, tudo tinha perdido vida desde que Miguel se tinha ido embora. Já não existiam as carícias e manifestações de afecto para com ela, já não se ouviam as gargalhadas dele pela casa, ela já sentia muitas saudades de o ouvir chamá-la por: *Princesa*. Que falta enorme que Miguel lhe fazia, aqueles poucos dias que ele tinha passado, ali, com ela, fizeram-na perceber ainda mais isso. Depressa, se tinha habituado à presença dele, ali, em casa, ao seu lado e vê-lo ir-se embora estava a custar-lhe outra vez imenso, como se fosse a primeira vez.

Sentia-se incompleta; entretanto, quando foi ao seu quarto buscar um livro para fazer uma pesquisa para Anatomia, reparou num pequeno pormenor inesperado, Miguel tinha deixado uma das suas camisas, pendurada nas costas da cadeira da secretária dela, provavelmente, de propósito para que Ana ficasse com algo pessoal dele… ou não. Talvez fosse só mais um mero acaso; Ana aproximou-se e passou a mão pelo tecido, sentindo os vincos e contornos do seu corpo, os músculos tonificados dos seus braços e bíceps, a robustez e firmeza do seu peito e o aroma do perfume dele: suave, leve, adocicado e de textura fina. Trazendo o seu nobre amado, novamente, à sua memória, era inevitável não pensar e não se lembrar dele.

De repente, parecia que tinha conseguido trazê-lo, por breves instantes, de volta para junto de si, era como se o sentisse ali presente ao seu lado, quase que ela conseguia ver e imaginar a sua figura.

Depois pegou na camisa e vestiu-a, ficava-lhe larga e demasiado comprida; porém, ela não se importava, abotoou os botões e de seguida colocou um cinto largo de forma a ajustá-la o mais que podia ao seu corpo, transformando a camisa num vestido bem feminino. Sentiu, de imediato, o aroma do perfume dele e pensou para si própria: *ainda bem que Miguel tinha deixado, ali, aquela camisa dele, assim ela podia colmatar as enormes saudades que ia sentindo dele.*

De seguida, ela pegou no telemóvel e tirou uma *selfie* enviando-a depois a Miguel. Ele ficou deslumbrado, ainda mais apaixonado por ela e embasbacado; Miguel nem queria acreditar no que via, parecia impossível que até com a roupa dele, Ana conseguisse ficar sensual e linda de morrer. Embevecido e de ar carregado de amor, ele não perdeu tempo a responder à mensagem dela, enchendo-a de elogios.

A ida de Miguel para a faculdade

Nos dias que se seguiram, a vida de Miguel tornou-se uma grande azáfama; já que, ele andou bastante ocupado a tratar de toda a papelada para a candidatura à faculdade, tal como Ana lhe havia dito há um ano atrás, havia mesmo imensa papelada para preencher e entregar. Ele lembrou-se bastantes vezes dela, da pilha de nervos que Ana tinha sentido e das muitas emoções que tinha vivido naquela mesma fase, depressa pôde perceber que ela sempre tinha tido razão.

Apesar da exigência que já se fazia sentir naquele primeiro ano da faculdade e mesmo estando longe de casa, ela tentou acompanhar, muito de perto, aquele momento tão especial para Miguel, afinal de contas, no ano anterior, ele também tinha estado incondicionalmente ao seu lado.

❀

Num fim-de-semana em que, Ana voltou mais cedo para Lisboa; uma vez que, ela estava mais leve e não tinha muitos trabalhos, nem muito que estudar. Eles aproveitaram e deram uma curta escapadela ao Algarve, mais concretamente a Faro. Miguel precisava de ir à faculdade de Engenharia preencher os pré-requisitos e entregar a candidatura e assim juntavam o útil ao agradável.

Na Quinta-feira pelo final da tarde, Ana apanhou o comboio e regressou à sua Lisboa. Na Sexta-feira, de manhã cedo, eles viajaram para o Algarve; chegados a Faro decidiram dar um passeio pela cidade, o clima estava bastante quente e convidativo: o Sol escaldava na pele. Visitaram o centro histórico, o Paço Episcopal e a zona velha da cidade; fotografaram-se e fotografaram a paisagem urbana e no caminho para a Marina para almoçarem, espreitaram a Doca Pesca.

Ana já sentia falta daquela pequena pausa no frenesim que era a sua vida na *Invicta* e na Faculdade de Medicina, estava mesmo a precisar de tirar aqueles poucos dias para reflectir sobre outras coisas que não só em estudo, exames e trabalhos e claro para namorar com Miguel. Infelizmente à medida que o curso

ia avançando cada vez era mais difícil ela vir a casa, o que fazia com que visse Miguel cada vez menos, isso deixava-a triste, desassossegada e de coração partido.

Após um prolongado almoço, por entre troca e partilha de emoções, manifestações de afecto contínuas, muitas conversas e muito amor à mistura, encaminharam-se para a Faculdade de Engenharia onde Miguel entregou a sua candidatura. Para o resto da tarde, Miguel planeou algo especial que queria muito concretizar com Ana.

— De repente ficaste com um ar muito misterioso, porque será? — Indagou Ana.

— Apetece-me muito fazer-te uma surpresa!

— Ui! Já sabes que eu adoro surpresas…

— Por isso mesmo… Posso-te adiantar que há uns tempos tu disseste-me que um dia tínhamos que vir visitar este lugar; portanto, juntei o útil ao agradável e decidi levar-te lá hoje.

— Hummm… Confesso que já não me recordo de que lugar falei. Afinal de contas, aonde vamos? Eu já estou a morrer de curiosidade, para saber que sítio é esse…

— Daqui a pouco, já vais descobrir tudo!

❀

Ele pegou na sua estimada Maria Vinagre: outra das suas companheiras de longa data e num ápice fizeram-se à estrada até uma pequena localidade algarvia bem especial; a viagem demorou pouco mais de meia hora. Ainda andaram perdidos por: certos estreitos caminhos algarvios e por becos sem saída durante algum tempo; uma vez que a localidade era mesmo pequenina e difícil de encontrar, porém depois de muito procurarem, de darem voltas e voltas e de insistirem e persistirem com paciência e resiliência chegaram ao destino.

Miguel aproveitou uma acalmia no trânsito e estacionou a mota mesmo por detrás da placa que indicava, precisamente, o nome da localidade em questão.

— Chegamos!!! Já viste aonde estamos? — Questionou-a ele de ar brincalhão.

— É este o lugar tão especial que, me falavas? — Questionou-o ela surpreendida e até algo desiludida, olhando ao seu redor.

— Sim, é!

— Mas, nós estamos no meio do nada e sinceramente não estou a ver nada de especial por aqui, a não ser uma estrada cheia de curvas e contracurvas, imensas árvores e uma localidade pequena.

— Dizes isso, porque ainda não viste o que diz esta placa que está à nossa

frente! Espreita lá…

Ana saltou da mota e espreitou, mostrando-se, logo de seguida, incrédula e estupefacta.

— Não acredito que decidiste trazer-me à localidade que dá nome à tua mota. Que máximo!

— Já percebes agora, porque estamos num sítio especial...

— Podes crer! Só tu para uma loucura destas!

— Quando te falei a primeira vez do nome que tinha escolhido para a minha mota, sugeriste-me que, um dia, nós viéssemos até aqui, para fazermos uma visita à localidade algarvia com o mesmo nome.

— Pois, foi! Agora, lembro-me perfeitamente disso!

— Por isso como neste fim-de-semana, estávamos por terras algarvias, tudo se proporcionou e eu achei que devíamos mesmo aproveitar a oportunidade para virmos até cá, quanto mais não seja para tirarmos uma *selfie* para mais tarde recordarmos.

— Foi bem pensado, meu amor! Obrigada, adorei imenso a surpresa.

— De nada! Foi um prazer!

Ana sentou-se na Maria Vinagre, mesmo à frente de Miguel e depois ele pegou no telemóvel e no *selfiestick* e tirou a tão desejada *selfie*, num forte clima de romance com Ana.

— Que tal ficou? — Perguntou-lhe ela curiosa.

— Fantástica! Não concordas? — Perguntou-lhe ele, mostrando-lhe a fotografia no telemóvel.

— Adoro! Somos dois grandes malucos!

— Pois somos! Eu acho que, não há nada melhor que ser-se louco pela vida.

— Concordo plenamente!

Depois regressaram a Faro. Pelo fim do dia, ainda houve tempo para uns banhos-de-sol já bem fora de época e à noite aproveitaram para uma suave saída nocturna até um bar para tomarem uma bebida. Quando eles se aperceberam, o fim-de-semana tinha passado depressa; porém, tinha sido muito importante para Ana poder recarregar as baterias e relaxar; para além disso, tinha sido aproveitado ao segundo.

No Domingo, após o almoço, eles regressaram a Lisboa e ao final do dia, Ana voltou para a sua *Invicta*. Os resultados da candidatura de Miguel à Faculdade de Engenharia saíram alguns dias mais tarde e trouxeram um misto ainda maior de emoções. Por um lado, Miguel estava excitadíssimo e muito entusiasmado por ter sido capaz de ter notas muito boas que lhe permitiam entrar na faculdade que desejava, numa cidade que gostava muito: Faro e no curso com que ele sempre

sonhara: Engenharia Mecânica. Porém, por outro lado, Miguel sabia que todas aquelas escolhas implicavam ficar ainda mais longe de Ana, não sabia bem o que havia de fazer; no entanto, naquele preciso momento, o mais importante era contar-lhe as boas notícias; apesar de já passar da meia-noite. Pegou no telemóvel e ligou-lhe. Ana ainda estava a fazer um trabalho…

— Boa noite, princesa! Estás boa? — Disse-lhe ele muito eufórico.

— Boa noite, meu amor! Estou óptima, apesar de me sentir um pouco cansada; porque ainda estou a acabar um trabalho. A que se deve este telefonema tão delicioso?

— Tenho excelentes novidades para te dar e queria muito partilhá-las já contigo, não queria esperar por amanhã. Posso?

— É claro que podes!

— Espero não estar a interromper nada de importante…

— Achas mesmo? Tu nunca me interrompes. Conta-me lá essas novidades todas!

— Já saíram os resultados da minha candidatura!

— A sério? E que tal foram? Quero saber tudo… — Disse-lhe ela cheia de nervos.

— Estás preparada?

— Preparadíssima!

— Entrei no curso de Engenharia Mecânica — Concluiu ele transparecendo na voz a felicidade imensa que sentia.

Do outro lado do telefone, Ana não conseguiu conter-se e começou aos gritos de alegria, estava completamente eufórica, emocionada e feliz por ele.

— Que bom! Muitos parabéns! Eu fico tão feliz e tão orgulhosa de ti, por teres tido oportunidade de concretizar mais um sonho: o sonho de entrares para a faculdade e para o curso que tanto querias e desejavas e por teres chegado até aqui. Eu sabia e tinha a certeza absoluta que tu ias conseguir, acredita que mereces isto e muito mais. Eu só tenho pena de não poder estar aí agora, junto de ti, para te abraçar e beijar muito, para partilhar contigo essas emoções todas e para comemorarmos, juntos, essa nova fase da tua vida.

— Obrigado por tudo, Anocas! Neste momento, tu és sem dúvida, a pessoa que melhor é capaz de compreender o que estou a sentir, também gostava muito que estivesses aqui ao meu lado. Tenho cada vez mais saudades tuas, à medida que o tempo passa.

— Eu sei! Compreendo-te! — Anuiu ela de voz embargada — Mas, agora conta-me tudo, como é que te sentes? Qual é a sensação de estares prestes a entrar na faculdade e a começar uma nova etapa da tua vida: talvez a mais importante?

— É uma sensação indescritível! Para além disso, este é mesmo um dia muito especial para mim; agora consigo compreender muitíssimo bem o que tu sentiste, há um ano, quando entraste para a faculdade: a euforia, a alegria, o entusiasmo, a excitação e o sentimento de dever cumprido e de realização pessoal. Neste preciso e exato momento, estou a sentir e a passar pelo mesmo que tu e posso-te dizer que esta minha pequena vitória é toda para ti e para a tua família, pois, foram vocês que fizeram de mim o que sou hoje e foi graças a vocês que tudo isto se tornou uma realidade; uma vez que fizeram de tudo para que a minha vida mudasse radicalmente, e de facto mudou mesmo e por completo e para que eu pudesse lutar e realizar todos os meus sonhos e objectivos.

— Eu sei! Acredita que eu fico mesmo muito contente por te ver assim: feliz, entusiasmado e realizado e por todos termos conseguido ajudar-te e contribuído um bocadinho para as grandes mudanças na tua vida, para o teu percurso pessoal e para a concretização dos teus sonhos e objetivos. Mais uma vez, mereces muito porque sempre lutaste e estudaste imenso, esforçaste-te, dedicaste-te e aplicaste-te; por isso, só poderias mesmo ser bem-sucedido.

— Obrigado por tudo, mais uma vez! Eu devo-vos mesmo muito e sinto que vou ficar, com uma dívida de gratidão para convosco, para o resto da vida.

— Oh, não vais nada! Que exagero! Deixa-te dessas coisas… Todos o fizemos com o maior gosto e prazer, e na verdade apenas fizemos o nosso dever e aquilo que estava correto; para além disso, deu-me a oportunidade de fazer a melhor amizade de sempre e de ter ao meu lado o melhor namorado e a melhor alma gémea do mundo.

— Acho que deixares-me envergonhado não conta! Eu fico sempre sem palavras e sem jeito nenhum; perante os teus sentidos elogios. — Disse-lhe ele de ar tímido.

— Isso é porque tu os mereces! Mais uma vez, eu peço-te imensa desculpa por não poder estar aí contigo.

— Não tens nada que pedir desculpa, eu sei perfeitamente que tu já tens a tua vida toda organizada aí no Porto, que tens que estudar muito para poderes ser a grande médica-pediatra que tanto anseias, desejas e queres ser; tal como a tua mãe e como tal não podes vir a Lisboa quando queres ou quando eu quero. Acredita que eu percebo

— Obrigada pela tua compreensão!

— E agora vem a notícia menos boa…

— Ui, ui! Já sabes que não gosto mesmo nada de notícias menos boas! — Disse-lhe ela preocupada e apreensiva.

— Fui colocado na Faculdade de Engenharia de Faro!

— Ana suspirou de alívio – Mas isso não é bom?

— É, claro que é! Tu sabes que Faro era a cidade para onde eu tanto queria ir.

— Então, ainda bem que tu conseguiste colocação lá e no curso que tu tanto querias e com que tu tanto sonhavas. Estou mesmo muito orgulhosa e feliz por ti, por tu teres conseguido atingir todos os teus objectivos, pelos quais tanto lutaste até aqui e por estares a um pequeno grande passo de concretizares mais um dos teus sonhos. Valeu tudo imenso a pena, não achas?

— Sem dúvida! Porém, tu sabes aquilo que, estas mudanças vão implicar, não sabes? — Questionou-a ele de ar preocupado.

— Sim, sei! Infelizmente, nós vamos ter que ficar ainda mais longe um do outro; acho que é mesmo a lei da vida, não há nada que nós possamos fazer… — Disse-lhe ela um pouco emocionada e a tentar disfarçar a tristeza que sentia.

— Pois é! Mas o principal problema é que não sei se estou preparado para isso. Eu não sei se quero levar este sonho para a frente; porque não quero ficar ainda mais longe de ti.

— Não digas isso! Eu compreendo, perfeitamente, as tuas dúvidas e os medos que tu sentes; porque, eu também já passei por isso, há um ano atrás. Mas tu não me deixaste desistir e insististe para que eu arriscasse, lutasse e seguisse em frente com os meus objectivos e o meu sonho; por isso, agora, é a minha vez de te pedir que faças o mesmo. Se tu não quiseres fazê-lo por ti, fá-lo por mim…

— Não sei se consigo fazê-lo, Ana!

— Estás a querer dizer-me que vais baixar os braços e desistir? — Disse-lhe ela muito indignada.

— Não sei…

— Isso nem parece teu, que batalhaste a vida inteira.

— Eu sei! Porém, eu estou tão confuso que nem sei o que é que hei-de pensar…

— Por favor, não quero que ponhas o teu sonho e os teus objectivos de vida, de lado, por minha causa. Não faz sentido que tu o faças, não é justo, nem eu tenho o direito de te obrigar a fazer uma escolha dessas; por isso, eu peço-te que não te precipites e que não tomes nenhuma decisão de ânimo leve e de cabeça quente da qual te possas vir arrepender mais tarde, sem ponderares bem os prós e os contras de tudo. Prometes-me que não o vais fazer? — Implorou-lhe ela de coração apertado.

— Prefiro não prometer uma coisa que posso não conseguir cumprir. Sabes, sinto que, neste momento, preciso mesmo de estar sozinho para tentar assimilar tudo isto na minha cabeça, para organizar as ideias e para pensar muito bem em tudo.

— Percebo, meu amor! Se for preciso e se eu puder, posso perfeitamente pedir transferência para a faculdade de Medicina de Faro para ficarmos mais perto.

Não há problema nenhum…

— Até tenho vergonha por tu arriscares tanto e por te fazer sempre mudar a tua vida, por minha causa. — Disse-lhe ele

— Não sejas, tonto! Já sabes que, eu faço tudo por ti, para estar contigo e mais perto de ti.

— Eu sei! E é por isso que eu gosto tanto de ti e te amo incondicionalmente.

— Hoje em dia, é muito simples e fácil pedir transferência para outra faculdade, basta-me ter as equivalências exigidas e normalmente até nem é muito difícil obtê-las; por isso conta comigo para tudo, mas mesmo tudo, o que precisares.

— Obrigado por tudo, mais uma vez! Eu não sei mesmo o que dizes… Também sabes que podes contar sempre comigo, para tudo; estou e estarei sempre aqui para ti e para o que der e vier e para o que tu precisares. Aconteça o que acontecer seremos: amigos, cúmplices e almas gémeas para sempre.
Bem, vou ver se tento dormir um pouco.

— Vai lá! Eu também me vou deitar.

— Eu espero que a nossa conversa não te tenha feito atrasar o trabalho.

— Não te preocupes porque até ajudou; enquanto conversávamos, acabei por terminá-lo.

— Ainda bem, fico mais descansado! Dorme bem, minha princesa! Obrigado por me teres ouvido.

— De nada! Dorme bem, meu amor! Mais uma vez, muitos parabéns. Um beijinho gigante. Amo-te imenso.

— Um beijinho muito grande. Também te amo muito, já sabes…

❀

Durante aquela noite: algo desassossegada e mal dormida e depois de muito pensar e ponderar, Miguel decidiu prosseguir o seu sonho e ir para Faro para o curso que tanto queria. Sabia e sentia que aquilo que Ana mais gostaria era que ele seguisse em frente com os seus sonhos e os seus objectivos e ele assim fez; apesar de continuar a amá-la como nunca havia amado mais ninguém.

No início de Setembro, Miguel já tinha tudo pronto para a viagem para o Algarve; por isso, no fim-de-semana de partida para Faro convidou Ana a encontrar-se com ele na Quinta da Juventude. Juntava o útil ao agradável e sempre conseguia ter mais tempo para estar ao lado de Ana e dos pais, antes de se despedir, em definitivo, de todos. Ela não hesitou em aceitar e Sexta-feira, logo depois do almoço, apanhou o autocarro até ao Alentejo.

O reencontro de Miguel com os pais foi bastante intenso e emotivo; Maria

José e Alfredo estavam muito embevecidos, felizes e orgulhosos da conquista do filho e, principalmente, de todo o seu empenho, esforço, entrega e dedicação ao estudo. Sabiam que Miguel era muito aplicado e que tirava excelentes notas; por isso, não tinham dúvidas de que ele conseguiria mesmo concretizar todos os seus sonhos e objectivos.

Apesar de Miguel já ser um adulto, às vezes os pais ainda continuavam a vê-lo como aquele rapaz, da infância, recheado de sonhos e com uma forte vontade de mudar de vida. No entanto, depressa, se apercebiam de como o tempo tinha andado rápido e Miguel tinha mudado radicalmente: ele estava um homem feito que tinha sonhos e objectivos bem definidos e concretos e os pés bem assentes no chão da vida e que sabia muitíssimo bem o que queria da vida e para o seu futuro. Para além disso, já tinha encontrado a mulher dos seus sonhos e estava a caminho da faculdade.

Por entre a forte comoção dos seus pais, ele sabia que não era nada fácil para eles, lidarem e aceitarem aquele seu grande abrupto crescimento e as suas grandes mudanças. Era algo difícil de digerir e de assimilar; pois, para eles, Miguel nunca deixaria de ser aquele encantador de sonhos da sua longínqua infância.

❀

Tanto para Ana, como para Miguel, aquele fim-de-semana tinha sido, de todos os fins-de-semana passados, no Alentejo, o mais especial, significativo e importante; uma vez que durante aqueles singelos dois dias, eles puderam tira o máximo de tudo, desfrutando, essencialmente, do lado mais simples e bonito da vida: abraços e beijos reconfortantes, aconchegantes, intemporais e marcantes; cores; sabores; paisagens; texturas e cheiros completamente inesquecíveis; afinal de contas a vida dava tantas e tantas voltas que muitas vezes eles sentiam que não sabiam muito bem o que poderiam esperar dela. Para além disso, todos aqueles pequenos nadas, jamais poderiam ser descorados.

Eles madrugaram diversas vezes para verem o amanhecer, fazendo com que o tempo tão fugidio parasse e se prolongasse. Deram longos passeios, a dois, pelos campos e pela praia, partilhando: silêncios, pensamentos, manifestações de afecto, gestos de carinho e juras de amor intermináveis, não deixando nada por dizer. Eles aproveitaram também para namorar, o máximo de tempo que conseguiram, trocando sorrisos que contagiavam e faziam pela diferença;

Todas as pessoas que os conheciam bem, pensavam e partilhavam a mesma opinião: bastava observar a cumplicidade que os unia, observá-los com atenção e observar o forte amor que transbordava dos seus corações, para facilmente

perceberem que tinham sido feitos um para o outro. Eles tinham descoberto, um no outro, a alma gémea que tanto tinham procurado; para além de namorarem, Ana e Miguel também aproveitaram para ver o pôr-do-sol, desde a paisagem verdejante e atípica do Alentejo, para fazer hipismo, para piquenicar em família, para rever as velhas amizades do Anthony, da Luísa e do Kiko.

Ali viviam em liberdade e em estado puro, não havia tempo nem espaço para pensar muito em tristezas, preocupações ou despedidas; acima de tudo a maior premissa que eles tinham aprendido, na infância, era que aquele lugar pedia que se vivesse intensamente o momento e o dia-a-dia.

E quando menos esperavam, a despedida chegou e o tempo foi passando sem percalços; o primeiro ano de Miguel na faculdade correu muitíssimo bem, ele estava a adorar o curso; era exactamente aquilo com que sempre sonhara e que ele tanto queria e desejava. Já tinha feito amigos novos e a cidade de Faro revelou-se uma cidade acolhedora e apaixonante, principalmente por ter mar e praia: todos os dias, ele corria pela marginal, logo pela manhã, passeava à beira-mar e dava muitos mergulhos. Também saía muito com o grupo de amigos, a vida nocturna a cidade era contagiante; porém, apenas aos fins-de-semana, durante a semana o tempo era todo para estudar. O curso era muito exigente, tinha muita Física e Matemática; por isso, pedia muito tempo de estudo, muita concentração e muita atenção para acompanhar a matérias toda a par e passo.

Nos fins-de-semana mais folgados, de estudo e trabalhos, Ana rumava a Faro para namorar e passar algum tempo com Miguel. Aqueles dois dias que passavam juntos, eram sempre muito intensos e recheados de sorrisos, momentos especiais e aventuras. De facto, eles tentavam aproveitar e desfrutar, ao máximo, do tempo juntos.

Nos outros dias, durante a semana, ele continuava a passar horas ao telefone e no Skype para falar com Ana e colmatar as saudades que sentia dela e quando podiam também se encontravam em Lisboa para colmatarem ainda mais as saudades. Porém, esses encontros começaram a ser cada vez mais escassos e raros, ambos já tinham a sua vida cada vez mais organizada no Porto e em Faro, respectivamente, tinham os seus amigos e a exigência dos cursos fazia com que não pudessem viajar muitas vezes até Lisboa, apenas em raras excepções: tudo se resumia a quadras festivas e férias de Verão; por isso, num dos muitos Natais que passaram em família, no Alentejo, Miguel e Ana tiveram uma conversa séria.

Uma separação que parecia improvável

O Natal era sempre a quadra mais esperada, a família Salgado adorava o espírito natalício e decorava sempre a Quinta da Juventude toda. Com a chegada de Miguel, a tradição: de decorar a árvore de Natal entre os dias: um e oito de Dezembro e a Quinta na semana que antecedia o Natal continuou a manter-se, ele foi descobrindo, aos poucos, o que era o verdadeiro espírito natalício e foi aprendendo o significado e sentido do Natal que, infelizmente, ele conhecia apenas muito vagamente; visto nunca ter comemorado muito aquela quadra festiva quando era pequeno. Os seus pais não tinham muitas possibilidades para comprarem uma comida melhor: um bom peru ou uma boa folha de bacalhau para a consoada e não havia dinheiro para presentes, nem para poderem decorar a árvore de Natal e a casa; por isso não davam grande importância àquela quadra festiva, era um dia normal como os outros.

Nos últimos anos, desde que Miguel passou a fazer parte da família Salgado que era sempre ele, Ana, João e os primos Sofia e Gaspar que decoravam a árvore de Natal e divertiam-se sempre imenso a fazê-lo. No entanto, infelizmente, naquele ano, Ana já não conseguiu estar presente e Miguel já chegou um pouco em cima da hora, parecia que já nada era como dantes; faltava a azáfama que os cinco, todos juntos, provocavam na quinta. Até João e os primos sentiram falta dos inseparáveis cúmplices do costume e dos diversos momentos que partilhavam, juntos: Miguel gostava sempre de pegar nas fitas de enfeitar a árvore e de envolver a traquina Sofia com elas, parecia uma donzela dos tempos modernos, depois pegava nos bonequinhos natalícios que, costumavam pendurar na árvore e pendurava dois ou três nas orelhas de Gaspar e de João. Era sempre uma festa. Ana ria-se às gargalhadas e Miguel provocava gritos e correrias na sala de estar principal da quinta.

❀

A seguir ao jantar de consoada: com muita gente à mesa, como era tradição; muitas conversas, troca de sorrisos e partilha de momentos especiais que foram

acontecendo ao longo do ano. Miguel foi um pouco até ao alpendre e Ana seguiu-o e fez o mesmo. Convidou-a para se sentarem, os dois, juntos e bem agasalhados nas cadeiras de balançar. Estava uma noite fria, o ar de neve parecia que cortava a pele, tinha chovido incansavelmente nos últimos dois dias.

E de repente, a chuva parecia ter parado, Miguel e Ana ficaram a contemplar a noite natalícia gelada, de mais um rigoroso Inverno; enquanto faziam conversa de circunstância.

— Gostaste do jantar? — Perguntou-lhe ele de parcas palavras sem saber muito bem o que dizer.

— Sim! Foi aconchegante e animado, como sempre…

❀

Se havia coisa que Ana não gostava nada era daquela distância que sentia, relativamente, a Miguel; de parecer que já não tinham assuntos para falar, como no passado; quando era algo mecânico, que surgia, praticamente, do nada, sem terem que pensar e que puxar pelas palavras. De só existirem parcas palavras e de eles serem quase obrigados a fazer conversa, como dois meros conhecidos. Isso deixava-a triste, desgostosa e de coração partido perante aquilo que o tempo tinha feito àquilo que os unia.

Não sabia o que dizer, faltavam-lhe as palavras… E fez-se pela primeira vez um silêncio estranho e até algo incomodativo, entre eles,

— O que tens, princesa? Estás com algum problema? — Perguntou-lhe ele apreensivo.

— Não, meu amor! Está tudo bem… — Disse-lhe ela tímida e comprometida, sorrindo levemente e tentando disfarçar o que lhe ia na alma.

— Tens mesmo a certeza?

— Sim! Não te preocupes… Não é nada demais!

— Não sei se acredite! — Brincou ele para tentar quebrar o ambiente tenso que se fazia sentir entre os dois — Pareces-me triste e pensativa; aliás nos últimos dias, estiveste sempre estranhamente calada.

— Não se passa mesmo nada de especial, a sério!

— Sendo assim, fico mais descansado; já sabes que, se estiveres com algum problema e precisares de ajuda, tu podes sempre contar comigo.

— Eu sei! Desculpa… Não queria mesmo preocupar-te. Na verdade, eu ando só um pouco mais cansada, nostálgica e menos comunicativa; o curso de Medicina tem exigido cada vez mais de mim, obrigando-me a estar cada vez mais longe de ti e da minha família e a estudar horas a fio, não me dando tempo

e espaço para respirar e para grande descanso e isso tem-me custado muito. — Explicou-lhe ela, sem saber muito bem o que dizer, com os olhos marejados de lágrimas.

— Compreendo, perfeitamente! Eu também tenho sentido imenso as saudades; tento ser forte e aguentar-me, focar-me o mais que posso e consigo no curso e nos objectivos que eu delineei, para não pensar muito na distância que, neste momento, me separa de todos; mas, na maior parte das vezes, eu não consigo deixar de pensar na falta que tu e a minha família me fazem. No sentimento de vazio e ausência que sinto e na solidão em que muitas vezes me encontro; eu já cheguei a ponderar desistir. — Desabafou pensativo.

— Estás a falar a sério? — Questionou-o ela estupefacta e até algo indignada.

— É claro que sim! Sabes, quando o nosso maior suporte: amigos e família, principalmente, nos faltam, pomos sempre tudo em causa.

— Isso é bem verdade!

— Mas depois eu acabo por perceber que, desde que nasci, que a vida é incerta comigo; por isso, eu acabo por já estar habituado. Isto não passa de mais uma fase da minha vida, como tantas outras que já passei, com altos e baixos, com momentos bons e felizes e com momentos mais duros e difíceis, em que o coração sente tudo mais à flor da pele, torna-se literalmente mais pequeno e vacila quando menos esperamos e desejamos; isso leva a que a minha vontade de desistir de tudo e de abandonar tudo me consuma intensamente. Para além disso faz com que duvidemos das nossas próprias escolhas tornando-as mais inseguras.

— Podes crer! A vida tende mesmo a ser incerta; mas vais ver que, mais cedo ou mais tarde, vamos conseguir ultrapassar tudo isto e um dia ainda havemos de nos rir de tudo.

— Espero mesmo que sim, Ana!

— Sabes, ultimamente, tenho pensado muito em nós!

— Porquê? — Questionou-a ele surpreendido e pensativo.

— Sabes, tenho chegado à conclusão que já não nos reconheço e isso também me tem deixado mais desanimada e em baixo. A Ana e o Miguel que tanto se amavam, que se diziam inseparáveis e que em tempos até tinham feito um pacto para serem amigos para sempre; parece que de repente deixaram de existir. Parecemos dois perfeitos desconhecidos, que já não se sentem bem nem à vontade, na presença, um do outro; não gosto desta mudança, desta perda de jeito para comunicar e desta nossa distância. Não somos nós, nós não somos isto; eu sei e sinto que somos muito mais do que isto. Só queria que voltássemos a ser aquilo que éramos dantes. — Disse-lhe ela de voz embargada e entretanto, a primeira lágrima caiu.

— Acredita que compreendo aquilo que tu sentes; porque, eu também tenho consciência que, de certa maneira, nós estamos bastante diferentes, Penso que, a idade adulta, a entrada para a faculdade, as muitas aprendizagens e experiências novas, o contacto com ambientes diferentes e as muitas pessoas novas com que nos vamos cruzando, vão-nos moldando e mudando. A própria vida também nos vai transformando ao longo do tempo; porém, isso não quer dizer que a essência de quem somos se perca, penso que até nem faça muito sentido.

Ana respirou profundamente, fixou o seu olhar no de Miguel, suspirou e limpou os olhos com as mãos.

— Não posso deixar de concordar! Estamos mesmo completamente diferentes e mudou tanta coisa nos últimos tempos: a cumplicidade que tínhamos esmoreceu e quase parece ter desaparecido; penso que, o facto de termos seguido caminhos diferentes fez com que começássemos a ver-nos menos e depois há esta falta de tudo e mais alguma coisa, que parece querer destruir o muito que nós construímos, ao longo dos anos, com tanto esforço e dedicação. Tudo isto, de certa forma, está a deixar-me perdida e sem rumo, por nos ver afastar assim de ânimo tão leve.

— Eu sei que tens razão. Quem me dera que as coisas não tivessem acontecido assim… Quem me dera poder mudar tudo; mas às vezes não é possível, a vida prega-nos estas partidas e descruza caminhos. Eu encaro isto como: mais uma verdadeira prova de fogo àquilo que construímos e àquilo que somos e sentimos um pelo outro, não concordas?

— Nem sei bem que pensar; ainda há bem pouco tempo, tu dizias que não sabias viver sem mim, nem querias ir para a cidade de Faro, para a faculdade, tirar o curso; porque não te querias separar ainda mais de mim e olha agora… Os nossos encontros resumem-se às principais quadras festivas e férias de Verão: aproximadamente de quatro vezes por ano. Não é justo e não faz sentido; amar não é isto, eu não quero que as coisas sejam assim entre nós…

Ele mostrava-se triste e cabisbaixo; porque sabia que Ana tinha razão.

— Desde que o nosso namoro começou que nós sabíamos que mais cedo ou mais tarde, os nossos caminhos iriam deixar de se cruzar; porque tínhamos sonhos diferentes e queríamos seguir cursos diferentes. É a lei da vida e não podemos fazer nada contra isso. É tudo uma questão de escolhas.

— Eu sei! Porém, sempre fizemos de tudo para contornar a situação e até temos vindo a consegui-lo, porque é que agora nós não estamos também a conseguir fazer o mesmo? Sinceramente, eu acho que a distância que nos separa está a destruir a nossa amizade e também o nosso grande amor.

— Infelizmente, eu tenho que concordar contigo… Sabes, ultimamente, também tenho pensado muito em nós e em toda esta situação e eu acho que por

muito que nos custe, nós devemos ser só bons amigos, como sempre fomos e temos sido até aqui.

Ana não estava nada à espera daquele desfecho inesperado e ficou em estado de choque a olhar para ele…

— Não acredito! Não podes estar a falar a sério… O Miguel que eu conhecia e que eu sempre conheci, nunca na vida ponderaria esta hipótese.

— Infelizmente, nunca falei tão a sério na vida e quem me dera não ter que fazê-lo; mas, o nosso amor não vai resistir à distância e antes que isso aconteça e destrua também a nossa amizade e o pouco que nos resta, é melhor pormos um ponto final no namoro.

— Sinceramente, eu nem sei o que te hei de dizer. Não estava nada à espera que me fizesses isto… Tu não eras assim!

— Perdoa-me, princesa! Nem imaginas o quanto me custa ter que fazer isto; mas é o melhor para os dois.

Ana sentia uma revolta, uma desilusão, uma mágoa e uma angústia interiores enormes. Ela estava destroçada e de coração partido em mil pedaços; pois, iria perder a pessoa que ela mais amava.

— Estás a tomar uma decisão destas, de uma maneira tão leviana e apressada que quase me leva a pensar que tudo isto não te custa nada de nada nem faz qualquer diferença para ti.

— Não digas isso, princesa! Tu sabes muito bem que, isso não é verdade… Nem consigo descrever em palavras o quanto isto me está a custar. Eu só estou a tentar evitar prolongar mais a situação e o sofrimento para ambos e atenuar um pouco os estragos que tudo isto poderá provocar.

— Custa-me um pouco a acreditar em ti e nessas palavras; já que esta era uma decisão que o Miguel que eu sempre conheci, aquele que era considerado o meu melhor amigo, jamais tomaria.

— Percebo! Porém, acredita que não estou mesmo a fazer isto de ânimo-leve.

— Posso fazer-te uma pergunta? — Arriscou ela a medo.

— Claro que sim! Todas as que quiseres…

— Já não me amas?

Ele foi apanhado completamente desprevenido com aquela questão, ficando sem saber aquilo que dizer e o que fazer. De voz trémula e tímida acabou por dizer:

— Amo! Amo muito! No entanto, as nossas vidas estão a levar rumos muito diferentes, rápido demais e não sei até que ponto isso não prejudicará a nossa relação e, nomeadamente, a nossa amizade que dura há tantos anos. Eu apenas estou a tentar evitar que possamos sair, ambos, magoados desta situação.

— Tu achas mesmo que terminares o namoro comigo, que parecia tão sólido e

eterno, é a solução acertada para evitarmos sair magoados disto? Muito sinceramente, a mim parece-me que o teu problema, neste momento, é outro. Não é a distância que nos separa, um do outro, ou o facto de esta pôr em causa a nossa amizade e o nosso amor em causa que verdadeiramente te preocupa. Na verdade, estás apaixonado por outra pessoa; mas, tens receio de mo dizer. É isso, não é? Sê sincero e honesto…

— Não tem nada a ver com isso! Tu sabes que o meu coração será sempre teu.

Ana ficou confusa…

— Então, não percebo a tua atitude e a tua súbita vontade de quereres terminar e esquecer tudo aquilo que construímos e fomos até aqui. Parece-me que, tudo aquilo porque lutamos tanto foi, de certa forma, em vão.

— Não digas isso! Nunca foi, nem será em vão, acredita. Eu compreendo perfeitamente que, neste momento, te custe a aceitar e que não consigas entender a minha posição e a minha decisão; mas, um dia mais tarde vais perceber tudo.

Ana levantou-se da cadeira, dava voltas e voltas, respirava fundo e tentava controlar as lágrimas e a emoção do momento. Ela tentava compreender e respeitar a decisão que Miguel havia tomado, porém, era algo difícil; por isso, decidiu abrir-lhe o coração.

— Nunca vou saber entender esta tua posição e esta decisão que decidiste tomar… Sinceramente, eu acho que na fase em que nós nos encontramos, neste momento, já não é possível olhar para ti, só como um bom amigo. Nunca vou conseguir fazê-lo, porque, sabes que não te sinto só assim e que eu nunca vou conseguir deixar de te amar; por isso peço-te por tudo que não me faças isto.

— Mas tem que ser, princesa! É para o nosso bem, eu peço-te que confies em mim.

— Meu Deus! Eu não sei se vou ser capaz de aguentar! — Disse-lhe destroçada.

— Claro que vais! Eu sei que nos vai custar imenso; mas temos que ser fortes.

— Estou mesmo sem palavras, nada disto é justo… Como é que vou ser capaz de ser forte? Por favor Miguel, pede-me qualquer coisa, tudo o que tu quiseres, menos isto.

— Desculpa! Perdoa-me! Bem, vamos para dentro? Está a começar a ficar frio.

— Vamos… Já devem ter dado pela nossa falta. — Disse-lhe ela, respirando profundamente, engolindo em seco e limpando, de seguida, as lágrimas.

Entraram novamente, em casa, em silêncio, e regressaram à mesa da consoada marcados pelo destino. E o tempo continuou a avançar, a passos largos; Miguel já estava no terceiro ano de Engenharia Mecânica e foi estagiar para uma

empresa em Londres durante um ano.

Enquanto Ana, por ironia do destino, foi fazer um estágio de três meses para o Hospital de Faro; mais uma vez, voltaram a não se cruzar…

Um Momento Inesquecível

Depois de mais um ano, novamente, muito duro em ausências, desencontros e vazios por preencher, o tão esperado e desejado dia da missa de finalistas de Miguel chegou, tão depressa quanto a saudade que já sentia de Ana. Uma saudade profunda e indescritível.

Miguel sentia-se entusiasmadíssimo; porque, tinha ao seu lado a sua turma e as pessoas que mais amava, num dia que era tão importante para ele; apenas faltava Ana que ainda não tinha chegado. E porque dali a poucos meses iria estar licenciado e poderia riscar da sua lista de objectivos para concretizar, o objectivo de um dia se poder licenciar; pois, iria consegui-lo e essa era uma sensação completamente inexplicável Aquele ia ser mesmo um dia de realização pessoal para ele.

A entrada da Igreja do Mosteiro dos Jerónimos tinha sido o local escolhido para aquele evento e já se encontrava cheia de alunos acompanhados pelos seus familiares. Ana chegou a Belém e à Igreja, vinda da cidade do Porto e vestia um vestido vermelho, comprido e justo ao corpo, que tinha um enorme laço nas costas e calçava uns sapatos beges.

— Bom dia a todos! — Disse ela, distribuindo beijinhos e sorrisos por todos

— Bom dia, querida! Tudo bem? A viagem correu bem? — Perguntou-lhe a mãe.

— Sim, correu tudo bem! O ambiente está maravilhoso… — Constatou ela olhando ao seu redor.

— Está mesmo! Eu acho que este é o dia mais significativo para qualquer estudante universitário. — Disse Pedro.

— E o mais esperado também! — Disse-lhe ela de seguida.

— Concordo! Daqui a dois anos és tu! — Disse-lhe o pai orgulhoso.

— Até lá ainda falta algum tempo…

— Nós estamos bastante orgulhosos do Miguel e agradecemos-vos de coração por terem dado a possibilidade ao nosso filho de realizar os seus sonhos. — Disseram, algo emocionados, os pais de Miguel.

— Ora essa! O prazer foi todo nosso… É pena que o António e a Conceição não possam estar aqui presentes hoje; tenho a certeza absoluta que eles iriam gosta muito.

— Sem dúvida!

— No entanto, da próxima vez que visitarmos a quinta, eu levo a gravação que vou fazer da cerimónia e depois podemos juntar-nos todos e rever tudo.

— Acho uma excelente ideia, pai! — Disse-lhe Ana entusiasmada.

— Mesmo assim, nós contamos-lhes como foi e mostramos-lhes algumas das fotografias que o Alfredo vai tirar com o telemóvel

— Muito obrigado pela gentileza e amabilidade, enviem-lhe beijinhos e abraços nossos.

— Serão entregues! — Disse Maria José sorrindo.

— Se não se importam, eu gostava de falar um bocadinho com o Miguel, em particular, já voltamos. — Disse Ana pegando na mão de Miguel e levando-o até um local mais sossegado, onde pudessem conversar mais em privado, ele mostrou-se pensativo:

— O que é que se passa, Ana?

— Não se passa nada! Porque haveria de se passar alguma coisa?

— Por nada! Estou um bocadinho surpreendido por me teres trazido para aqui…

— Trouxe-te até este sítio, longe dos olhares dos mais curiosos; porque queria falar um bocadinho contigo a sós.

— Obrigado por teres vindo e por partilhares comigo mais este momento tão importante e especial para mim e na minha vida. — Disse ele envergonhado.

— De nada! Não poderia, de forma alguma, faltar à missa de finalistas do meu melhor amigo. Parabéns, mais uma vez, por todo o teu brilhante percurso.

Ele sorriu comovido e embevecido e abraçou-a, ela ficou quase tentada a beijá-lo nos lábios; pois, continuava a amá-lo como sempre o tinha amado. Por isso, limitar-se a cumprimentá-lo com um beijo no rosto, como se de um amigo banal se tratasse, dilacerava-lhe o peito, fazia-lhe doer o coração e a alma e custava-lhe imenso.

— O meu sonho tornou-se uma realidade, tudo graças a ti e à tua família. Obrigado por tudo o que me deram e fizeram por mim, digo-o com sinceridade e do fundo do coração. — Disse-lhe ele emocionado.

— Eu sei que é sentido e verdadeiro, afinal de contas conheço-te melhor que qualquer pessoa que aqui está. Não tens nada que agradecer, tudo isto não se deveu só a nós, também foi tudo possível graças a ti, que sempre te aplicaste, te dedicaste, esforçaste e estudaste imenso; por isso este momento era mais que merecido, é a tua recompensa. Nem imaginas o orgulho desmedido que tenho em

ti… — Disse-lhe ela sorridente.

— Mas devo tudo isto, muito mais a vocês…

— Ana sorriu comprometida — Deixa-me dizer-te que o traje académico te fica lindamente; ainda não tinha tido oportunidade de ver-te assim vestido…

— Achas mesmo?

— Acho, pois! Ficas mesmo fantástico!

— Muito obrigado, Anocas!

— Bem, a missa vai começar, vamos entrar? Já devias estar lá dentro…

— Vamos!

❀

E entraram juntos na igreja que estava repleta de alunos e dos seus familiares. Os pais de Miguel mostraram-se bastante emocionados durante o evento que foi um momento inesquecível e memorável, pautado por muitas lágrimas e recheado de infinitas memórias e recordações e de muitas emoções fortes, que acabou por mexer com todos.

Pedro ofereceu-se para ser o fotógrafo, tirando muitas fotografias ao longo de toda a missa; até que Ana subiu ao palco para falar, no interior da igreja fez-se um silêncio profundo, as atenções estavam todas focadas nela. Também Miguel não era capaz de desviar o olhar da *bestfriend*, começando a ficar num grande estado de ansiedade, nervosismo e inquietação por não saber os motivos que levariam Ana a subir ao palco e o que iria passar-se a seguir. Sentia o coração acelerado, não sabendo muito bem como reagir, perante uma situação daquelas.

Ana dirigiu umas palavras a quem estava presente, olhando sempre Miguel nos olhos: pediu desculpa se ao longo do seu discurso não conseguisse controlar a emoção; porém não era fácil falar de uma pessoa tão especial e única como era Miguel. Ele ficou estático a olhá-la, durante todo o tempo em que ela leu o texto que tinha escrito, propositadamente, para aquele momento. Não conseguiu conter a emoção e as lágrimas perante tão bela homenagem e tão intensas e sinceras palavras.

No final da leitura, as palmas fizeram-se ouvir dentro da Igreja, Ana foi muito aplaudida e Miguel mostrou-se bastante comovido com a homenagem da amiga, nunca ninguém tinha escrito um texto assim sobre si algo tão genuíno, forte, sentido, puro e verdadeiro. Só podia mesmo vir dela, ainda estava num completo estado de choque.

Ela desceu do palco improvisado e correu para ele, abraçando-o fortemente, ainda estava bastante emocionada e com os olhos marejados em lágrimas. Tinha sido mesmo inevitável não soltar várias lágrimas ao longo da leitura, Miguel era

mesmo tal e qual como ela tinha descrito, naquele longo e intenso texto e isso tinha-se transformado num enorme misto de emoções, que tinha mexido imenso com ela e com todas as pessoas ali presentes, que tão bem o conheciam. Fazendo com que lhe faltasse várias vezes a voz e obrigando-a a fazer algumas pausas durante a leitura para recuperar o fôlego, beber um pouco água e limpar as lágrimas.

— Espero que tenhas gostado da surpresa… — Disse-lhe ela de voz trémula.

— Como poderia não gostar, Ana? Não tenho mesmo palavras para descrever tudo isto, deixaste-me completamente sem capacidade de reação. Sinto-me mesmo comprometido e bastante emocionado. Nem sei o que te hei de dizer…

— Não precisas de dizer nada! Para mim, saber que adoraste já é das melhores coisas que me podes dar. Tu merecias imenso esta homenagem, há muito tempo e hoje, aqui e agora foi o momento perfeito e ideal para fazê-la, uma vez que é um dia tão especial e tão importante para ti. Volto a dizer-te, eu estou muito orgulhosa de ti: da pessoa que és, do amigo que tem caminhado sempre, lado a lado, comigo, estes anos todos, e principalmente do teu percurso. Foi brilhante; aliás, tu és brilhante.

— Por favor, pára com os elogios! Estás a deixar-me sem jeito, como é teu costume. Não quero ficar ainda mais envergonhado do que já estou…

Ana soltou uma leve gargalhada

— Só tu! Essa personalidade nunca muda!

Miguel mostrou-se ainda bastante emocionado, olhando-a nos olhos e agarrando-lhe as mãos de seguida.

— Vou guardar o dia de hoje e este momento, em particular, muito bem guardados no meu coração e na minha memória para sempre e para mais tarde poder recordar. Acho que vou mesmo levá-los comigo para a vida… Obrigado por tudo!

— Fico muito contente por saber isso e que gostaste tanto do texto e da homenagem; tu nem imaginas o significado e a importância que isso tem para mim; aliás, toma, quero que fiques com um exemplar do texto para guardares para ti. — Disse-lhe ela passando-lhe para a mão um conjunto de folhas que continham o texto que ela tinha lido.

— Oh! Obrigado, Ana! Vou guardar este texto muito bem guardado com todo o cuidado e carinho. É um verdadeiro tesouro e uma grande relíquia, que a partir de hoje e de agora fará também muito parte de nós, da nossa amizade, do nosso percurso e da *nossa* vida.

— Sem dúvida!

— E nunca te esqueças de um pormenor muito importante, tu terás sempre um lugar muito especial guardado no meu coração. Adoro-te! — Disse ele

abraçando-a intensamente.

— Também de te adoro imenso, Miguel! — Disse-lhe ela abraçando-o também.

De repente, Miguel mostrou-se algo pensativo…

— Gostavas de vir dar um curto passeio comigo para descontrairmos e conversarmos um pouco? — Convidou-a ele, de ar tímido e comprometido.

— Claro que sim! Gostava muito… Sabes, preciso de fugir desta confusão e de relaxar um bocadinho, para recuperar do misto de emoções de há pouco.

— Acredito e imagino!

— Não te importas de deixar assim os teus colegas e a tua família? — Perguntou-lhe ela pensativa.

— Não! Não faz mal! Não vamos demorar muito, voltamos num instante. E pensando bem, acho que ninguém vai dar pela nossa falta; por isso anda e não te preocupes.

❀

Antes de se ausentar, Miguel reuniu-se com os colegas de turma para as fotografias de grupo, Ana ofereceu-se para ser a fotógrafa. De seguida juntaram-se ambos, às suas respectivas famílias, para tirarem algumas fotografias; Miguel estava mesmo lindo vestido com o traje académico: o contraste do preto e do branco fazia sobressair ainda mais o seu corpo: musculado, cuidado e atlético; assim como as suas curvas, o que deixava Ana ainda mais apaixonada por ele. Aproveitaram a deixa do momento e tiraram várias fotografias, juntos, para mais tarde recordarem.

Num ápice estavam prontos para o passeio combinado:

— Se quiseres posso levar o meu carro… Está mais perto. — Propôs ela.

— Não te importas? É que eu vim com os meus pais…

— Não há problema!

❀

Fizeram o caminho todo, até ao carro de Ana, em silêncio e sem saberem muito bem o que dizer e que assunto abordar. Num ápice, entraram no carro e Miguel sugeriu que fossem até ao Parque das Nações para passearem um pouco, junto ao rio. Ana achou uma excelente ideia, pois, era o seu sítio preferido e Miguel sabia-o muito bem; demoraram quase meia hora a chegar, o trânsito estava infernal naquele dia e tinham que atravessar toda a cidade de Lisboa. Minutos depois, estacionaram o carro perto do AmoreirasShopping e de seguida foram dar um passeio calmo e descontraído até ao Oceanário; estava uma

temperatura amena e agradável, aproveitaram e sentaram-se num banco junto ao rio e à sombra das árvores e ficaram, durante alguns segundos, novamente em silêncio e sem saberem o que dizer. Até que Miguel decidiu quebrar a monotonia do momento…

— Desculpa se estou demasiado calado e pensativo…

— Não faz mal! Eu percebo! Mas sabes, é bom estarmos aqui… Só os dois, como nos bons velhos tempos.

— Sem dúvida! Também estou a gostar muito; já dei por mim, diversas vezes, a sentir saudades destes nossos momentos: os nossos passeios, as nossas conversas, as nossas partilhas e as nossas (in)confidências; sinto mesmo muita falta de tudo isso.

— Eu sei que, sim! Na verdade, eu também tenho sentido o mesmo; ainda bem que, de certa forma, os pequenos e mais simples momentos não se perderam com o tempo e também com a distância.

Aquelas palavras de Ana fizeram Miguel engolir em seco. Ele sentia-se um pouco triste, apático e acomodado; apesar de a amizade entre os dois ter resistido e de ele não ter dúvidas nenhumas de que isso iria acontecer, custava-lhe imenso pensar, no amor que ainda sentia por Ana. Mas ao mesmo tempo, tinha medo que a amizade entre os dois saísse prejudicada e magoada, se continuassem a *alimentar* a paixão que sentiam; numa altura em que as vidas de ambos se podiam voltar a desencontrar. Tudo isto acabou por não passar despercebido à Ana.

— Desculpa mais uma vez…

— Porquê? — Perguntou ela algo confusa.

— Porque fui eu que te convidei para darmos este passeio que devia ser alegre e descontraído e afinal de contas, parece que hoje não estou a ser grande companhia. — Disse-lhe ele de ar tímido.

— Não digas isso! Tu sabes perfeitamente que, és sempre uma excelente companhia, sabes bem isso…

— Mas hoje acho que nem por isso…

— Não te preocupes com isso! Eu estou a gostar imenso à mesma, da tua companhia e de estar aqui contigo.

— Ouvir isso faz-me sentir um bocadinho melhor!

— O passeio está a ser ótimo, não está?

— Estou a gostar imenso; aliás, acho que está a ser tudo ótimo: a missa de finalistas, a surpresa que me fizeste, ter a tua companhia e estar aqui contigo neste sítio tão especial para ti.

— Fico contente em sabê-lo! Também estou a adorar tudo e apesar de não achares tens sido uma ótima companhia, como sempre foste. — Disse-lhe ela

algo comprometida, sorrindo timidamente.

Miguel sorriu também e de seguida mostrou-se algo pensativo; pois, sentia-se um pouco renitente, relativamente, ao que ia fazer a seguir, apesar de querer muito arriscar. Depois de ponderar durante alguns segundos, decidiu mesmo seguir o seu instinto e o seu coração e avançar…

— Não sei se deva fazer isto, mas vou arriscar… — Ana mostrou-se algo relutante, mas expectante — Queria apenas dizer-te que estás linda, esse vestido fica-te maravilhosamente bem!

— Obrigada! Ainda bem que tu gostas, escolhi-o propositadamente para este dia.

— Não fazia ideia! Desculpa… Eu espero que não leves a mal o meu elogio; mas, não consegui resistir e senti que tinha mesmo que salientar a tua beleza de hoje. Estás deveras deslumbrante.

— Não tens nada que pedir desculpa! Estás à vontade… Já agora, muito obrigada pelos elogios. Continuas a ter uma facilidade incrível em deixar-me envergonhada e sem jeito.

— Miguel deu uma suave gargalhada — Sabes bem que serão sempre sinceros e de coração; para além disso, és das pessoas que eu conheço que mais os merece. Para te dizer a verdade, tive algum receio de arriscar em fazer isto, não queria nada deixar-te desconfortável e acima de tudo, quebrar este bom ambiente que nos rodeia e que estamos a viver e a partilhar, neste momento.

— Meu Deus! Os teus medos não fazem mesmo qualquer sentido, porque sabes que eu, jamais, levaria a mal; por isso, não precisavas de te preocupar; para além disso, a nossa boa onda será sempre algo inquebrável e indestrutível.

— Ver e saber que tu pensas assim, deixa-me muito feliz e é, de certa maneira, reconfortante. — Disse-lhe ele pousando a sua mão, lenta, leve e suavemente, em cima da dela.

Ana respirou fundo, ao sentir o calor que emanava da mão dele

— Voltas para Faro ainda hoje?

— Tem mesmo que ser! Ainda tenho algumas coisas para fazer, quando lá chegar; apesar de ser Sábado. Tenho muito que estudar: ainda tenho que acabar de fazer os exercícios de Física, porque vou ter frequência para a semana e ainda não fiz nem metades e tenho que pôr a matéria de Matemática e de Geometria Descritiva em dia. Sabes, faltam poucos meses para terminar o curso, e por isso não quero nem posso vacilar agora. Ao final do dia ainda quero ir correr junto à praia e se tudo correr bem; talvez ainda consiga sair um pouco com os meus amigos, mais logo.

— Que pena! Gostava muito que ficasses cá até amanhã, para podermos estar, mais um pouco, juntos.

— Eu sei, Ana! Também gostava muito; mas, infelizmente, não posso mesmo. Tenho muita pena de não poder ficar…

— Eu entendo! Espero que faças boa viagem e que a frequência te corra bem. Depois conta-me como te correu, pode ser?

— Claro que sim! Não te preocupes, eu ligo-te ou mando-te uma mensagem escrita.

— Obrigada! — Agradeceu-lhe ela.

Entretanto, Ana foi à sua carteira e retirou do seu interior um pequeno papel dobrado em quatro e entregou-o a Miguel. — Toma, isto é para ti!

— O que é?

— Não é nada demais… Esse papel contém apenas, mais algumas simples palavras que eu escrevi para ti e que gostaria de te dizer.

— Ui, ui! Mais palavras tuas? Eu acho que depois daquele momento na missa, o meu coração já não é capaz de aguentar mais emoções hoje! — Disse-lhe ele de ar sorridente, pegando no papel e começando a desdobrá-lo para lê-lo; mas Ana impediu-o

— Espera!!! Posso pedir-te que, não o leias, agora?

— Porquê? — Questionou-a ele surpreendido, pensativo e algo confuso.

— Preferia que tu o leias quando estiveres sozinho. Nesse sentido, penso que a viagem para Faro será o momento perfeito e ideal para se proporcionar essa mesma leitura; já que, vais estar sozinho e mais à vontade para pensares e refletires sobre o que está aí escrito.

— Não acredito que me vais fazer chorar, em pleno comboio… Não é justo e para além disso é imperdoável fazeres uma coisa destas ao teu *bestfriend.* – Disse-lhe ele espantado.

— Espero mesmo não te fazer chorar! – Disse-lhe ela rindo-se.

— Estou a brincar! Mas confesso que, agora me deixaste bastante curioso e ansioso,

Ana sorriu e Miguel seguiu à risca o pedido dela, apesar da muita curiosidade que o consumia, voltando de seguida a dobrar o papel e colocando-o no bolso da camisa

— Não te esqueças de lê-lo, está bem? Gostava muito que o lesses…

— Não te preocupes! Prometo que não me esqueço, mal eu entre no comboio e me organize, leio-o logo. Depois digo-te alguma coisa…

— Está bem! Fico a aguardar notícias tuas! Espero mesmo que gostes…

— Não tenho dúvidas nenhumas de que vou adorar!

— Fico contente! – Disse-lhe ela envergonhada.

— Aconteça o que acontecer, vou gostar sempre muito de ti, sabias? — Disse-lhe ele arriscando numa leve carícia no rosto dela.

— E eu de ti! — Disse-lhe ela, abraçando-o e de seguida retomaram o passeio e regressaram a Belém.

Viajando no tempo

Na sala de atividades, o silêncio era total, nem se ouvia uma mosca, os meninos estavam compenetradíssimos e bastante atentos a ouvirem a história da doutora Ana e de Mikas. O brilho no olhar deles, mostrava quão deliciados, eles estavam.

— Doutora Ana, o que dizia o papel que o Mikas guardou no bolso? — Perguntou Sofia.

Ana e Miguel entreolharam-se e sorriram

— Ui! Não sei se vos posso contar, se calhar o Mikas não deixa ou não quer. — Brincou ela sorridente e divertida.

— Oh! Vá lá, queremos saber…

A curiosidade parecia estar instalada, todos queriam muito saber qual o conteúdo daquele papel.

— Então peçam-lhe a ele! — Anuiu ela de ar brincalhão.

Os meninos não disseram nada e limitaram-se a olhar para ele, de uma forma quase suplicante, deixando-o sem capacidade para recusar.

— Mikas, por favor, diz que sim…

Miguel sorriu comovido, nunca resistia aos seus meninos.

— Vocês são tramados…

— Oh! E isso o que é que quer dizer? — Perguntaram-lhe eles algo confusos e pensativos.

— Nada de especial! Acharam mesmo que eu tinha coragem de vos dizer que não?

— Boa!!! — Disseram, de imediato, os meninos, em coro, muito eufóricos, levantando-se, num ápice, e agarrando-se a ele num abraço gigante.

Ana piscou o olho a Miguel e logo depois levantou-se da cadeira aonde estava sentada e foi à sua carteira. Do seu interior retirou um papel dobrado em quatro.

— O que é isso, Ana? — Perguntou-lhe desconfiado, mas bastante curioso.

— Isto é a folha de rascunho, aonde rabisquei o que escrevi para ti, naquele papel que tu guardaste no bolso da tua camisa, no dia da tua missa de finalistas.

Na sala, o ar de espanto e incredulidade depressa se fez notar; já a expressão divertida e extrovertida de Miguel deixou Ana e os meninos a rirem-se à

gargalhada.

— Meu Deus!!! Não acredito! Tu guardaste isso contigo, este tempo todo?

— É claro que guardei!

— A nossa doutora preferida é mesmo uma tolinha, vocês não acham?

— Sim!!!! Mas nós gostamos dela à mesma!

— Muito obrigada! Miguel, tu conheces-me bem e sabes como eu sou… — Disse ela, de ar envergonhado e comprometido.

— Pois é… Não precisas de dizer mais nada, eu sei muito bem que tu és muito dada a memórias e recordações.

— Ora nem mais! Bem, será que o nosso Mikas dá licença que eu leia o texto?

— Dou, senhora doutora!

— Há dias em que não dá mesmo para falar a sério contigo…

— A doutora Ana já sabe como é, eu nunca perco o bom humor e a boa-disposição!

— A quem o dizes!

— O Mikas e a doutora Ana são o máximo e são os maiores e os melhores e nós gostamos muito de vocês! — Disseram os meninos muito entusiasmados e felizes.

— Lá vou eu ficar corado como um tomate, daqui a nada pareço o *Teletubbie Po*. — Disse Miguel com um ar envergonhado; mas divertido, tapando o rosto com as mãos.

Os meninos desataram a rir-se, enchendo a sala de inúmeras gargalhadas que pareciam não querer parar e contagiando quem por ali passava.

— Obrigada pelos vossos elogios! É muito bom saber que gostam de nós e que se divertem connosco. Bem, agora já posso ler o texto?!

— Só se eles voltarem aos seus respectivos lugares e fizerem silêncio…

Os meninos obedeceram, religiosamente, a Miguel, como de costume, correndo para os seus respectivos lugares e organizando-se rapidamente. Ana leu então o texto poético que havia escrito e os meninos ficaram encantados, todos adoraram o poema: *De Dedos Entrelaçados*; já Miguel mostrou-se tímido, envergonhado e bastante embevecido, perante tão sinceras e bonitas palavras.

— Que lindo! — Disse a Gisela de ar apaixonado.

— Adorei imenso este texto, sabem? Está fantástico…

— Pois está! — Disse a Bárbara encantada.

— Arrisco a dizer-vos que foi dos poemas mais bonitos que li…

— A doutora Ana escreve muito bem! — Concluiu o Luís Miguel.

— Sem dúvida, Luís! Não concordam que para além de uma excelente médica-pediatria, que cuida muitíssimo bem dos meninos doentes, temos também uma fabulosa escritora?

— Concordamos, pois! — Disseram eles entusiasticamente, deixando Ana muito corada.

Entretanto, Nônô decidiu intervir…

— Sabes Mikas, eu acho que te esqueceste de uma coisa muito importante! — Disse-lhe ela surpreendida e estupefacta, na sua plena inocência e ingenuidade de criança.

— Eu esqueci-me de quê? — Perguntou-lhe ele pensativo e intrigado, coçando a cabeça e mostrando um sorriso tímido, mas rebelde.

— Que ela também é linda… — Disse-lhe ela de ar muito descontraído e espevitado.

Ele engoliu em seco, suspirou bem fundo e ficou sem capacidade de resposta e sem quaisquer argumentos. Não estava nada à espera daquilo. Limitou-se a sorrir e a piscar-lhe o olho. Ana também se mostrou bastante envergonhada e algo acomodada.

— Maltinha, eu estou aqui… Não façam de conta que, eu sou um fantasminha. Vá lá, já chega, parem com os elogios; eu estou a ficar sem jeito nenhum. — Pediu-lhes Ana embaraçada.

— Não chega nada! Sabes porquê? Porque tu merece-los, não é malta? Estamos todos de acordo, não estamos? — Perguntou-lhes ele muito eufórico.

— Sim!!! – Disseram logo os meninos.

— Vê, doutora Ana? É unânime!

— Eu estou feita convosco! — Disse-lhes ela de ar disfarçadamente preocupado.

Miguel e os meninos riram-se, perante o ar aparentemente aflito dela. E quando menos esperavam, a pequena Carolina decidiu tocar num outro assunto:

— Mikas? — Questionou-o ela pensativa e apreensiva.

— Sim, dona Carolina? Diga lá de sua justiça. — Brincou, ele.

— Porque que é que tu e a doutora Ana não voltaram a ser namorados?

❀

Ana e Miguel ficaram com um ar um pouco sério, deixando para trás o ar divertido e brincalhão que tinham demostrado minutos antes. Entreolharam-se pensativos e sem saberem muito bem o que dizer ou fazer, tinham sido apanhados desprevenidos e de surpresa com a pergunta. O ambiente, entre eles, ficou estranho, sentiram-se muito tímidos, aquele estava a ser um momento um pouco embaraçoso e constrangedor. Sorriram timidamente e por breves momentos eles sentiram-se algo acomodados e incomodados na presença, um do

outro, o que demonstrava que eles ainda gostavam muito um do outro; apesar de eles continuarem a ser grandes amigos, não se mostravam indiferentes ao que ainda sentiam intensamente. Acabavam de descobrir que afinal ainda havia muito amor e muita paixão escondidos dentro deles.

— Sabem, infelizmente, a vida dos adultos é muito mais complicada do que parece e do que vocês pensam. Na maioria das vezes, as coisas não correm como queremos.

Os meninos ficaram a olhar para ele sérios e pensativos, mas não ficaram completamente satisfeitos e convencidos.

— Doutora Ana, tu já não gostas do Mikas?

Ana mostrou-se cada vez mais tímida e comprometida.

— É claro que gosto! Gosto muito! Ele é uma pessoa muito especial e importante para mim e na minha vida; mas porque é que perguntam?

— Porque se gostasses mesmo dele, ainda namoravas com ele. Porque é que tu e o Mikas já não namoram? Era tão giro se vocês continuassem a ser namorados…

— Quem sabe um dia…

— Mas quando?

❀

Miguel mostrou-se embasbacado e Ana já não sabia o que havia de responder aos meninos, sentia-se mesmo muito envergonhada e embaraçada com a situação. Não estava nada à espera daquilo: que eles quisessem tanto voltar a juntá-los.

— Não sabemos, só o tempo o dirá!

— Quando nós formos assim crescidos, como vocês, tu e a doutora Ana já vão ser muito velhinhos, não é?

— É provável! Mas porque perguntam?

— Será que nós ainda vamos a tempo de vos ver, de novo, juntos?

— Não sei, maltinha! Essa é uma pergunta à qual não vos consigo responder, porque não depende só de mim.

— Então depende de mais quem? — Perguntaram eles, de ar pensativo e estupefacto.

— Do coração! O amor que sentimos por uma pessoa dependerá sempre, daquilo que o nosso coração sente.

— E o teu coração gosta assim imenso a doutora Ana? —Perguntou-lhe a Nônô.

Miguel mostrou-se estupefacto e praticamente sem fala. A pequenada tinha

conseguido com que ele ficasse sem saber o que dizer…

— Nunca, deixamos de amar; quando encontramos a pessoa certa.

— Então porque é que tu, não pedes a doutora Ana novamente em namoro?

— Por vezes a vida obriga-nos a fazer escolhas que não queremos, para além disso, o Amor é um sentimento forte e profundo; mas também bastante frágil e delicado.

— Oh, vá lá! Pede-a outra vez, Mikas! – Imploravam-lhe os meninos.

— Parece que hoje estou mesmo tramado, convosco! Decidiram dificultar-me bastante a vida com a vossa insistência; para além disso, determinação não vos falta e o pior é que não vão desistir facilmente da ideia.

Rapidamente, se ouvirem imensas gargalhadas na sala…

— Bem maltinha, já chega de teorias amorosas por hoje; está na hora de vocês irem até às vossas enfermarias, descansar. Daqui a nada são horas de lancharem. — Disse Ana.

— Oh! Tem mesmo que ser?

— Sim, tem mesmo que ser!

— Mas nós queríamos muito ficar mais um pouco com o Mikas…

— Eu percebo; porém, hoje já não vai poder ser. Vá, despeçam-se do Mikas.

— Está… bem! — Disseram os meninos resignados e um pouco tristes enchendo Mikas de abraços e beijinhos deliciosos. Ana mostrou-se comovida com o abraço apertado deles, gostavam mesmo muito dele.

— Portem-se bem, malta. Façam tudo o que a nossa doutora preferida mandar, e ouçam sempre os conselhos dela e o que ela tiver para vos dizer; já sabem que é sempre para vosso bem. Venham cá dar mais cinco! — Disse-lhes ele levantando as suas mãos para que eles batessem nelas com as suas.

E eles assim fizeram…

— O Mikas também vem amanhã? — Perguntaram eles a Ana.

— Não sei! Perguntem-lhe… Só ele poderá dizer-vos!

Os meninos fixaram o olhar nele…

— Talvez! Eu vou ver se consigo passar por cá; pois, hoje trabalhei o dia inteiro para a preguiça: de manhã quase não pude trabalhar; porque tinha o curto-circuito na minha oficina. À tarde, apesar do problema já estar resolvido, espero eu, não trabalhei na mesma; porque fui raptado a tarde toda por uns pirralhitos muito especiais, e por uma médica muito gira que adora fazer mil coisas ao mesmo tempo.

— Já sabes que nós somos assim… — Disse-lhe ela bastante divertida.

— Não gozem! Amanhã, vou ter o dobro do trabalho; por isso, se me despachar a tempo prometo que passo cá. Já sabem que eu não vos falho, porém, se não puder mesmo vir eu ligo à nossa doutora preferida e ela comunica-vos,

pode ser?

— Sim!!!

— A doutora Ana concorda? Acha bem?

— Sim, claro que sim! Obrigada por tudo o que lhes dás, pela tua paciência, pelos momentos divertidos que lhes proporcionas e pela gentileza de mudares um bocadinho a tua vida para poderes estar com eles.

— Não tens nada que agradecer! Já sabes que, para mim, é sempre um prazer, gosto imenso de todos vocês e como tal adoro vir até cá e estar aqui convosco.

❀

De ar comprometido, Ana dirigiu-se com os meninos para a saída da sala de atividades para acompanhá-los às respetivas enfermarias.

— Adeus Mikas! Até amanhã! — Disseram-lhe eles, despedindo-se com um ar triste.

— Inté, maltinha!

— Eu já volto! — Disse-lhe ela sorrindo.

— Está bem! Espero aqui, por ti! — Anuiu ele sorridente. Miguel permaneceu na sala a arrumar tudo; enquanto, esperava que ela voltasse, o que não demorou muito a acontecer.

— Estou de volta! — Disse-lhe ela entrando, novamente, na sala.

— Enquanto esperava por ti, fui arrumando as coisas e a sala para ser mais rápido e não nos demorarmos muito.

— Oh! Obrigada! Não precisavas de te incomodar…

— Não me incomodei mesmo nada, nem deu trabalho nenhum. Fi-lo, como sempre, com prazer. Ficaram todos bem?

— Sim! Apesar de terem ficado bastante agitados com a tua visita, como de costume, foi mesmo difícil fazê-los acalmar. Só falavam em ti; para além disso ouviram-te dizer que esperavas aqui por mim e também queriam vir atrás.

— Oh… A sério? — Exclamou ele, mostrando-se triste.

— Ana sorriu — Vais mesmo ficar triste como eles? Muito sinceramente, eu acho que às vezes pareces, precisamente, um puto igualzinho a eles.

— Tu sabes bem como eu os adoro. E o quanto gosto de estar com eles, de fazê-los rir e de brincar com eles; por isso, é natural que me preocupe um pouco e que fique triste e um bocadinho lamechas quando vejo o quanto gostam de mim e as saudades que mostram ter minhas, a ponto de ficarem tão tristes por terem que me deixar; porém, tem mesmo que ser, entendo perfeitamente que, eles precisem de descansar.

— Vá lá! Não fiques assim; afinal de contas, amanhã há mais!

— Isso é verdade! Espero mesmo que sim, espero conseguir vir até cá!

— Vais conseguir de certeza; pois, és o mecânico dos sete ofícios; por isso vais despachar o trabalho todo, em três tempos. — Disse-lhe ela alegre e divertida.

– Miguel deu uma gargalhada — Quem me dera ser assim uma máquina; mas, às vezes os problemas dos automóveis são bem mais complicados do que parecem…

— Eu sei! Acredito e imagino!

❀

Acabaram de arrumar a sala e de seguida Ana despiu a bata branca, vestiu o seu sobretudo verde, pegou na carteira e nas suas coisas e já ia a sair a porta; quando, de repente, Miguel teve uma ideia brilhante e decidiu chamá-la:

— Princesa? — Disse-lhe Miguel, fazendo-a estremecer e emocionar-se e trazendo à memória recordações do passado.

— Sim? — Disse-lhe ela voltando-se para ele e olhando-o profundamente nos olhos.

— O que é que achas de jantares lá em casa, logo à noite? Gostava muito de ter a tua companhia.

— Desculpa; mas acho que, hoje, não vai dar! Não é uma boa altura, estou muito cansada, tive um dia exaustivo e desgastante e para além disso, ainda tenho algumas coisas para fazer.

— Oh! Vá lá! O problema do cansaço resolve-se, descansas em minha casa. Quanto ao trabalho, é só um jantar entre amigos, igual aos que sempre fazemos, para descontrairmos e conversarmos um bocadinho. Prometo que jantamos cedinho, ainda não conheces a minha casa nova. Quero mostrar-ta.

— Pronto, está bem! Convenceste-me!

— Boa! Fico à tua espera às vinte horas!

— Lá estarei! Queres que eu leve alguma coisa? Posso levar o vinho…

— Não! Não! És minha convidada; portanto, não tens que levar nada. Nem queria isso, achas? Não quero que te preocupes com nada.

— Mas não é justo, eu não levar nada!

— Oh! Esquece lá isso! Não há problema nenhum…

— Está bem, então! Até logo!

— Inté!

❀

Miguel estava disposto a lutar pelo amor de Ana e a conquistá-la de novo; pois não queria mais ninguém ao seu lado. Ela continuava a ser a mulher da sua vida, por isso, não queria nem podia perdê-la de vista e muito menos deixá-la fugir; afinal de contas tinha esperado por ela todos aqueles anos. Como era o seu dia de folga, decidiu que ia fazer ele próprio um jantar muito especial, regressando assim aos bons velhos tempos de namoro com a sua princesa.

Esperava-o uma tarde bem ocupada e desassossegada com os preparativos para aquela noite tão especial; a caminho de casa, Ana sentia-se feliz; porém desassossegada por não saber aquilo que podia esperar, daquela noite e daquele jantar com Miguel. Tinha o coração às voltas e ela já havia engolido em seco imensas vezes, sentia-se um bocadinho comprometida perante a proximidade a que iriam estar, um do outro; no entanto, sabia que iria ser mais um momento intimista, a dois. Miguel era feito das quantidades certas de sensibilidade e romantismo e adorava os pequenos detalhes; portanto, poderia esperar uma noite especial. Ele jamais iria deixar isso escapar.

Para tentar acalmar os nervos, decidiu ligar o rádio do carro para ouvir um pouco de música e nem de propósito… Estava a tocar um grande sucesso da portuguesa Mafalda Veiga: *Fim do dia (no lado quente da saudade)* que em nada a ajudou a sossegar, aumentando ainda mais o seu sobressalto.

Esperei-te no fim de um dia cansado
À mesa do café de sempre

Não iria esperar Miguel, no café de sempre; porém, tê-lo-ia à sua espera na casa dele e quão profundo e especial poderia ser esse momento.

Não haveria melhor forma de findar mais um dia de trabalho que a colmatar saudades de uma das pessoas mais importantes e especiais da sua vida. Apesar de estarem juntos, todos os dias, no hospital; Ana sentia saudades da cumplicidade que tinham quando namoravam. Dos beijos que trocavam, abraços apertados dele, das conversas longas até altas horas, dos segredos que partilhavam e das gargalhadas imediatas.

Esperava um dia poder recuperar tudo isso; porque, apesar de se sentir realizada profissionalmente, faltava-lhe a parte si da qual Miguel fazia parte para se sentir completa.

Quem sabe, aquela noite, não fosse o momento perfeito.

Um grande amor nunca morre

Pelas vinte horas em ponto estava quase tudo pronto. Poucos minutos depois, Ana estava a bater à porta, Miguel deu uma última olhadela à sala para ver se estava tudo em ordem e se não faltava nada e só depois abriu a porta; cumprimentaram-se: trocando dois beijos no rosto e ela entrou para dentro do apartamento. Num ápice, ela apercebeu-se que havia uma mescla de aromas a especiarias que envolviam Miguel; apesar de não ser capaz de distinguir a grande maioria delas, e as mãos dele libertavam um apimentado aroma a *Gindungo*, provavelmente, por ele ter estado a cozinhar.

De seguida, Miguel encaminhou-a para a sala: aonde estava preparada uma mesa para dois: a toalha eram pétalas de rosa vermelhas, e havia duas grandes velas vermelhas acesas. Ana ficou estupefacta e bastante surpreendida, com o ambiente simples, acolhedor, romântico e especial que encontrou; assim como, com a mesa, que estava linda, muitíssimo bem decorada e que tinha sido preparada com extremamente bom gosto. Nada que não fosse de esperar da parte dele; uma vez que, Miguel sempre tinha dado especial atenção aos pormenores, não deixando que nada escapasse.

— Uau!!! É aqui que vamos jantar? — Perguntou-lhe ela deslumbrada e quase sem palavras.

— Sim é… Porquê? Não gostas? — Perguntou-lhe ele algo preocupado.

— Gosto imenso e estou maravilhada; está tudo lindíssimo, confesso que não estava nada à espera.

— Que bom!

— Acho que não poderia esperar outra coisa de ti; afinal de contas, não conheço ninguém que dê tanto valor e primazia aos pequenos e simples pormenores, como tu.

— Fico muito feliz, por gostares; no entanto, falta alguma coisa ou há alguma coisa que não seja do teu agrado? — Disse-lhe ele comprometido.

— Não te preocupes, porque está tudo fantástico e perfeito!

— Vê lá, se preferires podemos ir jantar fora; eu não me importo nem fico nada chateado, por mim é na boa.

— Achas mesmo? Nem pensar, depois de todo o trabalho que tu tiveste a preparar tudo isto.

— Não custou nada e fi-lo com o maior gosto e prazer! — Disse-lhe ele

sorrindo timidamente.

— Sei que sim, Miguel!

Entretanto Miguel decidiu arriscar em algo…

— Posso ajudar-te a despir o casaco?

— Claro que sim! – Ela pousou a mala que trazia a tiracolo e o pequeno saco que trazia na mão, no chão, e de seguida ele ajudou-a a despir o casaco – Obrigada!

❀

Miguel pegou na mala dela e no casaco e pendurou-os no bengaleiro que estava mesmo atrás da porta de entrada e quando pôde observar Ana melhor, ficou sem reação ao reparar que ela se tinha vestido, exatamente da mesma forma que naquela noite, em plena adolescência, em que ambos faziam anos e tinham jantado juntos, só os dois, em casa dela, junto à piscina. Ana vestia o mesmo vestido azul-turquesa que ele lhe havia oferecido, calçava os mesmos sapatos de salto alto castanhos; tinha deixado a sua longa cabeleira loura, solta e tinha colocado uma maquilhagem bastante discreta. Por fim, tinha colocado um par de brincos compridos e um longo colar que realçavam imenso o *look* e a sua beleza.

— Estás muito bonita… Esse vestido continua a ficar-te maravilhosamente bem! — Elogiou-a ele envergonhado.

— Obrigada! Sabes que sempre foi um dos meus preferidos; para além disso, eu gostei sempre do teu excelente bom gosto. — Anuiu ela algo comprometida.

— Sê bem-vinda à minha nova casa! Ainda não tinhas cá vindo…

— Obrigada! É verdade!

— O que achas?

— Do apartamento?

— Sim! Assim à primeira vista…

— Sinceramente, acho que tem tudo a ver contigo. É simples, acolhedor, simpático, confortável e tipicamente masculino.

— Obrigado! Não sou mesmo nada bom nas decorações; porém, fiz o que podia e sabia.

— Eu acho que fizeste um excelente trabalho, pelo pouco que já vi.

— Miguel sorriu — Que bom ouvir isso, vocês têm muito mais jeito e percebem muito mais destas coisas que nós.

— Eu sei! Toma…Trouxe-te um pequeno presente! — Disse ela, estendendo a mão esquerda para ele e entregando-lhe o pequeno saco.

— Um presente para mim? — Disse-lhe ele muito tímido e envergonhado — Porquê? Não era preciso, estares a incomodar-te, afinal de contas ainda não faço anos…

— Eu não me incomodei absolutamente nada; antes pelo contrário, já sabes que eu gosto muito de ti e que adoro presentear-te. De certa forma, sempre fui assim e afinal de contas, não precisa de haver sempre um motivo para oferecermos alguma coisa a alguém, principalmente se for uma pessoa de quem gostamos muito.

— Isso é bem verdade!

— Tu sabes que continuas a ser muito especial para mim.

— E tu também, Ana! Sabes bem o significado que tens para mim e na minha vida…

— Não foi nada fácil escolher o presente ideal para ti, sabes que não tenho um conhecimento muito vasto sobre fotografia; para além disso, não é bem a minha praia nem uma área onde me sinta muito confortável.

— Mas eu tenho a certeza absoluta que vou adorar imenso à mesma o presente; por isso, agradeço o esforço que fizeste, já sabes que o valorizo muito; para além disso, até tinhas a tarefa algo facilitada, pois, podes saber pouco sobre fotografia; mas conheces-me bem. Sabes quais são os meus gostos, nomeadamente aqueles que são relacionados com fotografia; portanto não há razões nenhumas para eu não gostar do presente.

— Ana sorriu feliz e satisfeita – Tens razão! Vi isso, numa loja de fotografia onde passei e achei tão diferente e invulgar que não resisti em comprar para te oferecer, senti que era o presente perfeito; aposto que não tens e que vais adorar, é algo de que gostas muito e com o qual te identificas bastante.

— Hum… Não te importas que abra? Confesso que agora fiquei mesmo muito curioso para saber o que é! — Disse-lhe ele extrovertido e curioso; mas ao mesmo tempo também um pouco intrigado e pensativo.

— É claro que não! Abre à vontade!

Ele pegou no saco e abriu o embrulho com um ar bastante expectante.

— Uau!!!! Uma câmara lomográfica.

— Gostas? — Perguntou-lhe ela ansiosa.

— Que grande surpresa… Gosto muito! Confesso que não tinha nenhuma, já tinha andado a ver algumas; mas ainda não me tinha decidido a comprar, portanto, o presente é fantástico. Muito obrigado…

— Ainda bem que gostaste e que eu acertei em cheio no presente certo e adequado para ti: algo relacionado com uma área que adoras e que aprecias imenso, mas que ainda não tinhas… Melhor era impossível! Fico mesmo contente…

— Gostei mesmo muito! E acho que vou aproveitar para estrear já o presente, tirando-te algumas fotografias, posso? Estás particularmente bonita hoje…

— Claro que sim! Obrigada, mais uma vez, pelos elogios.

As fotografias ficaram extraordinárias e diferentes; apresentavam um aspecto moderno, assim como, um brilho especial e uma intensidade particular. Para além disso, o sorriso e a beleza peculiares de Ana faziam toda a diferença.

— Esta máquina é de grande qualidade e tem uma resolução brutal, ficaste mesmo espectacular e perfeita nas fotografias, não achas? — Perguntou-lhe ele, aproximando-se dela para lhe mostrar os registos fotográficos que tinha tirado.

— Estão mesmo bonitas, gosto muito! Obrigada!

— De nada! Também gosto bastante, acho ficaste mesmo bem. Depois envio-tas para o teu email.

— Obrigada! Nunca há-des perder esse talento inigualável para a fotografia, consegues sempre transformar coisas simples e banais em algo extraordinário e de uma rara beleza.

Miguel ficou acomodado:

— Quando gostamos imenso de fazer algo, nós tentamos sempre dar o nosso máximo e o nosso melhor.

— Sem dúvida!

— Gostava de te mostrar as várias divisões da casa; enquanto esperamos que o jantar fique pronto, já não deve demorar muito… Posso convidar-te a acompanhares-me?

— Com todo o gosto e o maior prazer!

❀

O apartamento, com paredes creme e alcatifa castanha no chão, não era muito grande e era constituído por quatro divisões. A sala era simples: logo à entrada, do lado esquerdo, na parede mesmo em frente, tinha uma lareira embutida, junto a um móvel, em cerejeira, que continha: alguns livros, uma televisão, uma pequena aparelhagem de música e um pequeno armário, também em cerejeira, embutido no móvel, aonde Miguel guardava uma pequena coleção de motas, em miniatura, que ele adorava e estimava muito. Mesmo em frente, surgia um sofá em pele com tons muito semelhantes aos do móvel e junto deste, uma pequena mesa de vidro com várias fotografias. No lado direito da sala, havia uma mesa de jantar, em madeira castanha escura envernizada e ainda um móvel um pouco maior, também em cerejeira, com copos, chávenas de café e um serviço completo de jantar. As paredes estavam todas decoradas com fotografias

diversas.

— Já viste a minha coleção de motas em miniatura?! — Questionou-a ele apontando para o armário.

Ana aproximou-se entusiasmada e curiosa e agachou-se para ver melhor…

— Uau! Já estou a ver que, a tua paixão pelas motas nunca vai deixar de ser um caso bem sério.

— Podes crer! Sinceramente, eu acho que já é um vício e que já não saberia viver sem essa minha segunda vida.

— Eu sei que sim! — Disse-lhe ela, sorrindo timidamente.

— Sabes, guardo aí miniaturas de várias motas: das mais antigas, até às mais atuais. Alguns modelos são mesmo históricos e únicos.

— A sério? Bem, não me digas que também tens uma miniatura da tua Maria Vinagre?

— Sim, tenho! — Ana mostrou-se incrédula — Foi talvez a miniatura mais difícil de arranjar… — Disse-lhe ele abrindo o armário e tirando do seu interior uma miniatura de uma mota exactamente igual à sua: uma réplica perfeita.

— Meu Deus! Não acredito! É impressionante, só tu para uma coisa destas. Confesso que estava literalmente a brincar, não fazia ideia que tinhas mesmo uma réplica da tua mota!

— Disse-lhe ela rendida e estupefacta com a miniatura e os seus mais ínfimos pormenores que a tornavam tão semelhante à de Miguel.

— Ao fim de todos estes anos ainda consigo surpreender-te!

— É verdade! Ainda participas em concentrações de motas?

— Claro! Todos os verões, tento participar, em pelo menos duas!

— Continuas o mesmo aventureiro de sempre!

— Oh! És das pessoas que melhor me conhece; por isso, já sabes como é que eu sou, o espírito de aventura vai correr-me sempre nas veias.

— Sem dúvida! É bom ver que não mudaste e que não perdeste grande parte da tua essência. Continuas a aproveitar sempre o melhor da vida, ao máximo, como sempre fizeste e fazes muito bem.

— Já sabes como é…

— Se houve coisa que aprendi contigo foi que a vida e o seu lado mais básico são para serem sempre vividos em pleno. Por vezes, esquecemo-nos da rapidez com que o tempo passa e quando damos por isso, percebemos que não soubemos aproveitar e desfrutar da vida e que houve muitos momentos e situações importantes que acabamos por perder.

❀

Miguel sorriu e de seguida Ana focou-se na pequena mesa de vidro, colocada junto ao sofá: que tinha várias fotografias dele: sozinho, em família e com os amigos e também algumas ao lado dela e da família dela, tiradas em casa dela, durante as férias de Verão, no Alentejo; mas não era só a mesa que tinha uma farta coleção de fotografias, todas as paredes da sala eram preenchidas com fotografias tiradas por ele.

— Desculpa estar a coscuvilhar! Espero que não te importes; a curiosidade foi mais forte que eu. — Disse-lhe ela sorrindo comprometida.

— Por favor Ana, não tens que pedir desculpa! Por mim, estás à vontade; afinal de contas não somos nenhuns desconhecidos, ainda somos os melhores amigos, como éramos no passado e conhecemo-nos muito bem, um ao outro. — Disse-lhe ele sorridente, mantendo o ambiente descontraído

— Eu sei! Mas não gosto de abusar, porque não estou em minha casa.

— Não abusas nada! O que é que tu achas desse cantinho?

— Gosto imenso e fico muito feliz por continuar a fazer parte do grupo de pessoas importantes e especiais para ti e na tua vida.

— Sabes que nunca irás deixar de fazer parte dele.

Ana sentiu-se um pouco acomodada…

— Rendo-me sempre ao teu talento incrível para a fotografia e gosto sempre de perder-me e de perder, literalmente, a noção do tempo, quando estou a observar os teus registos fotográficos. Cada vez fotografas melhor…

— Obrigado, Anocas! Ainda bem que a formação que tenho feito na área da fotografia tem valido a pena.

— Acho que tem sido uma grande mais-valia, tens evoluído imenso. As tuas fotografias fazem-me sempre recuperar e relembrar momentos únicos e especiais; assim como memórias e recordações de uma vida partilhada quase sempre, juntos. Para além disso, fazem-me sempre viajar e sentir tudo o que observo, como se pudesse atravessar a fotografia e pisar aqueles diversos e vastos mundos.

— Eu fico mesmo muito feliz e satisfeito por saber que as fotografias que eu tiro conseguem reavivar e despertar, em ti, tantas coisas importantes.

❀

A seguir, percorreram um curto corredor até chegarem a uma porta, Miguel abriu-a e entraram no quarto dele, era um quarto pequeno: do lado esquerdo da porta de entrada, havia uma estante encostada à parede com livros, material

variado de desenho e pintura e mais algumas fotografias dele e outras dela: eram principalmente dela.

Havia uma janela com vista para a rua, a cama estava encostada à parede, perto da janela; já que ele adorava acordar e poder ver logo o amanhecer, desde sempre que era assim. À esquerda da cama havia uma pequena mesa-de-cabeceira com um rádio-despertador e um candeeiro em tons de castanho. E mesmo em frente, destacava-se uma pequena cómoda, em madeira também de cerejeira, com várias gavetas e com um pequeno espelho, mesmo por cima da mesma, colocado na parede. Pendurada no espelho estava a máquina fotográfica dele que ela tão bem conhecia e em cima da cómoda estava uma pequena moldura digital que ia passando, constantemente, várias fotografias.

— Sabes, sabe bem estar, aqui, no meio das tuas coisas… — Disse-lhe ela sentando-se no fundo da cama dele e olhando ao seu redor.

— Eu também estou muito feliz por ter-te cá. Tu sabes…

— Dá-me umas saudades! Faz-me lembrar imenso a nossa infância e adolescência.

— Também a mim, Ana!

— Estou a ver que continuas a dar primazia e valor à simplicidade das coisas.

— Sim! É disso que sou feito; é fruto das minhas raízes.

— É verdade! — Disse-lhe ela sorrindo.

— Bem, já venho… Vou à cozinha ver o nosso jantar que já deve estar pronto. Fica à vontade, é como se estivesses em tua casa.

— Está bem! Obrigada!

❀

Ana circulou silenciosamente pelo quarto, sentindo o doce aroma do perfume de Miguel que estava espalhado por todo a divisão. Começou por fazer uma pequena paragem junto da estante, logo à entrada, para ver os desenhos dele e as várias fotografias. Ele continuava a desenhar e a fotografar muitíssimo bem e também a dar extrema importância a todos os detalhes; os seus desenhos e fotografias eram cada vez mais perfeitos e minuciosos quer fossem a cores ou a preto e branco. Depois dirigiu-se à mesa-de-cabeceira, pegou no relógio que Miguel usava, habitualmente, e experimentou-o, ficava-lhe muito grande; pois o pulso dele era muito mais largo que o dela; porém não fazia mal, o mais importante era que fosse um objeto usado por ele diariamente.

Depois tirou o relógio e colocou-o em cima da mesa-de-cabeceira e pegou no frasco do perfume, desenroscou a tampa, fechou os olhos e cheirou-o. Como

adorava aquele aroma doce e suave do qual tinha imensas saudades e ao qual ainda se sentia muito habituada e aprisionada, fez com que ela se recordasse dos momentos em que se abraçavam, com Miguel acabado de sair do banho: de pele ainda húmida e perfumada. À medida que o aroma do perfume dele percorria todo o seu corpo, dava-lhe a sensação de ter o poder e a capacidade única, de roubar para si uma daquelas gotas de perfume, podendo guardá-la num sítio seguro, onde tivesse oportunidade de eternizá-la, senti-la e cheirá-la para todo o sempre.

Voltou a pousar o frasco, minuciosamente, no mesmo lugar e pegou no telemóvel, pousado por ali não deveria fazê-lo porque era algo extremamente íntimo e pessoal; mas… não resistiu, onde reparou na imagem de fundo do ecrã: uma fotografia de ambos, juntos, na piscina de casa dela a trocarem um beijo apaixonado. Uma enorme emoção apoderou-se dela ao ver aquela fotografia. O seu coração ficou muito acelerado e sentiu um forte arrepio por todo o corpo e um grande formigueiro na barriga e no estômago. Engoliu em seco, suspirou bem fundo e limpou as lágrimas que teimavam em deslizar pelo seu rosto e estragar-lhe a maquilhagem.

Dirigiu-se depois à cómoda, pegou na máquina fotográfica e esteve a ver as fotografias lá guardadas; depois fotografou a si mesmo refletida no espelho, com um grande sorriso. Voltou a pousar a máquina no mesmo sítio e aproximou-se da moldura digital onde ficou algum tempo a ver as fotografias passarem. Muitas das fotografias eram de ambos, juntos, em variás situações e momentos; numa retrospectiva das suas vidas. Ela não deixou de sorrir e de libertar uma nova singela lágrima, ao ver fotografias: da infância, da adolescência e da fase já adulta de ambos sentindo as memórias dele e de tudo o que tinham construído, partilhado e vivido ficarem muito à flor da pele.

Estar ali, no meio das coisas dele, fez com que se apercebesse das saudades que tinha dele. Descobriu que afinal não era só ele que ainda a amava muito; porém ela também ainda o amava imenso. Não deixou de reparar nas costas de uma cadeira onde estava pendurada uma camisa: lavada, engomada e com o tecido liso e vincado, estava pronta para ser usada. Passou a mão levemente pelo tecido, para não o engelhar e foi capaz de imaginar Miguel vestido com ela, recordando-se também das muitas vezes em que tinha vestido as camisas dele como se fossem vestidos dela.

Entretanto Miguel regressou ao quarto, ficando a espreitar Ana, encostado ao marco da porta.

— O jantar está pronto! Vamos indo para a mesa? — Disse ele.

— Vamos! — Anuiu ela acompanhando-o e olhando uma última vez para trás, para todo aquele espaço.

— Faltou mostrar-te a cozinha e o escritório!
— Não faz mal! Mostras-me depois…

❀

Regressados à sala, Miguel puxou uma cadeira para trás e ajudou-a a sentar-se à mesa; de seguida apagou as luzes, deixando que a luz das velas se destacasse e ligou a aparelhagem onde começou a tocar a música *Forever in Love* do saxofonista Kenny G, que era uma melodia que ambos gostavam imenso. O ambiente era muito requintado; mas ao mesmo tempo simples, descontraído, romântico e envolvente.

— Estás confortável? Precisas de alguma coisa?
— Estou óptima, Miguel! Obrigada!
— Então…Vou à cozinha buscar as nossas entradas!
— Queres que te ajude? Não me custa nada! — Ofereceu-se prontamente.
— Nem pensar! Eu não quero que faças nada, deixa-te estar sentada, descansada e descontraída; hoje és minha convidada. Eu já venho!
— Acho que não é muito justo estares carregado de trabalho e eu aqui sem fazer nada, tu podias ao menos deixar-me ajudar-te; mas, já sei que não adianta contrariar-te, porque a tua teimosia continua a ser implacável. — Disse-lhe ela rindo-se e piscando-lhe o olho.
— Nem mais! Tu já sabes como eu sou, quando eu preparo surpresas, gosto de fazer tudo sozinho. É verdade que sou um pouco individualista e muito perfeccionista, principalmente se as coisas forem feitas para ti.
— Pois, eu sei! — Disse-lhe ela um pouco envergonhada.

❀

E ele desapareceu em direcção à cozinha; enquanto Ana olhava à sua volta e observava novamente a sala, de uma ponta à outra. Estava mais feliz do que nunca por estar ali: na casa onde Miguel vivia e que esperava que um dia também fosse dela; gostava particularmente: do estilo pessoal da organização e da decoração e do toque: informal, descontraído e básico; mas sem nunca perder a personalidade, que ele tinha conseguido dar ao espaço. Sentia Miguel em cada divisão e isso era especial para ela; porque ainda gostava muito dele.

Na cozinha, Miguel não continha os nervos e a ansiedade, queria que aquela noite fosse especial, que não falhasse nem faltasse nada. Queria, essencialmente, surpreender Ana, recriando uma noite inesquecível e única, fazê-la recuar no

tempo: reconquistá-la. Era difícil controlar o medo que sentia que alguma coisa não corresse como ele esperava e desejava e como tinha planeado, que não fosse capaz de recuperar o amor dela; mas ainda assim, iria tentar dar o seu máximo e o seu melhor e fazer de tudo para consegui-lo. Respirou fundo e voltou à sala com as entradas…

— Já cá estou de novo! — Disse-lhe ele colocando uma enorme travessa na mesa.

— Foste tu que preparaste tudo e que cozinhaste?

— Claro! Jamais iria encomendar comida pré-feita para o jantar, tendo-te a ti como convidada. Não era justo, nem fazia sentido; já que sempre gostei imenso de cozinhar…

Ana olhou-o algo comprometida e mostrou-se comovida com as palavras e com o gesto dele; assim como surpreendida ao aperceber-se que, apesar dos dias preenchidos que ele tinha e de ser a folga semanal dele, ainda tinha conseguido ter tempo para cozinhar e preparar tudo sozinho. Ele era maravilhoso e só demonstrava que ele continuava a gostar dela, que se preocupava com ela e que sentia um carinho muito especial por ela.

— Obrigada! Não sei que dizer…

— Não tens nada que agradecer! Está a ser um prazer!

— Está tudo divinal!

— Posso colocar um pouco de vinho no teu copo ou preferes outra bebida?

— Não! Eu bebo vinho contigo!

Miguel pegou na garrafa de vinho tinto que tinha colocado em cima da mesa, abriu-a e colocou um pouco no copo de Ana e também no dele. Ela reparou num inusitado pormenor que fez com que ela recuasse um pouco no tempo: era uma garrafa de vinho tinto alentejano intitulada: *Amo-te* e perceber muita coisa.

De seguida começaram a comer as entradas e Ana reconheceu logo aquele sabor e aquela textura, eram: *Beijinhos de Camarão*. Miguel tinha reconstruído o mesmo jantar que tinha preparado para ela, há uns anos atrás no aniversário de ambos. Começaram a comer por entre conversas, sorrisos, e leves olhares cúmplices, estava tudo fabuloso; algum tempo depois, Miguel levantou os pratos das entradas e dirigiu-se novamente à cozinha, trazendo de seguida uma travessa, brilhantemente bem decorada, com o prato principal: *Paixão de robalo grelhado em cama de batata-doce com molho verde*. Ela estava cada vez mais deliciada e incrédula, perante os detalhes daquela noite, ele continuava mesmo a ser um verdadeiro cavalheiro, ao qual era cada vez mais difícil resistir e pelo qual era meramente impossível não deixar apaixonar-se, preocupado com tudo e com todos e com os mais ínfimos pormenores. Entretanto, ele apercebeu-se do ar

pensativo e compenetrado de Ana e ficou momentaneamente preocupado que algo não estivesse do seu agrado:

— Estás a gostar do jantar? Pareces-me um pouco pensativa. — Perguntou-lhe ele preocupado.

— Desculpa! Estou a gostar imenso, está tudo ótimo! Sabes, esta noite está a trazer-me imensas recordações e memórias do jantar-surpresa, igualzinho a este, que preparaste para mim, há uns anos atrás, no dia do nosso aniversário; por isso é que estou um pouco pensativa e até um bocadinho nostálgica por estar a reviver, tudo isto contigo.

— Eu queria mesmo muito que esta noite fosse especial! — Disse-lhe ele agarrando a mão dela por cima da mesa.

Ana sentiu as suas borboletas a esvoaçarem no estômago.

E está mesmo a sê-lo! Obrigada por tudo! — Disse-lhe ela deixando-se envolver pelo toque da mão dele.

E o jantar continuou recheado de memórias e recordações e de tempos felizes feitos de tanto amor e paixão. Despertando os vários sentidos e alertando-os para os vários sentimentos que ainda nutriam um pelo outro; sentia-se uma timidez particular no ar. Entretanto encaminharam-se para o centro da sala transformado em pista de dança improvisada e dançaram durante algum tempo, deixando levar-se pela cumplicidade que os unia. A música do saxofonista Kenny G continuava a ser a banda sonora da noite, tocava naquele momento: *Sentimental.*

Depois de algum tempo a dançarem, agarrados um ao outro, em contacto físico permanente, regressaram à mesa: sorridentes, felizes e realizados, por estarem na presença, um do outro e continuaram a jantar e a conversar sobre o voluntariado e os meninos que tanta alegria, sorrisos e realização pessoal lhes ofereciam, de tempos futuros e de tempos passados.

— O programa desta noite está a ser do teu agrado?

— Sim, está a ser tudo fantástico!

— Ainda bem! Fico contente por saber que estás a gostar!

— Obrigada por perguntares; no entanto, não te preocupes tanto, tenta descontrair e desfrutar.

— Sabes, eu queria mesmo muito que não faltasse nem falhasse nada esta noite e que tudo corresse na perfeição e como idealizei; daí a minha preocupação constante.

— Mas eu estou a adorar tudo, digo-te com sinceridade!

— Assim fico bem mais sossegado! Vou à cozinha buscar a sobremesa, já volto!

— Está bem! Não te importas que ponha outro disco a tocar? — Perguntou-

lhe ela.

— Está à vontade! Já sabes que eu confio sempre nos teus gostos…

Ana aproximou-se do móvel onde se encontrava a aparelhagem e encontrou uma pequena torre com discos, Miguel tinha imensos, dos mais variados géneros e artistas; no entanto, toda aquela atmosfera: intensa e romântica que estavam a viver em conjunto, naquela noite: mágica e magnífica, de um novo reencontro, levou-a a escolher uma música muito especial de uma das bandas preferidas de Miguel: *Wish You Were Here*, dos Pink Floyd. Mal ele ouviu as primeiras notas, sentiu-se a fraquejar, o seu coração estremeceu; estava à espera de tudo, menos que Ana escolhesse aquela música. Ela sabia bem que ele a adorava e que ela era muito especial e importante para ele; não conseguiu controlar-se e a emoção apoderou-se dele.

Muito tinha mudado entre ambos nos últimos tempos e ele não queria misturar e confundir as coisas; apesar de ser muito difícil, porque o coração via e sentia tudo de maneira diferente. Entretanto, ele regressou à sala com a sobremesa: *Suspiro de Morango com recheio de chocolate*, deixando Ana sem palavras e cada vez mais pensativa e intimidada. Ela não conseguiu aguentar mais; pois na sua cabeça pairavam, desde o início do jantar, imensas questões por responder; por isso, antes de começarem a comer decidiu questionar Miguel.

Sentia que tinha chegado o momento de tentar obter essas mesmas respostas.

— Qual foi o teu objetivo de reconstruires este jantar? — Questionou-o ela de voz trémula e de olhos postos nos dele.

Ele pegou na sua cadeira e sentou-se ao lado dela, agarrando-lhe a mão.

— Acho que chegou a altura de falarmos de um assunto sério…

— Um assunto sério? Por favor Miguel, hoje e esta noite, em particular, não são propícios a assuntos sérios. Não vamos estragar todo este bom ambiente.

— Eu sei, Ana! Mas eu preciso mesmo de falar sobre isto contigo, e tem que ser hoje e agora!

— Bem, sendo assim… Qual é então esse assunto tão sério?

— Queria muito falar contigo sobre *Nós*…

— Mas já não existe esse *Nós* sobre o qual tu queres falar. Agora *nós* somos apenas dois bons amigos; por isso, eu acho que não há muito para falar sobre isso. — Disse ela surpreendida

— Acredita que há! Há imensas coisas que nunca te disse e que nunca te expliquei e acho que chegou a altura certa e ideal para eu te contar tudo; aliás, este jantar serviu também para isso. Acompanhas-me até à varanda?

— Ana mostrou-se apreensiva – Está bem…

Na varanda, sentaram-se em duas cadeiras de balançar feitas em madeira

antiga e ficaram, inicialmente, a olhar, um para o outro, olhos nos olhos, sem saberem muito bem o que dizer. Miguel mostrou-se algo triste e desiludido.

— Primeiro que tudo queria pedir-te desculpa por ter sido bastante egoísta e orgulhoso. Por ter duvidado e não ter acreditado o suficiente na nossa relação e na nossa união, por ter terminado tudo como terminei e por ter posto o nosso amor, a nossa paixão e se calhar também a nossa amizade em causa; apesar de ter plena consciência de que as minhas desculpas já não servem para nada e que já chegam tarde demais. Nem imaginas como me senti este tempo todo e como ainda me sinto: a consciência pesa-me todos os dias e de cada vez que te vejo e me lembro daquela noite de Natal. Sinto-me mesmo mal: arrependido e destroçado por dentro; porque tu não merecias nada daquilo.

Ana aproximou-se um pouco mais dele e colocou a mão dela por cima da dele, apertando-a com força.

— Oh, não quero que te martirizes dessa forma. Eu não te culpo de nada, ninguém manda no nosso coração e naquilo que ele sente; portanto não tens razão para estares assim. São coisas que acontecem, não podemos prevê-las nem evitá-las, na maioria das vezes, é a lei da vida. O mais importante é que continuamos a ser bons e grandes amigos na mesma…

— Sim, tu tens razão. Mas eu fui um cobarde porque tive medo e receio que a distância que existia na altura, entre nós, me levasse a perder-te para sempre. Tive medo de arriscar e para além disso nem me dignei sequer a propor-te que lutássemos juntos para evitarmos este desfecho. Optei pela solução e pelo caminho mais fáceis: pôr um ponto final em tudo e manter apenas a nossa amizade.

— Se formos a pensar e a ver as coisas assim, dessa forma; então eu também tive culpa porque também não fiz nada para te convencer a mudares de ideias, resignei-me e limitei-me a aceitar a situação e nem sequer me esforcei para tentar falar contigo, para que tentássemos resolvê-la ou contorná-la da melhor forma possível, como sempre fizemos. Também tive medo, só não consigo entender de quê e porquê, e acomodei-me. Perdoa-me…

— Não digas isso! O único culpado de tudo isto, fui eu… Tu não tens culpa de nada; afinal de contas, tu não fizeste nada de mal. Reagiste dessa forma porque ficaste magoada e em choque com a decisão que eu tomei. É perfeitamente normal.

— Tenho culpa, sim! Aliás se pensarmos bem em tudo isto, chegamos à conclusão que somos, ambos, culpados desta situação ter acontecido, porque falhamos e erramos.

— Mas ainda vamos a tempo de mudar, não vamos? — Perguntou-lhe ele pensativo.

— Não sei, Miguel! Talvez…

— Lembras-te quando eu te disse que um dia irias perceber tudo?

— Sim, lembro!

— Bem, era isto que eu precisava de te dizer e de te explicar. Acima de tudo, sentia que precisava de te pedir desculpa e de te dar uma justificação aceitável e plausível para a atitude que tive e para a decisão que tomei. Devia tê-lo feito naquela altura; mas, não sei porquê não tive coragem.

— Deixa lá! O que importa é que está tudo esclarecido… — Confortou-o ela.

— Ainda não…

— Não? Então?

— Sabes, eu continuei a amar-te, durante todo este tempo. Nem imaginas o sufoco que tem sido estar todos os dias contigo, fazer o voluntariado ao teu lado e tentar olhar para ti apenas como uma boa amiga. Tem sido extremamente difícil, para não dizer impossível; porque não consigo fazê-lo, nem consigo ver-te apenas como uma simples boa amiga, já não é só dessa forma que te olho e que o meu coração te sente. Há pouco falavas que não podemos mandar no nosso coração e naquilo que ele sente, mas, neste caso não foi uma questão relacionada com o coração, que me fez ter aquela atitude para contigo; porque eu nunca amei nem namorei com mais ninguém, apesar de ter plena consciência que, naquela altura, ficaste a pensar o contrário. Tu continuaste e continuas a ser: a minha grande paixão, a mulher e o amor da minha vida.

Ana ficou sem saber como reagir, não estava à espera que Miguel lhe abrisse tanto o coração; nem sabia o que havia de fazer e o que havia de lhe dizer. Respirou fundo, engoliu em seco, tentou conter as lágrimas o máximo que pôde e depois acabou por também abrir-lhe o seu coração e dizer-lhe tudo aquilo que ainda sentia por ele.

— Também continuei e continuo a sentir algo muito forte por ti. Tu sabes que és e que sempre foste muito especial e muito importante para mim: se há pessoa que ficou gravada no meu coração foste tu. Há situações e momentos que nunca mais vou viver da mesma forma e com a mesma intensidade como vivi contigo. Foi um conjunto de coisas, e de emoções que me marcaram imenso para toda a vida. Na verdade, eu nunca me conformei muito bem com a nossa separação, com o facto de passarmos a ser só dois bons amigos, sei que somos muito mais do que isso; porque ainda nos amamos. Trabalhar contigo no hospital também tem sido muito complicado, porque não é nada fácil conseguir disfarçar o que sinto por ti de verdade, principalmente junto dos nossos meninos.

Miguel ficou literalmente sem saber o que dizer, perante as palavras dela. Era bom saber que ainda sentiam imensas coisas um pelo outro e que o que sentiam era mútuo e intenso. Agarraram as mãos um do outro, entrelaçaram os dedos e

entreolharam-se fixamente.

— O verdadeiro objetivo deste jantar era não só conversar contigo: dizer-te tudo o que tinha trancado, aqui, no coração, há tanto tempo; mas também reconquistar-te. Dizer-te e mostrar-te o quanto te amo e tudo o que sinto verdadeiramente por ti. — Disse-lhe ele mostrando-se tímido e envergonhado. — Acho que nós podíamos começar de novo, dar uma nova oportunidade ao amor e à paixão que ainda sentimos. O que é que achas e pensas disso?

— Não sei, Miguel! Tenho que ponderar a situação e pensar bem… — Disse-lhe ela largando as mãos dele, levantando-se da cadeira e aproximando-se das grades da varanda; olhando e refletindo sob a noite estrelada.

Ele levantou-se da cadeira e aproximou-se dela colocando novamente a sua mão em cima da dela. Entreolharam-se atentos ficando por breves momentos, ambos em silêncio.

— Preciso que voltes a fazer parte de mim para que a minha vida faça sentido. Preciso de ti ao meu lado e na minha vida, porque tu és a pessoa que eu escolhi e que eu amo, desde sempre, e estou a falar muito a sério e a ser muito sincero. Amo-te muito e quero-te quase desesperadamente, porque não consigo aceitar a ideia de te perder e de não te poder ter; afinal de contas, nunca quis mais ninguém.

❀

Ana não sabia o que dizer ou pensar, perante tão sincera e verdadeira declaração de amor. O rosto dele aproximou-se ainda mais do dela e depois beijou-a no canto do lábio com muita ternura, doçura e sensibilidade. Ela ficou estática e parada no tempo, a sentir aquele toque dos lábios carnudos e quentes dele e aquele beijo: forte e húmido que já esperava há imenso tempo; apesar de não lhe ter dito e não ter partilhado o que sentia com ninguém. Não mostrando qualquer tipo de resistência, perante a insistência e as investidas dele, Ana procurou a boca e os lábios dele e antes de trocarem um beijo longo, intenso e muito apaixonado. Ela sussurrou-lhe…

— Também te quero e te amo, porque também não sei viver sem ti!

Desde o interior da sala, ouvia-se a música mais que perfeita para aquele momento: *Volveré Junto a Ti* da italiana Laura Pausini que falava precisamente de novos reencontros. Ana sentia-se mais feliz do que nunca; finalmente tinha ao seu lado o homem da sua vida, a pessoa que mais queria, desejava e amava. Não deixou de acariciar o rosto e os cabelos dele, mostrando-se embevecida, sorridente e apaixonada, de seguida abraçou-o com muita força e intensidade.

—— Meu Deus! Esperei e ansiei tanto por este momento, nem imaginas. Era tudo aquilo que eu mais queria desta noite, poder-te trazer de volta para a minha vida; ainda bem que o consegui. Não dava para aguentar muito mais tempo, estar assim separado de ti — Disse-lhe ele muito emocionado, acariciando o rosto e os longos cabelos louros dela.

— Eu também, meu amor! Não duvides nunca disso… — Disse-lhe ela comovida, beijando-o constantemente, deixando envolver-se pelos braços dele e percorrendo docemente o contorno dos dedos das mãos dele, à medida que se encaminhavam novamente para as cadeiras de balançar.

— Nem imaginas como é tão bom ter-te de volta, ter-te novamente aqui ao meu lado, era tão só o que eu mais queria — Disse-lhe ele embevecido.

— Eu também sinto o mesmo! Acho que já não podemos enganar o que sentimos…

— Concordo plenamente! Então… Isso quer dizer que estamos de novo, juntos? Que estás disposta a dar uma segunda oportunidade?

— Claro que sim! Sem dúvida!

❀

Miguel resplandecia felicidade, beijou-a apaixonadamente e abraçou-a com mais força ainda, estava emocionadíssimo; entretanto, regressaram à mesa para acabarem de comer a sobremesa. Ele aproveitou e foi à cozinha buscar uma garrafa de champanhe que estava a refrescar no frigorífico para brindarem à nova vida e ao futuro.

Muito apaixonados, eles voltaram a beijar-se intensamente e depois ficaram sentados à mesa, de dedos entrelaçados, durante alguns minutos. Beijando-se e trocando diversas manifestações de afecto e carinho.

Um pedido especial

Entretanto Miguel levantou-se da mesa e dirigiu-se a um bolso do seu casaco de cabedal, do qual retirou uma pequena caixa em veludo azul, depois aproximou-se de Ana bastante sorridente e ajoelhou-se ao seu lado, de ar deveras apaixonado e com muito amor no olhar.

Ana percebeu logo aquilo que ia acontecer a seguir e por momentos mostrou-se em estado de choque, sem saber aquilo que fazer ou que dizer…

— O que é que estás a fazer? — Perguntou-lhe ela incrédula, mas entusiasmada e expectante.

— Eu estou a fazer precisamente aquilo que a minha alma e o meu coração me pediram…

— Meu Deus!!!! Não acredito!!!

— Mas podes acreditar porque é verdade! — Disse-lhe ele sorridente e olhar cintilante.

Olhou-a nos olhos, ajoelhou-se ao seu lado e abriu a caixa. Ana mostrou-se deslumbrada com o anel de noivado que, era feito em ouro branco e decorado a toda a volta com pequenos diamantes azuis e com um diamante azul maior no centro. Era um anel simples e delicado, mas lindo e romântico

— Princesa da minha vida e do meu coração, queres partilhar, para sempre, a tua vida toda comigo?

❀

Ana continuava sem acreditar naquilo que estava a acontecer; pois, ela não estava mesmo nada à espera daquele pedido, tinha sido apanhada desprevenida e de surpresa. Tapou o rosto com as mãos, de ar emocionado e comovido e rapidamente os seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Quero! Muito! — Disse-lhe ela embevecida e sem hesitar, levantando-se rapidamente da cadeira, de sorriso rasgado, abraçando-o com força e beijando-o ininterruptamente.

De seguida, Miguel colocou-lhe o anel de noivado no dedo anelar da mão esquerda, não tinha palavras para descrever, a felicidade que sentia e quão preenchido estava o seu coração.

— Vou-te confessar uma coisa: neste momento, sou o homem mais feliz do

mundo.

— E eu sou a mulher mais feliz e mais sortuda do universo, por ter ao meu lado a pessoa que mais amei e desejei, desde sempre e em toda a minha vida.

Entreolharam-se de felicidade estampada nos rostos, beijaram-se de novo e depois ficaram no sofá, abraçados e no colo, um do outro, a conversarem.

— Bem e com todo este momento inesquecível e mágico, nem te contei uma novidade…

— Não faz mal; afinal de contas foi um momento que valeu bem a pena. Não achas?! – Brincou ele.

— Penso que não preciso de te dar uma resposta; porque a minha falta de palavras diz tudo.

— Concordo! Mas podes contar-me a novidade agora… Quero saber tudo!

— Há cerca de um ano, eu concorri a uma Bolsa de Investigação para desenvolver um projeto num centro de investigação espanhol acerca d'*A Dor em Pediatria*, no âmbito do meu mestrado. Quando finalizei o projecto decidi apresentá-lo em algumas universidades espanholas, teve tanto sucesso e recebi tantos elogios que acabei por ser agraciada com um prémio.

— Estás a falar a sério, princesa? — Disse-lhe estupefacto.

— Estou, pois!

— Que excelentes notícias! Tu mereces isto e muito mais!

— E as novidades não se ficam por aqui, já que os prémios vão ser entregues, daqui a algumas semanas em pleno *Teatro Campoamor* na cidade de Oviedo.

— Inacreditável! Como é que tu conseguiste, guardar todas essas novidades e só agora contar-me tudo? — Disse-lhe ele embasbacado.

— Acho que ainda não tinha encontrado o momento ideal para fazê-lo, nas entrelinhas da vida ocupada que temos tido.

— É imperdoável! Não estava nada a espera de uma novidade destas, nem imaginas quão feliz e orgulhoso eu me sinto de ti.

— Sei que sim, meu amor!

— Eu sabia que tu eras uma miúda incrível e um verdadeiro prodígio e que ainda iria ter a honra e o prazer de ver-te pisar, um dia, aquele palco, para receberes um prémio. Parece que acertei mesmo em cheio; para além disso eu acho que não há melhor sítio para a entrega dos prémios.

— Concordo! Para mim também não poderiam ter escolhido melhor; já que é uma cidade e um edifício que me trazem excelentes memórias e boas recordações.

— Miguel sorriu — Temos que celebrar este dia: o dia do renascer do nosso amor e da nossa paixão; o dia em que demos um passo enorme na nossa vida e o dia da chegada de todas essas notícias tão boas. Penso que estas sejam mais que

boas razões para comemorarmos; afinal de contas, ainda não bebemos o champanhe. Vem comigo…

Voltaram para junto da mesa, Miguel encheu dois copos de champanhe e logo de seguida brindaram…

— Um brinde a nós! — Disse-lhe ela feliz, alegre e sorridente.

— E principalmente ao nosso amor e à nossa amizade indestrutíveis e fortes. Hoje é talvez dos melhores dias de toda a minha vida, precisava mesmo de mostrar-te o quanto ainda de amo, de tentar trazer-te de volta à minha vida e de reconquistar-te para poder sentir-me completo e viver a vida em pleno. Sem ti nada faz sentido para mim. — Disse-lhe ele embevecido.

Beberam um pouco de champanhe, trocaram longos beijos apaixonados e depois sentaram-se novamente no sofá, no colo um do outro, abraçados e de dedos entrelaçados e continuaram a conversar.

— Uma vez que falaste no futuro a dois que se avizinha; amanhã temos que contar a grande novidade do nosso casamento aos nossos meninos, eles vão delirar.

— Pois é! De certeza que vai haver festa rija na sala.

— Eu acho que vai ser a melhor prenda que lhes vamos dar.

— Estou mesmo ansiosa que chegue amanhã para ver a reacção deles…

— Também eu! Vai ser um dia memorável! Mudando de assunto, temos que começar a pensar numa data para o enlace. Em que dia gostavas que nos casássemos? — Perguntou-lhe pensativo, acariciando o rosto e os longos cabelos louros dela.

— Por mim, podia ser já amanhã! — Disse-lhe ela sorrindo e piscando-lhe o olho.

— Confesso que também não me importava nada, princesa! — Disse-lhe abraçando-a com força.

— Eu acho que o nosso casamento devia ser no dia seis de Julho, porque é o dia do nosso aniversário e do aniversário da nossa amizade; assim comemorávamos três datas muito especiais para nós, de uma vez só. O que achas?

— Olha que bem pensado... Adoro a tua ideia! Acho que é a data perfeita! — Disse-lhe ele muito entusiasmado.

— Sendo assim está decidido! — Disse-lhe ela roubando-lhe um beijo recheado de amor e paixão.

— Prometo-te que vai ser o dia mais especial e inesquecível da nossa vida.

— Ana mostrou-se felicíssima — Nem duvido! Sabes o que estava aqui a pensar? Esta noite tem sido tão feliz, preenchida e recheada de coisas boas que nem nos lembramos de tirar algumas fotografias para memória futura e para

mais tarde recordarmos…

— É verdade! Tens toda a razão… Desculpa!

— Não faz mal! Acho que ainda vamos muito a tempo de tirar imensas fotografias juntos; afinal de contas, a noite ainda não terminou.

— Concordo contigo!

— Então porque é que não vais buscar a tua máquina fotográfica?

— Bem pensado! Nem é tarde, nem é cedo. — Disse-lhe ele sorrindo, beijando-a nos lábios, saltando apressadamente do sofá e dirigindo-se, a correr, ao quarto para ir buscar a máquina fotográfica.

❀

Naquele curtíssimo espaço de tempo Ana aproveitou para enviar algumas mensagens escritas às amigas para lhes contar as mais recentes novidades. Não podia esconder por muito mais tempo, aquele segredo tão especial.

Sentia o seu coração estava numa inquietação e num entusiasmo felizes. As amigas dela ficaram histéricas e loucas com a notícia do casamento, todas queriam há imenso tempo que se entendessem porque Ana e Miguel mereciam-se, um ao outro. Por tudo aquilo que tinham construído, passado e vivido; porém as coisas não estavam a ser nada fáceis. Felizmente, ainda bem que se tinham entendido e resolvido tudo.

— Voltei… Posso saber a que se deve tão belo sorriso? — Perguntou-lhe sorridente e curioso.

Voltou a sentar-se no sofá com a Ana deitada no seu colo.

— Enquanto esperava por ti, decidi enviar uma mensagem escrita às minhas amigas para lhes contar as mais recentes novidades sobre nós. Não podia esperar nem guardar por mais tempo este segredo apenas para mim. Espero que tu não te importes…

— Achas mesmo que me importo? Fizeste muito bem, a nossa felicidade é para ser sempre partilhada com as pessoas que realmente gostam de nós e que nos querem bem.

— Sem dúvida! Sabes uma coisa? As minhas amigas ficaram muito eufóricas com o nosso enlace, encheram-me o telefone de mensagens com felicitações e também disseram que querem ser todas minhas damas de honor e que querem a maior festa de noivado de sempre.

Entreolharam-se e riram-se à gargalhada perante o entusiasmo exagerado das amigas de Ana.

— Princesa, estás preparada para uma nova sessão fotográfica, a dois, agora como noivos?

— Estou mais que preparada… Venha ela!

— Espera… Mas o que é isto? — Perguntou-lhe ele mal ligou a máquina fotográfica e viu com a fotografia de Ana.

— Surpresa! A tua princesa teve a ousadia e tomou a liberdade de pegar na máquina fotográfica do seu príncipe encantado e fazer um registo fotográfico dela própria quando estava sozinha no quarto dele, à espera que ele decidisse voltar da cozinha.

— Mas por acaso, adoro imenso a fotografia! Ficou linda e maravilhosa; aliás a minha noiva preferida está cada vez mais bela e maravilhosa. Amanhã vou mandar ampliá-la e emoldurá-la para pôr no nosso quarto.

— Acho uma excelente ideia!

— O que achas se a primeira fotografia da nossa sessão fotográfica for apenas tua, na tua melhor e mais encantadora e apaixonada pose, a mostrar o anel de noivado?

— Gosto da sugestão!

— Então começa a preparar-te! Vais ficar mais bela que nunca!

E assim foi…

Ana estava noiva e resplandecia felicidade. A sessão fotográfica prolongou-se pela noite dentro e eles só se entregaram ao mundo dos sonhos quase de madrugada.

O dia seguinte amanheceu especial, Miguel e Ana estavam desejosos para se encontrar no hospital, para contarem todas as novidades aos meninos. Miguel prometeu fazer os possíveis para marcar presença na *Hora do Conto.*

A manhã de trabalho no serviço de Pediatria, aonde Ana era Médica-Pediatra foi calma e correu com normalidade, o estado de saúde dos meninos estava estável e não apresentava muitas complicações; por isso, aproveitaram para fazer, juntos, um *Puzzle.*

— O Mikas a que horas vem hoje? — Perguntou-lhe Gisela.

— Infelizmente, hoje só pode vir mais logo à tarde; porque tem muito trabalho.

— Oh!!! Já temos muitas saudades dele! — Disse-lhe a Bárbara algo triste.

— Eu sei! Mas não se preocupem, porque ele ainda vem até cá, já que temos uma grande novidade para vos contar; por isso preparem-se… — Disse-lhes Ana muito sorridente.

— A sério?! E o que é?

— Não posso dizer, porque é surpresa! Têm que esperar até à *Hora do Conto*…

— Mas isso é muito tempo…

— Vão ver que vai passar num piscar de olhos!

❀

A construção do *Puzzle* durou até bem perto da hora do almoço, depois almoçaram, fizeram uma curta sesta, terminaram o *Puzzle* e quando iam pintar um desenho, a tarde já tinha quase passado.

Entretanto, bateram à porta...

— Olá maltinha! Posso entrar? — Perguntou Miguel sorridente e bem-disposto.

— Mikas ainda bem que chegaste! — Disseram eles eufóricos e sorridentes, correndo para ele, abraçando-o e enchendo-o de beijinhos.

— Já me tinham perguntado imenso por ti! — Disse-lhe Ana.

— Ena!!! São tudo saudades minhas? — Perguntou-lhes ele surpreendido.

— São, pois! Gostamos tanto de ti, Mikas!

— Eu também gosto muito de vocês! — Disse comovido.

— Já vão contar-nos a grande novidade? — Perguntou-lhe o Rui entusiasmado.

Miguel cruzou o seu olhar com o de Ana e sorriu.

— Claro que vamos! Façam a rodinha do costume, sentem-se nas almofadas e… O que é que têm que fazer a seguir? Digam-me lá que eu agora esqueci-me! — Disse-lhe ele mostrando-se baralhado.

— Silêncio!!!

— Isso mesmo!

Poucos minutos depois, não se ouvia qualquer tipo de ruído dentro da sala.

— Então qual é a novidade que vocês têm para nos contar?

— Bem, ontem eu e a vossa doutora preferida estivemos a conversar e percebemos que ainda há amor entre nós; ainda nos amamos e gostamos muito um do outro.

— Que fixe! Decidiram voltar a ser namorados? — Perguntou a Bárbara eufórica.

— Sim, mas não só… A grande novidade que temos para vos dar é que eu e a doutora Ana decidimos que vamos casar! — Disse-lhes ele de ar feliz e entusiasmado.

Os meninos entreolharam-se incrédulos; mas felizes, eufóricos e inquietos. Não estavam mesmo nada à espera daquela notícia; no entanto, era tudo o que eles mais queriam: vê-los juntos de novo. Não perderam tempo a festejar tão

desejada notícia desdobrando-se em ovações e aplausos; de seguida, levantaram-se dos respectivos lugares, numa gritaria pegada, e abraçaram fortemente Ana e Miguel.

Depois Ana e Miguel decidiram contar-lhes como tudo tinha acontecido deixando os meninos deslumbrados e ansiosos pela chegada do grande dia, para verem o casamento de Ana e Miguel.

— Que romântico! — Disse o Luís.

— Querem ver o anel de noivado que o Mikas me ofereceu? — Perguntou-lhes Ana.

— Queremos!!!!

Ana esticou a mão esquerda na direcção deles, mostrando-lhes o anel.

— Gostam?

— Ai que lindo! Quando for grande também quero um anel de noiva assim! — Disse Eva.

— Quando fores grande, como eu e a doutora Ana, e encontrares uma pessoa que goste tanto ou mais de ti como eu e a doutora Ana gostamos um do outro; vais ver que vais ter um anel de noiva igual a este.

— A sério? Prometes Mikas?

— Sim, prometo! Confia em mim! Depois quero que me contes tudo, mesmo se já for um velhote de bengala, combinado?

— Combinado! — Disse a Eva de ar divertido.

— O amor é lindo e mágico e quando vocês forem crescidos, vão descobrir como é bom estar-se apaixonado e vão poder compreender muito bem o que eu estou a sentir agora; porque também vão ter a oportunidade de gostar e de amar alguém especial. E é tão bom quando encontramos a nossa alma gémea. — Disse-lhes de ar apaixonado.

Entretanto, perante a muita insistência dos meninos, Ana e Miguel trocaram um beijo muito apaixonado e intenso, que foi bastante aplaudido.

— Quando é que vai ser o casamento? — Perguntou a Nônô.

— Daqui a uns meses! — Disse-lhes Ana sorridente.

— Só? Porquê? Não podia ser já amanhã? — Perguntaram curiosos.

— Ana riu-se — Organizar um casamento ainda demora e leva o seu tempo.

— Já sabem que estão todos convidados para a festa! — Disse-lhes logo Mikas.

— Vai ser muito importante e especial para nós podermos ter-vos a todos lá.

— Que fixe! Onde vai ser a festa? — Perguntaram curiosos.

Miguel e Ana entreolharam-se e sorriram.

— Isso é segredo e uma surpresa!

— Oh! Deem só uma pista, vá lá… — Pediram-lhes eles.

— Está bem… O mar também vai fazer parte da festa!
— A sério? Brutal! — Disseram eles.

Fazendo Miguel rir-se; enquanto acariciava, doce e ternamente, os cabelos deles.

Ao teu lado
Para Sempre

Seis meses depois…

O grande dia chegou… Na véspera, Ana tinha feito de tudo para se manter calma e relaxada e para conseguir ter uma noite de sono, descansada; mas foi algo muito difícil de conseguir, pois era quase impossível tirar os olhos do seu belíssimo vestido de Cinderela que se encontrava pendurado atrás da porta do quarto. Era tão incrivelmente perfeito que não conseguia deixar de se emocionar de cada vez que o vislumbrava; sentia-se mesmo como uma verdadeira princesa com ele vestido e ansiava fortemente pelo momento em que Miguel iria finalmente poder vê-la vestida de noiva. As borboletas estavam num tremendo alvoroço dentro da sua barriga e não se lembrava de sentir um desassossego tão grande como aquele que sentia naquele momento; mal podia esperar pela chegada do dia seguinte.

Miguel também mal tinha conseguido dormir, tinha dado voltas e mais voltas na cama sem que o sono desse o ar da sua graça. O seu coração parecia não querer desacelerar, tal era a felicidade, ansiedade e excitação que sentia para que aquele, tão desejado, dia chegasse. Agora sim iria ser para sempre, para a eternidade e para a vida toda. Não conseguia conter a curiosidade e o entusiasmo para saber como Ana iria vestida, pela primeira vez ela conseguia ter segredos para ele e parecia ser um dos segredos mais bem guardados do momento; no entanto ele tinha a certeza absoluta que ela iria ser a noiva mais bonita do mundo.

Na verdade não eram só eles que sentiam dentro do peito o frenesim da chegada daquele momento, quem os conhecia realmente bem e convivia, de perto, com eles também o sentia na sua máxima intensidade.

A festa do casamento de Ana e Miguel foi muito simples e reservada apenas às pessoas mais chegadas: família e amigos. O local escolhido para a cerimónia religiosa foi aquele que era considerado o refúgio mais especial, para ambos, a *Praia da Princesa*. Previamente tinha sido montado um grande toldo branco, que se prolongava por toda a extensão dos convidados, abrigando-os do sol e do

calor, decorado com rosas vermelhas (as flores preferidas de Ana) e vários motivos ligados ao mar e à praia, que eram duas coisas que ambos gostavam muito: búzios, conchas, estrelas-do-mar e cavalos-marinhos, não poderiam faltar. Depois tinha sido colocado um altar improvisado, também todo branco e cheio de flores.

Estava um belo dia de Verão, o sol brilhava com intensidade e soprava uma brisa marítima fresca, muito agradável. No chão tinha sido desenhada uma passadeira vermelha improvisada, feita com pétalas secas de rosas vermelhas; estava tudo pronto para a cerimónia começar, o padre já tinha chegado, os convidados já estavam vestidos a rigor e sentados nos seus respetivos lugares. O irmão de Ana, fazia-se acompanhar pela namorada Matilde, não continha a emoção, de ver a irmã casar-se com a pessoa que mais tinha gostado e amado desde que se lembrava; aquele era um momento pelo qual ansiava há imenso tempo.

Um sentimento idêntico era partilhado por Mafalda, a amiga de longa data de Ana e sua madrinha de casamento, que estava emocionadíssima e por outras amigas e colegas de trabalho de Ana. Todas tinham acompanhado de muito perto a história dela e de Miguel, sabiam desde sempre que eles gostavam imenso um do outro e que se amavam; por isso aquele dia e aquele momento eram mesmo inevitáveis, eles estavam destinados um ao outro e a ficarem juntos para sempre, parecia estar escrito nas estrelas. As dificuldades e obstáculos que eles tinham encontrado e ultrapassado, ao longo do seu percurso de vida tinham mostrado isso mesmo: a amizade, a cumplicidade e o amor que tanto os unia

Miguel já estava junto ao altar bem penteado, perfumado e com um brilho no olhar especial e um sorriso apaixonado, continuava a ser um romântico incurável. Vestido de *smoking* preto e sapatos de verniz como mandava a tradição, mostrava-se inquieto; não parava de andar de um lado para o outro e olhava à sua volta com um ar desassossegado, na expectativa de ver chegar a sua noiva: que tal como era tradição estava atrasada.

Gui, que ia acompanhado com a namorada Maria Francisca e que Miguel tinha escolhido para padrinhos de casamento, ainda não tinha parado de o gozar o tempo todo por causa do seu ar tímido e reflexivo. Estava-lhe sempre a dizer para ele não ter medo de ficar pendurado no altar, porque Ana jamais fugiria; ele ria-se de semblante carregado, tinha o coração descompassado e imensas borboletas a esvoaçarem na barriga.

Aquele dia ia ser mesmo mágico, inesquecível e tirado de um verdadeiro conto de fadas pelo menos assim o esperava, era o dia pelo qual mais tinha esperado ao longo de toda a vida, poder oficializar finalmente a sua relação com Ana e mostrarem a todas aquelas pessoas, o amor verdadeiro que sentiam e que

os unia.

A pequena Bárbara, que corria desenfreadamente pelo areal, divertindo-se com o que encontrava mais à mão, para ocupar o tempo; enquanto a noiva não chegava, decidiu ir ter com ele:

— Estás tão bonito, Mikas! Pareces mesmo um príncipe encantado, como os das histórias que nos costumavas ler no hospital. A doutora Ana, quando chegar vestida de noiva, até vai desmaiar quando te vir… — Disse-lhe ela rindo-se com o seu ar brincalhão.

— Muito obrigado! Tu também estás uma donzela. Vou contar-te um pequeno segredo: eu acho que não vai ser a nossa doutora preferida a desmaiar quando me vir, vou ser eu que vou desmaiar quando a vir a ela. — Sussurrou-lhe ele ao ouvido, de ar divertido e descontraído.

— Bárbara riu-se — Tu, já viste a doutora Ana vestida de noiva?

— Ainda não! Sabes que os noivos estão proibidos de verem as noivas antes do casamento.

— A sério? Achas que ela está bonita?

— Acho, pois! Ela deve estar linda de morrer!

— Estou ansiosa por poder vê-la, tu não?

— Claro que sim! — Bárbara decidiu fazer uns binóculos improvisados com os dedos das mãos e começou a fazer de conta que espreitava através deles, para ver a praia — O que estás a fazer?

— Estou a ver se vejo a doutora Ana vestida de noiva; mas sinceramente eu não estou a vê-la em lado nenhum… — Disse-lhe ela preocupada e pensativa.

— Sabes como são as noivas, andam sempre atrasadas, como manda a tradição.

— Pois é! Mas não te preocupes que ela não tarda nada, ela aparece como se fosse uma verdadeira sereia. Elas é que aparecem e desaparecem sem deixar rasto…

— Ui, ui! Muito me contas…

— Não percebes nada de histórias de encantar. Nessa área ainda estás muito verde e ainda tens muito que aprender! — Disse-lhe ela, gozando-o.

— Bem, agora fora de brincadeiras, nota-se muito que estou nervoso?

— Hummm… Humm! — Anuiu ela afirmativamente, deixando Miguel preocupado e pensativo — Tu e a doutora Ana vão mesmo ser e viver felizes para sempre, como nos contos de fadas e nas histórias de príncipes e princesas?

— Vamos!!! — Disse-lhe ele de ar feliz e apaixonado.

— E também vão ter bébés?

— Provavelmente!

— E também vão levá-los para brincarem com os meninos doentes do hospital?

— Quando forem mais crescidos, talvez! Sabes que, no hospital há muitas pessoas doentes e muitos daqueles bichinhos maus que provocam as doenças nas pessoas; por isso, é preciso ter cuidado com os bebés.

— Pois é!

❀

Apesar do peso da responsabilidade daquele dia e do estado de espírito que Miguel apresentava, ele conseguiu mostrar o seu ar mais divertido e brincalhão, deixando-se levar pela brincadeira de Bárbara e pela sua rebeldia e o seu à vontade. De certa maneira, a genuinidade, simplicidade e ingenuidade dela descontraíam-no e faziam com que ele não pensasse tanto nos nervos e ansiedade que sentia e no desassossego que o consumia. Bárbara parecia mais ansiosa que ele pela chegada da noiva, a cada passo desatava a correr e ia dar uma espreitadela à praia para ver se a via e depois corria novamente para junto dele. Ele ria-se com aquela espontaneidade, não havia criança nenhuma que não gostasse de casamentos, principalmente porque lhes faziam sempre lembrar os finais felizes das suas histórias de encantar.

Toda a gente estava à espera de ver surgir na praia: um carro ou quem sabe uma mota que trouxesse a noiva, tendo em conta a forma descontraída, divertida e rebelde como Ana e Miguel levavam a vida. Gostavam de surpreender e de tentar marcar sempre pela diferença; mas continuava a não haver qualquer sinal de Ana. Que tinha decidido dar um pequeno passeio a pé à beira-mar, vestida de noiva e descalça, até ao local do enlace. Sentia que precisava e que tinha muita necessidade de pensar, um pouco e de estar um bocadinho, sozinha, consigo mesma. Tinha plena consciência do passo que iria dar e não tinha quaisquer dúvidas de que era com Miguel que queria casar; no entanto, sabia que a partir daquele momento a sua vida iria mudar por completo, já não iria poder pensar só nela, afinal de contas iria estar unida a alguém para sempre.

E entretanto a marcha nupcial começou a ecoar por toda a praia; Miguel e Ana tinham escolhido uma melodia bastante diferente da habitual: a música *Everything I do, I do it for you* de Bryan Adams tinha sido a eleita para aquele momento, por expressar muitíssimo bem aquilo que sentiam; assim como o amor que os unia. Ele ficou ainda mais inquieto e expectante; toda a gente se levantou, de imediato, para ver a noiva que vinha já acompanhada por Pedro: também elegantemente bem vestido. Ela estava deslumbrante, deixando os convidados

estupefactos e embasbacados com a sua beleza, ouvia-se o burburinho das pessoas que comentavam baixinho a forma como a noiva ia vestida.

Trazia os cabelos apanhados ao lado, numa longa trança leve e suave, que permitia que os seus cabelos longos e louros voassem ao sabor da leve brisa que se fazia sentir, tinham sido colocados minuciosamente ao longo da sua trança ganchos em forma de conchas e pequenas estrelas-do-mar, dando-lhe um ar bastante romântico. Ana tinha decidido não usar véu, por decisão própria, para não quebrar a beleza e magia que o seu vestido também oferecia àquele dia, tinha sido tudo pensado ao detalhe. Estava muito bem maquilhada: uma maquilhagem discreta, mas que fazia sobressair a sua beleza natural. Trazia uns brincos compridos muito simples, com o formato de um cavalo-marinho, o colar que usava tinha o formato de uma estrela-do-mar gigante. Quanto ao vestido, era todo branco e em seda: justo, sem alças, bordado com flores na zona do tronco e depois largo e liso da cintura para baixo, como um verdadeiro vestido de princesa. Por fim, trazia um *bouquet* de rosas vermelhas na mão, elegantemente bem feito.

Os seus olhos brilhavam e o sorriso transmitia, na perfeição, a felicidade que sentia; aquele ia ser um dia inesquecível. Ao ver Ana caminhar para si, Miguel não conteve as lágrimas de emoção; ela era uma verdadeira noiva de sonho, estava linda e magnífica e parecia mesmo uma princesa. Nem queria acreditar que era mesmo ela que estava ali à sua frente, ficou ainda mais embevecido e apaixonado por ela, sentia que a amava cada vez mais e que o amor que nutria por ela, aumentava a cada segundo que passava.

Ana aproximou-se dele, trocaram sorrisos cúmplices e a cerimónia iniciou-se logo de seguida. Foi um momento carregado de simbolismo, onde não faltaram as lágrimas e a comoção de quem os conhecia bem; assim como a euforia e o entusiasmo dos meninos do voluntariado que puderam marcar presença. Na hora de trocar as alianças, Ana e Miguel quiseram surpreender com algo diferente: um conjunto de alianças em prata, que funcionavam também como anel da amizade, que ambos tinham adquirido há alguns meses, especialmente para aquela ocasião e nas quais se liam as seguintes inscrições *SoulMates*, *Love Always Eternity, You+Me e Friends 4ever.* Não tinham resistido mal as tinham visto, eram o símbolo perfeito da amizade, do amor e da cumplicidade que os unia e eram realmente duas peças únicas e muito especiais, que iriam marcar para sempre a amizade e o amor eterno de ambos.

Pouco tempo depois, de sorriso rasgado nos lábios, Miguel pôde, finalmente, beijar Ana: a sua eterna noiva e cara-metade, intensamente, que era a partir daquele momento, oficialmente, sua mulher. Os convidados não perderam tempo a aplaudir aquele beijo profundo, demorado e recheado de amor. Ninguém

conseguia imaginar quão felizes, os corações de ambos se sentiam e o sentimento de realização pessoal que invadia Ana e Miguel, por, a partir daquele momento, estarem ligados, um ao outro, para toda a eternidade. Depois enquanto se iam encaminhando para a praia e passando pelos convidados, ansiosos por poder cumprimentá-los e felicitá-los, foram-lhe sendo atiradas pétalas de rosa; em vez do clássico arroz. Os pais de Miguel eram os mais emocionados por verem o filho tão feliz e a casar-se com a pessoa que sempre tinha amado e que lhe tinha roubado o coração, praticamente desde a adolescência; sem dúvida que aquele era um amor infinito, puro, intenso, verdadeiro e genuíno.

No final da cerimónia religiosa, Ana e Miguel aproveitaram o cenário idílico da praia para fazerem as respectivas sessões fotográficas com a família e amigos. Os meninos tinham gostado muito da cerimónia e estavam felicíssimos por poderem estar presentes e pelo facto de Ana e Miguel, que eles adoravam tanto, estarem de novo juntos e felizes. Continuavam encantados com tudo; para além disso, eles estavam ainda mais ansiosos por poderem contar tudo aos outros meninos que tinham ficado no hospital e que não tinham podido estar presentes. Na sua inocência de crianças, quiseram logo ser os primeiros a tirar fotografias com os noivos, quase se acotovelavam para ficarem ao lado deles; por isso, Miguel sugeriu que eles se sentassem no areal à frente dele e de Ana, aquele revelou-se um momento divertido, alegre e de felicidade plena.

Depois das fotografias que duraram uns bons minutos, esperava-os, à entrada da praia, uma carruagem puxada por dois cavalos brancos e um pajem, incentivando-os e convidando-os para um passeio romântico; o que deixou Ana estupefacta, rendida e deslumbrada, não conseguia acreditar no que via. Era um cenário tão improvável quão impensável, tirado de um dos seus melhores sonhos, sentia-se mesmo uma verdadeira princesa. Os seus olhos brilhavam intensamente como se de dois diamantes se tratassem e resplandeciam o melhor do amor, emocionada e embevecida, abraçou-se a Miguel, sem tempo, roubando-lhe um beijo apaixonado. Estava ainda mais apaixonada, aquele estava mesmo a ser um dia de sonho, que parecia tirado de um verdadeiro conto de fadas; mas os pormenores não se ficavam por ali, à frente da carruagem estava um grupo de *motards*, vestidos a preceito e perfeitamente bem alinhados. Os amigos de Miguel tinham-se juntado e combinado com outros amigos também eles amantes das motas, fazerem-lhe, todos, uma surpresa especial; por isso, ali estavam eles, acelerando as suas respectivas motas com força e convicção. Prontos para serem eles a darem início ao passeio e assim poderem conduzir os noivos, naquele momento tão romântico. Ana e Miguel entreolharam-se bastante apaixonados e felizes e trocaram suaves gargalhadas, aquele dia estava mesmo a trazer-lhes momentos inesperados e bem especiais.

Os convidados também se mostravam divertidos e surpreendidos com os momentos imprevisíveis que aquele dia tão especial: de união, estava a oferecer-lhes e a proporcionar-lhes. Por entre muita felicidade, estampada nos rostos de quem realmente os conhecia bem, ovações e aplausos; a euforia e o entusiasmo apoderaram-se de todos.

De braço dado, dirigiram-se junto da carruagem, o pajem abriu a porta e tanto ele como Miguel ajudaram Ana a subir, para que o seu maravilhoso vestido não se estragasse; depois Miguel subiu também, seguido do fotógrafo que iria fazer alguns registos fotográficos bem especiais. E sentaram-se, entre a felicidade e a comoção, por estarem a viver um dos dias mais intensos e inesquecíveis das suas vidas, num evidente clima de romance.

Família e amigos apressaram-se a fazerem fila, com os seus automóveis, atrás da carruagem, buzinando insistentemente; o pajem subiu, sentou-se atrás dos cavalos e em escassos segundos, o passeio começou.

Na meia hora que se seguiu, Ana e Miguel sentiram-se como se estivessem a viver numa outra dimensão e num mundo à parte, numa espécie de bolha aonde cabiam apenas eles e o grande amor que os unia. Ao lado, um do outro e sempre abraçados, foram tentando reinventar o amor e a paixão que tanto os unia, a cada quilómetro percorrido e de olhar penetrante sob a intensidade daquele sol de Verão, reviveram momentos passados, revisitaram sonhos, desejos e recomeços. Relembraram dificuldades e obstáculos, momentos felizes e momentos menos bons, e todo um percurso feito sempre lado a lado. Lentamente, eles foram deixando envolver-se por aquele momento tão cheio de emoção, divertindo-se e aproveitando e desfrutando ao máximo dele. O fotógrafo não perdeu a oportunidade de tirar as primeiras fotografias, a sós, aos noivos; cada um daqueles registos fotográficos a dois era especial, feito com amor e paixão profundos e melódicos e com entrega desmedida, para que aqueles momentos se tornassem eternos e intemporais.

E quando menos desejavam, o passeio chegou ao fim, culminando com uma fotografia conjunta dos noivos, no meio de todos os *motards*, repleta de felicidade e de concretização pessoal e recheada de adrenalina e diversão. Ana e Miguel foram forçados a voltar à realidade, depois daqueles longos minutos de perfeito sonho e encaminharam-se para o local aonde iria ser realizada a festa e o copo-de-água. Foram todos recebidos num restaurante, perto da praia, ao som da música: *Love Me Like You Do*, da britânica Ellie Goulding. Ana e Miguel trocaram olhares bastante cúmplices, estavam mais apaixonados que nunca. Estava tudo magnífico e simples; mas ao mesmo tempo com muita elegância e romantismo, tinham sido as amigas de Ana, que se haviam reunido e preparado tudo.

Ela mostrou-se bastante emocionada e comovida, quando entrou na sala e viu a beleza dos detalhes: a sala dividia-se entre o azul e o branco e todas as mesas tinham o nome de uma música marcante para ela e para Miguel, estava mesmo a ser um dia de sonho, repleto de felicidade e pormenores marcantes e inesquecíveis. Ana não podia estar mais satisfeita, principalmente por ter ao seu lado o homem que mais tinha amado em toda a sua vida.

A festa de casamento prolongou-se pelo resto do dia e por uma boa parte da noite e foi recheada de muito amor e de uma cumplicidade sem fim; Ana e Miguel não conseguiam parar de sorrir, de se beijar constantemente, de trocar manifestações de afecto e de dançarem abraçados: num abraço eterno e apaixonado, que levou mais uma vez comoção e lágrimas à sala. Culminando num aplauso efusivo, ao som de uma lista de músicas bem especiais. Era quase impossível, eles esconderem a felicidade que sentiam, por estarem, finalmente, unidos para a vida. Não faltaram inúmeras conversas, partilha de histórias antigas e recentes e de peripécias, e muitos momentos apaixonantes.

Já a tarde ia longa, quando Ana e Miguel decidiram dar uns minutinhos de atenção aos seus meninos que há muito que pediam para dançar com eles. Deixaram, mais uma vez, a faceta de adultos (recém-casados), para poderem recuar durante alguns momentos no tempo e transformarem-se em crianças novamente. A pista de dança pintou-se de muitos sorrisos, brincadeiras e felicidade e a sala encheu-se de momentos divertidos, de jogos improvisados e de canções especiais. A meio da tarde, Mafalda convidou Ana para um descontraído passeio pelo jardim do restaurante, que apresentava uma belíssima vista sobre a praia e o mar; Miguel ficou fixo e estático, durante alguns minutos, a observá-las, desde a janela do salão de festas, do restaurante, que dava para o jardim. Elas acabavam de se sentar num banco, para conversarem um pouco e por muito que ele quisesse não conseguia desviar o olhar de Ana e do sorriso e felicidade que emanavam do rosto dela, tinha, definitivamente, a noiva mais linda do universo.

— Estás tão linda… Fiquei maravilhada mal te vi! Esse vestido fica-te lindamente, pareces mesmo uma princesa de verdade, daquelas dos contos de fadas e das histórias de encantar com príncipes e princesas que as crianças costumam ler e imaginar, sabes? — Disse-lhe Mafalda sorridente e comovida.

— Obrigada, minha querida! Foi todo idealizado por mim! — Disse-lhe Ana com um brilhozinho especial no olhar e de olhos marejados de lágrimas.

— Claro! Só podia, por isso é que o Miguel não consegue tirar os olhos de ti…

— Ana mostrou-se tímida e comprometida — Sabes, eu queria mesmo que este dia fosse perfeito e inesquecível e que ficasse bem marcado na memória de

todos aqueles que estiveram presentes e principalmente na minha memória e na do Miguel, pois é um dia muito especial e importante para nós; por isso pensei nos detalhes todos ao pormenor, não queria mesmo que nada falhasse, nem que nada faltasse.

— Acredito e imagino que sim! Afinal de contas, também te conheço bastante bem... — Disse-lhe Mafalda de ar sorridente por ver a amiga tão feliz e realizada.

— É verdade!

— Bem diziam os vossos pequeninos que o Mikas era um sortudo, porque hoje ia conhecer uma princesa de verdade. E conheceu mesmo…

— Oh! Por favor, não me faças chorar, senão vou estragar a maquilhagem toda… Aprecio imenso a ingenuidade, a sinceridade, a honestidade e acima de tudo a frontalidade e genuinidade das crianças. Tocam-me sempre imenso.

— Podes crer! Conseguem deixar-nos mesmo incrédulos, e embasbacados com aquilo que muitas vezes dizem e com a forma como pensam, sentem e veem as coisas. — Constatou Mafalda com um ar pensativo.

— Sem dúvida!

Entretanto as duas amigas levantaram-se e foram passear a pé; enquanto continuavam a conversar. Mafalda deu uma ajuda a Ana com o vestido.

— Gostei imenso da cerimónia religiosa, foi simples; mas ao mesmo tempo romântica e requintada. E o copo d’agua também está a ser fabuloso. Parabéns!

— Obrigada! O mais importante de tudo e aquilo que eu e o Miguel mais queríamos era que as pessoas se divertissem e que pudessem partilhar da nossa felicidade.

— E acho que estão mesmo a consegui-lo… Está tudo a corresponder às tuas expectativas e a ser como tanto querias, desejavas e sonhavas?!

— Sim! Está tudo a superar imenso as nossas expectativas e está a ser tal e qual como sempre idealizámos e sonhamos, era assim que queríamos que tudo acontecesse, como se fosse um conto de fadas. Sinto-me uma perfeita Cinderela ao lado do meu príncipe encantado e estou completamente nas nuvens e mais feliz do que nunca. É o dia mais feliz das nossas vidas e está a ser indescritível.

— Que bom! Fico mesmo feliz por ti!

— O meu sonho tornou-se realidade, tenho ao meu lado a pessoa que mais amei e desejei em toda a minha vida. Para além disso, a nossa amizade e o nosso amor venceram tudo e todos, algo que me deixa extremamente feliz, satisfeita e orgulhosa por termos lutado, enfrentado e ultrapassado tudo: todos os obstáculos e dificuldades sem nunca desistirmos de nada. E principalmente por nunca termos desistido um do outro; somos uma força da natureza, juntos, e é isso que estamos a mostrar e a provar às pessoas neste momento.

— Concordo plenamente!

❀

De repente Ana olhou em direção à janela do restaurante e ficou a olhar fixamente para Miguel que estava sentado ao lado dos amigos, numa amena cavaqueira. As gargalhadas eram uma constante, parecia estar mesmo a divertir-se; o seu *smoking* de casamento já estava quase todo desmembrado: o casaco preto estava pousado nas costas da cadeira dele, na mesa destinada aos noivos, onde tinha estado sentado ao lado da Ana. A gravata preta, já estava muito mais larga e até um pouco desalinhada, os primeiros botões da camisa branca estavam desabotoados deixando à vista a sua pele morena e parte do seu peito bem musculado, tinha arregaçado as mangas da mesma e tinha-a colocado por fora das calças pretas.

O ar inconfundivelmente descontraído de Miguel deixava Ana de olhos esbugalhados e cada vez mais louca e apaixonada por ele. Não havia homem mais bonito, atraente, irresistível, sedutor do que ele à face da Terra.

— Olha só para ele! — Disse ela de olhar muito apaixonado e embevecido.

— O que é que tem? — Questionou-a Mafalda.

— Olha bem para ele… Fixa-te nele como eu e observa: olha só para aqueles grandes olhos castanhos tão expressivos e para o sorriso doce e meigo, são de perder a cabeça. Aquelas mãos: fortes, robustas e masculinas, mas ao mesmo tempo sensíveis e artísticas, de dedos firmes e bailarinos; adoro a forma como pegam na máquina fotográfica e seguram nela e em especial como tocam na minha pele e exploram o meu corpo com toda a suavidade, doçura e ternura do mundo e me dão segurança. Aqueles braços fortes que eu desejo todos os dias e que adoro que me abracem, que me envolvam e me apertem até me tirarem o fôlego, e que me fazem sentir como se estivesse protegida pelo escudo mais forte do universo. E aquele corpo atlético e bem constituído que deixa qualquer mulher de cabeça perdida e nas nuvens. Quem não gostaria de ter ao seu lado um homem, um amigo e um marido assim?

Mafalda ficou estarrecida e maravilhada a ouvir a forma como Ana descrevia Miguel, com intensidade, profundidade e paixão; notava-se mesmo que ela o amava de verdade. Era quase inevitável não reparar nisso e não sentir toda a felicidade que ela sentia em pleno.

— Esse brilhozinho nos teus olhos quando tu olhas para ele e falas dele, é arrebatador; para além disso, tu sentes imenso o que dizes e pensas dele. Ele é mesmo o homem da tua vida, não é? Escusava de te perguntar isto… — Disse-

lhe ela rindo-se.

— Acho que, desde sempre! Nunca quis nem pensei em mais ninguém, só o queria e desejava a ele e só queria que ele fizesse parte da minha vida e que ficasse comigo para sempre. Muito sinceramente, eu sinto que o amei desde a primeira vez que o vi, ainda na infância; eu sei que é uma parvoíce dizer isto, porque nós éramos apenas duas crianças e não tínhamos idade para pensar em apaixonar-nos, em namorar ou em amar, nem sabíamos sequer o que isso significava. Estávamos mais na idade de brincar com bolas e bonecas do que em perceber o que é o amor e o que é amar alguém; no entanto, o lado simples e humilde dele e a sua a maneira de ser e estar perante a vida e os outros conquistaram-me tanto e a amizade e cumplicidade que fomos criando foram tão grandes e intensificaram-se tanto que fez com que os nossos corações acabassem a bater, rapidamente, um pelo outro.

— Eu sabia, desde o início, que vocês eram feitos um para o outro e que iriam ser felizes para sempre juntos, porque vocês sabem ser amigos, sabem respeitar-se, sabem apoiar-se mutuamente e para além disso, completam-se um ao outro e amam-se de verdade; por isso fazia todo o sentido que a vossa amizade e o vosso amor resistissem a tudo e a todos. Acredita que vocês merecem imenso, tendo em conta tudo porque passaram ao longo da vossa vida e merecem principalmente que a vossa história termine desta forma… recheada de felicidade e sorrisos, com o enlace entre os dois.

— Obrigada, minha querida! Obrigada por seres a melhor amiga e a melhor madrinha e por estares presente, tenho imenso orgulho em ter uma amiga como tu. Obrigada por todas as situações e momentos críticos e difíceis, tenham tido a ver comigo e com a minha relação com o Miguel ou não, em que me aturaste e ouviste e em que me apoiaste e aconchegaste. Obrigada por teres apoiado sempre a nossa história e pelo que fizeste por nós. Foste uma peça muito importante neste pequeno *puzzle* que é a nossa história e a nossa vida; penso que o Miguel pensará como eu, por isso obrigado por tudo.

— Não tens nada que agradecer! Eu acompanhei a vossa história desde o início e sabia de antemão como a amizade e cumplicidade que vos unia eram importantes para ambos, via-se isso a quilómetros de distância e sentia-se que havia uma química especial entre vocês. Para mim a vossa amizade e a vossa união foram sempre uma referência e um exemplo; porque aquilo que vocês construíram, em conjunto, foi sempre profundo, intenso, único e especial. Vocês lutaram sempre juntos contra tudo e contra todos e ultrapassaram tudo o que havia para ultrapassar: todas as dificuldades e obstáculos com que se depararam no vosso caminho e conseguiram chegar até aqui. Nada vos derrotou, a vossa união sempre foi mais forte, principalmente a partir do momento em que

descobriram que se amavam, acho que tornou tudo quase indestrutível. Eu sabia que aquilo que vocês sentiam, um pelo outro, era sincero, honesto e verdadeiro e que era mesmo algo para toda a vida; adoro ver-vos juntos, são o casal perfeito e foram mesmo feitos um para o outro, estava mesmo destinado. Portanto, se vocês se sentiam bem e eram felizes na presença um do outro, porque não haveria de apoiar-vos e de estar ao vosso lado? Não é isso que aas melhores amigas fazem?

— Oh! Obrigada pelas tuas palavras…

Entretanto Ana e Miguel entreolharam-se de longe, ele devolveu-lhe o seu melhor sorriso, algo que a derretia por completo; desenhou um coração com os dedos das mãos e sussurrou: *Amo-te* mexendo apenas os lábios. Ana repetiu os mesmos gestos dele, enviando-lhe no fim um beijo com a mão.

— Realmente, o amor quando é verdadeiro, sentido e puro, é mesmo algo maravilhoso; aliás, a vossa união e o vosso amor são mesmo lindos e maravilhosos, fico mesmo muito feliz por vocês, por tudo o que construíram, partilharam, viveram e conquistaram juntos e pelo vosso percurso invejável. Vocês são um exemplo de coragem, de força, de perseverança e de luta pelo que querem e em que acreditam.

— Ana sorriu intensamente — Nem imaginas o quanto o amo; confesso que à medida que o tempo avança, amo-o cada vez mais e sinto-me ainda mais ligada a ele e apaixonada por ele.

— Acredito! Bem é melhor regressarmos, hoje, mais do que nunca, o teu lugar é ao lado do Miguel.

❀

Entretanto regressaram ao restaurante, Ana voltou para junto de Miguel e pouco tempo depois chegou o momento de lhes serem cantados os *Parabéns* e deles cortarem o bolo de noivado; Ana aproveitou o momento para fazer uma surpresa ao seu mais que tudo, pedindo para porem a tocar uma música de que ela gostava particularmente e que queria muito dedicar a Miguel. Num ápice, começaram a ouvir-se por toda a sala os primeiros acordes de *Thank You*, da britânica Dido Armstrong, Miguel acabou por ser surpreendido perante tão inusitada declaração de amor, não conseguindo conter a emoção e beijando Ana intensamente de olhos marejados de lágrimas:

I want to thank you for giving me the best day of my life.

Depois, num evidente clima de festa, alegria, felicidade e muita animação, brindaram juntos: à amizade, à cumplicidade, à união, ao amor e principalmente à vida, culminando o brinde com muitas ovações e aplausos.

De seguida, o ambiente voltou a entrar em clima de romance e Ana e Miguel regressaram à pista de dança, para ao som de *Wedding Song* do saxofonista *Kenny G* se balançarem apaixonadamente durante mais algum tempo. Já estava a entardecer quando eles decidiram escapulir-se para irem novamente até à Praia da Princesa para um momento a sós; aproveitaram para namorar, para conversar e para passearem abraçados, beijando-se intensamente. Vinda de um restaurante ouvia-se tocar uma linda e maravilhosa balada intitulada *Be my Baby* numa versão mais calma e romântica que a original: que era bem mais dançável, interpretada pela portuguesa Aurea. Sentaram-se no areal, no colo, um do outro, e deixaram-se envolver, pela magia daquele momento a dois.

— Que memorável, inesquecível, belo e longo que está a ser este nosso dia. Eu confesso que já me sinto exausta, foram demasiadas emoções para um dia só e andar o dia todo com estes sapatos, deixou-me mesmo cansada.

— Porém estás tão bonita acredita que pareces mesmo uma princesa. Escolheste o vestido perfeito, fica-te lindamente e eu estou completamente apaixonado e rendido.

— Nem imaginas como fico feliz em sabê-lo; uma vez que pensei imenso em ti quando o escolhi, achei que era o mais bonito de todos e que irias adorá-lo.

— E tinhas toda a razão! Amo-o e amo-te mais que tudo. Muitos parabéns, minha princesa, está a ser o dia mais mágico e mais feliz de toda a minha vida, que venham muitos mais dias como este, recheados de felicidade. — Disse-lhe ele beijando-a nos lábios.

— Obrigada! Muitos parabéns também para ti, amor da minha vida! Está a ser mesmo tudo mais que perfeito e como sempre idealizámos; acho que não poderia ter pedido melhor dia de festa.

— Sem dúvida! Foi a maneira ideial de celebrarmos a nossa amizade e o nosso amor: com uma festa especial e junto das pessoas que mais amamos

— Podes crer! Nem imaginas como me sinto, por termos chegado até aqui depois de tudo porque passamos ao longo da vida. Por estarmos hoje, aqui, juntos, naquele que será sempre o nosso dia.

— Faço das tuas, as minhas palavras! Sinto um orgulho enorme e sou um privilegiado e um sortudo por ter ao meu lado a mulher mais linda que existe.

— Ana riu-se, muito corada — Que exagero!!! Há mulheres bem mais bonitas que eu…

— Não digas isso! Para mim serás sempre a mais bela, basta seres minha e fazeres parte de mim e da minha vida.

— Oh! És um amor! De facto, tivemos uma vida cheia e recheada de coisas boas; mas também houve momentos menos bons e de grande tensão, que despertaram todos os nossos maiores medos e receios e que fizeram com que tudo fosse posto à prova: a nossa amizade, o nosso amor, assim como aquilo em que acreditávamos e que sentíamos um pelo outro…

— Nem duvides! Mas este dia é a prova de que a nossa amizade e o nosso amor venceram e foram capazes de lutar contra tudo e contra todos e de ultrapassar tudo o que havia para ultrapassar: todas as dificuldades, todos os obstáculos e todos os desafios. Chegamos hoje, aqui, para mostrar às pessoas que continuamos a ser uma força da natureza juntos, e que jamais alguém irá conseguir separar-nos, principalmente agora que somos cada vez mais um só.

— Concordo plenamente! E amo-te muito!

— Eu amo-te ainda mais! Reparaste nos nossos meninos? Têm estado tão alegres, felizes e contentes por poderem marcar presença e participar na nossa festa. — Disse-lhe ele de ar embevecido e orgulhoso.

— Adorei vê-los a sorrir e a divertirem-se, encheu-me o coração e a alma. — Disse-lhe ela feliz e sorridente.

— Também a mim…

— É mesmo bom podermos tê-los hoje connosco; afinal de contas, eles também já fazem muito parte de nós e da nossa história; uma vez que foram eles que voltaram a juntar-nos.

— Sinto precisamente o mesmo! — Disse-lhe ele entre a alegria e a comoção.

❀

De seguida, ele pegou em Ana ao colo e passeou assim com ela, mar adentro; poucos minutos depois abraçaram-se: felizes, sorridentes e satisfeitos, beijaram-se com muita intensidade e paixão e sentaram-se na areia a ver o pôr-do-sol e a namorarem. Miguel tinha levado a máquina fotográfica e aproveitou para fazer uma pequena sessão fotográfica com Ana ali na praia, estava mais bela que nunca vestida de noiva e por isso ele tinha que aproveitar ao máximo para fotografá-la; antes que o dia findasse e enquanto ecoavam no horizonte os últimos raios-de-sol e estavam aqueles breves momentos sozinhos. Fotografaram-se, um ao outro, tiraram algumas fotografias, juntos e depois regressaram à festa de noivado, onde os convidados, principalmente as senhoras, já aguardavam ansiosamente pela chegada da noiva para o lançamento do *bouquet*.

Ana juntou todas as amigas e restantes convidadas, no centro do salão de

festas com os restantes convidados à sua volta e num clima romântico; mas descontraído e animado pautado por inúmeros sorrisos e gargalhadas de felicidade, que combinava perfeitamente com a personalidade e maneira de ser e estar de Ana e Miguel perante a vida, o *bouquet* foi lançado. A curiosidade instalou-se imediatamente, num abrir e fechar de olhos; porque, todos os convidados queriam saber quem seria a próxima sortuda a *dar o nó* e não demorou muito a ficar a saber-se. Matilde: a namorada de João tinha sido quem tinha conseguido apanhar o *bouquet* em primeiro lugar, o que deixou Miguel bastante entusiasmado, aproveitando a deixa para ir ao encontro de João e gozar um pouco com ele:

— Muitos parabéns, puto! Parece-me que és o próximo! — Disse-lhe ele divertido.

— Eu já sabia que não ias perder a oportunidade de me gozar-me…

— Sabes como é, isto de ficar tudo em família tem muito que se lhe diga; para além disso, até tem a sua graça.

— Isso é verdade! Mas, agora falando a sério, parabéns para vocês e muitas felicidades. É o que eu mais vos desejo, espero que vocês sejam ainda mais felizes do que foram até aqui; porque bem o merecem depois de tudo o que viveram e passaram. — Disse-lhe ele muito feliz e comovido abraçando-o.

— Obrigado! Parabéns também para vocês! Desejo-vos o mesmo que desejo para mim e para a Ana! — Disse-lhe Miguel entre a felicidade e a comoção.

— Obrigada, maninho! — Agradeceu Ana abraçando-o e beijando-o no rosto.

— Vê lá se continuas a tratar muito bem a minha irmã, caso contrário ajusto contas contigo. — Gozou João.

Num ápice, eles partilharam inúmeras gargalhadas entre todos.

— Obrigada, Miguel! Eu e o João adoramos a cerimónia e toda a festa, foram lindas e simples; mas ao mesmo tempo cheias de amor e de romantismo. Nós sentimos que, ambas, tiveram tudo a ver com vocês e com a vossa maneira de ser e estar; uma vez que é de amor e romantismo que a vossa união é feita e para além disso, reflectiram muito bem também, a vossa maneira de viver a vida: com intensidade e paixão e de estar perante a mesma. — Disse Matilde comovida.

— Vou ter que concordar! — Disse-lhe Ana abraçando-se a Miguel.

— De facto, eu e a minha noiva predilecta, sempre quisemos fazer deste dia, um acontecimento especial, marcante e inesquecível. Algo que perdurasse na nossa memória e na memória de quem esteve cá e festejou connosco. Acho que o conseguimos de uma forma simples, discreta e suave; acima de tudo sem grandes exageros. Eu e a Ana sempre apreciamos as coisas mais pequenas e básicas da vida e queríamos que a nossa festa fosse o reflexo disso mesmo. — Disse Miguel.

— E foi, acreditem! Eu espero que aquilo que hoje nos une possa perdurar ao longo da vida e que seja o reflexo do melhor que a vida nos oferece: a amizade, os melhores e verdadeiros amigos, a união, o companheirismo, a cumplicidade e claro a família. — Concluiu João.

— Ora nem mais, cunhado! — Disse Miguel pegando em quatro copos de champanhe, enchendo-os e distribuindo-os por todos — Um brinde a nós!

— Um brinde!!! — Disse o resto do grupo.

❀

Entretanto, no salão de festas fez-se sentir uma atmosfera romântica, com o ambiente a acalmar e uma nova melodia do saxofonista Kenny G a fazer-se ouvir como música de fundo, a escolhida foi *The Moment*: de facto, aquele era realmente o momento deles e à medida que a música ia tocando, houve uma grande descarga de fogo-de-artifício no jardim do restaurante. Eles ficaram abraçados a ver o céu encher-se de cores: aquelas eram as cores do amor que os envolvia.

Ouviram-se imensos aplausos dirigidos aos noivos e de seguida Ana e Miguel sentaram-se junto de alguns amigos a conversarem; entretanto, as luzes da sala voltaram a apagar-se, Gui e Mafalda levantaram-se e explicaram que tinham uma pequena surpresa para os noivos.

Ana e Miguel não imaginavam que os seus grupos de amigos se tivessem juntado para os brindarem com uma pequena surpresa, não estavam mesmo nada à espera, tinham sido completamente apanhados desprevenidos e de surpresa.

A música *Las Cosas que Vives*, sobre a amizade, da italiana Laura Pausini: fez-se ouvir acompanhando uma apresentação em vídeo de diversas fotografias, numa retrospectiva da história de vida deles: desde a infância até àquele dia. Um grande êxtase apoderou-se de todos os convidados que se mostraram muito entusiasmados e ansiosos, fazendo comentários e aplaudindo cada fotografia que ia passando. A sala recheou-se de sorrisos, de memórias e recordações: recentes e antigas e de muita emoção; sentados no colo, um do outro, sempre abraçados, Ana e Miguel deixaram-se tocar pelos vários momentos ali representados e por poderem voltar a revivê-los um bocadinho, eram todos muito especiais. Apesar das vicissitudes, eles tinham vivido intensamente a vida sempre incondicionalmente ao lado um do outro, como sempre tinham querido, havia um sentimento de dever e de missão cumpridos que os ocupava e uma felicidade inexplicável por terem conseguido cumprir o pacto que tinham feito por brincadeira na infância. A amizade nunca tinha vacilado e o amor tinha vindo

por acréscimo e tinha-se deixado instalar com uma força avassaladora. desejar

Perto do fim da música, aproveitaram os últimos minutos para se deixarem balançar pela pista de dança improvisada. O vídeo culminou com uma fotografia de ambos, tirada naquele mesmo dia, pela manhã, depois da cerimónia religiosa, em plena Praia da Princesa. Se Ana e Miguel tinham tentado controlar as lágrimas, durante toda aquela surpresa, no final tornou-se algo inevitável, levantaram-se dos seus respectivos lugares, reuniram-se com os grupos de amigos, abraçaram-se mais felizes que nunca e celebraram novamente. Não havia melhor dia para celebrar e brindar aos momentos mais marcantes, inconfundíveis e irrepetíveis, à amizade e aos bons amigos, ao amor, aos novos desafios e acima de tudo ao futuro que esperavam e desejavam que continuasse a ser vivido a dois.

Eles pediam e desejavam que aquele dia não acabasse que pudesse prolongar-se por mais algum tempo e que até fosse eterno; pois estava a ser tão recheado de felicidade, de emoções fortes e de momentos e pessoas especiais que era quase impossível dar-lhe um fim. O Amor devia ser sempre feito de dias plenos como aquele, cheios de tudo o que há de mais simples, de mais fácil e de mais positivo. Viver era isso mesmo, olhar a vida pelo seu lado mais positivo; pelo menos era isso que tinham aprendido em plena infância, era essa a grande premissa da vida de Miguel e era isso que ele tinha feito por ensinar a Ana. Nunca devemos esquecer-nos de aproveitar, desfrutar e de tirar o máximo de partido de todos os pequenos nadas desta curta vida.

Epílogo

No dia seguinte partiram para a Lua-de-Mel que foi passada num destino que Ana desejava conhecer há bastante tempo: Nova Iorque. Ele decidiu fazer essa surpresa ao amor da sua vida e oferecer-lhe aquela viagem, de uma semana, como presente de casamento; Ana ficou encantada e derretida. Foi sem dúvida, uma semana de puro sonho, perdidos algures em solo americano.

Antes de regressarem a Portugal fizeram uma curta paragem nas Astúrias, para revisitarem Oviedo e o Parque Nacional dos Picos da Europa e para Ana receber o prémio de investigação. Aproveitaram assim para recriar um bocadinho da primeira viagem que tinham feito às Astúrias, durante a viagem de finalistas de Ana, há alguns anos atrás; o misto de emoções, memórias e recordações foram enormes. Ao longo daqueles poucos dias que lá passaram, eles tiraram centenas de fotografias.

A entrega do prémio de investigação à Ana aconteceu a dois dias do regresso a Portugal; como Miguel lhe havia dito e prometido, lá estava ele sentado na primeira fila da sala do *Teatro Campoamor*: aonde eram entregues os prémios, com Ana ao seu lado, de dedos bem entrelaçados com os dela, ansioso por vê-la subir ao palco.

— Eu não vejo a hora de te ver subir àquele palco, vai ser o orgulho da minha vida.

— Eu sei que sim! Para mim também vai ser um momento importante e especial, é um privilégio poder ser premiada num país estrangeiro, ver o meu trabalho, o meu esforço, a minha entrega e a minha dedicação serem assim reconhecidas e valorizadas. E fico ainda mais feliz, por poder partilhá-lo contigo, agora que somos mesmo um só. — Disse-lhe ela envergonhada, beijando-o nos lábios discretamente.

Minutos depois o nome de Ana soou na sala…

— É agora! É agora! — Disse ele excitadíssimo e com os olhos a brilhar, preparando rapidamente a máquina fotográfica.

— Ana riu-se — Essa tua personalidade nunca muda…

— Ele mostrou-se pensativo — Enquanto, tu fores, a minha princesa e a minha alma gémea, garanto-te que nunca vai mudar; é impossível. Tu és a única pessoa no mundo a deixar-me nesta felicidade plena e com este orgulho desmedido estampado no rosto.

— Ana mostrou-se muito sorridente; mas ao mesmo tempo tímida e

envergonhada — Tu não tens mesmo emenda, consegues deixar-me sempre sem palavras e sem jeito nenhum. Por favor, não digas essas coisas aqui, já viste a sala está cheia de pessoas, não tarda nada subo ao palco e não quero mostrar-me corada.

— Miguel deu uma valente gargalhada — Porquê? Ficas tão bonita quando ficas corada…

— És sempre o mesmo! Bem, tenho que ir. Amo-te muito.

— Também te amo!

❀

Ele levantou-se do seu lugar aplaudindo Ana, de pé, de ar embevecido e orgulhoso; à medida que ela se encaminhava para o palco e subia ao mesmo, aproveitando para tirar imensas fotografias. De sorriso rasgado no rosto e olhar penetrante não deixava de olhar para ela, dividido entre a felicidade e a comoção, ao vê-la com o prémio na mão.

Durante o breve discurso dela, a troca de olhares cúmplices e apaixonados foi uma constante o tempo todo e ele sussurrou-lhe por diversas vezes: *Amo-te,* no silêncio, mexendo apenas e só os lábios.

Entretanto Ana voltou, num ápice, ao seu lugar e ele não perdeu tempo a beijá-la nos lábios.

— Parabéns! Que orgulho desmedido que senti, ao ver-te subir àquele palco.

— Obrigada, amor! Este prémio é mesmo uma recompensa deliciosa, valeu tanto a pena o esforço, o sacrifício, a entrega e todos os dias que dediquei a esta investigação.

— Quando nós gostamos muito do que fazemos e nos dedicamos de corpo e alma às coisas, vale sempre tudo a pena!

— Tens toda a razão… Essa é uma grande verdade!

— Confesso que, acho que esta recompensa foi mais que merecida, porque sempre te dedicaste, profundamente, a tudo o que sempre fizeste; portanto, não poderia haver espaço para dúvidas de que este prémio só poderia mesmo ser para ti.

Ana sorriu comprometido e comovida.

❀

Dois dias depois, regressaram a Portugal e durante a viagem Miguel mostrou um semblante pensativo e carregado.

— O que é que tens? Estás tão calado e introspectivo. Não gostaste da nossa lua-de-mel?

— Oh… Não tem nada a ver com isso! Eu adorei imenso toda esta semana que passamos, só os dois, a celebrar a nossa amizade e principalmente o nosso amor. Amei todos os momentos que vivemos: quer em Nova Iorque, quer no regresso às Astúrias; os lugares que voltamos a visitar, as fotografias que tiramos, todo as coisas que recordamos e claro o grandioso momento final da viagem: ver-te receber o prémio.

No entanto, eu tenho vindo a viagem praticamente toda, a cimentar uma pequena ideia que eu considero extraordinária e que me ocorreu durante a nossa estada nas Astúrias.

— A sério? E posso saber o que é, ou é mais um dos teus super segredos de estado? — Disse ela de ar sorridente, porém desconfiado.

— Não necessitas de ficar com esse ar preocupado, princesa! Afinal de contas, não é nada demais. — Disse ele dando uma valente gargalhada.

— Mesmo assim, eu quero saber tudo e que me contes tudo já! Portanto desembucha! — Pediu-lhe ela ansiosa e curiosa.

— E se escrevêssemos um livro?

FIM

Nota de autora:

Todos os livros que publiquei até hoje, fizeram parte de momentos especiais e marcantes da minha vida, momentos que dificilmente esquecerei e que mudaram imenso o que sou hoje. Fizeram-me crescer enquanto pessoa e autora, fizeram-me evoluir e acima de tudo fizeram-me experimentar diversos géneros literários, ao longo destes anos tornando-me versátil na escrita.

Mas como acontece com todos os autores, há sempre histórias que marcam mais que outras pelos mais variados motivos e comigo não foi excepção. A história que se seguiu foi uma das histórias mais especiais que escrevi até hoje, poderei partilhar que trabalhei nela durante praticamente cinco anos, três deles de forma bastante intensiva. Vivi muito esta história e ter a oportunidade de vestir a pele de duas personagens tão diferentes como foram a Ana e o Miguel foi uma experiência incrível. Aprendi imenso.

A amizade que criamos com pessoas especiais torna-se um sentimento muito importante; desde que seja sempre verdadeira e genuína. Uma lição que retive com a escrita desta história foi que: há sempre formas de lutarmos até ao fim por quem gostamos e acreditamos.

Ao longo de toda a história, Ana e Miguel vão sempre lutar afincadamente por aquilo que sentem e em que acreditam.

Que esta história vos tenha inspirado para a vossa vida!